Museus em Números

Volume 1

PRESIDENTA DA REPÚBLICA
Dilma Rousseff

VICE-PRESIDENTE
Michel Temer

MINISTRA DA CULTURA
Ana de Hollanda

PRESIDENTE DO IBRAM
José do Nascimento Junior

DIRETORA DO DEPARTAMENTO DE DIFUSÃO, FOMENTO E ECONOMIA DE MUSEUS
Eneida Braga Rocha de Lemos

DIRETOR DO DEPARTAMENTO DE PLANEJAMENTO E GESTÃO INTERNA
Franco César Bernardes

DIRETOR DO DEPARTAMENTO DE PROCESSOS MUSEAIS
Mário de Souza Chagas

COORDENADORA GERAL DE SISTEMAS DE INFORMAÇÃO MUSEAL
Rose Moreira de Miranda

Ministério da Cultura
Instituto Brasileiro de Museus

Museus em Números

Volume 1

Brasília
2011

Gostaríamos de registrar o nosso mais profundo agradecimento aos profissionais e instituições, que de diferentes formas, e em diferentes tempos e espaços, contribuíram para este trabalho.

Primeiramente aos museus brasileiros que, compreendendo a importância estratégica do Cadastro Nacional de Museus (CNM), compartilharam suas informações e, sobretudo, as mantiveram periodicamente atualizadas.

Aos museólogos que ao longo dos primeiros quatro anos de atividades do CNM, se dedicaram a pesquisa e registro de todas as informações utilizadas nesta publicação: Adriana Bandeira Cordeiro, Ana Paula Sene, Auriel Almeida, Emerson Castilho, Fernanda Magalhães Pinto, Gabriela Machado Alevato, Jéssica Santana, Keyla Waltz, Lucia Ibrahim, Monique Magaldi, Penélope Saliveros Bosio Loponte e Rita Gama Silva.

Aos assistentes nos Estados e todos os envolvidos com o campo, que sistematicamente contribuíram para o levantamento e conferência de informações: Adolfo Samÿn Nobre de Oliveira (RJ, ES e PE), Alice de Fátima Miranda Soares (PA), Ana Carla Clementino (AC), Carine Silva Duarte (RS), Cecília de Lourdes Fernandes Machado (SP), Dora Medeiros (PI), Elena Campo Fioretti (RR), Eliene Dourado Bina (BA), Elizabete Neves Pires (SC), Janaína Luana Louise Xavier (RN), Joana Euda Barbosa Mundurucu (TO), João Batista Gomes de Oliveira (AP), João Paulo Vieira Neto (CE), Marli Fávero (SC), Maria Regina Batista Silva (AL, PE e SE), Meiri Ana Moreira Castro e Silva (MG), Rafael Duailibi Maldonado (MS), Regina Lucia de Souza Vasconcellos (AC e AM), Sandra Valéria Felix de Santana (PB e RN), Simone Flores Monteiro (RS), Tânia Mara Quinta Aguiar de Mendonça (GO) e Wívian Patrícia Pinto Diniz (PR).

Aos profissionais que participaram do desenvolvimento desta publicação: Bruno Sadeck, Lorena Vilarins dos Santos, Nuno Duarte da Costa Bittencourt, Petras Shelton-Zumpano, Victor Hugo de Carvalho Gouvea e, em especial, a Marcia Mattos que para além de sua atuação profissional destacada, nos brindou com sabedoria, paciência e amizade no design gráfico desta obra.

Ao Ministério da Cultura da Espanha e à Organização dos Estados Ibero-Americanos, que patrocinaram as atividades de implantação do CNM nos anos de 2006 e 2007.

Por fim, gostaríamos de registrar nossos agradecimentos especiais a José do Nascimento Junior, Mário de Souza Chagas, Eneida Braga Rocha de Lemos, Claudia Storino e Marcio Rangel pelo incentivo, apoio e contribuição expressiva em todas as etapas do processo de concepção e implantação do CNM, sobretudo durante os anos de 2005 e 2006.

Sumário

Anexos

Mapear para agir

Aprimorar a gestão das políticas culturais do Brasil é tarefa essencial para que o Ministério da Cultura (MinC) continue a avançar em sua missão frente ao desenvolvimento cultural brasileiro. Mas não é possível pensar em avanço sem um diagnóstico aprofundado sobre o cenário cultural do País, em suas potencialidades e limitações. No campo dos museus, então, essa estratégia torna-se fundamental.

Por isso o Ministério da Cultura, por meio do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), produziu esta publicação, que traz ao público levantamento feito pelo Cadastro Nacional de Museus (CNM) com informações sobre localização, acervo, acesso ao público, serviços oferecidos e caracterização física de todos os museus já mapeados pelo IBRAM em território nacional.

Com este lançamento, o MinC atende à demanda por subsídios consistentes para uma cartografia deste campo. Ele integra um esforço na direção de uma política de informações e indicadores culturais que será consolidada com a criação do Sistema Nacional de Informações e Indicadores Culturais (SNIIC).

O *Museus em Números* será uma publicação periódica, com edições trienais, para servir de referência ao planejamento de políticas públicas, ao desenvolvimento de pesquisas e à participação social.

Mais do que uma compilação de dados estatísticos, procurou-se analisar os dados levantados pelo Cadastro Nacional de Museus com um olhar multidisciplinar, compreendendo as particularidades do campo museológico brasileiro.

Procuramos produzir indicadores que respaldem o planejamento, a implementação, o acompanhamento e a avaliação das políticas voltadas para museus, apontando rumos possíveis à ação dos gestores públicos e privados.

Nossa expectativa é a de que os dados e análises aqui apresentados ofereçam parâmetros orientadores para a ação dos museus do Brasil e para a investigação relacionada a este campo, além de estímulo ao envolvimento da sociedade civil, que poderá avaliar as políticas e ações voltadas aos nossos museus e propor novos rumos.

Ana de Hollanda
Ministra da Cultura

Museus e seus desafios

As políticas públicas devem sempre buscar a construção de indicadores que permitam avaliar sua abrangência e seu desenvolvimento. Essa necessidade é ainda mais premente na área da gestão cultural, que tem pouca tradição na construção de números que demonstrem sua importância para o desenvolvimento humano.

A discussão do tema da cultura como fator de desenvolvimento passa pela ampliação dos mecanismos de conhecimento das dinâmicas existentes nos diversos setores que compõem o campo cultural, entendendo suas complexidades e diversidades. É necessário compreender que trabalhamos com recursos – sejam eles simbólicos, históricos, sociais e econômicos – que compõem o universo dos fenômenos culturais, cada dia mais entrelaçados em um mundo globalizado.

A produção de indicadores para o campo do patrimônio cultural, em especial o patrimônio museológico, não pode se restringir somente à mensuração de público, visando ao aumento de *rankings* de visitação. A busca de elementos que permitam planejar melhor os impactos de todos os tipos de investimentos nessa área somente será possível a partir de conteúdos informacionais que permitam aos gestores decidir como e onde os recursos públicos devem induzir o desenvolvimento das nossas instituições e cidades.

Nesse sentido, estamos falando sobre um trabalho de coleta de informações que tem a intenção de melhorar a gestão das políticas públicas culturais, permitindo ao longo do tempo construir séries históricas que possibilitarão um olhar em perspectiva da evolução dessas políticas.

A primeira edição do livro *Museus em Números* foi pensada com o intuito de suprir esta lacuna de informação, colaborando para análise e perspectiva do campo dos museus. Começamos, com esta publicação, a oferecer elementos para que os setores políticos, acadêmicos e a sociedade civil enxerguem os museus de maneira transparente, com suas fortalezas e também suas fragilidades, para que possamos avançar na melhoria do setor.

Ao publicar *Museus em Números*, elaborado a partir dos dados disponibilizados pelas instituições museológicas ao Cadastro Nacional de Museus, damos sequência a um dos elementos fundamentais para o monitoramento do Plano Nacional Setorial de Museus: a produção de indicadores que possam contribuir para partilhar visões sobre um panorama diversificado com todos os agentes do setor museológico, em cada Estado.

A análise dos dados revela, por exemplo, que ainda não passamos do Tratado de Tordesilhas. À exceção da região Sul, há ainda uma concentração de instituições museológicas nas regiões mais ricas, nos municípios com mais de 100 mil habitantes e próximos ao litoral. Isso mostra a necessidade de ampliação das políticas públicas na qual a cultura tenha um papel estratégico e o direito à memória seja um eixo estruturante.

Neste sentido, a tarefa de criar políticas setoriais exige do gestor público, em seu trabalho cotidiano, dois tipos de olhar. O primeiro deles é um olhar panorâmico, capaz de enxergar o campo e compreendê-lo no cenário mais amplo das políticas nacionais e internacionais. O segundo, e igualmente indispensável, trata-se de um olhar mais específico e acurado para o setor, capaz de visualizar, em nível micropolítico, os elementos que determinam os contornos do setor.

Essa "regra de ouro" é ainda mais importante quando tratamos dos museus. O museu é, por excelência, um espaço complexo. É o espaço social do saber e

do fazer; é o lócus do conhecimento, das histórias, das identidades. Enquanto espaço social, o museu reflete dinâmicas sociais e nos lembra de que não basta olhar para a economia para avaliar o grau de desenvolvimento de uma sociedade, como bem nos lembra o sociólogo francês Pierre Bourdieu. É preciso avaliar também seu capital cultural.

Desde a criação da Política Nacional de Museus, em 2003, e com impulso ainda maior após a entrada em cena do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) em 2009, o Ministério da Cultura tem empreendido esforços no sentido de fortalecer o setor museal brasileiro. O objetivo não é outro senão o de produzir parâmetros capazes de dialogar com a realidade do campo e indicar novos caminhos.

O lançamento de *Museus em Números* representa parte essencial desse projeto. Produto de quatro anos de um trabalho de pesquisa e análise que envolveu mais de 30 profissionais de diversos campos de conhecimento, esta publicação traz um resultado inédito: pela primeira vez na história, o Brasil conta com um estudo aprofundado sobre a quantidade e as características de seus museus.

Os dados apresentados nas páginas a seguir evidenciam o inegável crescimento do campo museal brasileiro, a juventude da maior parte das instituições, seu caráter eminentemente público e o aumento da visitação. Apontam, por outro lado, discrepâncias regionais, concentrações, dificuldades de acesso e outros desafios relacionados à democratização da experiência museal.

O Instituto Brasileiro de Museus acredita que esta publicação torna-se desde já instrumento obrigatório para o diagnóstico e enfrentamento dos descompassos do setor museológico, ao permitir o acesso da sociedade civil a informações pertinentes sobre o tema, além de estimular a produção de conhecimento relacionado à área e possibilitar uma gestão mais qualificada dos museus do Brasil.

José do Nascimento Junior

Presidente do Instituto Brasileiro de Museus

Introdução

Coletar, registrar, armazenar e validar sistematicamente volumes expressivos de dados são ações que produzem sentido quando desenvolvidas com o objetivo de estruturação e análise, ampliando a geração de informações em determinados campos. Esse processo, pertinente a qualquer área do conhecimento, torna-se ainda mais relevante no campo museológico brasileiro, que, historicamente, vem produzindo instrumentos descritivos para o compartilhamento de informações referentes aos museus com a sociedade.

Esse foi o desejo que motivou a criação do Cadastro Nacional de Museus (CNM) em 2006: manter um sistema capaz de processar regularmente informações sobre a diversidade museal brasileira, contribuindo para a construção de conhecimento e seu compartilhamento público.

Ao longo de seus quatro anos de existência, vários produtos foram gerados a partir dos dados fornecidos pelo CNM. São mapas, artigos, dissertações, teses, relatórios, estatísticas, guias, *sites*, matérias jornalísticas, vídeos e uma série de outros usos por uma larga gama de atores.

No ano de 2010, a equipe do CNM/CPAI/CGSIM iniciou dois importantes projetos de publicação direcionados para públicos diferentes. O primeiro resgatava a tradição da produção de guias no País, entendendo a importância

dessa ferramenta na divulgação dos museus brasileiros. Assim, após 11 anos da impressão do último catálogo de instituições museológicas, foi lançado em maio deste ano o *Guia dos Museus Brasileiros*, contendo informações sobre 3.118 instituições mapeadas (incluindo 23 museus virtuais). A segunda publicação tem o objetivo de produzir e analisar dados sobre o setor museal brasileiro. O resultado desse trabalho constitui e dá vida ao *Museus em Números*.

A publicação é fruto da ação de uma equipe multidisciplinar, formada por profissionais oriundos da Museologia, Estatística, Geografia, Antropologia, Sociologia, História, Pedagogia e Jornalismo, que se comprometeu a enfrentar o desafio de processar e analisar 545 variáveis que pudessem ser decodificadas em informações claras e objetivas para o setor museal; desse total, optamos por trabalhar com 337 variáveis, apresentadas em frequências simples e cruzadas, oriundas de respostas auto-declaradas, prestadas por 1.500 instituições ao questionário do CNM.

Buscando cumprir um dos dez princípios fundamentais da produção de estatísticas oficiais, formulados pela Comissão de Estatística das Nações Unidas[1], buscamos conhecer padrões de disseminação no campo das estatísticas museais. Nesse sentido, raros foram os referenciais estatísticos localizados e consultados. O baixo número de publicações contendo estatísticas museais estimulou ainda mais nosso trabalho, tendo em vista o imperativo de conhecer um segmento que cresce em números substanciais.

No Brasil, apesar dos importantes avanços realizados na geração de indicadores econômicos e sociais, é recente a preocupação na construção de instrumentos de aferição quantitativa e qualitativa do universo das expressões culturais. Nessa direção, ressaltamos o convênio estabelecido entre o Ministério da Cultura (MinC) e o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2004, com o objetivo de "desenvolver uma base consistente e contínua de informações relacionadas ao setor cultural, de modo a fomentar estudos, pes-

1 UNITED NATIONS STATISTICS DIVISION. *Fundamental Principles of Official Statistics*. Disponível em: http://unstats.un.org/unsd/methods/statorg/FP-English.htm. Acesso em: 12 mai. 2011.

quisas e publicações (...)”[2]. Dessa ação resultaram duas publicações: o Sistema de Informações e Indicadores Culturais 2003 (lançado em 2006) e o Perfil dos Municípios Brasileiros: Cultura 2006 (lançado em 2007).

No mesmo ano de 2007, a Secretaria de Políticas Culturais do Ministério da Cultura começou a reunir informações quantitativas sobre os diferentes segmentos do setor cultural, incluindo os museus, cujos dados foram fornecidos pelo CNM. Os resultados foram divulgados na publicação *Cultura em Números*, com edições realizadas em 2009 e 2010.

A seguir, sintetizamos algumas informações históricas, fundamentais para o entendimento do processo de construção do *Museus em Números*.

I - COLETA E ESTRUTURAÇÃO DE INFORMAÇÕES MUSEAIS: ANTECEDENTES INTERNACIONAIS E NACIONAIS

O período posterior à 2ª Guerra Mundial é caracterizado por estudiosos de diferentes áreas do conhecimento como um marco para significativas mudanças na história do pensamento. Permeado por uma aceleração ímpar na produção de tecnologias de comunicação e informação, observa-se a ocorrência de transformações paradigmáticas na sociedade, que afetaram diretamente instituições, sobretudo as de caráter cultural e educacional.

O museu, enquanto expressão cultural, também foi impactado por esse processo, tendo atravessando profundos questionamentos. Novos referenciais teórico-conceituais, desdobrados em estratégias e métodos diferenciados, visavam o desenvolvimento de uma função social dessa instituição. Por outro lado, nessa mesma época, surgiram iniciativas de abrangência nacional e transnacional, que buscavam conferir organicidade ao setor museal.

Em 1946 foi fundado o *Internacional Council of Museums - ICOM* (Conselho Internacional de Museus), uma organização não-governamental, que mantém relações formais com a Organização das Nações Unidas para a Educação,

---

2 BRASIL. *Sistema de Informações e Indicadores Culturais.* Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas, 2006.

a Ciência e a Cultura (UNESCO), executando parte de seu programa para museus. O ICOM tem a missão de conservar, preservar e difundir o patrimônio cultural, reunindo museus e profissionais de museus. Promove eventos, publicações e programas de formação e intercâmbio que visam à difusão de conhecimentos, o aumento da participação do público em museus, atualização de padrões profissionais, dentre outros objetivos[3].

Dentre os trabalhos de cooperação entre UNESCO e ICOM, destaca-se a formulação, em 1950, de um dos primeiros questionários transnacionais para a coleta de dados de museus. O questionário, além de levantar a quantidade de instituições museológicas por país, tinha o objetivo de registrar informações capazes de auxiliar na padronização de definições, classificações e métodos para a coleta de dados. A experiência foi empreendida em 52 países, entre eles o Brasil[4].

O resultado das averiguações foi registrado na publicação *Basic Facts and Figures: illiteracy, education, libraries, museums, books, newspapers, newsprint, film and radio*, lançada em 1952[5]. Foram registradas, por país[6], as quantidades totais de museus existentes, além de dados relativos à visitação, subdivididos em: a) ano em que foi prestada a informação; b) número de museus que responderam a questão; e c) número de visitantes. A título de comparação, elencamos os dados de 20 países com o maior número de museus, utilizando como critério de desempate o ano de informação, em ordem crescente. Somamos, ainda, os dados relativos ao número de habitantes e extensão territorial, arrolados no final da publicação.

3 INTERNATIONAL COUNCIL OF MUSEUMS. Disponível em: http://icom.museum. Acesso em: 12 mai. 2011.

4 UNESCO. *Preliminary Report on Museum Statistics*. Paris, 1958.

5 UNESCO. *Basic Facts and Figures: illiteracy, education, libraries, museums, books, newspaper, newsprint, film and radio*. Paris, 1952.

6 A publicação de 1952 abriga, na página 34, uma tabela com as informações referentes a museus de 26 países. Posteriormente, porém, foi publicado um adendo a essa edição, na qual foram arroladas informações referentes a 52 países.

SÍNTESE DAS TABELAS "7 – MUSEUS E VISITANTES" E "APÊNDICE – ÁREA E POPULAÇÃO"

	PAÍS	Nº DE MUSEUS	VISITANTES DE MUSEUS			POPULAÇÃO (1950)	ÁREA (KM²)
			ANO	Nº DE MUSEUS	Nº DE VISITANTES		
1	Estados Unidos da América	3.000	...	...	...	151.689.000	7.828.000
2	França	1.011	1951	62	3.999.000	41.934.000	551.000
3	Itália	839	1950	111	1.836.000	46.272.000	301.000
4	Reino Unido	698	...	...	...	50.616.000	244.000
5	Suíça	295	...	...	...	4.694.000	41.000
6	Áustria	285	...	...	...	6.906.000	84.000
7	Holanda	283	1950	283	2.789.000	10.114.000	32.000
8	Japão	203	...	...	...	82.900.000	369.000
9	Suécia	202	...	...	...	7.017.000	449.000
10	Polônia	198	1950	139	6.497.000	24.977.000	312.000
11	Bélgica	193	1951	1	21.000	8.639.000	31.000
12	Canadá	180	...	...	...	13.845.000	9.953.000
13	Dinamarca*	169	...	...	...	4.271.000	43.000
14	Espanha	152	1949	152	1.289.000	28.287.000	503.000
15	Iugoslávia	151	1951	151	2.561.000	16.250.000	257.000
16	Tchecoslováquia	126	...	...	...	12.596.000	128.000
17	Brasil	116	1948	85	1.203.000	52.124.000	8.516.000
18	Portugal	116	1950	88	442.000	8.490.000	92.000
19	Romênia	112	...	...	...	16.094.000	237.000
20	Grécia	105	1950	101	121.000	7.960.000	133.000

*Excluída as Ilhas Feroe

FONTE: UNESCO, 1952

Mesmo com intervalo de quatro anos de diferença entre as informações fornecidas pelos países, notam-se dados bastante expressivos quando analisados em perspectiva comparada. Destaca-se, por exemplo, o número de museus informado pelos Estados Unidos da América: 2,86% a mais do que o 20º colocado. É notável, também, o número de visitantes nos museus da Polônia, em comparação aos outros nove países que registraram este dado.

A pesquisa foi repetida bienalmente, sendo seus resultados periodicamente publicados. Interessante notar que já na terceira edição da investigação (1956)[7] há uma ligeira diminuição do número de países respondentes (47) e, ainda, uma amostra diferenciada, em comparação a 1952. Não há dados referentes

7 UNESCO. *Basic Facts and Figures: international statistics relating to education, culture and communication*. Paris, 1956.

aos Estados Unidos, Itália, Reino Unido, Suíça, Suécia, Tchecoslováquia e Romênia, dificultando uma análise comparativa. Já o Brasil apresentou as seguintes informações:

SÍNTESE DAS TABELAS "10 – MUSEUS E VISITANTES" E "A – POPULAÇÃO E ÁREA"

	PAÍS	Nº DE MUSEUS	VISITANTES DE MUSEUS			POPULAÇÃO (1950)	ÁREA (KM²)
			ANO	Nº DE MUSEUS	Nº DE VISITANTES		
1	Brasil	131	1952	104	1.226.000	57.098.000	8.514.000

FONTE: UNESCO, 1956

Dando continuidade ao trabalho, em março de 1957, a UNESCO enviou uma correspondência a 20 países para a coleta de dados. Entretanto, naquele ano o Brasil não enviou informações, sendo os dados publicados no *Preliminary Report on Museum Statistics*[8] compilados a partir de quantitativos disponibilizados no *Anuário Estatístico do Brasil*, realizado pelo então Conselho Nacional de Estatística. Segundo o referido documento, o Brasil possuía o seguinte número de instituições museológicas no período que compreende os anos de 1947 a 1952:

SÍNTESE DAS TABELAS DE NÚMERO DE MUSEUS E VISITANTES (1947 – 1952)

ANO	1947	1948	1950	1951	1952
Nº DE MUSEUS	83	90	102	115	131
VISITANTES					
Nº de museus	71	85	91	99	104
Visitantes	1.013.000	1.203.000	1.576.000	1.624.000	1.226.000

FONTE: UNESCO, 1958

A demanda periódica de dados sobre museus e sua posterior publicação, realizada pela UNESCO em parceria com o ICOM, foi fundamental para criar em nosso País uma cultura de coleta, sistematização e publicação de informações sobre os museus brasileiros, em forma de guias. Não nos parece coincidência que a data de impressão do primeiro guia de museus no Brasil tenha ocorrido

8 UNESCO. *Preliminary Report on Museum Statistics*. Paris, 1958.

três anos após o trabalho inicial da UNESCO, e nem que sua edição tenha sido realizada pelo Ministério das Relações Exteriores, em inglês.

Produzido por Heloísa Alberto Torres, em 1953, o *Museums of Brazil* é o resultado da compilação de dados provenientes do Arquivo do então Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), da Divisão de Estatísticas do Ministério da Educação e Saúde, e do Museu Nacional, instituição da qual a pesquisadora era diretora. No prefácio da publicação, Heloísa Torres faz menção a dados recebidos que não foram incluídos no trabalho, por serem considerados "vagos e, em alguns casos, contraditórios"[9] sem, no entanto, mencionar o instrumento para a coleta dessas informações. Na obra, 175 instituições museológicas foram agrupadas por natureza administrativa, tipologia utilizada pelo SPHAN à época.[10]

A autora, além do nome e endereço do museu, oferece em alguns casos um texto descritivo da instituição, ressaltando aspectos relativos à sua história, vinculação administrativa e publicações. Vale, ainda, frisar dois aspectos interessantes observados no referido guia: o primeiro é o registro do então Conselho Estadual de Museus e Bibliotecas da Secretaria de Educação de São Paulo como museu e, o segundo, o arrolamento de instituições em processo de implantação.

Em 1958, uma comissão de conservadores e técnicos de museus, chefiada por Guy de Hollanda, e composta por Elza Ramos Peixoto, Lygia Martins Costa, Octávia Corrêa dos Santos Oliveira, Regina Monteiro Real, A. T. Rusins e F. dos Santos Trigueiros publicou o livro *Recursos Educativos dos Museus Brasileiros*. Na introdução da obra é informado que a pesquisa foi realizada com o apoio do Governo Brasileiro, o Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais (CBPE) e a então Organização Nacional do *Internacional Council of Museums* (ONICOM), hoje denominada ICOM-Brasil, em atendimento à demanda gerada pela UNESCO, utilizando o modelo formulado por essa Organização. Na publicação são relacionadas informações referentes ao nome e localização de 145 museus, complementados pelos seguintes dados, quando existentes: nome do

---

9 TORRES, Heloísa Alberto. *Museums of Brazil*. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1953.

10 As tipologias utilizadas foram: federal, estadual, municipal, eclesiástico, ligado a instituição civil e privado.

diretor, dias e horários de visitação, finalidade da instituição, acervo, exposições, histórico, características do prédio, categoria (natureza e vinculação administrativa), expedições científicas, publicações, conferências, cursos, visitas-guiadas, biblioteca, arquivo, fototeca, filmoteca, organização e pessoal, orçamento, bibliografia, número de visitantes e número de leitores.

Na década de 1970, outra obra, de caráter similar, foi editada: o *Guia dos Museus do Brasil*. A primeira edição foi realizada em 1972 por uma equipe de pesquisadoras coordenada por Fernanda de Camargo e Almeida. O levantamento registrou 399 museus dispostos em ordem alfabética. Em 1978, Maria Elisa Carrazoni organizou a segunda edição do guia, relacionando 401 museus ordenados por unidade federativa.

Nesse mesmo período, foi realizado pelas museólogas Neusa Fernandes e Sonia Gomes Pereira o primeiro guia de abrangência local de museus. Trata-se do livro *Museus do Rio*, editado em 1973, em duas versões: uma em português, e a outra em inglês e francês. Inaugurava-se, então, uma prática de produção de guias regionais (Bahia, Distrito Federal, Paraná, Rio Grande do Sul, São Paulo e etc.), bem como guias temáticos (museus literários, museus de cultura militar, museus e espaços de ciência e tecnologia e etc.).

Os museólogos Fausto Henrique dos Santos, Fernando Menezes de Moura e Neusa Fernandes realizaram a pesquisa publicada no *Catálogo dos Museus do Brasil*, em 1983, pela Associação Brasileira de Museologia (ABM). Na publicação foram relacionadas 926 instituições museológicas. A segunda tiragem do livro foi lançada em 1986, e a terceira, três anos depois, como uma edição comemorativa ao Centenário da República, na qual foram arrolados 1.158 museus - o número mais alto de museus publicamente disseminados no Brasil durante o século XX.

Em 1993, a Universidade de São Paulo (USP) criou um Banco de Dados sobre Patrimônio Cultural, que visava "integrar e tornar acessíveis informações e documentos na área de Preservação de Bens Culturais (...)".[11] Para esse pro-

11 UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Centro de Preservação Cultural. Disponível em: www.usp.br/cpc/v1/html/wf04_banco.htm. Acesso em: 14 mai. 2011.

grama foram criadas bases de dados com temáticas específicas, destacando-se a Base de Dados de Museus Brasileiros – CAMUS, que agrega informações coletadas a partir de um formulário desenvolvido em parceria com a Vitae (Apoio à Cultura, Educação e Promoção Social). Esse trabalho resultou, em 1996, na publicação do *Guia de Museus Brasileiros*. Em 1997, foi realizada nova edição que relacionava informações acerca da natureza, especialidade, atividades, acervo, tipo de público e horário de atendimento de 755 museus. No ano 2000, foi realizada nova edição do Guia, com dados de 529 instituições.

No século XXI, foi dada continuidade a produção de guias estaduais e guias temáticos de museus, havendo, no entanto, uma descontinuidade relativa a publicações de cunho nacional. A fim de sanar esta lacuna, como fruto do trabalho realizado pelo CNM, foi lançado o *Guia dos Museus Brasileiros*, durante as comemorações da Semana Nacional de Museus, em maio de 2011. O livro abriga informações sobre a localização e contatos da instituição, ano de criação, natureza administrativa, horário de funcionamento, ingresso, tipologia de acervo, visita-guiada, infraestrutura para o recebimento de turistas estrangeiros e portadores de necessidades especiais, além de veicular, quando existentes, informações sobre bibliotecas e arquivos históricos de museus.

Com o lançamento do *Museus em Números* pretendemos compartilhar os resultados do primeiro estudo estatístico no campo museal de abrangência nacional, estadual e distrital, publicado em nosso país. Trata-se de uma obra concebida a partir do reconhecimento da importância das estatísticas museais na caracterização e na análise dos fenômenos culturais, em especial dos processos museais.

II – MUSEUS EM NÚMEROS: METODOLOGIA DA PESQUISA E NOTAS TÉCNICAS

A publicação *Museus em Números* é resultante dos dados processados pelo Cadastro Nacional de Museus. A unidade da pesquisa do CNM é, conforme explicitado pelo próprio nome do sistema de informação, o museu. Quando o trabalho foi iniciado, em 2006, o conceito de museu adotado foi o formulado pelo então Departamento de Museus e Centros Culturais do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (DEMU/IPHAN), que estabelecia:

> O museu é uma instituição com personalidade jurídica própria ou vinculada a outra instituição com personalidade jurídica, aberta ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento e, que apresenta as seguintes características:
>
> I - o trabalho permanente com o patrimônio cultural, em suas diversas manifestações;
>
> II - a presença de acervos e exposições colocados a serviço da sociedade com o objetivo de propiciar a ampliação do campo de possibilidades de construção identitária, a percepção crítica da realidade, a produção de conhecimentos e oportunidades de lazer;
>
> III – A utilização do patrimônio cultural como recurso educacional, turístico e de inclusão social;
>
> IV - a vocação para a comunicação, a exposição, a documentação, a investigação, a interpretação e a preservação de bens culturais em suas diversas manifestações;
>
> V – a democratização do acesso, uso e produção de bens culturais para a promoção da dignidade da pessoa humana;
>
> VI – a constituição de espaços democráticos e diversificados de relação e mediação cultural, sejam eles físicos ou virtuais.
>
> Sendo assim, são considerados museus, independentemente de sua denominação, as instituições ou processos museológicos que apresentem as características acima indicadas e cumpram as funções museológicas.

Em 2009, com a promulgação do Estatuto de Museus, o CNM passou a adotar o conceito de museu expresso na Lei nº 11.904, de 14 de janeiro, que estabelece em seu Artigo 1º:

> Consideram-se museus, para os efeitos desta Lei, as instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento.
>
> Parágrafo único. Enquadrar-se-ão nesta Lei as instituições e os processos museológicos voltados para o trabalho com o patrimônio cultural e o território visando ao desenvolvimento cultural e socioeconômico e à participação das comunidades.

A coleta de dados no CNM é realizada mediante as ações de cadastramento e mapeamento, descritas a seguir.

O cadastramento dos museus brasileiros é realizado através de questionário próprio, acompanhado de manual explicativo (Anexo 2 – Volume 1), veiculado em versões impressa e digital, disponível para *download* no *site*[12] do Instituto Brasileiro de Museus.

As informações desse questionário são divididas em oito blocos temáticos:

I – DADOS INSTITUCIONAIS

A. IDENTIFICAÇÃO

B. CARACTERÍSTICAS GERAIS DA INSTITUIÇÃO

II – ACERVO

III – ACESSO AO PÚBLICO

IV – CARACTERIZAÇÃO FÍSICA DO MUSEU

V – SEGURANÇA E CONTROLE PATRIMONIAL

VI – ATIVIDADES

VII – RECURSOS HUMANOS

VIII – ORÇAMENTO

Os questionários são enviados às instituições museológicas, que os preenchem voluntariamente. Adicionalmente, foi desenvolvida uma metodologia de credenciamento e treinamento de assistentes, para o trabalho local de cadastramento dos museus. Em parceria com as secretarias estaduais de cultura e com os sistemas estaduais e municipais de museus, os assistentes locais realizaram cadastramento de museus nas seguintes unidades federativas: Acre, Amazonas, Amapá, Bahia, Ceará, Goiás, Espírito Santo, Distrito Federal, Minas Gerais, Mato Grosso do Sul, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo.

Após o recebimento do questionário uma equipe técnica realiza a checagem dos dados prestados pelo museu, a fim de averiguar se houve resposta a todos

---

12 IBRAM. Cadastro Nacional de Museus. Disponível em: www.museus.gov.br.

os itens considerados obrigatórios, além de monitorar possíveis inconsistências entre questões. Mediante a necessidade de complementação de informações ou o esclarecimento de dúvidas, é realizado contato telefônico ou, quando necessário, endereçada correspondência. O cadastramento, portanto, só é efetivado após conferência das respostas encaminhadas e resolução de possíveis pendências.

Em sequência, é expedido ofício notificando o cadastramento à instituição e as informações prestadas são inseridas na base de dados. Todos os dados veiculados no questionário de cadastramento do CNM constam em sua base de dados, que está disponível para consulta pública e gratuita no *site* do IBRAM. Cabe, ressaltar que, por questão de segurança não são disponibilizadas as informações referentes aos itens V – Segurança e Controle Patrimonial e VIII – Orçamento.

Além da atividade de cadastramento, é realizado o levantamento sistemático de instituições museais brasileiras, utilizando como principais fontes os periódicos de circulação nacional e local, revistas especializadas e informações disponibilizadas na Internet. Cabe também, nesse sentido, ressaltar o importante trabalho de cooperação técnica estabelecido com sistemas estaduais e municipais de museus.

As informações básicas utilizadas para o mapeamento são: nome da instituição, endereço completo e, quando possível, a natureza administrativa e o ano de criação, para o caso dos museus que estão abertos ao público. Em relação aos museus em implantação é solicitada a data de inauguração da instituição e aos museus fechados a data de re-abertura, bem como o motivo do fechamento.

Antes de serem inseridas na base de dados e publicadas na Internet, todas as informações são verificadas junto aos museus.

Como data de corte da pesquisa que originou este *Museus em Números*, a extração dos dados na base de dados do CNM foi realizada em 10 de setembro de 2010. Foram verificados 3.025 museus mapeados, sendo que neste universo, 1.500 museus responderam ao questionário de cadastramento.

TABELA A - QUANTIDADE DE MUSEUS MAPEADOS E CADASTRADOS, SEGUNDO UNIDADES DA FEDERAÇÃO E GRANDES REGIÕES, BRASIL, 2010

UNIDADE DA FEDERAÇÃO	TOTAL DE MUSEUS MAPEADOS		MUSEUS CADASTRADOS JUNTO AO CNM	
	FREQUÊNCIA SIMPLES	%	FREQUÊNCIA SIMPLES	%
BRASIL	**3.025**	**100,0**	**1.500**	**100,0**
Norte	146	4,8	70	4,7
Rondônia	15	0,5	4	0,3
Acre	23	0,8	11	0,7
Amazonas	41	1,4	17	1,1
Roraima	6	0,2	1	0,1
Pará	42	1,4	27	1,8
Amapá	9	0,3	7	0,5
Tocantins	10	0,3	3	0,2
Nordeste	632	20,9	273	18,2
Maranhão	23	0,8	11	0,7
Piauí	32	1,1	10	0,7
Ceará	113	3,7	55	3,7
Rio Grande do Norte	65	2,1	30	2,0
Paraíba	63	2,1	14	0,9
Pernambuco	98	3,2	46	3,1
Alagoas	61	2,0	26	1,7
Sergipe	25	0,8	10	0,7
Bahia	152	5,0	71	4,7
Sudeste	1.151	38,0	571	38,1
Minas Gerais	319	10,5	165	11,0
Espírito Santo	61	2,0	26	1,7
Rio de Janeiro	254	8,4	118	7,9
São Paulo	517	17,1	262	17,5
Sul	878	29,0	453	30,2
Paraná	282	9,3	99	6,6
Santa Catarina	199	6,6	119	7,9
Rio Grande do Sul	397	13,1	235	15,7
Centro -Oeste	218	7,2	133	8,9
Mato Grosso do Sul	54	1,8	27	1,8
Mato Grosso	43	1,4	28	1,9
Goiás	61	2,0	39	2,6
Distrito Federal	60	2,0	39	2,6

FONTE: CADASTRO NACIONAL DE MUSEUS – IBRAM/MINC, 2010

Para a apresentação dos resultados nesta publicação, os dados numéricos, suas representações gráficas[13] e as análises estatísticas foram organizadas em dois volumes.[14] O primeiro volume abriga dois capítulos: o *Panorama Internacional das Estatísticas Museais* e o *Panorama Nacional*, em que são apresentados dados sobre os oito blocos temáticos do CNM. Nesse capítulo, foram analisadas as informações prestadas pelo universo dos 1.500 museus cadastrados, com exceção do tópico referente a Dados Institucionais no qual são apresentadas análises sobre a dispersão dos 3.025 museus registrados em nossa base de dados, considerando, portanto, tanto as instituições cadastradas, quanto as mapeadas. Observamos que nesta edição foram processadas informações relativas somente aos museus presenciais, excluindo, portanto, as informações referentes a museus virtuais.

No que se refere à apresentação em tabelas das informações sobre as Unidades da Federação (UF) no capítulo *Panorama Nacional*, adotamos a metodologia de apresentação tabular do IBGE, que apresenta as UF em sentido horário, visando, dessa forma, dialogar com os instrumentos estatísticos produzidos pelo IBGE e pelo MinC. Sendo assim, a primeira unidade federativa apresentada é Rondônia e a última o Distrito Federal.

O segundo volume apresenta os dados dos museus por Unidades da Federação, sendo que todos os capítulos analisam as informações prestadas pelo universo dos 1.500 museus cadastrados. Salientamos que, devido ao número variável de instituições respondentes em cada UF, em determinadas questões o número de respostas resultou em informações com 100% de um determinado universo. Nessas situações, foram inseridas informações sobre os dados nos textos apresentados em cada capítulo e suprimido o gráfico. O processo resultou em diferenças na quantidade de gráficos entre as unidades federativas, sem prejuízos para sua compreensão.

---

13 Todos os gráficos e tabelas apresentados nesta publicação estão disponibilizados em formato Excel no CD encartado do Volume 1.

14 As tabelas e gráficos desta publicação apresentam os percentuais arredondados e com uma casa decimal. O arredondamento utilizado segue as regras estabelecidas pela Resolução 886/66 da Fundação IBGE: sendo o último algarismo igual ou superior a 5, aumenta-se em uma unidade o último algarismo a permanecer; caso o último algarismo seja inferior a 5, o último algarismo a permanecer se mantém. Dessa forma, o leitor poderá encontrar somatórios em alguns gráficos variando de 99,9% a 100,1%.

III – DA ARTE DE CONCLUIR

Representar estatisticamente um processo social complexo, como é o setor dos museus no Brasil, gerou em todos os atores envolvidos na construção do *Museus em Números* aprendizagens de diferentes naturezas. Ensinamentos derivados de estudos, métodos, comparações e práticas. Mas talvez, a lição mais importante tenha sido a referente ao tempo. Aprender quando é chegado o momento de concluir.

O término de uma obra resulta de uma sensação de completude. Da certeza de não haver mais nada a ser acrescentado. E esse foi um sentimento difícil de ser alcançado. Mesmo após produzir 29 mapas, 3 quadros, 3 figuras, 102 tabelas, 1.339 gráficos e centenas de páginas de textos, que mesclam conteúdos históricos e analíticos, gostaríamos de ter avançado. Sabemos da responsabilidade que é produzir o primeiro estudo estatístico na área de museus. E mais: compreendemos o quanto este instrumento será fundamental para a revisão ou a formulação de políticas públicas de museus. Por outro lado, também temos consciência do papel desta publicação, que é o de instaurar novas reflexões, debates e pesquisas a respeito de e para o campo museal.

Assim, para concluir este trabalho, não haveria melhor pensamento do que o utilizado por Umberto Eco no prefácio do livro *A Vertigem das Listas*:

> "Quer dizer, eis um livro que não poderia deixar
> de concluir-se com um *et cetera*."[15]

Rose Miranda
Coordenadora Geral de Sistemas de Informação Museal
Instituto Brasileiro de Museus

15 ECO, Umberto. *A Vertigem das Listas*. Rio de Janeiro: Record, 2010.

Panorama Internacional de Estatísticas Museais

INTRODUÇÃO

Um olhar sobre o panorama museológico internacional revela um cenário plural e complexo. Diversas iniciativas locais e internacionais têm procurado mapear esse universo, desenvolvendo programas e metodologias próprias de investigação. De forma geral, esse tipo de empreendimento encontra-se ainda em fase de desenvolvimento, apresentando múltiplas iniciativas de escopo global ou regional que buscam retratar, analisar e mesmo comparar os campos museológicos das diferentes nações. Nas esferas nacionais, bases de dados centralizadas e atualizadas periodicamente têm expandido seu alcance enquanto instrumentos de mensuração.

Este capítulo pretende contribuir para o esboço do panorama internacional da conjuntura museológica. Além de difundir fontes de pesquisas quantitativas e divulgar as principais organizações de pesquisa e interesse museológico em cada país analisado, são oferecidos subsídios para a investigação da participação brasileira nesse contexto.

Cabe lembrar que esboçar tal cenário, por implicar a comparação entre campos museais de diferentes países, apresenta uma série de desafios, tanto

conceituais quanto metodológicos. A harmonização dos dados depende de circunstâncias nem sempre facilmente realizáveis, como o emprego de variáveis claramente delimitadas e definidas em comum acordo pelos usuários das informações geradas. Afinal, a pluralidade de metodologias disponíveis para o mapeamento do setor museal, de que dispõem diferentes países e agências, desafiam a compatibilização das estatísticas produzidas.

Uma das principais controvérsias revela-se na própria conceituação de museu. Embora o Conselho Internacional de Museus (ICOM) ofereça uma definição[1] cuja abrangência propõe-se mundial, muitos países têm suas próprias conceituações para fins operacionais e estatísticos. A *Estadística de Museos y Colecciones Museográficas* da Espanha, por exemplo, emprega uma definição,[2] estabelecida em lei, que em vários aspectos diverge daquela desenvolvida pelo ICOM. Há países nos quais parques nacionais e sítios históricos, bem como jardins botânicos e zoológicos, são classificados como museus; outros não adotam tal classificação, optando por conceitos menos abrangentes. Além disso, em alguns países o conceito não chega a ter uma escala nacional, sendo desenvolvido por unidades administrativas menores. Na Alemanha, por exemplo, cabe aos Estados Federados (*Länder*) definir que instituições devem ser contabilizadas nas estatísticas oficiais sobre museus.

Não causa surpresa, portanto, a constatação de que sejam escassas as iniciativas centralizadas destinadas à coleta sistemática de dados quantitativos sobre o campo museal. Entretanto, os obstáculos inerentes às análises comparativas dificultam mas não impedem a realização de iniciativas de cooperação multilateral que objetivem compatibilizar e harmonizar a produção de informações museais.

---

1 O Código de Ética Lusófono do ICOM, 2009, define: "Os museus são instituições permanentes, sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, abertas ao público, que adquirem, preservam, pesquisam, comunicam e expõem, para fins de estudo, educação e lazer, os testemunhos materiais e imateriais dos povos e seus ambientes" (p. 31). Disponível em: www.icom.org.br/codigo_de_etica_lusofono_iii_2009.pdf. Acesso em: 27 jun. 2011.

2 São excluídos da definição de museu, segundo a Ley de Patrimonio Histórico Español 16/1985: institutos de conservação e galerias de exposição que dependem de bibliotecas e centros de arquivo; instituições que expõem espécies vivas, como jardins botânicos, zoológicos, aquários, viveiros, etc.; reservas naturais; planetários; e centros científicos. No entanto, caso as citadas entidades disponham de Museu ou Coleção Museográfica, são contabilizadas.

Como exemplo cabe mencionar o projeto Museus do Mundo (*Museums of the World*), concebido pela editora alemã K.G. Saur, que empreende um dos mais notáveis esforços privados para a catalogação dos museus do mundo. Publicado anualmente, a sua 14ª edição (2007)[3] serviu de base para esta pesquisa. Merecem ainda destaque as iniciativas do ICOM neste âmbito, como as alianças regionais na Ásia e no Pacífico (ICOM ASPAC), nos países árabes (ICOM ARAB) e na América Latina e Caribe (ICOM LAC), entre outras, que promovem a troca de informações e a cooperação entre museus e profissionais do setor museológico em âmbito regional.

Vale ressaltar ainda o trabalho desenvolvido pela Rede de Organizações de Museus Europeus (*Network of European Museum Organisations* – NEMO).[4] Fundada em 1992, essa Rede é constituída de 32 organizações de museus em países-membros da União Europeia, assim como de representantes de países associados. Dentre as parcerias que mantém, cabe mencionar a estabelecida com o Grupo Europeu de Estatísticas Museais (*European Group on Museum Statistics* – EGMUS).[5] Contando com a participação de 27 países, esse Grupo desenvolve, desde 2002, atividades para compilação, harmonização e divulgação de dados estatísticos sobre museus no cenário europeu. Reunindo pesquisas nacionais realizadas nos países-membros, seus dados são inseridos em uma tabela provisória de indicadores do campo museal, o ALOKMI (*Abridged List of Key Museum Indicators*). Para reforçar a comparabilidade, foi desenvolvido um questionário padrão (*Standard Questionnaire*) para a coleta de dados. Segundo o EGMUS, o questionário, que já é empregado por vários países em pesquisas nacionais, também será utilizado nas próximas pesquisas de outros membros.

IMAGEM CAPTURADA EM 04/6/2011

IMAGEM CAPTURADA EM 04/6/2011

3 SCHULZE, Marco (Ed.). *Museums of the World*. 14th ed. Munchen: K. G. Saur, 2007.

4 Disponível em: www.ne-mo.org. Acesso em: fev. 2011.

5 Disponível em: www.egmus.eu. Acesso em: out. 2010.

Ainda na Europa, merecem destaque os esforços do *European Network of Science Centres and Museums* (ECSITE),[6] um canal de comunicação e cooperação entre 400 instituições em 50 países, e o Fórum Europeu de Museus (*European Museum Forum*)[7] que, sob a supervisão do Conselho Europeu, organiza programas como o Prêmio de Museu Europeu do Ano (*European Museum of the Year Award*).

Uma das contribuições mais expressivas do continente africano para esta esfera é o Diretório de Museus da África Ocidental (*Directory of Museums in West Africa*), do *West African Museums Programme* (WAMP),[8] uma organização regional não governamental com base no Senegal desde 1987. A WAMP, empregando a concepção do ICOM de museu, publica periodicamente, desde 2000, o Repertório de Museus da África Ocidental (*Répertoire des Musées de l'Afrique de l'Ouest)*. Em sua versão de 2007, foram registrados 167 museus em 16 países da África Ocidental, incluindo Camarões.

IMAGEM CAPTURADA EM 04/6/2011

Na Ibero-América, destacam-se iniciativas como o *Instituto Latinoamericano de Museos* (ILAM)* e o Programa Ibermuseus.** O primeiro, desde a sua fundação em 1997, organiza ações para investigação e difusão de informações acerca da diversidade patrimonial na América Latina e no Caribe. Seu portal na Internet abriga o *Directorio Electrónico de Museos & Parques*, que disponibiliza cerca de 7 mil fichas com dados sobre instituições da região. Criado a partir das propostas apresentadas na Declaração da Cidade de Salvador, em 2007, o Programa Ibermuseus é uma parceria entre 22 países que visa à cooperação e à integração desses, ao desenvolver ações para o fomento e a articulação de políticas públicas para a área de museus e da Museologia. Vinculado à Secretaria Geral Ibero-americana, o Programa conta com o apoio técnico da Organização dos Estados

---

6 Disponível em: www.ecsite.eu. Acesso em: out. 2010.

7 Disponível em: www.europeanmuseumforum.ru. Acesso em: out. 2010.

8 Disponível em: http://fr.wamponline.org. Acesso em: out. 2010.

* Disponível em: www.ilam.org. Acesso em: maio 2011.

** Disponível em: www.ibermuseus.org. Acesso em: out. 2010.

Ibero-americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura (OEI) e do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM). Além disso, recebe financiamento da Agência Espanhola de Cooperação Internacional para o Desenvolvimento (AECID). Desde a sua fundação, o Ibermuseus tem atuado mediante iniciativas como o Prêmio Ibero-americano de Educação e Museus, o edital *Conversaciones*, o Programa de Apoio ao Patrimônio Museológico em Situação de Risco e o Observatório Ibero-Americano de Museus, assim como projetos multilaterais, convênios de cooperação, ações educativas, de capacitação e formação.

A atuação brasileira nessa esfera inclui a participação no Programa Ibermuseus e no *Sistema de Información Cultural del Mercosur* (SIC:SUR),[9] aprovado em 2008 pelos ministros da Cultura do Mercosul. Em âmbito nacional, o Brasil desenvolve projetos como o Cadastro Nacional de Museus (CNM), coordenado pelo IBRAM, e o Sistema Brasileiro de Museus (SBM), além de participar de iniciativas como o Sistema Nacional de Informações e Indicadores Culturais (SNIIC) – um dos pilares do Plano Nacional de Cultura que atuará como instrumento de acompanhamento, avaliação e aprimoramento da gestão e das políticas públicas do setor.

As estatísticas internacionais revelam a diversidade da conjuntura museológica mundial, evidenciando inclusive assimetrias entre os campos museológicos nacionais. O cenário que se esboça, no qual algumas nações, a partir de múltiplos critérios, destacam-se no panorama internacional, sugere uma configuração que poderia ser mais bem descrita como um G-20 Museal. Testando essa hipótese, foi proposto o levantamento dos países que

IMAGEM CAPTURADA EM 05/6/2011

9 Disponível em: www.sicsur.org. Acesso em: out. 2010.

poderiam se inserir no quadro, não com o fim de classificá-los ou ranqueá-los, mas como recurso de estudo dos campos museológicos nacionais de maior visibilidade e de maior produtividade em termos de pesquisas estatísticas sobre o campo. Cabe frisar que o recorte não se refere a um grupo de *potências museais*, tampouco se fundamenta em critérios formais de associação. O emprego dessa analogia ao grupo que reúne as maiores economias do planeta se inscreve na meta de esboçar um retrato dos museus no mundo através de seus atores de maior projeção e produção estatística.

Para o levantamento dos países componentes de um G-20 Museal fez-se necessário considerar as divergências entre as fontes de dados, em razão, principalmente, das disparidades entre os parâmetros empregados por essas fontes em suas pesquisas. As estatísticas sobre museus no Brasil demonstram essa discrepância: enquanto o catálogo da K.G. Saur, *Museums of the World*, registrou 658 museus brasileiros em 2007, os dados do *Instituto Latinoamericano de Museos* (ILAM) apontaram para a existência de 2.605 instituições, no mesmo ano. Em 2010, o Cadastro Nacional de Museus identificou um número quatro vezes maior que o divulgado pela publicação da K.G. Saur há três anos, porém mais próximo do contabilizado pelo ILAM, em anos anteriores.

A harmonização de levantamentos estatísticos sobre museus é também dificultada pela diferença temporal entre eles, ainda quando atualizados sistematicamente. Isso porque a periodicidade de atualização é variável, razão pela qual o esboço da conjuntura museal global envolve a correlação entre dados de diversos anos.

Considerando as observações mencionadas, a expressão G-20 Museal se refere a um universo abrangente de dados sobre as realidades museológicas de 20 países. A seleção desses, longe de arbitrária, deu-se por meio de extenso processo de análise baseado em estudos nacionais e multilaterais.[10] Cabe ressaltar, no entanto, limitações decorrentes, principalmente, da escassez de fontes de dados institucionais. O levantamento do grupo de 20 países não se restringiu

10 Para esta pesquisa foram consultadas fontes como o *Museums of the World*, bem como estudos desenvolvidos pelo EGMUS, ICOM e Programa Ibermuseus, entre outros.

ao emprego de uma única variável, mas de múltiplas, merecendo destaque as cifras referentes ao número de museus em cada país, bem como ao quantitativo de público visitante. Os dados sobre o campo museal dos países foram, posteriormente, analisados e dispostos segundo a categorização desenvolvida pelo Cadastro Nacional de Museus.

A opção pela metodologia de pesquisa do CNM traz a oportunidade de contribuir para o delineamento do panorama museológico internacional, a partir da difusão de métodos estatísticos desenvolvidos e experimentados pela iniciativa do então Departamento de Museus e Centros Culturais do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (DEMU/IPHAN), hoje Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), e do Sistema Brasileiro de Museus (SBM). Embora gerados por fontes distintas, a disposição dos dados em uma mesma categorização potencializa sua confrontação, inclusive suscitando o estabelecimento de paralelos com a realidade museal observada no Brasil, conforme verificada na disposição de tópicos temáticos do questionário do CNM.

Tendo em vista a concepção do CNM de que não é possível fazer inferências sobre o campo museal a partir somente do número de museus, do público ou do acervo total de bens das nações, por exemplo, optou-se por uma abordagem na qual não há indicadores prevalentes. Os dados encontrados acerca de museus no mundo foram organizados de acordo com as seguintes categorias: dados institucionais, acervo, acesso do público, caracterização física, segurança e controle patrimonial, atividades, recursos humanos e orçamento.

DADOS INSTITUCIONAIS

Como já mencionado, a sistematização da produção internacional de estatísticas museais enfrenta dificuldades decorrentes de assimetrias conceituais e metodológicas entre as diferentes pesquisas que lhe servem de base. São escassas as fontes que podem ser empregadas como indicadores do cenário museológico global. Embora haja iniciativas multilaterais como o *Museums of the World*, cuja versão de 2007 registra 55.098 museus, devem ser consideradas as limitações logísticas que impedem que a base de dados seja representativa

do setor em âmbito internacional. Em razão das restrições citadas, buscou-se nesta sessão o emprego complementar de múltiplas fontes para a obtenção do número e da natureza administrativa de museus de cada país. Desse modo, são analisados esses dados segundo estatísticas globais, regionais e nacionais.[11]

ALEMANHA

Na Alemanha, o fomento da arte e da cultura compete, em primeiro lugar, aos Estados Federados (*Länder*), que coordenam sua política cultural na Conferência de Secretários da Cultura e Educação. Cabe, portanto, ao governo federal concentrar-se no desenvolvimento de condições básicas para a evolução da arte e da cultura, na organização e no fomento de instituições culturais de importância nacional, bem como na preservação e proteção da herança cultural.

IMAGEM CAPTURADA EM 04/6/2011

No cenário nacional, destacam-se instituições como a Federação Alemã de Museus (*Deutsche Museumsbund*).[12] Fundada em 1917, essa associação agrega mais de 600 museus membros em todo o território e representa os interesses de todos os museus alemães, bem como os de seus funcionários. Vale ressaltar também o Comitê Nacional do Conselho Internacional de Museus (*ICOM Deutschland*), fundado em 1953, que serve como interface entre os museus nacionais e a sua representação internacional.

IMAGEM CAPTURADA EM 04/6/2011

O Instituto de Pesquisa Museológica (*Institut für Museumsforschung* - IfM)[13] é uma instituição pública de pesquisa e documentação que atua nacionalmente na área da Museologia desde 1979, coordenando anualmente o censo museológico

11 Os países cujos campos museológicos foram analisados estão dispostos em ordem alfabética.

12 Disponível em: www.museumsbund.de. Acesso em: dez. 2010.

13 INSTITUT FÜR MUSEUMSFORSCHUNG. *Statistische Gesamterhebung an den Museen der Bundesrepublik Deutschland für das Jahr 2008*. Berlin: Preußischer Kulturbesitz, 2009. Disponível em: www.smb.museum. Acesso em: dez. 2010.

alemão. Subordinado à organização Museus Estatais em Berlim – Fundação do Patrimônio Cultural Prussiano (*Stiftung Preußischer Kulturbesitz* – SPK) e financiado pelo governo federal e pelos governos estatais, o instituto possui em sua base de dados 6.190 museus contabilizados em 2008.

No mesmo ano, a Agência Estatística Federal da Alemanha (*Statistisches Bundesamt Deutschland* – DESTATIS),[14] divulgou em seu anuário a existência de 4.776 museus no país. Em 2007, a publicação *Museums of the World* havia feito referência a 6.485 museus na Alemanha. O Grupo Europeu de Estatísticas Museais (EGMUS) disponibiliza dados relativos ao campo museológico da Alemanha, providos pelo Instituto de Pesquisa Museológica até 2006. De acordo com os registros, dos 6.175 museus contabilizados, 7,7% foram identificados como federais, 40,9% como regionais ou locais e a maioria como privados (44%).

ARGENTINA

Em 2007, segundo os dados apresentados na publicação *Museums of the World*, a Argentina contava com 531 museus em seu território, número menor do que as 940 instituições argentinas identificadas pelo *Instituto Latinoamericano de Museos* (ILAM)[15] no mesmo ano. Ainda em 2007, o Programa Ibermuseus, em sua publicação Panoramas Museológicos da Ibero-América, reuniu dados disponibilizados pela Secretaria de Cultura[16] do país que indicaram a existência de 619 museus argentinos. Desses, 16,9% foram identificados como federais, 41,5% municipais e 15,5% provinciais. Salienta-se que 24,7% foram considerados privados e 1,2% mistos. O *Guia Nacional de Museos*, desenvolvido pelo Sistema de

WWW.CULTURA.GOV.AR/ARCHIVOS/NOTICIAS_DOCS/GUIA_MUSEOSV1.PDF

---

14 Disponível em: www.destatis.de/jetspeed/portal/cms/Sites/destatis/Internet/DE/Content/Statistiken/BildungForschungKultur/Kultur/Tabellen/Content50/MuseenBesuche,templateId=renderPrint.psml. Acesso em: dez. 2010.

15 Disponível em: www.ilam.org. Acesso em: out. 2010.

16 CASTILLA, Américo. Panorama de los Museos en Argentina. In: NASCIMENTO, José do; CHAGAS, Mário de Souza (Org.). *Panoramas Museológicos da Ibero-América*. 2. ed. Brasília-DF: Instituto Brasileiro de Museus, 2010.

Informação Cultural da Argentina (SInCA),[17] apresentou um quantitativo maior de instituições nos anos seguintes. De acordo com os dados coletados entre junho de 2008 e março de 2009, foram registrados 863 museus no país. Até outubro de 2010, a base de dados do ILAM contava com 1.186 museus argentinos inscritos.

AUSTRÁLIA

Desde 1993, a *Museums Australia*,[18] associação não governamental e sem fins lucrativos, desenvolve ações para preservação, desenvolvimento e comunicação do patrimônio australiano. Essa organização promove anualmente uma conferência nacional (*Museums Australia National Conference*) e abriga em seu *site* o *Australian Heritage Database*,[19] base de dados disponibilizada pelo governo, que contém registros de mais de 20 mil locais tidos como referência para a construção da identidade nacional: patrimônios históricos, naturais e indígenas.

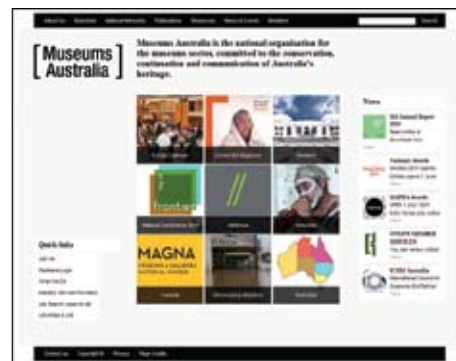



IMAGEM CAPTURADA EM 04/6/2011

Em 2007, a publicação *Museums of the World* identificou 928 museus na Austrália. Três anos mais tarde, em 2010, a Agência de Estatísticas Australiana (*Australian Bureau of Statistics* – ABS)[20] registrou 1.183 instituições museológicas e galerias.

ÁUSTRIA

As estatísticas de museus na Áustria, coletadas e publicadas pelo Gabinete de Estatística do Banco Central do país (*Oesterreichische Nationalbank* – OeNB)[21], são integradas às estatísticas sobre a cultura. O Ministério da Educação, Ciência e Cultura, assim como as regiões da Áustria e as agências de apoio a

---

17 Disponível em: www.argentina.ar/_es/cultura/museos/index.php. Acesso em: out. 2010.

18 Disponível em: www.museumsaustralia.org.au. Acesso em: dez. 2010.

19 Disponível em: www.environment.gov.au/heritage/ahdb. Acesso em: dez. 2010.

20 Disponível em: www.abs.gov.au. Acesso em: dez. 2010.

21 Disponível em: www.oenb.at/en/stat_melders/statistics_and_reporting.jsp. Acesso em: fev. 2011.

museus, também publicam estatísticas sobre o setor. Vale destacar que no país o termo museu não está sujeito a proteção legal, embora siga, de forma geral, a definição do ICOM. Não há, desse modo, restrições para o uso do termo por quaisquer instituições que assim desejarem se autodenominar.

O Grupo Europeu de Estatísticas Museais (EGMUS), em parceria com essas entidades, registrou em 2006 um total de 339 museus na Áustria. Dois anos antes, Hanreich e Pohanka, no Guia para Estatísticas Museais na Europa, publicado pelo EGMUS, indicaram que a maior parte dos museus austríacos era privada (59,1%), sendo muitos deles de "pequeno porte e com fins lucrativos".[22] No entanto, cabe lembrar que estes também recebem subsídios governamentais e estão sujeitos à supervisão da Agência Federal para a Preservação de Monumentos Históricos (*Austrian Federal Office for the Preservation of Historical Monuments*) para os fins de conservação, venda ou exportação. Apenas 0,7% dos museus austríacos eram federais e 34,8% regionais (dos *Länder*) e locais (municipais, de associações e de igrejas). É interessante salientar que os dados do *Museums of the World* indicaram um quantitativo quatro vezes maior de museus no ano seguinte, contabilizando 1.408 instituições no país.

BÉLGICA

A divisão política e linguística da Bélgica também se revela na organização das estatísticas sobre o campo museal no país. A representação no Comitê Nacional Belga do ICOM é partilhada entre a Associação Flamenga de Museus (*Vlaamse Museumvereniging* – VMV),[23] responsável pelos museus ao norte da região de Flandres, de língua flamenga, e a Associação Francófona de Museus Belgas (*Association Francophone des Musées de Belgique* – AFMB),[24] representante dos museus da Valônia, região ao sul, de língua francesa. Nessa estrutura binária, a presidência e a vice-presidência são exercidas em rodízio.

---

22 HANREICH, Georg; POHANKA, Reinhard. Austria. In: EUROPEAN GROUP ON MUSEUM STATISTICS (EGMUS). *A guide to museum statistics in Europe*. Berlim, 2004. Disponível em: www.egmus.eu/uploads/tx_usermusstatistic/Austria.pdf. Acesso em: fev. 2011.

23 Disponível em: www.museumvereniging.be. Acesso em: fev. 2011.

24 Disponível em: www.afmb.museum. Acesso em: fev. 2011.

As estatísticas do Grupo Europeu de Estatísticas Museais na Bélgica, chamadas de bEGMUS,[25] são coordenadas pelo Serviço de Informação Científico-Técnico da Política Federal de Ciência (*Service d´Information Scientifique et Technique – Politique Scientifique Féderal* – SIST). As bEGMUS dispõem de parceria e compilação de pesquisas realizadas pelas comunidades flamenga e francesa, da instituição bilíngue *Brussels Museums Council* (BMC),[26] específica da cidade de Bruxelas, assim como de museus sob administração do governo federal. Na pesquisa de 2006, foram mapeados 898 museus no país, sendo que 445 responderam à enquete e 441 respostas foram contabilizadas. Do total de museus, 41,7% eram flamengos e 56%, da comunidade francesa, dos quais 15% pertenciam à região de Bruxelas. Essa pesquisa constatou que a maior parte dos museus belgas (43%) era administrada por organizações sem fins lucrativos, conhecidas como ASBL (*association sans but lucratif*), seguidas pelas *communes*, com 22,7%. Observa-se ainda que apenas 2,2% eram museus federais e 2,9%, de províncias. Um ano mais tarde, o *Museums of the World* incluiu em seus registros 919 museus na Bélgica.

IMAGEM CAPTURADA EM 05/6/2011

IMAGEM CAPTURADA EM 05/6/2011

CANADÁ

Criada em 1947, a Associação Canadense de Museus (*Canadian Museums Association* – CMA)[27] tem acompanhado o crescimento do número de museus no país ao longo dos anos: em 1951 registrava 161 museus canadenses, número que aumentou para 838 em 1972 e atingiu a soma de 2.988 em 2010. Segundo a CMA, a própria

IMAGEM CAPTURADA EM 04/6/2011

25 *Statistiques de Musées Belges*. Disponível em: www.egmus.eu/uploads/tx_usermusstatistic/Rapport_bEGMUS_2006_F_final_03.pdf. Acesso em: fev. 2011.

26 Disponível em: www.brusselsmuseums.be. Acesso em: fev. 2011.

27 Disponível em: www.museums.ca. Acesso em: fev. 2011.

organização tem observado um aumento no quantitativo de membros, contando até 2010 com aproximadamente 2.000 membros. A Rede de Informações do Patrimônio Canadense (*Canadian Heritage Information Network* – CHIN), que mantém o Diretório dos Museus e Instituições Correlatas do Canadá (*Directory of Canada's Museums and Related Institutions*),[28] é uma iniciativa governamental integrante do Departamento do Patrimônio Canadense. Essa rede contribui para a manutenção do Museu Virtual do Canadá,[29] que hospeda um inventário de instituições relacionadas à questão do patrimônio e registrou, em cooperação com a CMA, 3.090 museus até março de 2011. É interessante destacar que três anos antes a base de dados do *Museums of the World* havia identificado 2.207 museus no Canadá.

IMAGEM CAPTURADA EM 05/6/2011

CHINA

Em 2007, a publicação *Museums of the World* contabilizou 997 museus chineses em sua base de dados. A Agência Nacional de Estatísticas da China (*National Bureau of Statistics of China* – NBS),[30] que edita o Anuário Estatístico da China (*China Statistical Yearbook*),[31] identificou na edição de 2009 a existência de 1.996 museus. Ao se referir às instituições de cultura, a agência faz distinção entre museus, centros de arte, centros culturais e centros de arte de massa, entre outros. Dados oficiais revelam ainda a existência de 386 museus chineses privados, até agosto de 2009.[32]

IMAGEM CAPTURADA EM 05/6/2011

---

28 Disponível em: www.chin.gc.ca. Acesso em: dez. 2010.

29 Disponível em: virtualmuseum.ca. Acesso em: mar. 2011.

30 Disponível em: www.stats.gov.cn/english/. Acesso em: dez. 2010.

31 Disponível em: www.stats.gov.cn/tjsj/ndsj/2009/indexeh.htm. Acesso em: dez. 2010.

32 Disponível em: www.chinadaily.com.cn/usa/epaper/2011-03/18/content_12191950.htm.

A publicação *Chinese Museum 2010*,[33] lançada pelo ICOM China por ocasião da 22ª Conferência Geral do Conselho Internacional de Museus em Xangai, apresentou informações sobre 141 museus chineses. Essa edição informa que, desde 2008, o governo chinês vem implementando no país uma política de acesso gratuito para o público escolar. Até o momento da publicação, 1.743 museus já haviam adotado tal política. Na mesma ocasião, em seu discurso de boas-vindas, o presidente do Comitê Chinês Nacional do ICOM, Zhang Bai, informou que havia mais de 2.500 museus na China.[34]

COLÔMBIA

A Colômbia tem desenvolvido iniciativas internas de pesquisa sobre o setor cultural e museal. A Rede Nacional de Museus (*Red Nacional de Museos*)[35] está preparando diagnóstico das instituições museológicas do país que se inscreve no projeto de construção e implementação da Política Nacional de Museus. A rede é administrada pelo Museu Nacional da Colômbia – o mais antigo do país, criado por lei em 1823 – e elabora ações de apoio, consolidação e desenvolvimento do setor museal colombiano.

IMAGEM CAPTURADA EM 05/6/2011

Vale destacar o Sistema Nacional de Informação Cultural (*Sistema Nacional de Información Cultural* – SINIC),[36] ferramenta desenvolvida pelo Ministério da Cultura da Colômbia com o fim de sistematizar, analisar e difundir informações sobre o setor cultural. Até novembro de 2008, foram identificados em seu diretório 514 museus e apresentados os dados sobre 490 instituições. Dessas, 46,5% eram públicas; 47,1%, privadas; e 3%, mistas.

O Programa Ibermuseus, na publicação Panoramas Museológicos da Ibero-América, disponibilizou dados produzidos pela Rede Nacional de Museus

---

33 INTERNATIONAL COUNCIL OF MUSEUMS (ICOM). *Chinese Museum 2010*. Beijing: Chinese Association of Museums, 2010.

34 Disponível em: www.icom2010.org.cn/icomwbs/webpages/en/about/zhangbai.jsp. Acesso em: dez. 2010.

35 Disponível em: www.museoscolombianos.gov.co. Acesso em: nov. 2010

36 Disponível em: www.sinic.gov.co/SINIC. Acesso em: nov. 2010.

que contabilizaram 460 instituições na Colômbia em 2007.[37] A mais recente pesquisa da Organização dos Estados Ibero-Americanos (OEI)[38] registra 362 museus no país, enquanto os dados do *Instituto Latinoamericano de Museos* (ILAM) indicam 433 instituições cadastradas até outubro de 2010.

ESPANHA

A *Estadística de Museos y Colecciones Museográficas*[39] é um projeto de periodicidade bienal integrante do *Plan Estadístico Nacional*, implantado em 2000, pelo Ministério da Cultura da Espanha. De sua edição de 2008 constaram dados de 1.455 dos 1.560 museus mapeados. Verifica-se que houve aumento no quantitativo registrado desde 2004, quando foram identificados 1.238 museus e coleções museográficas, segundo os dados disponibilizados pelo Ministério da Cultura do país para a publicação Panoramas Museológicos da Ibero-América do Programa Ibermuseus.[40] Desses museus, 65,2% foram considerados públicos, 33% privados e 1,8% mistos. Dentre os museus públicos, os mais numerosos estavam sob administração local (66,8%), seguidos de museus federais (19,2%) e sob administração autônoma (12,3%). Em 2007, o *Museums of the World* forneceu dados relativos a 1.549 museus espanhóis e, um ano antes, os dados do Grupo Europeu de Estatísticas Museais (EGMUS),[41] obtidos em parceria com o projeto espanhol, registraram 1.343 museus.

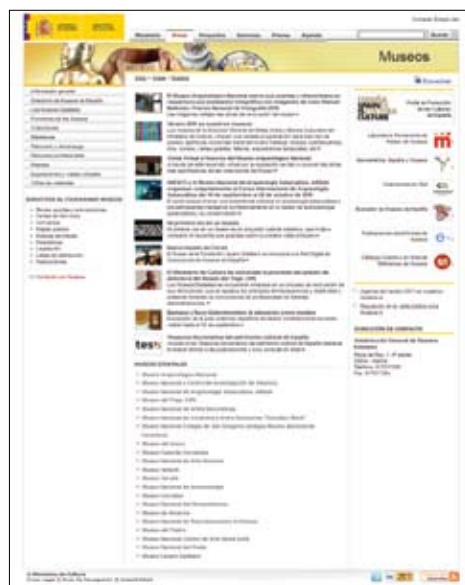



IMAGEM CAPTURADA EM 01/8/2011

37 SOLANO, Ana María Cortés. Panorama de los Museos en Colombia. In: NASCIMENTO, José do; CHAGAS, Mário de Souza (Org.). *Panoramas Museológicos da Ibero-América*. 2. ed. Brasília-DF: Instituto Brasileiro de Museus, 2010.

38 Disponível em: www.oei.es/cultura2/colombia/08c.htm#811. Acesso em: nov. 2010.

39 MINISTERIO DE CULTURA. *Estadística de museos y colecciones museográficas*. España, 2008. Disponível em: http://ca.www.mcu.es/estadisticas/MC/EM/2008/Metodologia.html. Acesso em: out. 2010.

40 PLAZA, Santiago Palomero; LACASTA, Ana Azor. Panorama de los Museos en España. In: NASCIMENTO, José do; CHAGAS, Mário de Souza (Org.). *Panoramas Museológicos da Ibero-América*. 2. ed. Brasília-DF: Instituto Brasileiro de Museus, 2010.

41 MINISTÉRIO DE CULTURA. Spain. In: EUROPEAN GROUP ON MUSEUM STATISTICS (EGMUS). *A Guide to Museum Statistics in Europe. 2011*. Disponível em: www.egmus.eu/uploads/tx_usermusstatistic/Spain_National_Report_2011.pdf. Acesso em: out. 2010.

A pesquisa espanhola segue o conceito de museu definido na *Ley de Patrimonio Histórico Español* 16/1985, o qual distingue museus[42] e coleções museográficas[43]. Além disso, são excluídas unidades de análise empregadas por entidades como o ICOM e o *Museums of the World*. A restrição conceitual contribui para a disparidade entre o resultados das pesquisas analisadas.

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

IMAGEM CAPTURADA EM 05/6/2011

Nos Estados Unidos da América (EUA), há duas grandes referências para dados quantitativos museais: a *National Conference of State Museum Associations* (NCSMA) e o *Institute for Museum and Library Services* (IMLS).[44] A primeira, em levantamento de 1998, agregou dados fornecidos pelos estados americanos e chegou ao total de 15.848 museus. Em 2005, o IMLS, após cruzar dados de fontes diversas utilizando técnicas para eliminação de entradas repetidas, identificou em âmbito nacional 18.410 instituições museológicas. No entanto, o instituto afirma que até 5% das entradas não eram museus propriamente ditos.

IMAGEM CAPTURADA EM 01/8/2011

As duas fontes citadas são reconhecidas e tidas como referências por uma das maiores organizações de interesse museológico dos EUA, a Associação Americana de Museus (*American Association of Museums* – AAM).[45] Com mais de um século de história, o órgão reúne em torno de 15 mil associados e 3 mil instituições museológicas. Destacam-se também, como referências de estatísticas

---

42 Ley de Patrimonio Histórico Español 16/1985. Art 59.3. "Son Museos las instituciones de carácter permanente que adquieren, conservan, investigan, comunican y exhiben para fines de estudio, educación y contemplación conjuntos y colecciones de valor histórico, artístico, científico y técnico o de cualquier otra naturaleza cultural".

43 "El conjunto de bienes culturales que, sin reunir todos los requisitos necesarios para desarrollar las funciones propias de los Museos, se encuentra expuesto al público con criterio museográfico y horario establecido, cuenta con una relación básica de sus fondos y dispone de medidas de conservación y custodia." Disponível em: www.mcu.es/estadisticas/MC/EM/2008/Metodologia.html#a. Acesso em: out. 2010.

44 Disponível em: www.imls.gov. Acesso em: out. 2010.

45 Disponível em: www.aam-us.org. Acesso em: out. 2010.

sobre o setor museológico nos Estados Unidos, iniciativas como o *County Business Patterns*, do censo norte-americano (*U.S. Census Bureau*), e o *The Official Museum Directory* (OMD).[46] O primeiro, em uma pesquisa de 2001, identificou em todo o território nacional 6.032 museus, sítios históricos e instituições similares, número que chegou a 7.312 em 2007. Já o OMD, em estudo de 2009, registrou mais de 8.300 entradas. A publicação *Museums of the World* identificou 8.319 museus nos Estados Unidos em 2007.

IMAGEM CAPTURADA EM 01/8/2011

Em todas as pesquisas consultadas, apesar da grande disparidade entre os números fornecidos pelas diferentes fontes, os Estados Unidos ocupam posição de destaque no que concerne ao número total de museus. É notória a diferença de mais de 10 mil unidades entre os números oficiais do governo, tais como os divulgados no censo, e os do IMLS. No entanto, conforme argumentado, a disparidade entre os dados é uma questão global do setor museológico.

FRANÇA

Com a lei de regulamentação do campo museal no país (*Loi relative aux musées de France*), promulgada em 4 de janeiro de 2002, as estatísticas francesas oficiais passaram a exigir a adoção do título jurídico de *Musées de France*[47] para contabilização. Essa modificação explica a redução no número de museus identificados no período pelo Grupo Europeu de Estatísticas Museais (EGMUS). Aproveitando dados coletados pelo Ministério da Cultura da França, o EGMUS identificou 1.300 museus no país em 2000 e, três anos depois, 1.173 museus. Ademais, nesse estudo constatou-se a preponderância de museus regionais ou locais (65,5%) na França, sendo que 2,5% constaram como federais e 12% como privados.

---

46 Disponível em: www.officialmuseumdirectory.com. Acesso em: out. 2010.

47 O termo *Musée de France* diz respeito aos museus que, associados ao Estado, recebem dele benefícios segundo a *Loi relative aux musées de France, du 4 janvier 2002.*

O Museostat, da *Direction Générale des Patrimoines*, é uma publicação especializada em dados relativos a instituições com título *Musées de France*. Em 2007, foram registrados em sua base de dados 1.207 museus com este status e, um ano mais tarde, 1.210.[48] A julgar pelos dados da pesquisa *Chiffres Clés 2010*,[49] publicada pelo Ministério da Cultura francês, que registrou 1.212 museus cadastrados, o número pouco se modificou. Em 2007, o *Museums of the World* catalogou, 4.873 instituições museológicas, sugerindo que muitos museus na França não possuem o título jurídico oficial do governo.

WWW.DEVELOPPEMENTCULTUREL.CULTURE.GOUV.FR/MUSEOSTAT_2009.PDF

HOLANDA

A Associação Holandesa de Museus (*Nederlandse Museumvereniging*),[50] desde 1926, atua nacionalmente oferecendo serviços e promovendo a construção de canais de comunicação entre museus. Esse organismo possui atualmente 450 membros. No país, destaca-se também a Fundação Museumkaart (*Stichting Museumkaart*), instituição não subsidiada cujo objetivo é promover a visitação de instituições museológicas. Em parceria com o *BankGiroLoterij*, essa fundação é a responsável pela emissão do *Museumkaart*,[51] ou passaporte de museus, que oferece entradas com desconto nos mais de 400 museus holandeses associados. A Fundação Museumkaart disponibiliza o *site* Museum.nl,[52] que divulga informações e notícias sobre museus e exposições no país e que, em

IMAGEM CAPTURADA EM 05/6/2011

---

48 MINISTÈRE DE LA CULTURE ET DE LA COMMUNICATION. Direction Générale des Patrimoines. *Museostat 2008: fréquentation des musées de France*. France: Direction des musées de France, Département des publics, 2009.

49 MINISTÈRE DE LA CULTURE ET COMMUNICATION. *Chiffres clés 2010: statistiques de la culture*. Paris: 2010.

50 Disponível em: www.museumvereniging.nl. Acesso em: fev. 2011.

51 Disponível em: www.museumkaart.nl. Acesso em: fev. 2011.

52 Disponível em: www.museum.nl. Acesso em: fev. 2011.

outubro de 2010, contabilizava 1.254 instituições em seu diretório.

A Agência Central de Estatísticas da Holanda (*Centraal Bureau voor de Statistiek* – CBS)[53] contabilizou 773 instituições museológicas, em 2007, sugerindo declínio em relação aos 942 museus registrados nos dados de 1997. O *Museums of the World* identificou, no mesmo ano, 1.253 instituições museológicas na Holanda. A partir dos dados disponibilizados pela CBS em 2005, o Grupo Europeu de Estatísticas Museais (EGMUS)[54] indicou que, das 773 instituições holandesas, 15% eram regionais ou locais, 8% privadas e 77% estavam registradas como outras instituições públicas. Observa-se que cerca de 3% dos museus no país recebem subsídios do Ministério da Educação, Cultura e Ciência. Esse grupo inclui os maiores e mais visitados museus do país, como o Museu Van Gogh, o *Rijksmuseum* e o *Netherlands' Open Air Museum*.

Cabe ainda mencionar o *Museumserver*[55], que desde 1995 atua como uma plataforma para museus holandeses na internet. Até outubro de 2010, o diretório contava com informações sobre 585 instituições museológicas no país.

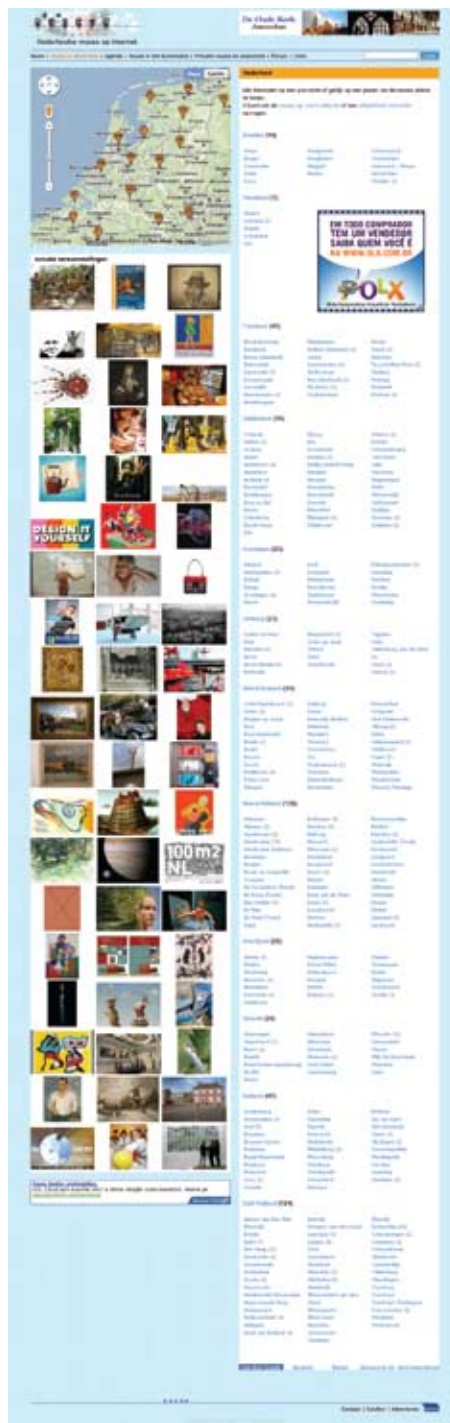



IMAGEM CAPTURADA EM 01/8/2011

53 Disponível em: www.cbs.nl/. Acesso em: fev. 2011.

54 Disponível em: www.egmus.eu/uploads/tx_usermusstatistic/EGMUS_Netherland_2009.pdf. Acesso em: fev. 2011.

55 Disponível em: www.museumserver.nl. Acesso em: fev. 2011.

ITÁLIA

Na Itália, várias associações de museus promovem atividades para o desenvolvimento do campo museológico no país, dentre elas a Associação Nacional dos Museus Locais e Institucionais da Itália (*Associazione Nazionale dei Musei Locali e Istituzionali* – ANMLI),[56] fundada em 1950, e a Associação de Museus Eclesiásticos Italianos (*Associazione Musei Ecclesiastici Italiani* – AMEI),[57] fundada em 1996 com o objetivo de criar uma rede de museus eclesiásticos articulada regional e nacionalmente. Em 2005, por ocasião de sua quinta reunião, em Susa, foi divulgado o texto *Musei Religiosi in Italia*,[58] publicado pelo Touring Club Italiano na série Cultura Guia. Segundo tal publicação, em 2005 existiam na Itália 994 museus religiosos, dos quais 878 pertenciam à Igreja e 116 eram de propriedade não eclesiástica. De acordo com os pesquisadores, a comparação com dados coletados em 1997, que somavam 781 museus religiosos, evidencia um crescimento nesse campo.

IMAGEM CAPTURADA EM 01/8/2011

Os dados do Grupo Europeu de Estatísticas (EGMUS)[59] indicam que a última pesquisa com o objetivo de obter informações de todos os museus na Itália foi realizada pelo Instituto Nacional de Estatísticas (ISTAT) em 1995. Embora haja pesquisas mais recentes e detalhadas, como as realizadas pelo ISTAT e disponibilizadas pelo Ministério das Atividades e Patrimônios Culturais anualmente, essas se dedicam apenas a museus estatais. De modo que, em sua publicação anual, em 2009, o ministério disponibilizou dados somente dos 419 museus estatais na Itália.[60] Os dados do ISTAT de 1995 demonstram que nesse período

56 Disponível em: www.anmli.it. Acesso em: fev 2011.

57 Disponível em: www.amei.biz. Acesso em: fev 2011.

58 GIACOMINI-MIARI, E.; MARIANI, P. *Musei Religiosi in Italia*. Milano: Touring Club Italiano, 2005.

59 Guermandi, Maria Pia; Arosio, Fabrizio Maria. Italy. In: EUROPEAN GROUP ON MUSEUM STATISTICS (EGMUS). *A Guide to Museum Statistics in Europe*. Berlin 2004. Disponível em: www.egmus.eu/uploads/tx_usermusstatistic/Italy.pdf. Acesso em: fev. 2011.

60 Disponível em: www.sistan.beniculturali.it/rilevazioni/musei/Anno%202009/MUSEI_TAVOLA1_2009.pdf. Acesso em: fev. 2011.

havia 3.790 museus no país, dos quais 13% eram estatais, 5,8% universitários, 2,3% regionais e 44% locais. Os museus privados somavam 1.146, compreendendo 30% do total de instituições. A base de dados do *Museums of the World* se aproxima mais dos dados de 1995, quando em 2007 indicou a existência de 3.178 instituições museológicas em território italiano.

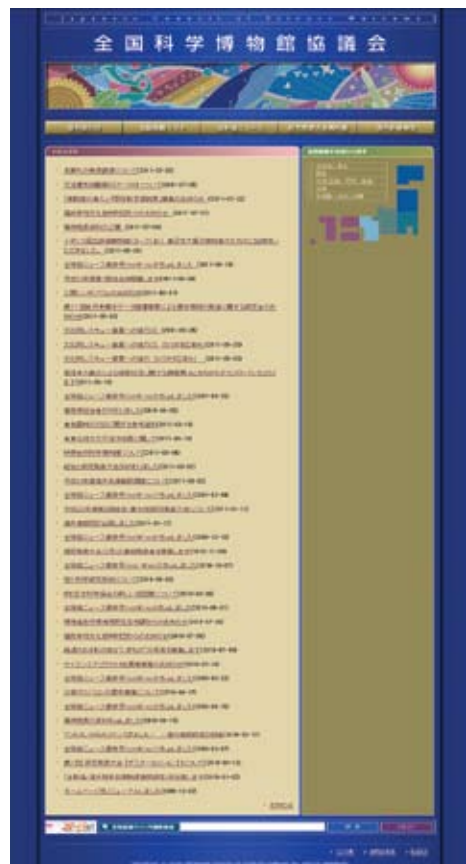
JAPÃO

A partir do Ato dos Museus (*Museum Act*)[61] de 1951, as instituições museológicas japonesas passaram a se classificar em termos de status legal segundo: museus registrados, *museum-equivalent facilities* e *museum-like facilities*. Os primeiros recebem uma série de vantagens, dentre elas tratamento diferenciado com relação ao pagamento de impostos e facilidades na arrecadação de doações. De acordo com o Ato dos Museus, as instituições fundadas por entidades administrativas independentes não podem ser registradas, sendo contabilizadas como instalações equivalentes a museus.

IMAGEM CAPTURADA EM 05/6/2011

IMAGEM CAPTURADA EM 01/8/2011

O Departamento de Políticas para a Aprendizagem Vitalícia, subordinado ao Ministério da Educação, Cultura, Esporte, Ciência e Tecnologia (*Ministry of Education, Culture, Sports, Science and Technology* – MEXT) do Japão, produz regularmente estatísticas sobre o que denomina Educação Social, nas quais estão incluídas pesquisas quantitativas relativas a museus. Na edição de 2005, o *FY Social Education Survey*,[62] seguindo a classificação do Ato dos Museus, identificou 865 museus registrados, 331 instalações equivalentes a museus e 4.418 instalações semelhantes a museus, totalizando

---

61 Act nº 285, of 1951. Last Amended by Act nº 59, June 11, 2008.

62 MINISTRY OF EDUCATION, CULTURE, SPORTS, SCIENCE, AND TECHNOLOGY. *Present status of Museums in Japan - FY 2005 Social Education Survey*. Disponível em: www.mext.go.jp/component/a_menu/education/detail/__icsFiles/afieldfile/2009/04/27/1217880_3.pdf. Acesso em: fev. 2011.

5.614 instituições museológicas no arquipélago. De acordo com essa base de dados, 2,3% dos museus contabilizados foram identificados como federais, 1,2% eram geridos por instituições administrativas independentes, 71% por governos locais, 10,7% por *general incorporated associations* ou *general incorporated foundations* e 14% por entidades privadas ou outros. De acordo com essa fonte, constata-se ainda que atualmente a administração dos maiores museus nacionais cabe a instituições administrativas independentes. Por sua vez, o *Museums of the World* incluiu registros de 1.312 instituições museológicas no ano de 2007 no país.

IMAGEM CAPTURADA EM 05/6/2011

A Associação Japonesa de Museus (*Japanese Association of Museums*),[63] fundada em 1931, é a única organização de museus do país que se propõe a representá-los em todas as suas tipologias. Essa associação – que até 2008 reunia 1.175 instituições e 75 indivíduos membros – também promove a Assembleia Geral de Museus no Japão, assim como realiza pesquisas e grupos de estudo sobre o campo. Os museus japoneses contam ainda com o Conselho Japonês de Museus de Ciência (*Japanese Council of Science Museums*)[64], a Associação Japonesa de Museus de Arte (*Japan Association of Art Museums* – JAAM)[65] e a Associação Japonesa de Planetários (*Japan Planetarium Association* – JPA)[66] – que agregava 240 dos mais de 300 planetários japoneses em 2008. O Japão detém o segundo maior número de planetários do mundo, atraindo mais de 5 milhões de visitantes por ano, conforme os dados da Associação Japonesa de Museus.

---

63 Disponível em: www.j-muse.or.jp. Acesso em: fev. 2011.

64 Disponível em: www.kahaku.go.jp/jcsm. Acesso em: fev. 2011.

65 Disponível em: http://event.yomiuri.co.jp/jaam. Acesso em: fev 2011.

66 Disponível em: http://shin-pla.info/. Acesso em: fev. 2011.

MÉXICO

Referência latino-americana em experiências museológicas, o México possuía um total de 1.058 museus em 2003, dos quais 57,5% eram públicos, 14,5% privados, 2,2% mistos e 22,6% comunitários, de acordo com o Atlas de Infraestrutura Cultural.[67] Cabe destacar que a maioria dos museus públicos estava sob a administração de autoridades estatais e o restante era administrado por secretarias, institutos ou dependências de caráter federal, assim como por instâncias universitárias ou educativas. Em 2007, a publicação *Museums of the World* registrou 912 museus mexicanos enquanto os dados do Sistema de Informação Cultural do México[68] indicaram a existência de 1.208 instituições museológicas.

HTTP://SIC.CONACULTA.GOB.MX/ATLAS2010/ATLAS2010.PDF - CAPA

HTTP://SIC.CONACULTA.GOB.MX/ATLAS2010/ATLAS2010.PDF - P. 121

Em sua publicação de 2010, Panoramas Museológicos da Ibero-América, o Programa Ibermuseus divulgou os dados do Atlas de Infraestrutura Cultural, os quais indicavam que desde a década de 1970 o total de museus mexicanos teria triplicado.[69] Os números oferecidos pelo *Instituto Latinoamericano de Museos* (ILAM) até outubro de 2010 destacam o México, com 1.425 unidades museais, como o segundo país latino-americano com maior quantitativo de museus, atrás apenas do Brasil.

---

67 CONSEJO NACIONAL PARA LA CULTURA Y LAS ARTES (México). *Atlas de infraestructura cultural de México*. México: Consejo Nacional para la Cultura y las Artes, 2003.

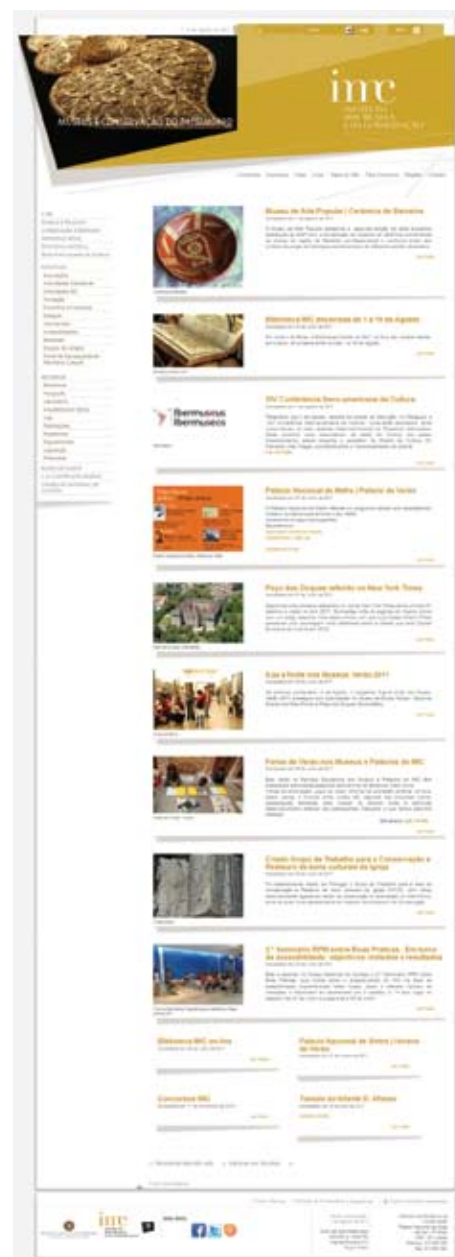
68 Disponível em: http://sic.conaculta.gob.mx. Acesso em: out. 2010.

69 LANZ, Jose Henrique Ortiz. Panorama de los Museos em México. In: NASCIMENTO, José do; CHAGAS, Mário de Souza (Org.). *Panoramas Museológicos da Ibero-América*. 2. ed. Brasília-DF: Instituto Brasileiro de Museus, 2010.

PORTUGAL

O projeto Base de Dados Museus (Bdmuseus) é um instrumento, criado em 2000, resultante da cooperação entre o Instituto Português de Museus (IPM), o Instituto Nacional de Estatística (INE)[70] e o Observatório das Atividades Culturais (OAC).[71] As informações obtidas a partir desta base foram divulgadas na publicação Panorama Museológico em Portugal (2000-2003)[72] e indicaram a existência de 954 unidades museais em funcionamento. Em 2007, como consequência de um amplo processo de reorganização das tutelas de diferentes áreas do patrimônio no país, o Instituto dos Museus e da Conservação (IMC)[73] substituiu o IPM em suas funções e incorporou o Instituto Português de Conservação e Restauro, assim como a estrutura da Rede Portuguesa de Museus.

IMAGEM CAPTURADA EM 01/8/2011

A Rede Portuguesa de Museus (RPM) é um sistema de credenciamento de museus, criado durante o período de atividades do IPM, em 2000. Baseado na adesão voluntária, o universo de instituições integrantes se caracteriza pela diversidade de tutelas, coleções, espaços, atividades educativas, modelos de relação com as comunidades e de sistemas de gestão. Até outubro de 2010, esse sistema contava com 131 museus membros. Em 2004, a Rede ganhou novo sistema organizacional, com a instituição da Lei Quadro dos Museus Portugueses.[74]

70 Disponível em: www.ine.pt. Acesso em: dez. 2010.

71 Disponível em: www.oac.pt. Acesso em: dez. 2010.

72 INSTITUTO PORTUGUÊS DE MUSEUS. *O Panorama Museológico em Portugal (2000-2003)*. Lisboa: Observatório das Atividades Culturais, 2005.

73 Disponível em: www.ipmuseus.pt. Acesso em: dez 2010.

74 Lei nº 47/2004, de 19 de agosto de 2004 – Lei Quadro dos Museus Portugueses.

Em 2010, a publicação do Programa Ibermuseus, Panoramas Museológicos da Ibero-América, reportando-se aos dados de uma pesquisa do INE, de 2002,[75] constatou que a maioria dos 591 museus inquiridos eram públicos. Desses, 40% possuíam administração municipal, seguidos de museus de administração central (18%) e dos governos regionais dos Açores e da Madeira (4%). Ainda de acordo com a publicação, mais da metade dos museus portugueses foram inaugurados a partir da década de 1980, registrando-se, na década seguinte, a abertura de 37% dos museus existentes. Em 2007, o OAC dispunha de 1.023 registros de instituições que se autodenominavam museus, independentemente de terem cumprido os pré-requisitos empregados pela RPM para definir uma instituição museológica. Esses dados apontam para um significativo crescimento no número de museus desde o ano 2000, em Portugal.

Ainda em 2007, foram contabilizados, pelo *Museums of the World*, 646 museus em Portugal. Um ano mais tarde, o Grupo Europeu de Estatísticas Museais (EGMUS) identificou 572 museus no país.

REINO UNIDO

Embora seja possível localizar dados sobre instituições museológicas no Reino Unido, não foram encontradas publicações estatísticas amplas e recentes que periodicamente estudassem museus em todo o seu território, ou seja, que incluíssem Inglaterra, Escócia, País de Gales e Irlanda do Norte, bem como seus domínios ultramarinos.[76] Até o ano 2000, estatísticas britânicas eram disponibilizadas e produzidas pelo projeto DOMUS (*Digest of Museum Statistics*), base de dados da hoje extinta Comissão de Museus e Galerias (*Museums and Galleries Commission* – MGC). Em sua última publicação, em

IMAGEM CAPTURADA EM 01/8/2011

75 CAMACHO, Clara Frayão. Panorama dos Museus em Portugal. In: NASCIMENTO, José do; CHAGAS, Mário de Souza (Org.). *Panoramas Museológicos da Ibero-América*. 2. ed. Brasília-DF: Instituto Brasileiro de Museus, 2010.

76 É possível, no entanto, encontrar dados atualizados sobre museus na Grã-Bretanha em publicações periódicas, como a *Sightseeing in the UK and Visits to Visitor Attractions* realizadas pelo *National Tourist Boards* de Inglaterra, Escócia, País de Gales e Irlanda do Norte. *A Guide to European Museum Statistics*, 2004. Disponível em: www.egmus.eu/fileadmin/statistics/Dokumente/A_guide_toEuropean_Museum_Statistics.pdf. Acesso em: fev. 2011.

1999, o DOMUS reuniu dados sobre 1.850 museus em toda a Grã-Bretanha. O MGC, tendo anexado a *Library and Information Commission*, no ano 2000, foi renomeado Conselho de Museus, Bibliotecas e Arquivos (*Museums, Libraries and Archives Council* – MLA)[77] e passou a dedicar-se, principalmente, embora não exclusivamente, a museus na Inglaterra.

IMAGEM CAPTURADA EM 01/8/2011

O MLA é a agência do governo responsável pelas estatísticas nacionais sobre museus, bibliotecas e arquivos,[78] cujos registros identificaram 2.500 museus no Reino Unido, em 2010.[79] Esse conselho coordena um plano de credenciamento para a promoção de padrões de excelência (*Accreditation Scheme*)[80] que envolvia mais de 1.800 museus até fevereiro de 2011. Cabe lembrar que, nesse período e de acordo com esta instituição, quatro das cinco maiores atrações turísticas do Reino Unido eram museus. O *Digest of Statistics 2006*[81] do MLA indicou que no ano de sua publicação, dos 1.952 museus então identificados, a maioria (43,8%) correspondia a instituições chamadas independentes,[82] seguidas daquelas administradas por autoridades governamentais locais, com 31,1%. Museus administrados pelo governo federal representavam 3,3% do total de instituições museológicas, agências governamentais contavam com 2,7%, instituições de ensino superior com 4,7% e 8,4% eram instituições privadas.

---

77 Disponível em: www.mla.gov.uk. Acesso em: dez. 2010.

78 MUSEUMS LIBRARIES ARCHIVES (MLA). *Your Guide to the MLA*. 2009. Disponível em: www.mla.gov.uk/what/~/media/Files/pdf/2009/POCKET_GUIDE.ashx Acesso em: fev. 2011.

79 Disponível em: www.mla.gov.uk/about/work_with/mla/museums. Acesso em: fev. 2011.

80 MURRAY, Steven. *Statistical report*: *accreditation*. April 2010 meeting update. London: MLA Council, 2010.

81 GREENWOOD, Helen; MAYNARD, Sally. *Digest of Statistics 2006*. Loughborough: Loughborough University, 2006. Disponível em: www/lboro.ac.uk/departments/dis/lisu/. Acesso em: fev. 2011.

82 Segundo a definição do MLA, museus independentes (*independent museums*) são museus cuja administração não é realizada por estruturas de governo central ou local, mas por fundos de caridade (*Charitable Trusts*). Disponível em: www.mla.gov.uk. Acesso em: fev. 2011.

No âmbito não governamental, é importante ressaltar a atuação da Associação de Museus do Reino Unido (*Museums Association* – MA).[83] Criada em 1889, a MA é a mais antiga instituição desse tipo no mundo. Contando com membros individuais, institucionais e corporativos, sua conferência anual é um dos principais eventos da Europa para profissionais de museus e do patrimônio. A sua publicação anual, o *Museums and Galleries Yearbook*, serve de guia de galerias e museus britânicos e estimava para 2010 a existência de cerca de 2.500 museus no Reino Unido, em consonância com os dados apresentados pelo MLA. Em 2007, a publicação *Museums of the World* identificou 2.942 museus em território britânico.

Vale destacar ainda o programa LAMPOST[84] (*Libraries, Archives, Museums and Publishing Online Statistics Tables*), disponibilizado no *site* da Universidade de Loughborough. Com o objetivo de compilar e divulgar dados sobre o campo museal britânico, o portal publica tabelas de estatísticas sobre bibliotecas, arquivos e museus.

A definição de museu desenvolvida pelo ICOM é raramente empregada no setor cultural do Reino Unido, onde é mais frequente o uso de concepções alternativas, como a da própria MA, acordada em 1998. Segundo esse modelo, monumentos e sítios só seriam contabilizados como museus caso contassem com uma coleção permanente. Zoológicos, aquários e jardins botânicos também seriam excluídos dessa definição.[85]

---

83 Disponível em: www.museumsassociation.org. Acesso em: fev. 2011.

84 Disponível em: http://lboro.ac.uk/departments/ls/lisu/lampost.html. Acesso em: fev. 2011.

85 Definição de 1998 da *Museums Association* (MA): "Museums enable people to explore collections for inspiration, learning and enjoyment. They are institutions that collect, safeguard and make accessible artefacts and specimens, which they hold in trust for society." Disponível em: www.museumsassociation.org/about/frequently-asked-questions. Acesso em: fev. 2011.

RÚSSIA

Criado em 1996, o portal *RussianMuseums*[86] é um projeto da Rede Russa do Patrimônio Cultural, patrocinado pela Agência Federal de Imprensa e Comunicações de Massa da Rússia (*Federal Agency on Press and Mass Communications of Russia*). Diariamente atualizados, os dados desta plataforma identificaram, até janeiro de 2011, a existência de 2.204 museus russos.

O Serviço Estatístico Federal da Rússia, em sua publicação *Russia in Figures*,[87] registrou 2.468 museus, em 2007. No mesmo ano, um número menor de instituições russas foi registrado pelo *Museums of the World*: 1.251. Cinco anos antes, a pesquisa dos estudiosos Brakker e Kuzmina,[88] sobre as estatísticas russas e o acesso multilinguístico a informações acerca do setor museológico, contabilizou 2.189 museus no país, sendo 96% ligados ao Ministério da Cultura e 4% de nível nacional.

IMAGEM CAPTURADA EM 01/8/2011

SUÉCIA

Em 2007, a publicação *Museums of the World* destacou o campo museológico sueco, identificando 679 museus no país. No mesmo ano, o Grupo Europeu de Estatísticas Museais (EGMUS) apresentou informações sobre 207 instituições suecas. De acordo com sua base de dados, 32% destes museus foram considerados federais, 59% locais ou regionais e 38% foram contabilizados como outras instituições públicas. Observa-se um decréscimo

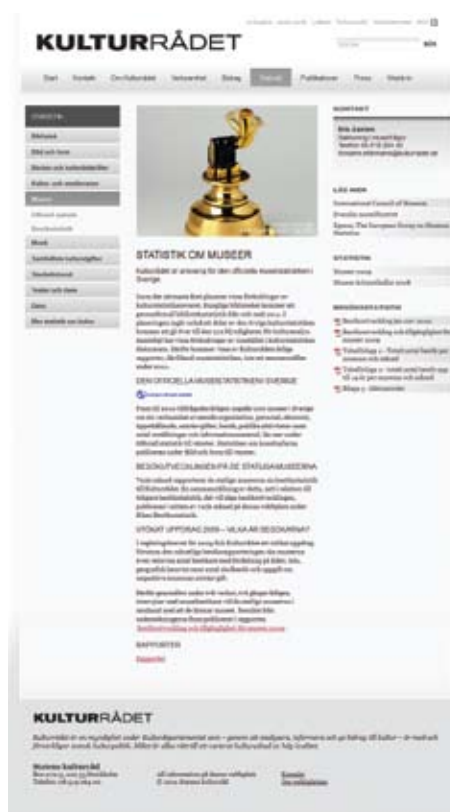
86 Disponível em: www.museum.ru. Acesso em: dez. 2010.

87 Disponível em: www.infostat.ru/eng/catalog.html?page=info&id=303. Acesso em: dez 2010.

88 BRAKKER, Nadezhada; KUZMINA, Elena. *Multilingual Access to Museum Information*. Disponível em: http://mek.oszk.hu/minerva/survey/statistics2/Russia.htm. Acesso em: dez. 2010.

do número de museus, desde 1998, quando a mesma instituição contabilizou 240 instituições.

IMAGEM CAPTURADA EM 01/8/2011

A pesquisa *Museums and Art Galleries 2008*, elaborada pelo Conselho Sueco de Artes (*Kulturrådet*),[89] organismo associado à instituição Estatísticas Suecas (*Statistiska Centralbyrån* – SCB),[90] indicou a existência de 251 museus e galerias de arte e apresentou dados sobre as 214 instituições que responderam à pesquisa. Destas, 40% eram administradas por municípios, em sua maioria por fundações e agências públicas, que, juntas, compreenderam 56% de todos os museus e galerias. A publicação *Museer 2009*,[91] elaborada pela mesma instituição, indicou um decréscimo no quantitativo de museus, contabilizando 203, um ano depois.

SUÍÇA

A Associação de Museus da Suíça (*Association des Musées Suisses* – AMS)[92] foi fundada em 1966, em parceria com o Serviço Federal de Cultura e Turismo da Suíça (*Office Fédéral de la Culture et Suisse Tourisme*), também um dos fundadores do Passaporte de Museus Suíços, em 1997 (*Passeport Musées Suisses*).[93] Essa associação, em 2009, identificou 1.061 museus suíços, e seus registros de 2007 indicaram que das instituições até então mapeadas 35% eram *collectivités publiques*,[94] 34% associações,

IMAGEM CAPTURADA EM 01/8/2011

89 Disponível em: www.kulturradet.se. Acesso em: dez. 2010.

90 Disponível em: www.scb.se. Acesso em: dez. 2010.

91 CONSELHO SUECO DE ARTES. *Museer 2009*. Suécia: Statens Kulturråd, 2009.

92 Disponível em: www.museums.ch. Acesso em: dez. 2010.

93 Disponível em: http://hosting.triboni.com/triboni/exec/x/ch.museumspass.application.webSite.display/xsl/display/language/fr/chapter/home/page/home.html. Acesso em: dez. 2010.

94 Termo empregado para designar pessoa de direito público.

19% fundações de direito privado, 4% entidades privadas, 3% sociedades anônimas e 2% cooperativas. Os dados da publicação *Museums of the World* se aproximaram deste número, contabilizando 1.051 instituições museológicas, em 2007, na Suíça.

O comitê suíço do Conselho Internacional de Museus registra, atualmente, 670 instituições no país, em contraste com os 948 museus suíços contabilizados, em 2005, pela base de dados do Grupo Europeu de Estatísticas Museais (EGMUS).

ACERVO

O número total de bens culturais nos acervos musealizados de um país tem sido historicamente empregado como um dos parâmetros para estudar o campo museológico, por vezes adquirindo status de principal instrumento de mensuração. As estatísticas internacionais indicam que o maior acervo do mundo, com 125 milhões de bens culturais, é o do norte-americano Museu Nacional de História Natural, do Instituto Smithsoniano (*National Museum of Natural History – Smithsonian Institution*).[95] Vale ressaltar que essa é uma soma maior do que o acervo total de muitos países. A China, por exemplo, possuía em 2007 menos de 14 milhões de bens preservados, de acordo com a Agência Estatística Nacional; a Agência Estatística da Austrália contabilizava 52,5 milhões de objetos nos acervos australianos, até 2008 e, em 2004, a Espanha dispunha de mais de 34 milhões de bens culturais. Atualmente, o museu russo Hermitage consta no *Guiness World Records*[96] como detentor da maior coleção de pinturas do mundo, com mais de 3 milhões de bens deste tipo.

É importante destacar que essa categoria, por si só, não é representativa do campo museológico. O foco na quantidade de bens, por exemplo, deixa de examinar o acesso do público a eles ou informações relativas à gestão orçamentária e de pessoal. Ademais, os acervos muitas vezes não são inventariados, dificultando sua mensuração.

---

95 Disponível em: www.mnh.si.edu/. Acesso em: out. 2010.

96 Disponível em: www.guinnessworldrecords.com. Acesso em: nov. 2010.

O emprego de bens culturais como unidade de análise, entretanto, não pode ser desconsiderado. O exame da tipologia de acervo possibilita inferir uma série de informações sobre o cenário museal de um país, ainda que as bases de dados revelem abordagens diferenciadas entre as nações quanto à categorização de museus e seu acervo.

Os resultados de pesquisas que trabalham com tipologia de acervo revelam a preponderância em todo o mundo das categorias Arte e História. A partir dos dados disponibilizados pelo Grupo Europeu de Estatísticas Museais (EGMUS), observa-se que na Alemanha e na Suíça, por exemplo, a maior parte dos museus se enquadrava nas categorias Ciência & Tecnologia e Antropologia (62%, em 2006, e 56%, em 2005, respectivamente). Segundo dados da pesquisa japonesa *FY Social Education Survey*, os museus de História (57%) e Arte (19%) representavam, juntos, cerca de 76% do total de instituições museológicas no Japão, em 2005, enquanto os de Ciência, 8,5%. Em 2007, os dados da Agência Nacional de Estatísticas da China assinalaram que 34,7% de seus museus eram de História e apenas 2%, de Ciências Naturais e Tecnologia. Segundo o *Russia in Figures* de 2009, 34% dos museus da Rússia eram de Arte, História e Arqueologia, enquanto apenas 0,7% se enquadravam na categoria Ciência & Tecnologia. O Programa de Acreditação da Associação Americana de Museus (*Accredditation Program*)[97] registra que, em 2009, a maioria (42%) dos museus cadastrados nos Estados Unidos eram de Artes, 23% de História e 10% multidisciplinares. De acordo com essa fonte, os museus de Ciência & Tecnologia representam apenas 4% do total. Ainda sobre museus norte-americanos, o *County Business Patterns*, do *U.S. Census Bureau*, aponta que, quanto à tipologia de museu, foram contabilizados 4.787 museus de tipo clássico,[98] em 2006, o que corresponde a mais ou menos dois terços do total. O terço restante é composto por jardins botânicos, zoológicos, parques e sítios históricos.

---

97 O programa abrange um selo de aprovação de museus norte-americanos, reconhecendo os museus que tem compromisso com a excelência, a responsabilidade, os padrões profissionais elevados e a continuação da melhoria institucional. Cerca de 779 museus possuem este selo. Mais informações disponíveis em: www.aam-us.org/museumresources/accred. Acesso em: out. 2010.

98 A pesquisa norte-americana emprega a categoria museus do tipo clássico para designar instituições nas quais se enfatiza que o acervo e a visitação são de observação, isto é, não há interação ou intervenção dos visitantes.

Na América Latina, nota-se a preponderância de museus de Arte, de História e de Antropologia. Na Argentina, de acordo com o Instituto Latino-Americano de Museus (ILAM) até outubro de 2010, a maioria é de História (37%), seguida pelos museus de Arte (20%), sendo que os de Antropologia contabilizam 8%. Juntos, esses três tipos correspondem a 65% dos museus argentinos. Os de Ciências Naturais e Ciência & Tecnologia correspondem a apenas 14% do total registrado pelo ILAM para o país. No México, segundo a mesma fonte, os museus de História (17%), Arte (15%) e Antropologia (12%) correspondem à maior parte do universo nacional (44%). O ILAM indica também que, na Colômbia, a maioria dos museus é de Antropologia (25%), Arte (19%) e História (18%).

ACESSO DO PÚBLICO

As estatísticas internacionais sobre museus revelam um predomínio de estudos sobre visitação, especialmente no que concerne a pesquisas quantitativas. Estudos dessa natureza, sejam nos âmbitos nacionais ou mundial, apresentam dificuldades metodológicas semelhantes às encontradas na mensuração de museus e acervos. Muitas instituições museológicas sequer possuem mecanismos de registro de visitação e as pesquisas sobre o assunto seguem abordagens distintas, tornando, como já argumentado, imprecisa a comparação de dados.

Independentemente da metodologia utilizada para contagem de público[99] – controle de ingressos, contadores manuais, sensores eletrônicos e livros de assinaturas, entre outros – foram consideradas nesta sessão apenas informações sobre o número de visitas em cada museu, sem considerar, para efeito de análise, outros aspectos que podem ou não contribuir para um maior ou menor índice de público. Desta forma, não foram observados, por exemplo, se o acesso é gratuito ou pago, os dias e horários de abertura do museu, a estrutura para atendimento de turistas estrangeiros ou de portadores de necessidades especiais.

99 Vale destacar que há pessoas que visitam repetidas vezes um mesmo museu. Em vista disso, os quantitativos de público normalmente referem-se ao número de visitas, e não de visitantes.

Nos países ibero-americanos, com o intuito de conhecer os públicos dos museus, explorar a relação das instituições com a sociedade e desenvolver pesquisas de interesse para o universo dos museus e da Museologia, foi criado o Observatório Ibero-americano de Museus (OIM), a partir das propostas apresentadas no I Encontro Ibero-americano de Museus, na cidade brasileira de Salvador, na Bahia. Iniciativa de caráter interinstitucional, intergovernamental e interdisciplinar, é voltada para a produção, a gestão, o compartilhamento e a construção de conhecimento. Segundo dados apresentados em publicação do Programa Ibermuseus, disponibilizados pelo Ministério da Cultura da Espanha,[100] museus espanhóis receberam 49,7 milhões de visitantes, em 2004, representando uma média de 42,5 mil visitantes por museu. Em 2008, de acordo com o EGMUS[101], este número subiu para 56 milhões de visitantes e uma média de 40,8 mil pessoas por museu aberto. O *Art Newspaper*, jornal de artes com sede em Londres, indicou o Museu do Prado como a instituição museológica mais visitada da Espanha em 2010, com 2,7 milhões de visitas.[102] De acordo com o Instituto de Estatísticas de Portugal, em sua publicação Estatísticas da Cultura de 2009, os 363 museus, jardins zoológicos, botânicos e aquários computados registraram um total de 12,9 milhões de visitantes no ano. O *Art Newspaper*, por sua vez, identificou o Museu Colecção Berardo como o mais visitado de Portugal, em 2010, com 964 mil visitações.

Na Alemanha, em 2008, foi contabilizado um público visitante de 104 milhões, segundo o Instituto de Pesquisa Museológica do país. No entanto, é importante destacar que 22,8% dos museus não forneceram os quantitativos de público ao censo museológico alemão e 74,5% deles receberam menos de 15 mil visitantes. O censo de 2008 assinalou uma ampliação de público em 1.272 museus alemães, em relação ao ano anterior, impulsionada pelo aumento do investimento em relações públicas em atividades educacionais e exibições especiais. Em 2010, o *Art Newspaper* confirmou o *Residenzschloss*, em Dresden, como

---

100 PLAZA, Santiago Palomero; LACASTA, Ana Azor. Panorama de los Museos en España. In: NASCIMENTO, José do; CHAGAS, Mário de Souza (Org.). *Panoramas Museológicos da Ibero-América*. 2. ed. Brasília-DF: Instituto Brasileiro de Museus, 2010.

101 MINISTRY OF CULTURE. Spain. In: EUROPEAN GROUP ON MUSEUM STATISTICS (EGMUS). *A Guide to Museum Statistics in Europe*. Disponível em: www.egmus.eu/uploads/tx_usermusstatistic/Spain_National_Report_2011.pdf. Acesso em: fev. 2011.

102 *Exhibition and Museum Attendance Figures 2010*. The Art Newspaper, London, n. 223, Apr. 2011.

a instituição museológica mais visitada do país, com público de 1,2 milhão, seguida do *Neues Museum*, em Berlim, com 1,1 milhão de pessoas.

Em 2007, a China, por sua vez, atraiu para seus museus 256 milhões de visitantes, de acordo com a Agência Nacional de Estatísticas da China. Dois anos mais tarde, em 2009, o *Art Newspaper* identificou o *National Art Museum of China* como o mais frequentado do país naquele ano, com 900 mil visitações.[103] Em 2010, segundo o periódico chinês *Global Times*, a instituição museológica mais procurada no país foi o Palácio Imperial das Dinastias Ming e Qing, mais conhecido como Cidade Proibida. De acordo com essa fonte, o público diário ideal do Palácio é de 30 mil pessoas, mas o número é frequentemente ultrapassado, chegando a atingir 130 mil visitações em dias de grande movimento. Especula-se que o Palácio Imperial seja a instituição mais visitada no mundo, mas a ausência de divulgação de cifras por parte do governo impede a confirmação dessa informação.[104]

Nos Estados Unidos, o elevado número de museus identificado nas pesquisas é acompanhado por expressivos índices anuais de visitação. Um estudo realizado em 2006 pela Associação Americana de Museus (AAM)[105], intitulado *Museum Financial Information Survey*, revelou que os tipos de museu mais visitados no ano do estudo foram zoológicos, museus de Ciência & Tecnologia e jardins botânicos, obtendo, respectivamente, uma média anual de 440,5 mil, 244,6 mil e 106,2 mil visitações. Conforme pesquisa realizada por Rob Baedeker[106], que compilou a lista dos museus mais visitados nos Estados Unidos, em 2006, os três mais frequentados foram encontrados em Washington D.C., capital do país. O Museu Nacional de História Natural, do Instituto Smithsoniano, é o mais procurado, com 5,8 milhões de visitas, seguido do Museu Nacional do Ar e do Espaço, também pertencente ao Instituto Smithsoniano, com 5 milhões

103 *Exhibition and Museum Attendance Figures 2009*. The Art Newspaper, London, n. 212, Apr. 2010.

104 Global Times, edição de agosto de 2010. Para mais informações, acessar: www.globaltimes.cn/www/english/metro-beijing/update/top-news/2010-08/565661.html. Acesso em: out. 2010.

105 ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE MUSEUS (AAM). *Making the case about the value of museums*. Disponível em: www.aam-us.org/getinvolved/advocate/statistics.cfm. Acesso em: 19 jul. 2010.

106 BAEDEKER, Rob. *Americas 25 most visited museums*. USA Today, 28 Sept. 2007. Disponível em: www.usatoday.com/travel/destinations/2007-09-28-most-visited-museums-forbes_N.htm. Acesso em: out. 2010

de visitas, e pela Galeria Nacional de Arte, com 4,69 milhões. Em 2010, o *Art Newspaper*, identificou o *Metropolitan Museum of Art*, em Nova York, como o terceiro mais visitado do mundo naquele ano, com cerca de 5,2 milhões de visitas. Em seguida, a *National Gallery of Art*, em Washington D.C., com 4,7 milhões de visitas, e o *Museum of Modern Art* (MoMA), em Nova York, com 3,1 milhões figuram, respectivamente, como os museus com o sexto e o sétimo maior público.

A *Direction des Musées de France* divulgou que, em 2007, houve aproximadamente 68 milhões de visitas a instituições museológicas na França, sendo 52 milhões em estabelecimentos com status de *Musée de France*. A região metropolitana de Paris, conhecida por *Île-de-France*, concentrou 60% das visitas, sendo que as cinco grandes instituições (Louvre, d'Orsay, Quai Branly, Pompidou e Versailles) receberam 40%, ou seja, mais de 20 milhões de visitas. De acordo com o *Art Newspaper*, o Museu do Louvre foi o mais visitado do mundo em 2010, com 8,5 milhões de visitas, e o Centro Georges Pompidou o oitavo, com mais de 3 milhões de visitas.

O Ministério dos Bens e Atividades Culturais da Itália informou que em 2009 os museus do país receberam mais de 34 milhões de visitas[107]. Graças ao levantamento, realizado anualmente, foi possível verificar uma queda aproximada de um milhão de visitas desde 2007, que coincide com a crise financeira e econômica mundial iniciada em 2008. Segundo dados governamentais, a instituição museológica estatal mais procurada da Itália foi o Circuito Arqueológico Romano[108], com 4,6 milhões de visitas em 2009. A segunda, as escavações de Pompeia (*Scavi Vecchi e Nuovi di Pompei*), contaram com 2 milhões de visitas nesse período[109]. Os museus do Vaticano receberam um público de 4,5 milhões de visitantes, em 2009[110], mas é importante ressaltar que, por se tratar de um Estado soberano, esse quantitativo não é computado pelo governo italiano. Em 2010, a *Galleria degli Uffizi*, em Florença, contabilizou

---

107 Disponível em: www.sistan.beniculturali.it/Visitatori_e_introiti_musei_09.htm. Acesso em: fev. 2011.

108 O Circuito Arqueológico Romano abarca complexos como Colosseo, Palatino e Foro Romano.

109 Disponível em: www.sistan.beniculturali.it/rilevazioni/musei/Anno%202009/MUSEI_TAVOLA8_2009.pdf Acesso em: out. 2010.

110 Disponível em: http://mv.vatican.va/1_CommonFiles/z-patrons/pdf/Patrons_NewsletterXXXI.pdf. Acesso em: out. 2010.

1,6 milhão de visitações e o *Palazzo Realli*, em Milão, 1,3 milhão, segundo os registros do *Art Newspaper*.

No Japão, de acordo com os dados apurados pelo *Management & Coordination Agency* e o *Report on the Survey on Society and Education*, os museus receberam mais de 130 milhões de visitas no ano de 1992. No entanto, observa-se redução na procura a instituições museológicas japonesas a partir da década de 1990, chegando a 118 milhões, em 2004, declínio mais acentuado que o da população japonesa, observado a partir de 2006. Pesquisas divulgadas pelo *Art Newspaper* sobre o público de exposições de arte realizadas em vários países nos últimos anos indicam, porém, tendência ascendente no país. A sua edição de 2009 revelou que as quatro mostras de arte mais visitadas do mundo naquele ano ocorreram no Japão[111]. No ano seguinte, o mesmo jornal observou que os japoneses mantinham sua posição como o maior público de exposições, agora com as duas primeiras, bem como a quarta e a quinta mostras de maior público no mundo. Com 2 milhões de visitas ao *National Art Center Tokyo*, o Japão figura na 17ª posição na classificação de público de museus no mundo estabelecida pelo *Art Newspaper* em 2010.

No Reino Unido, o Ministério da Cultura, Mídia e Esporte (DCMS)[112] compila indicadores e estatísticas sobre museus nos quais possui ingerência direta, mas não sobre a totalidade dos museus britânicos. Mesmo sem dados precisos, observa-se que o país recebe em seus museus mais de 50 milhões de visitações por ano, sendo 19% de estrangeiros. Segundo o *Art Newspaper*, o Museu Britânico foi o mais visitado do Reino Unido e o segundo mais visitado do mundo, em 2010, com público de 5,8 milhões de pessoas. Em seguida, figuram o *Tate Modern* e a *National Gallery* como quarta e quinta instituições museológicas mais visitadas, com mais de 5 milhões e 4,9 milhões de visitações, respectivamente.

O Serviço Estatístico Federal da Rússia afirmou que museus russos receberam 78,8 milhões de visitas em 2009. Um ano mais tarde, em 2010, o *Art Newspaper*

---

111 *Exhibition and Museum Attendance Figures* 2009. The Art Newspaper, London, n. 212, Apr. 2010.

112 Disponível em: www.culture.gov.uk/images/publications/Museum_PIs_08-09.xls. Acesso em: out. 2010.

divulgou que o museu mais popular da Rússia, o Hermitage de São Petersburgo, obteve mais de 2,4 milhões de visitas, constando como o 13º mais visitado do mundo; já a *State Tretyakov Gallery*, em Moscou, segunda instituição mais buscada no país, atingiu um número superior a 1,2 milhão de visitas.

Conforme os dados do Conselho Sueco de Artes (*Kulturrådet*), entre 2008 e 2009, o número de visitações em museus suecos cresceu em 1 milhão, com a marca de 17,9 milhões. Em 2010, o *Art Newspaper* identificou o *Moderna Museet* como a instituição mais visitada do país, com público de 486 mil pessoas. A Suíça, de acordo com a Associação de Museus Suíços (AMS), também segue tendência ascendente no número de visitações, subindo de 15,3 milhões, em 2006, para 18,2 milhões, em 2009. De acordo com essa fonte, os zoológicos contaram com a maior parte das visitas (26%).

CARACTERIZAÇÃO FÍSICA DOS MUSEUS

Embora empregada como categoria pelo Cadastro Nacional de Museus, não foram encontrados dados estatísticos detalhados sobre o assunto no âmbito museal internacional.

SEGURANÇA E CONTROLE PATRIMONIAL

A consulta às estatísticas sobre o campo museológico internacional revelou a escassez de informações relacionadas às variáveis sobre segurança e controle patrimonial de museus. A falta de dados, no entanto, não confirma necessariamente que este tópico seja ignorado pelas agências de pesquisa ou pelo próprio setor museológico.

A criação de instâncias especializadas em segurança e controle patrimonial, a exemplo do Comitê Internacional de Segurança de Museus[113], sugere uma preocupação com essa área. Aprovado pela 10ª Assembleia Geral do ICOM, em

113 Disponível em: www.icom-icms.org Acesso em: out. 2010.

junho de 1974, o comitê tem como objetivos formular e executar programas relacionados à segurança do museu. Ademais, visa estimular o desenvolvimento de fóruns para a interação de diversos segmentos do setor museal interessados na segurança e representar os interesses do ICOM nessa área.

A carência de estatísticas disponíveis sobre segurança e controle patrimonial pode ser creditada à sua natureza sigilosa. A ausência de divulgação dos dados possivelmente estaria inscrita entre as estratégias de segurança das instituições.

ATIVIDADES

As atividades desenvolvidas nos museus compreendem ações e programações que envolvem a participação da comunidade em práticas educacionais e culturais. Um dos maiores e mais antigos comitês do Conselho Internacional de Museus (ICOM) é dedicado ao tema: o Comitê para a Ação Educativa e Cultural (*Committee for Education and Cultural Action* – CECA)[114]. Interessado na promoção de ações educativas e culturais em museus, o grupo realiza fóruns de discussão e intercâmbio entre museus e profissionais da área.

Na base de dados do Grupo Europeu de Estatísticas Museais (EGMUS) são disponibilizadas informações sobre programas desenvolvidos na área de educação e cultura por museus de países europeus. Observa-se que, na Bélgica, 52% das instituições registradas pelo EGMUS desenvolvem pelo menos um programa especial de educação. Destes, 88% são realizados em parcerias com escolas. Em Portugal, 41% dos museus têm programação de educação especial para escolas e 29%, para a terceira idade. Já na Espanha, 57,6% dos museus têm pelo menos um programa especial de educação museal, sendo que, destes, 79% são para escolas, 20% para a terceira idade e 7,5% para minorias étnicas. O Conselho Japonês de Museus de Arte (*Japanese Council of Art Museums* – JCAM)[115] é uma das iniciativas que objetiva integrar a comunidade à programação das instituições museológicas por meio de ações educativas e culturais.

---

114 Disponível em: http://ceca.icom.museum. Acesso em: out. 2010.

115 Disponível em: www.zenbi.jp/en/index.htm. Acesso em: out. 2010.

Fundado em 1952, o JCAM promove uma série de grupos de trabalho, dentre eles o Grupo de Estudos Educacional, que realiza estudos e pesquisas relacionados à arte, a museus de arte e à educação.

Nos Estados Unidos, são desenvolvidas ações educativas como o programa Museus para a América (*Museums for America* – MFA)[116], coordenado pelo *Institute for Museum and Library Services* (IMLS)[117]. Seu principal objetivo é fortalecer a imagem dos museus como um recurso ativo para o aprendizado em parceria com a comunidade, desenvolvendo projetos que investem em publicações, pesquisas e tecnologia.

RECURSOS HUMANOS

O estudo sobre a comunidade profissional museológica é uma variável reveladora da realidade museal de um país. As estatísticas sobre o setor apresentam números tanto sobre funcionários assalariados quanto voluntários e indicam o papel que o voluntariado tem desempenhado no setor. No entanto, é interessante ressaltar que, em muitos países, os dados fornecidos não distinguem voluntários de funcionários permanentes.

No cenário europeu, o EGMUS disponibilizou dados de alguns países, embora muitos possuam bases anuais diferentes. Na Espanha, por exemplo, os últimos dados são provenientes da *Estadística de Museos y Colecciones Museográficas*, realizada em 2008 pelo Ministério da Cultura do país, na qual foram identificados 14,8 mil empregados remunerados trabalhando em museus – desse total, 4,1 mil (27,8%) eram especializados. Constatou-se ainda que a maioria tem contrato permanente (63,8%), 23,3% são temporários e 6,9% são voluntários. No mesmo ano, Portugal apresentava um quadro com cerca de 3,4 mil empregados no total, dos quais 2 mil (59,1%) eram especializados. Ainda de acordo com o EGMUS, em 2007, a Holanda empregava 8,5 mil funcionários no setor e contavam com 21,3 mil voluntários.

---

116 Disponível em: www.imls.gov/pdf/FY09_CJ_Web.pdf. Acesso em: fev. 2011.

117 Disponível em: www.imls.gov. Acesso em: fev. 2011.

Os últimos dados sobre profissionais do setor museológico na Grã-Bretanha foram registrados pelo Conselho de Museus, Bibliotecas e Arquivos (*Museums, Libraries and Archives Council* – MLA). Em 2003, a organização identificou 27,6 mil funcionários[118] em museus britânicos. Três anos mais tarde, o *Digest of Statistics 2006*, da mesma instituição, indicou que a Inglaterra contava com 60% de funcionários voluntários. No período de 2008 a 2009, de acordo com a MLA, o setor dispunha de 38,5 mil voluntários, sendo 20,8 mil em museus e galerias.

Os museus australianos, de acordo com a Agência Estatística Australiana, empregavam 7,8 mil pessoas, além de 23,4 mil voluntários, em 2008[119]. No mesmo ano, a Agência Nacional de Estatísticas da China indicou que o país contava com 42,6 mil profissionais do campo museológico. Destes, aproximadamente 42% trabalhavam nos chamados *comprehensive museums*[120] e 38,6%, em museus históricos.

De acordo com publicações de 2009, a Associação de Museus do Canadá contabilizou 24 mil profissionais trabalhando em museus e 55 mil voluntários[121]. Os dados do censo norte-americano (*US Census Bureau*), em 2007, indicaram o expressivo número de 128,5 mil empregados no setor museal nos Estados Unidos. Cabe destacar que o elevado quantitativo de funcionários identificados nos museus norte-americanos corresponde ao também significativo número de instituições museológicas existentes naquele país.

---

118 *Digest of Statistics for Museums, Libraries and Archives* (LISU). MLA: Museums, Libraries and Archives Council. 2005. Disponível em: www.lboro.ac.uk/departments/dils/lisu/downloads/digest05.pdf. Acesso em: fev. 2011.

119 Disponível em: www.abs.gov.au/AUSSTATS/abs@.nsf/DetailsPage/8560.02007-08?OpenDocument. Acesso em: dez. 2010.

120 Os *comprehensive museums* dizem respeito a instituições que abrangem múltiplas temáticas. Esta categoria desenvolvida na China aborda temas relacionados a vários aspectos da vida e da sociedade, como história, natureza, ciência e tecnologia, artes, folclore e as chamadas *relíquias históricas*, entre outros. Para mais informações sobre o termo acessar www.chinamuseum.info. Acesso em: dez. 2010.

121 Disponível em: www.museums.ca/?n=13-112-206&pressreleasesId=389. Acesso em: fev. 2011.

ORÇAMENTO

O estudo das despesas e receitas anuais dos museus pode ser utilizado como indicador do orçamento relativo aos campos museológicos de diferentes países. Embora muitos estudos não forneçam informações detalhadas dessa natureza, dado o seu caráter sigiloso, foi possível enumerar, a seguir, informações orçamentárias sobre os museus de alguns dos países pesquisados.

A já citada pesquisa realizada pela Associação Americana de Museus (AAM)[122], no que se refere ao orçamento dos museus norte-americanos, verificou que a receita gerada pelas instituições museológicas cobre apenas um terço do valor do custo médio (US$ 23.35) necessário para atender cada visitante. As doações privadas constituem a maior fonte de receita (35%), enquanto o financiamento governamental provê menos de 25% e as receitas advindas de investimentos financeiros são da ordem de 10%. Observa-se também que a maior parte dos gastos dos museus nos Estados Unidos, em média 51%, é destinada a recursos humanos. O estudo evidencia ainda que os turistas que visitam museus nos Estados Unidos costumam gastar duas vezes mais do que a média mundial. Assim, embora os museus não movimentem expressivamente a economia americana de forma direta, contribuem de forma indireta ao atrair turistas que dinamizam a economia. Vale destacar que, em 2007, os museus americanos geraram US$ 13 bilhões.

No Canadá, a receita total das instituições museais no ano de 2008 cresceu 1,9% quando comparada ao ano anterior e atingiu o valor de C$ 1,19 bilhão. As províncias que tiveram maior receita foram Ontário (40%), Quebec (27%) e Colúmbia Britânica (13%). As despesas totais no mesmo período somaram C$ 1,17 bilhão, crescimento de 1,8% em relação a 2007, sendo que 44,4% eram compostos por despesas com recursos humanos. Apesar de a maioria das instituições ser de natureza não lucrativa, o somatório dos balanços dos museus registrou em 2008 uma margem de lucro de 1,9% em relação à receita total. Com base nos dados disponíveis, pode-se concluir que o orçamento das insti-

---

122 AMERICAN ASSOCIATION OF MUSEUMS (AAM). *Museum Financial Information*. Washington D.C., 2006.

tuições museais canadenses encontra-se equilibrado e em constante expansão, inclusive obtendo aumento de arrecadações nos último três anos[123].

A Agência Nacional de Estatísticas da China divulgou em 2007 informações sobre o desempenho financeiro das instituições museológicas chinesas. Os gastos totais do setor contabilizavam CNY ¥4,72 bilhões, dos quais CNY ¥156 milhões foram gastos na manutenção dos museus. O aporte de recursos por parte do governo para complementar o orçamento foi de CNY ¥1,83 bilhão.

Os museus australianos, entre 2007 e 2008, geraram uma receita de AU$998,4 milhões e gastos de AU$860,1 milhões. A principal fonte de receita, de acordo com a Agência Estatística Australiana, foram os investimentos governamentais, que representaram dois terços ($657,8 milhões) da receita total. Deste total, a maior parte é proveniente dos governos estaduais e territoriais (62,2% do investimento governamental ou $409,2 milhões), seguidos do governo federal (31,2% do investimento governamental ou $205,4 milhões). Em 2007, os investimentos de governos locais representaram 6,6% ($43,3 milhões) do total do aporte governamental na área museológica.

Quanto aos dados orçamentários para o campo museológico argentino, o programa Ibermuseus, em sua publicação Panoramas Museológicos da Ibero-América, a partir de dados disponibilizados pelo Ministério da Cultura da Argentina[124], traz informações sobre os museus públicos federais argentinos, que representam 16,9% do total do país. Dentre essas instituições, um quarto depende da Secretaria de Cultura do país, mais especificamente da *Dirección Nacional de Patrimonio y Museos*, e recebem anualmente US$ 5 milhões para a sua gestão.

Na Suécia, segundo o Conselho Sueco de Artes, dois terços do financiamento dos museus, em média, advêm de subsídios. O Estado foi, em 2009, o maior financiador, responsável por 42% dos rendimentos das instituições. Em

---

123 CANADA STATISTICS. Heritage Institutions 2008. *Service Industries Newsletter*, Ottawa, Apr. 2010.

124 CASTILLA, Américo. Panorama de los Museos en Argentina. In: NASCIMENTO, José do; CHAGAS, Mário de Souza (Org.). *Panoramas Museológicos da Ibero-América*. 2. ed. Brasília-DF: Instituto Brasileiro de Museus, 2010.

seguida, aparecem os governos municipais e, em sequência, os condados e os conselhos regionais.

Na Alemanha, de acordo com as estatísticas anuais do Instituto de Estatísticas da Alemanha, as despesas do orçamento público em museus, acervos e exposições têm aumentado ao longo dos anos. No ano 2000, foram gastos € 1,28 milhão, enquanto em 2005, último ano ao qual se faz referência, a quantia sobe para € 1,53 milhão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos dados analisados e nas temáticas desenvolvidas neste capítulo, algumas considerações se fazem necessárias. A partir da coleta e sistematização de dados das estatísticas consultadas, pode-se concluir que o limitado acesso a fontes sobre o tema e a falta de consenso conceitual e metodológico em pesquisas sobre a área são questões globais e não específicas de determinados países. O esboço do panorama estatístico internacional dos museus envolve o diálogo entre diversas abordagens de mensuração do campo museológico. Não há uma iniciativa global e centralizada de mapeamento do setor; pelo contrário, múltiplas ações, com escopos diferenciados, devem ser consideradas.

Retratar esse cenário a partir do emprego das oito categorias desenvolvidas pelo CNM, dada a variedade das informações consideradas, possibilitou um universo de informações mais amplo. O levantamento de 20 países que configurariam o G-20 Museal envolveu a análise de dados gerados por vários organismos e agências e, no entanto, observou-se que a maioria das pesquisas não apresenta informações detalhadas sobre grande parte das categorias empregadas pelo CNM. Tendo em mente os obstáculos inerentes a este tipo de exercício comparativo, provou-se inviável realizar um estudo pormenorizado dos campos museológicos dos 20 países, em cada categoria. Afinal, mesmo quando existentes, informações estatísticas sobre museus muitas vezes não são divulgadas fora das instituições onde foram sistematizadas. Observou-se ainda que os dados mais frequentes são aqueles referentes ao número de museus, acervo e, principalmente, às visitações. Poucas informações relativas

a características físicas, atividades e segurança e controle patrimonial foram encontradas. Merece destaque a carência de dados sobre a última categoria, fato creditado ao caráter sigiloso de dados e informações a respeito de planos de segurança das instituições analisadas.

Consequentemente, a quantidade e a qualidade dos dados inseridos nas categorias empregadas se distinguem de acordo com os países sob estudo e a disponibilidade de fontes. Ao longo deste exercício, foi constatada uma série de incongruências entre os dados das pesquisas examinadas. Nas esferas nacionais, há agências especializadas em estatísticas museais que empregam metodologias e concepções de museu distintas e cujos resultados não são comparáveis. Muitas não distinguem entre museus cadastrados e mapeados, sendo que a maioria das pesquisas se refere aos primeiros. No âmbito internacional, esta realidade se torna mais complexa na medida em que envolve um número maior de entidades. Entre as pesquisas sobre o campo museológico também foram constatadas diferenças temporais. Embora haja iniciativas cujos dados sejam sistematicamente atualizados, os intervalos de tempo entre publicações, de forma geral, tendem a ser distintos.

As divergências temporais e metodológicas encontradas entre as estatísticas analisadas dificultam o estudo comparativo dos campos museais sob exame e, portanto, tornam o delineamento de um G-20 Museal ainda um desafio. Embora não tenham sido encontrados meios para uma comparação sobre o desempenho dos campos museais entre países, provou-se plausível analisar as iniciativas estatísticas em si. A partir delas, podem ser tecidas algumas considerações que contribuem para o esboço do cenário das estatísticas sobre museus no mundo.

A pluralidade e periodicidade de estatísticas sobre museus revelam o interesse nesta área, em especial por parte do setor governamental. A maior parte das pesquisas examinadas procedia de institutos estatísticos federais ou entidades em parceria com organismos governamentais. A criação de instituições, leis, políticas públicas, estudos periódicos e outros focados especificamente no campo museal atestam para a relevância que investigações sobre o tema têm ganhado no mundo. O interesse midiático em estatísticas sobre museus,

muitas vezes focando dados relativos a quantitativos de público e acervo, também não poderia deixar de ser citado.

Embora sejam observadas iniciativas nesta área, é preciso ressaltar a grande dificuldade encontrada na obtenção de dados atualizados sobre museus no mundo. As informações, mesmo quando existentes, muitas vezes têm o seu acesso restrito. Ademais, grande parte das estatísticas examinadas não tem periodicidade regular, dificultando o acompanhamento do setor ao longo dos anos e o desenvolvimento de análises mais aprofundadas.

Uma reflexão sobre a participação brasileira neste cenário destaca os investimentos na área no País, como a criação da Política Nacional de Museus e do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM). Com o desenvolvimento de programas, como o Cadastro Nacional de Museus (CNM), e de iniciativas como o Sistema Brasileiro de Museus (SBM), o Brasil se aparelha para a coleta, o processamento e a análise de dados, assim enriquecendo o quadro de informações sobre o campo museológico nacional e contribuindo para o desenvolvimento global da área.

Em parceria com os diversos setores que compõem o campo e aplicadas de forma continuada, ações de valorização do campo museológico, como as citadas, têm projetado o País internacionalmente. Além de ocupar, atualmente, a presidência do Programa Ibermuseus, o Brasil foi recentemente eleito como sede do próximo encontro do Conselho Internacional de Museus (ICOM) e figurou, na última edição do jornal *Art Newspaper*, dentre as nações com o maior público de exposições e de instituições museológicas. Somados ao crescente contingente de museus encontrado pelo CNM no País, tais fatos servem como indicadores importantes do papel brasileiro no panorama museológico global e oferecem subsídios para futuras pesquisas sobre o campo. No plano nacional, a realidade museológica brasileira pode ser observada mais detalhadamente a partir dos dados dispostos e analisados nos capítulos a seguir.

Brasil

Panorama Nacional

A diversidade museal brasileira reflete matizes históricas, políticas, econômicas, sociais e culturais do País. Com o intuito de identificar e analisar características dos museus brasileiros que formam essa diversidade, a pesquisa realizada pelo Cadastro Nacional de Museus (CNM), com data de corte em 10 de setembro de 2010, mapeou 3.025 unidades museológicas em todo País.

O propósito do presente capítulo, nomeado Panorama Nacional, é compreender em detalhes a constituição do universo museal brasileiro. Os dados obtidos foram organizados e tratados em subcapítulos, assim ordenados: *Dados Institucionais*; *Acervo*; *Acesso do Público*; *Caracterização Física dos Museus*; *Segurança e Controle Patrimonial*; *Atividades*; *Recursos Humanos*; e *Orçamento*.

1. DADOS INSTITUCIONAIS

No Cadastro Nacional de Museus, os dados institucionais referem-se a informações de identificação e localização das instituições museológicas. Para estas primeiras análises, considerou-se o universo das 3.025 unidades museológicas mapeadas pelo CNM em todo Brasil.

FONTE: CADASTRO NACIONAL DE MUSEUS - IBRAM / MINC, 2010

Observa-se, inicialmente, a distribuição dessas instituições pelo território nacional, ilustrada no Mapa 1. Constata-se que a presença de museus ocorre de forma desigual nas regiões brasileiras. O Sudeste e o Sul do País são as regiões com o maior número de unidades museológicas, concentrando cerca de 67% dos museus brasileiros. Os Estados de São Paulo, Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Paraná e Rio de Janeiro aparecem, nessa ordem, como os que apresentam a quantidade mais elevada de museus.

O Nordeste é a terceira região em quantitativo de museus, abrigando aproximadamente 21% do total de instituições mapeadas. Bahia, Ceará e Pernambuco são os Estados nordestinos que mais se destacam em número de instituições museológicas.

Nas regiões Norte e Centro-Oeste, estão situados 12% dos museus brasileiros, ressaltando-se que Pará, Amazonas, Goiás e Distrito Federal são as unidades federadas, nestas regiões, que detêm os maiores quantitativos.

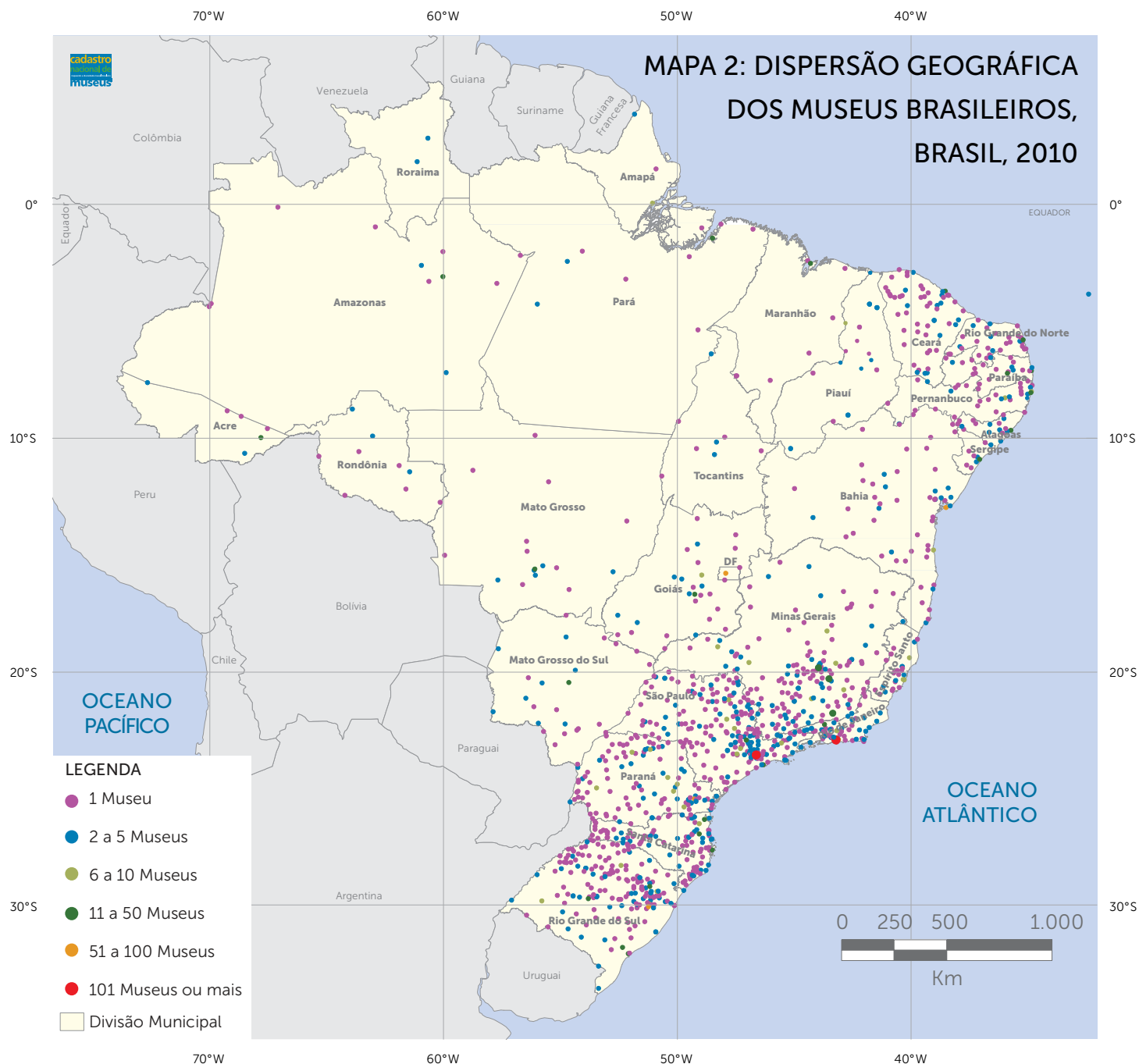
O Mapa 2 apresenta a dispersão geográfica dos museus no território nacional, segundo seis faixas de concentração: *1 museu*; *2 a 5 museus*; *6 a 10 museus*; *11 a 50 museus*; *51 a 100 museus*; e *101 ou mais museus*. Observa-se a preponderância de museus na região costeira e em zonas urbanas frente aos situados no interior.

As faixas *1 museu* e *2 a 5 museus* predominam em todo o território nacional, contudo, nota-se maior concentração dessas faixas nas regiões Sul, Sudeste e Nordeste. A faixa de *51 a 100 museus* é encontrada no Distrito Federal e nas capitais Porto Alegre (RS) e Salvador (BA), enquanto os Estados do Rio de Janeiro e de São Paulo são os únicos do País a apresentar a faixa de *101 ou mais museus por localidade*.

A predominância de museus na faixa litorânea está associada, entre outros fatores, à dinâmica econômica e social de ocupação do território nacional, que levou a uma maior concentração populacional em determinadas regiões.[1]

Cabe ressaltar que a relação entre população e número de museus é um dado importante para a análise do campo museal. Essa informação contribui para estudos e reflexões sobre desigualdades regionais na esfera cultural e acessibilidade a museus, assim como serve de subsídio para priorizar ações e para o desenvolvimento de políticas públicas de museus.

---

1 INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Centro de Documentação e Disseminação de Informações. *Brasil em números = Brazil in figures*. Rio de Janeiro, 2008. v. 1.

FONTE: CADASTRO NACIONAL DE MUSEUS - IBRAM / MINC, 2010

A seguir, a Tabela 1 mostra o número de museus nas capitais brasileiras e nas unidades federativas. Além da forte presença de museus nas capitais, é possível verificar, também, diferenças no quantitativo de museus entre os Estados de uma mesma região. No Sul, por exemplo, o Rio Grande do Sul possui quase o dobro de museus de Santa Catarina. Na região Sudeste, São Paulo apresenta oito vezes mais museus que o Espírito Santo e, no Nordeste, a Bahia possui seis vezes mais museus que o Maranhão.

TABELA 1 - NÚMERO DE MUSEUS NAS CAPITAIS, NAS UFs E PORCENTAGEM DE CONCENTRAÇÃO DE MUSEUS NAS CAPITAIS E NO DISTRITO FEDERAL, BRASIL, 2010

CAPITAL	NÚMERO DE MUSEUS NA CAPITAL	NÚMERO DE MUSEUS NA UF	PORCENTAGEM DE CONCENTRAÇÃO DE MUSEUS NAS CAPITAIS EM RELAÇÃO AO TOTAL DA UF (%)
Brasil	**923**	**3.025**	**30,5**
Norte	87	146	59,6
Porto Velho (RO)	5	15	33,3
Rio Branco (AC)	14	23	60,9
Manaus (AM)	29	41	70,7
Boa Vista (RR)	4	6	66,7
Belém (PA)	26	42	61,9
Macapá (AP)	6	9	66,7
Palmas (TO)	3	10	30,0
Nordeste	255	632	40,3
São Luís (MA)	17	23	73,9
Teresina (PI)	6	32	18,8
Fortaleza (CE)	31	113	27,4
Natal (RN)	22	65	33,8
João Pessoa (PB)	22	63	34,9
Recife (PE)	44	98	44,9
Maceió (AL)	27	61	44,3
Aracaju (SE)	15	25	60,0
Salvador (BA)	71	152	46,7
Sudeste	307	1151	26,7
Belo Horizonte (MG)	41	319	12,9
Vitória (ES)	10	61	16,4
Rio de Janeiro (RJ)	124	254	48,8
São Paulo (SP)	132	517	25,5
Sul	161	878	18,3
Curitiba (PR)	70	282	24,8
Florianópolis (SC)	28	199	14,1
Porto Alegre (RS)	63	397	15,9
Centro-Oeste	113	218	51,8
Campo Grande (MS)	16	54	29,6
Cuiabá (MT)	20	43	46,5
Goiânia (GO)	17	61	27,9
Distrito Federal (DF)	60	60	100,0

FONTE: CADASTRO NACIONAL DE MUSEUS - IBRAM / MINC, 2010

Nota-se que a taxa nacional de instituições museológicas localizadas em capitais é de 30,5%, sendo que na região Norte esse percentual eleva-se para 59,6%. Na região Sul, onde há menor concentração de museus nas capitais, o número cai para 18,3%.

Minas Gerais é o Estado com a menor taxa de concentração de museus na capital (12,9% das instituições ficam em Belo Horizonte). Na capital maranhense, São Luís, essa taxa sobe para 73,9%. Já o Distrito Federal (DF) destaca-se por representar um caso atípico: devido sua natureza política peculiar – seu território, de acordo com a Constituição Federal, não pode ser dividido em municípios –, a concentração de museus na capital será sempre de 100%.

O município do Rio de Janeiro registra 48,8% dos museus do Estado. Entretanto, apesar da grande concentração na capital, há considerável distribuição de museus entre os demais municípios fluminenses.

A Tabela 2 apresenta os dados de cada Unidade da Federação com informações sobre número de museus, municípios, população e a proporção entre população e número de museus.

O Rio Grande do Sul ocupa a primeira posição no quesito museus por número de habitantes, com a relação mais baixa, de um museu para cada 26.657 habitantes. Em seguida, aparecem os Estados do Acre, com 28.495 habitantes por museu, e Santa Catarina, com 29.479 habitantes por museu. O Maranhão possui a maior proporção de habitantes por museu do País, 266.043, número significativamente maior que o do Pará, que aparece na sequência com 168.228 habitantes por museu. No Tocantins, a relação também é superior a 100.000 habitantes para cada museu.

Nota-se ainda que o Maranhão apresenta o menor percentual de municípios com museus (3,2%) e nos Estados de Tocantins, Pará, Piauí e Paraíba, mais de 90% das cidades não possuem unidades museológicas.

TABELA 2 - DISTRIBUIÇÃO DE MUNICÍPIOS, POPULAÇÃO E MUSEUS POR UNIDADES DA FEDERAÇÃO E GRANDES REGIÕES, BRASIL, 2010

UNIDADE DA FEDERAÇÃO	NÚMERO DE MUNICÍPIOS COM MUSEUS*	NÚMERO DE MUNICÍPIOS**	% MUNICÍPIOS COM MUSEUS POR TOTAL DE MUNICÍPIOS	POPULAÇÃO**	NÚMERO DE MUSEUS*	POPULAÇÃO/ NÚMERO DE MUSEUS
Brasil	**1.174**	**5.564**	**21,1**	**183.987.291**	**3.025**	**60.822**
Norte	49	449	10,9	14.623.316	146	100.160
Rondônia (RO)	9	52	17,3	1.453.756	15	96.917
Acre (AC)	6	22	27,3	655.385	23	28.495
Amazonas (AM)	11	62	17,7	3.221.939	41	78.584
Roraima (RR)	2	15	13,3	395.725	6	65.954
Pará (PA)	11	143	7,7	7.065.573	42	168.228
Amapá (AP)	3	16	18,8	587.311	9	65.257
Tocantins (TO)	7	139	5,0	1.243.627	10	124.363
Nordeste	246	1.793	13,7	51.534.406	632	81.542
Maranhão (MA)	7	217	3,2	6.118.995	23	266.043
Piauí (PI)	16	223	7,2	3.032.421	32	94.763
Ceará (CE)	55	184	29,9	8.185.286	113	72.436
Rio Grande do Norte (RN)	32	167	19,2	3.013.740	65	46.365
Paraíba (PB)	22	223	9,9	3.641.395	63	57.800
Pernambuco (PE)	31	185	16,8	8.485.386	98	86.586
Alagoas (AL)	19	102	18,6	3.037.103	61	49.789
Sergipe (SE)	7	75	9,3	1.939.426	25	77.577
Bahia (BA)	55	417	13,2	14.080.654	152	92.636
Sudeste	432	1.668	25,9	77.873.120	1.151	67.657
Minas Gerais (MG)	149	853	17,5	19.273.506	319	60.419
Espírito Santo (ES)	23	78	29,5	3.351.669	61	54.945
Rio de Janeiro (RJ)	50	92	54,3	15.420.375	254	60.710
São Paulo (SP)	205	645	31,8	39.827.570	517	77.036
Sul	377	1.188	31,7	26.733.595	878	30.448
Paraná (PR)	111	399	27,8	10.284.503	282	36.470
Santa Catarina (SC)	97	293	33,1	5.866.252	199	29.479
Rio Grande do Sul (RS)	168	496	33,9	10.582.840	397	26.657
Centro-Oeste	70	466	15,0	13.222.854	218	60.655
Mato Grosso do Sul (MS)	24	78	30,8	2.265.274	54	41.950
Mato Grosso (MT)	17	141	12,1	2.854.642	43	66.387
Goiás (GO)	28	246	11,4	5.647.035	61	92.574
Distrito Federal (DF)***	1	1	100,0	2.455.903	60	40.932

FONTE: CADASTRO NACIONAL DE MUSEUS - IBRAM / MINC, 2010 E INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE)

Notas: * Dados fornecidos pelo Cadastro Nacional de Museus.

** Dados fornecidos pelo IBGE.

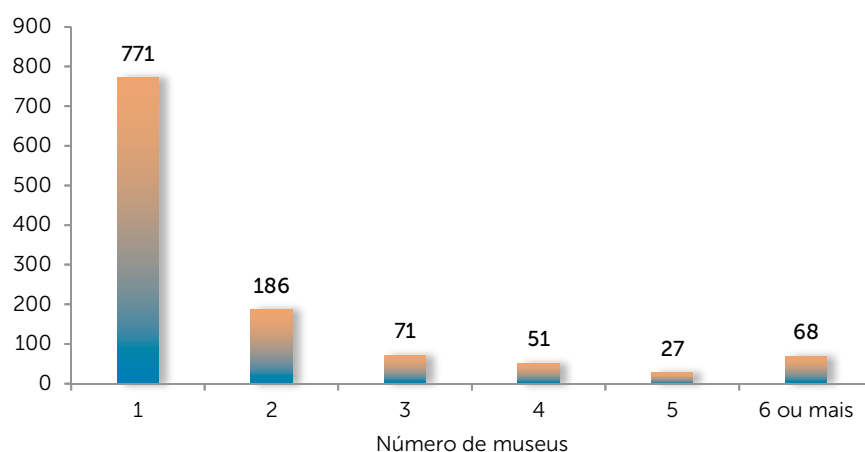
*** O Distrito Federal não se divide em municípios, portanto, os dados apresentados na tabela referem-se à cidade de Brasília

Dos 5.564 municípios brasileiros, 4.390 (78,9%) não possuem museus e, entre os 1.174 municípios (21,1%) que apresentam instituições museológicas, 1.106 dispõem, no máximo, de cinco museus. Nos 68 municípios restantes, existem seis ou mais instituições, o que evidencia forte assimetria na distribuição de museus no território brasileiro (Gráfico 1).

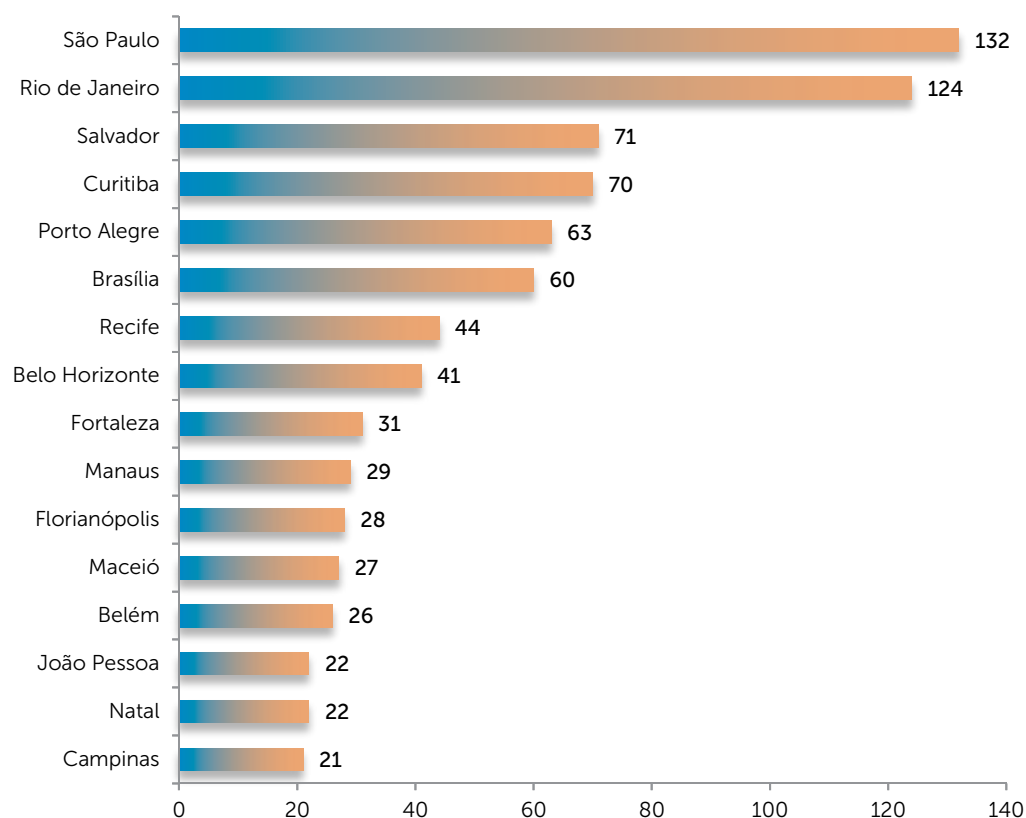
Em contraposição aos 771 municípios brasileiros com apenas um museu, cinco municípios concentram 460 instituições museológicas, sendo a cidade de São Paulo o maior expoente, com 132 museus (Gráfico 2).

A título de comparação, de acordo com dados da publicação *Cultura em Números*[2], cerca de 90% dos municípios brasileiros contam com bibliotecas públicas, percentual que sobe para 100% nos municípios do Rio de Janeiro e do Espírito Santo.

À exceção de Campinas (SP), com 21 instituições museológicas, todos os demais municípios no grupo dos que possuem o maior número de museus são capitais. As cidades de São Paulo e Rio de Janeiro somam 256 museus, o que representa 8,5% do total existente no País. Nas regiões Norte e Centro-Oeste, estão localizados, respectivamente, 4,8% e 7,2% dos museus brasileiros.

GRÁFICO 1 - QUANTIDADE DE MUNICÍPIOS, SEGUNDO NÚMERO DE MUSEUS, BRASIL, 2010

FONTE: CADASTRO NACIONAL DE MUSEUS - IBRAM / MINC, 2010

2 BRASIL. Ministério da Cultura. *Cultura em números: anuário de estatísticas culturais.* 2. ed. Brasília: MinC, 2010.

GRÁFICO 2 - CIDADES COM O MAIOR NÚMERO DE MUSEUS, BRASIL, 2010

FONTE: CADASTRO NACIONAL DE MUSEUS - IBRAM / MINC, 2010

A desigualdade verificada na dispersão de museus pelo território nacional representa um desafio para as políticas públicas direcionadas ao setor museal. Desafio que o Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) busca enfrentar com iniciativas como o *Edital Mais Museus*, que oferece a municípios, com até 50 mil habitantes e que não possuem instituição museológica[3], apoio financeiro para aquisição de equipamentos e mobiliário; elaboração de projetos para execução de obras e serviços; instalação e montagem de exposições; elaboração de projetos museológicos ou museográficos e restauração ou benfeitoria em imóveis.[4]

Ao analisar comparativamente a distribuição de museus pelo País com as informações sobre densidade populacional, renda média e dispersão geográfica de órgãos gestores da cultura, são encontradas relações que contribuem para o esclarecimento da heterogeneidade do campo museológico brasileiro.

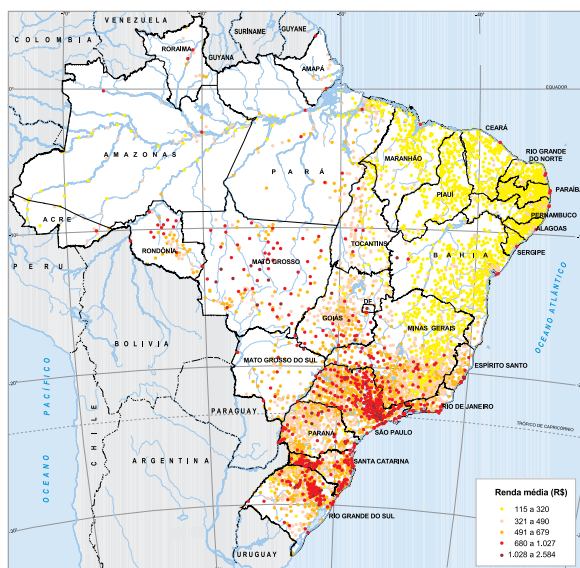
3 INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. Disponível em www.museus.gov.br/category/premios-editais-e-concursos. Acesso em: set. de 2011.

4 Desde sua criação em 2007, o *Edital Mais Museus*, já destinou mais de R$ 4,5 milhões em apoio financeiro, tendo selecionado 45 projetos dentre os quase 1.000 participantes. Fonte: BRASIL. Ministério da Cultura (MinC). Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM). Política Nacional de Museus. *Relatório de Gestão 2003/2010*. Brasília-DF, 2010.

FIGURA 1 - COMPARAÇÃO ENTRE DENSIDADE POPULACIONAL E DISPERSÃO GEOGRÁFICA DOS MUSEUS BRASILEIROS, BRASIL, 2010

FONTE: PERFIL DOS MUNICÍPIOS BRASILEIROS: CULTURA 2006. RIO DE JANEIRO: IBGE, 1997

FONTE: CADASTRO NACIONAL DE MUSEUS - IBRAM / MINC, 2010

FIGURA 2 - COMPARAÇÃO ENTRE RENDA MÉDIA E DISPERSÃO GEOGRÁFICA DOS MUSEUS BRASILEIROS, BRASIL, 2010

FONTE: SISTEMA DE INFORMAÇÕES E INDICADORES CULTURAIS: 2003. RIO DE JANEIRO: IBGE, 2006

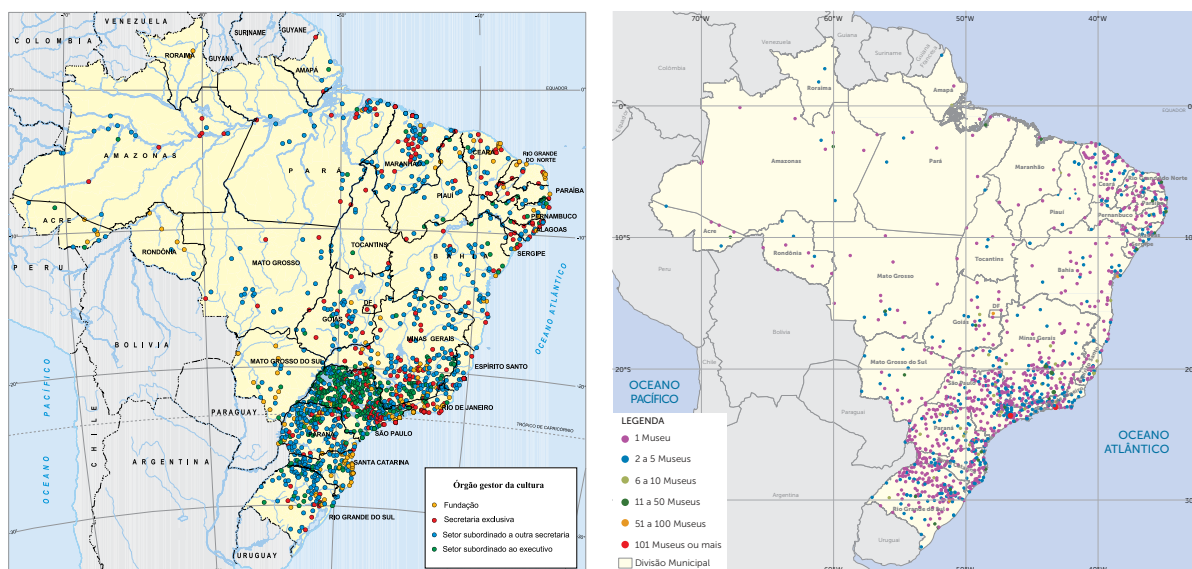
FONTE: CADASTRO NACIONAL DE MUSEUS - IBRAM / MINC, 2010

Na Figura 1, que mostra a concentração de museus em relação à densidade populacional no País, percebe-se que as regiões de maior densidade populacional – Sudeste, Sul e Nordeste, nessa ordem – concentram os quantitativos mais elevados de museus, somando 88% do total.

Considerando a distribuição de renda no País (Figura 2), nota-se forte correspondência entre as regiões com maior concentração de renda e as que

reúnem maior densidade de museus. Verifica-se, assim, que o mapa de renda média parece mais próximo do mapa de distribuição de museus que do relativo à densidade populacional.

Outro componente fundamental a ser observado diz respeito à estrutura administrativa e aos investimentos públicos em cultura. Percebe-se que há relação entre a dispersão geográfica de museus e a presença de órgãos gestores de cultura nos municípios, como fundações, secretarias executivas, setores subordinados a outras secretarias e setores subordinados ao Executivo, conforme comparação apresentada na Figura 3.

FIGURA 3 - COMPARAÇÃO ENTRE ÓRGÃOS GESTORES DA CULTURA E DISPERSÃO GEOGRÁFICA DOS MUSEUS BRASILEIROS, BRASIL, 2010

FONTE: SISTEMA DE INFORMAÇÕES E INDICADORES CULTURAIS: 2003. RIO DE JANEIRO: IBGE, 2006

FONTE: CADASTRO NACIONAL DE MUSEUS - IBRAM / MINC, 2010

Verifica-se que em regiões onde existem tais órgãos, responsáveis pela formulação e aplicação de políticas específicas de incentivo à cultura, há também mais instituições museológicas.[5] Somam-se a isso os investimentos em cultura realizados pelos governos estaduais. Na região Sudeste, onde há o número mais alto de unidades museológicas, os investimentos em cultura realizados pelos Estados correspondem a 40% do orçamento. Em São Paulo

---

5 Para verificar mais detalhes dessa relação ver: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Sistema de Indicadores Culturais*, Rio de Janeiro, n. 18, 2006.

– Estado com o maior número de museus – o investimento em cultura no orçamento é superior a 28%.[6]

Além das destinações orçamentárias, a participação da cultura nos programas de governo reflete-se também em bens e serviços públicos nessa área. Nos resultados de estudos produzidos pelo Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (IPEA)[7], observa-se que, de modo geral, os municípios que mantêm números mais elevados de museus possuem, também, os números mais altos de bibliotecas públicas, teatros ou salas de espetáculo e centros culturais.

Em síntese, nas análises realizadas podem ser localizados importantes indicadores para a definição de políticas culturais. Inquestionavelmente, o Sudeste e o Sul do País – regiões com o maior quantitativo de museus – concentram a população com maior renda e, além disso, são aquelas em que a estrutura administrativa e os investimentos em cultura são mais substanciais.

Como seria possível, então, modificar o cenário desigual no acesso a cultura e no desenvolvimento econômico e social? Os dados sugerem que, da mesma forma em que na relação com fatores econômicos e sociais pode ser explicada a desigualdade na distribuição de museus, também na conjunção entre esses fatores podem estar a chave para intervenções que propiciem a ampliação e a democratização do acesso a bens culturais. Nesse sentido, as políticas de museus podem intervir positivamente na realidade, criando e estimulando ações que apóiem o desenvolvimento econômico e social do País.

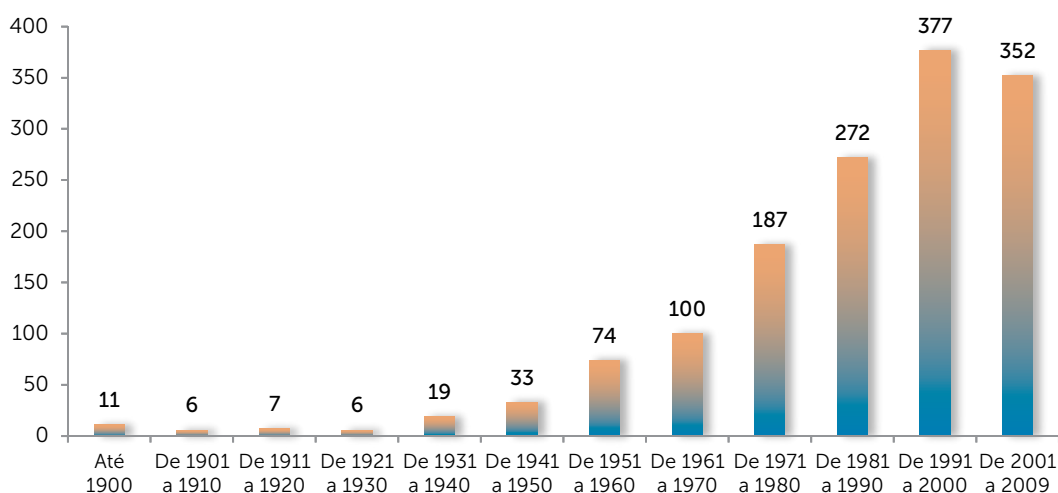
6 INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍTICA (IBGE). *Sistema de Indicadores Culturais*. 2005. Disponível em: www.ibge.gov.br. Acesso em: 5 jan. 2011.

7 MATIJASCIC, Milko (Org.). *Presença do estado no Brasil: federação, suas unidades e municipalidades*. Brasília: IPEA, 2009.

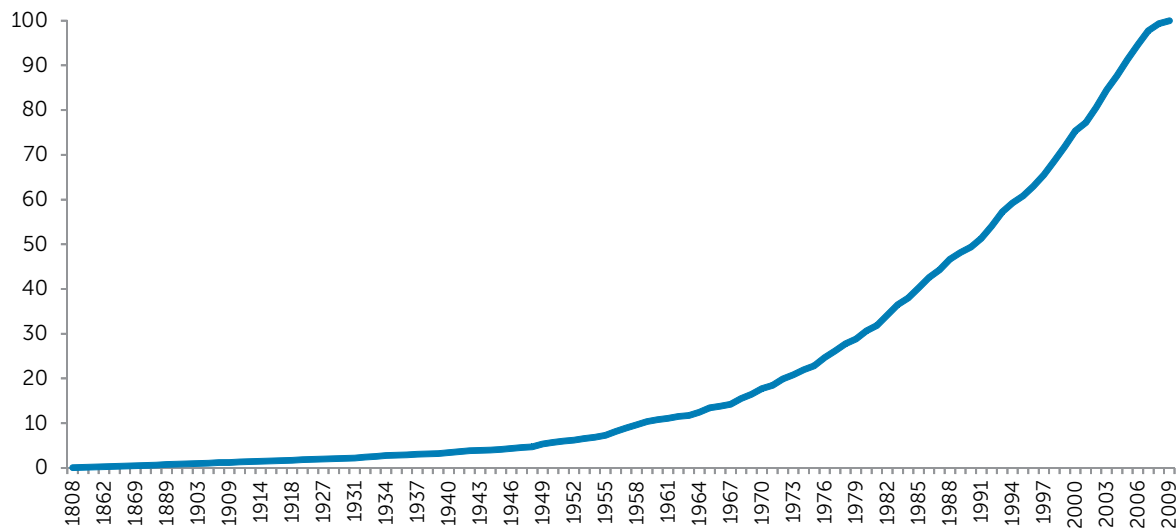
1.1 CARACTERÍSTICAS GERAIS DOS MUSEUS

A partir deste subcapítulo, os dados analisados referem-se, exclusivamente, às 1.500 instituições que responderam ao questionário do Cadastro Nacional de Museus na data de corte da pesquisa (setembro de 2010). No processamento dos dados, foram consideradas somente as respostas válidas ao questionário.

Primeiramente, o Gráfico 3 apresenta informações sobre o ano de início do funcionamento dos museus cadastrados. Observa-se nos intervalos temporais considerados, um crescimento expressivo do número de museus inaugurados, sobretudo nas três últimas décadas.[8] Existem, hoje, cinco vezes mais museus no Brasil do que havia na década de 1970 e duas vezes mais que no início da década de 1990. Em complementação, no Gráfico 4 a criação dos museus brasileiros é apresentada em uma linha temporal.

GRÁFICO 3 - NÚMERO DE MUSEUS POR ANO DE FUNDAÇÃO, BRASIL, 2010

FONTE: CADASTRO NACIONAL DE MUSEUS - IBRAM / MINC, 2010

8 O ano de 2010 não foi considerado devido à data de corte da pesquisa. Assim, a última coluna do gráfico apresenta uma década incompleta (2001 a 2009).

GRÁFICO 4 - LINHA TEMPORAL DO ANO DE FUNDAÇÃO DOS MUSEUS BRASILEIROS, BRASIL, 2010

FONTE: CADASTRO NACIONAL DE MUSEUS - IBRAM / MINC, 2010

Nota-se que nem sempre existe uma dinâmica específica no processo de criação, inauguração e abertura das instituições museológicas. Em geral, tais instituições são abertas ao público no período de até um ano após sua criação. Até 1900, há registro de 11 museus criados no Brasil (Gráfico 3 e Quadro 1), sendo que a primeira instituição oficial data de 1818. No quadro Pioneiros é apresentado um breve histórico sobre os primeiros museus do País.

Pioneiros

O primeiro museu implantado no Brasil data do século XVII, quando durante a ocupação holandesa em Pernambuco foi criada uma instituição que englobava jardim botânico, jardim zoológico e observatório astronômico dentro das instalações do parque do Palácio de Friburgo, ou Vrijburg. Em 1784 foi aberta a Casa de Xavier dos Pássaros no Rio de Janeiro, que preparava exemplares da flora e da fauna brasileiras e artefatos indígenas para serem enviados para Portugal, permanecendo em funcionamento até o início do século XIX.

Com a chegada da Família Real portuguesa, em 1808, a *Casa dos Pássaros* foi demolida para a construção do prédio do Erário. Seu acervo serviu de base para a criação do Museu Real, no ano de 1818, por meio de decreto do então príncipe regente de Portugal, D. João. O Museu Real, hoje Museu Nacional da Quinta da Boa Vista, é a instituição museológica mais antiga do Brasil ainda aberta ao público e também a que concentra o maior número de bens culturais no acervo.

Em 1826, quatro anos depois da Proclamação da Independência, inaugurou-se o primeiro salão da Academia Imperial de Belas Artes, que pode ser considerado um dos antecedentes do atual Museu Nacional de Belas Artes.

A partir da segunda metade do século XIX, seguindo a ideia da criação de museus como parte do processo de modernização da nação que surgia, são inaugurados o Museu do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1838), o Museu do Exército (1864), a Sociedade Filomática (1866) - que daria origem ao Museu Paraense Emílio Goeldi - o Museu Paranaense (1876) e o Museu Paulista (1895).[9]

QUADRO 1 - MUSEUS CADASTRADOS QUE FORAM FUNDADOS ATÉ O ANO DE 1900, BRASIL, 2010

NOME DO MUSEU	CIDADE	UF	ANO DE CRIAÇÃO
Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	RJ	1808
Museu Nacional	Rio de Janeiro	RJ	1818
Museu do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro	Rio de Janeiro	RJ	1838
Museu do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico de Pernambucano	Recife	PE	1862
Museu Paraense Emílio Goeldi	Belém	PA	1866
Museu Naval	Rio de Janeiro	RJ	1868
Museu do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas	Maceió	AL	1869
Museu Paranaense	Curitiba	PR	1874
Museu de Ciência e Técnica da Escola de Minas da Universidade Federal de Ouro Preto	Ouro Preto	MG	1876
Museu Inaldo de Lyra Neves - Manta	Rio de Janeiro	RJ	1889
Museu de Numismática Bernardo Ramos	Manaus	AM	1900

FONTE: CADASTRO NACIONAL DE MUSEUS - IBRAM / MINC, 2010

9 MINISTÉRIO DA CULTURA. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Departamento de Museus e Centros Culturais. *Política Nacional de Museus: relatório de gestão 2003-2006*. Brasília: MinC, IPHAN, DEMU, 2006. 144 p. Disponível em: www.museus.gov.br/category/publicacoes-e-documentos.

As informações sobre a natureza administrativa também constituem um dado central para a análise dos museus. No Brasil, a natureza administrativa das instituições museológicas é classificada em oito categorias principais e excludentes entre si: federal, estadual, municipal, associação, empresa, fundação, sociedade e natureza administrativa *outra* – subdividida em organizações religiosas, partidos políticos, entidades sem fins lucrativos e museus particulares (sem personalidade jurídica própria).

Ao processarmos as informações relativas à natureza administrativa, decidimos realizar duas alterações nas personalidades jurídicas de direito privado. A primeira refere-se à natureza administrativa mista, que por apresentar baixa incidência, foi incorporada ao item *outras*. A segunda mudança é relativa ao item organização da sociedade civil de interesse público (OSCIP), onde verificamos inconsistências nas respostas. Acreditamos que a disposição gráfica das informações no questionário influenciou esta situação, pois ao contrário das associações, empresas, fundações e sociedades, a OSCIP é uma qualificação especial, e não uma categoria em si. A nova versão do questionário, a ser lançada em 2012, terá mudanças que visam corrigir tal questão, e ainda, apresentar informações mais detalhadas sobre a vinculação administrativa dos museus brasileiros.

Observa-se, no Gráfico 5, a prevalência do investimento público no desenvolvimento do campo museal brasileiro, uma vez que a maior parte (67,2%) das instituições cadastradas pertencem à esfera pública. Os números, tomados comparativamente, são semelhantes aos da Espanha, onde os museus públicos representam 65,2% do total nacional,[10] ou aos do México, que possui 57,5% de seus museus administrados por órgãos públicos.[11]

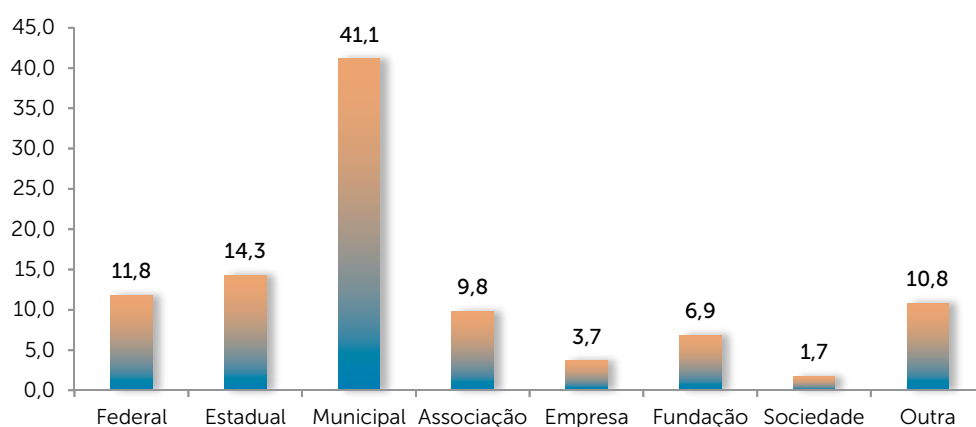
---

10 PLAZA, Santiago Palomero; LACASTA, Ana Azor. Panorama de los museos em España. In: NASCIMENTO JUNIOR, José do; CHAGAS, Mário (Org.). *Ibermuseus 1: Panoramas Museológicos da Ibero-América*. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Departamento de Museus e Centros Culturais, 2008.

11 LANZ, José Henrique Ortiz. Panorama de los Museos em México. In: NASCIMENTO JUNIOR, José do; CHAGAS, Mário (Org.). *Ibermuseus 1: panoramas museológicos da Ibero-América*. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Departamento de Museus e Centros Culturais, 2008.

FONTE: CADASTRO NACIONAL DE MUSEUS - IBRAM / MINC, 2010

Todas as categorias de museus privados no Brasil – que podem pertencer aos grupos associação, empresa, fundação ou sociedade – apresentam percentuais menores em relação às categorias públicas (Gráfico 5.1), destacando-se, neste último segmento, o elevado percentual de museus de natureza administrativa municipal, bem superior às demais categorias.

GRÁFICO 5.1 - PORCENTAGEM (%) DE MUSEUS POR CATEGORIAS DE NATUREZA ADMINISTRATIVA, BRASIL, 2010

FONTE: CADASTRO NACIONAL DE MUSEUS - IBRAM / MINC, 2010

Na Tabela 3 constata-se que os museus municipais também são maioria em quase todos os Estados e regiões. No Sul e no Sudeste, chegam a ser mais numerosos do que os estaduais e federais somados. A exceção é a região Norte, onde predominam os museus de natureza administrativa estadual, característica compartilhada pelos Estados nordestinos do Maranhão, da Bahia e de Sergipe. O Rio de Janeiro e o Distrito Federal, respectivamente antiga e atual sede da capital do País, destacam-se por apresentar elevado número de instituições federais. Já a região Norte possui o menor percentual de instituições de natureza privada.

TABELA 3 - PORCENTAGEM (%) DE MUSEUS SEGUNDO NATUREZA ADMINISTRATIVA POR UNIDADES DA FEDERAÇÃO E GRANDES REGIÕES, BRASIL, 2010

UNIDADE DA FEDERAÇÃO	FEDERAL	ESTADUAL	MUNICIPAL	ASSOCIAÇÃO	EMPRESA	FUNDAÇÃO	SOCIEDADE	OUTRA	TOTAL
Brasil	**11,8**	**14,3**	**41,1**	**9,8**	**3,7**	**6,9**	**1,7**	**10,8**	**100,0**
Norte	14,3	47,1	17,1	10,0	1,4	1,4	1,4	7,1	100,0
Rondônia	-	-	75,0	25,0	-	-	-	-	100,0
Acre	18,2	63,6	-	-	-	-	-	18,2	100,0
Amazonas	17,6	47,1	11,8	17,6	5,9	-	-	-	100,0
Roraima	-	100,0	-	-	-	-	-	-	100,0
Pará	14,8	37,0	22,2	11,1	-	3,7	3,7	7,4	100,0
Amapá	14,3	85,7	-	-	-	-	-	-	100,0
Tocantins	-	33,3	33,3	-	-	-	-	33,3	100,0
Nordeste	11,2	19,7	27,1	13,4	3,0	11,2	1,5	13,0	100,0
Maranhão	27,3	36,4	18,2	9,1	-	-	-	9,1	100,0
Piauí	-	20,0	30,0	20,0	10,0	10,0	-	10,0	100,0
Ceará	5,6	9,3	35,2	18,5	1,9	14,8	-	14,8	100,0
Rio Grande do Norte	10,0	23,3	23,3	13,3	-	3,3	-	26,7	100,0
Paraíba	14,3	21,4	50,0	-	-	7,1	-	7,1	100,0
Pernambuco	11,1	11,1	40,0	13,3	2,2	8,9	2,2	11,1	100,0
Alagoas	19,2	7,7	30,8	19,2	3,8	7,7	3,8	7,7	100,0
Sergipe	20,0	50,0	10,0	10,0	-	10,0	-	-	100,0
Bahia	10,1	29,0	11,6	10,1	5,8	17,4	2,9	13,0	100,0
Sudeste	13,5	11,9	43,6	9,9	3,2	5,9	0,9	11,0	100,0
Minas Gerais	19,0	8,0	47,2	7,4	3,1	6,1	-	9,2	100,0
Espírito Santo	7,7	11,5	26,9	23,1	-	11,5	3,8	15,4	100,0
Rio de Janeiro	33,9	12,2	22,6	9,6	1,7	3,5	1,7	14,8	100,0
São Paulo	1,2	14,3	52,6	10,4	4,4	6,4	0,8	10,0	100,0
Sul	6,0	7,6	54,1	8,5	4,5	7,4	2,2	9,6	100,0
Paraná	4,1	10,2	67,3	4,1	3,1	2,0	2,0	7,1	100,0
Santa Catarina	3,4	7,6	48,3	7,6	5,1	9,3	1,7	16,9	100,0
Rio Grande do Sul	8,2	6,5	51,5	10,8	4,8	8,7	2,6	6,9	100,0
Centro-Oeste	23,8	18,5	27,7	6,2	5,4	3,1	3,8	11,5	100,0
Mato Grosso	25,9	7,4	33,3	3,7	11,1	3,7	-	14,8	100,0
Mato Grosso do Sul	7,1	21,4	39,3	10,7	3,6	3,6	-	14,3	100,0
Goiás	16,2	16,2	43,2	5,4	-	2,7	8,1	8,1	100,0
Distrito Federal	42,1	26,3	-	5,3	7,9	2,6	5,3	10,5	100,0

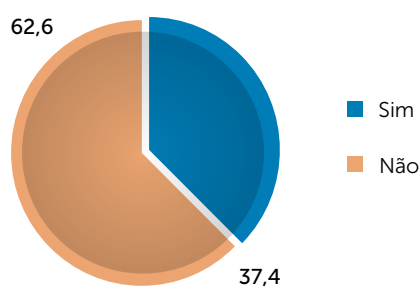
FONTE: CADASTRO NACIONAL DE MUSEUS - IBRAM / MINC, 2010

Em relação às ferramentas básicas de planejamento estratégico, investigou-se a situação dos museus quanto à existência de regimento interno e de plano museológico. A Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009, que instituiu o Estatuto de Museus, estabelece em seu Artigo 18º que “As entidades públicas e privadas de que dependam os museus deverão definir claramente seu enquadramento

orgânico e aprovar o respectivo regimento". Quanto ao plano museológico o Artigo 44º versa que "É dever dos museus elaborar e implementar o Plano Museológico". O Artigo 45º esclarece que:

> o plano museológico é compreendido como ferramenta básica de planejamento estratégico, de sentido global e integrador, indispensável para a identificação da vocação da instituição museológica, para definição, o ordenamento e a priorização dos objetivos e das ações de cada uma das suas áreas de funcionamento, bem como fundamenta a criação ou a fusão de museus, constituindo instrumento fundamental para a sistematização do trabalho interno e para a atuação dos museus na sociedade.

O capítulo V da referida Lei determina que "os museus adequarão suas estruturas, recursos e ordenamentos ao disposto nessa Lei no prazo de cinco anos". Assim, as instituições que ainda não elaboraram seus planos museológicos e regimentos internos têm até o ano de 2014 para se enquadrar à Lei, à exceção dos museus federais, cujo prazo encerra-se em 2011. Os Gráficos 6 e 8 demonstram, respectivamente, que 37,4% dos museus cadastrados possuem regimento interno e 27,6% elaboraram planos museológicos.

GRÁFICO 6 - PORCENTAGEM (%) DE MUSEUS SEGUNDO A EXISTÊNCIA DE REGIMENTO INTERNO, BRASIL, 2010

FONTE: CADASTRO NACIONAL DE MUSEUS - IBRAM / MINC, 2010

Informações sobre regimento interno e plano museológico segundo a natureza administrativa da instituição são apresentadas nos Gráficos 7 e 9. Quanto ao regimento interno, as esferas federal, estadual e privada possuem porcentagens semelhantes (Gráfico 7). Já os museus de natureza municipal, que representam a maioria das instituições cadastradas, apresentam taxas menores em relação aos demais.

Quando o tema abordado é plano museológico, a esfera federal se sobressai com maior percentual (61,4%), enquanto a esfera municipal apresenta o menor percentual (23,5%).

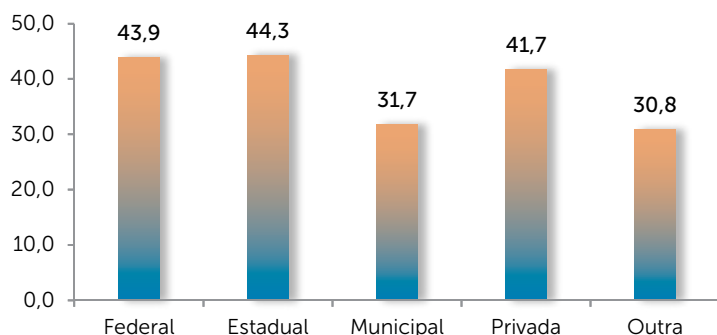
GRÁFICO 7 - PORCENTAGEM (%) DE MUSEUS POR NATUREZA ADMINISTRATIVA SEGUNDO A EXISTÊNCIA DE REGIMENTO INTERNO, BRASIL, 2010

FONTE: CADASTRO NACIONAL DE MUSEUS - IBRAM / MINC, 2010

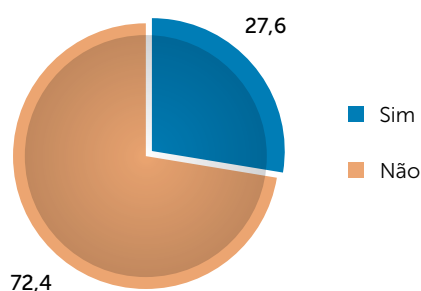
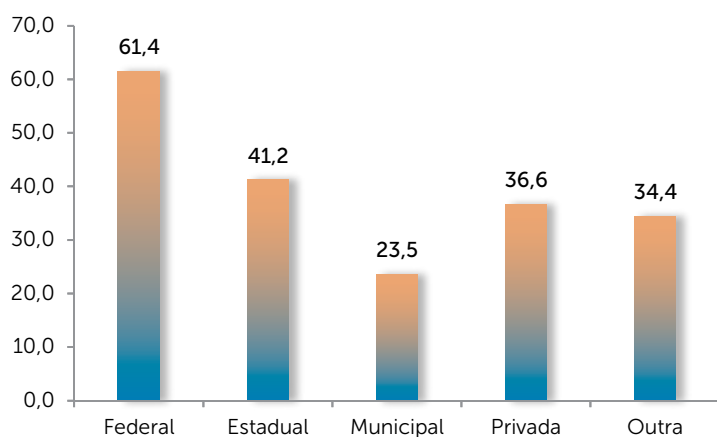
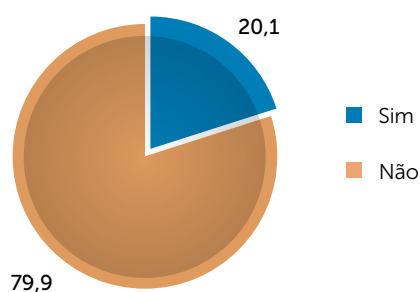
GRÁFICO 8 - PORCENTAGEM (%) DE MUSEUS SEGUNDO A EXISTÊNCIA DE PLANO MUSEOLÓGICO, BRASIL, 2010

FONTE: CADASTRO NACIONAL DE MUSEUS - IBRAM / MINC, 2010

GRÁFICO 9 - PORCENTAGEM (%) DE MUSEUS POR NATUREZA ADMINISTRATIVA SEGUNDO A EXISTÊNCIA DE PLANO MUSEOLÓGICO, BRASIL, 2010

FONTE: CADASTRO NACIONAL DE MUSEUS - IBRAM / MINC, 2010

A presença de uma associação de amigos é outro fator relevante na caracterização dos museus. As associações de amigos constituem-se em organizações sem fins lucrativos, de direito privado e de utilidade pública, que têm por objetivo a divulgação das instituições museológicas por meio da captação de recursos financeiros ou contribuições que permitam auxiliá-las na gestão de projetos em parceria com a sociedade civil. No Gráfico 10, verifica-se que cerca de 20% dos museus cadastrados em todo o País informaram possuir associação de amigos ou outra organização de apoio correlata.

GRÁFICO 10 - PORCENTAGEM (%) DE MUSEUS SEGUNDO A EXISTÊNCIA DE ASSOCIAÇÃO DE AMIGOS, BRASIL, 2010

FONTE: CADASTRO NACIONAL DE MUSEUS - IBRAM / MINC, 2010

A Tabela 4 apresenta os percentuais de museus, por unidade da Federação, que dispõem de associações de amigos. De acordo com os dados cadastrados, quatro dos cinco Estados em que não há registro de associações situam-se na região Norte. Essa mesma região, no entanto, é a que desponta com o maior percentual de museus com associação de amigos, impulsionada principalmente pelo Estado do Pará, no qual mais de 55% das instituições museológicas recebem esse tipo de apoio.

No Sudeste, região com o número mais elevado de museus, o Rio de Janeiro é o Estado com o maior percentual (34,7%) de associações de amigos vinculadas a instituições museológicas.

TABELA 4 - PORCENTAGEM (%) DE MUSEUS SEGUNDO A EXISTÊNCIA DE ASSOCIAÇÃO DE AMIGOS, POR UNIDADES DA FEDERAÇÃO E GRANDES REGIÕES, BRASIL, 2010

UNIDADE DA FEDERAÇÃO	ASSOCIAÇÃO DE AMIGOS	
	POSSUI	NÃO POSSUI
Brasil	**20,1**	**79,9**
Norte	30,0	70,0
Rondônia	-	100,0
Acre	-	100,0
Amazonas	29,4	70,6
Roraima	-	100,0
Pará	55,6	44,4
Amapá	-	100,0
Tocantins	33,3	66,7
Nordeste	16,1	83,9
Maranhão	18,2	81,8
Piauí	30,0	70,0
Ceará	21,8	78,2
Rio Grande do Norte	13,3	86,7
Paraíba	7,1	92,9
Pernambuco	17,4	82,6
Alagoas	11,5	88,5
Sergipe	-	100,0
Bahia	15,5	84,5
Sudeste	21,4	78,6
Minas Gerais	19,4	80,6
Espírito Santo	11,5	88,5
Rio de Janeiro	34,7	65,3
São Paulo	17,6	82,4
Sul	21,2	78,8
Paraná	16,2	83,8
Santa Catarina	21,8	78,2
Rio Grande do Sul	23,0	77,0
Centro-Oeste	13,5	86,5
Mato Grosso do Sul	3,7	96,3
Mato Grosso	21,4	78,6
Goiás	20,5	79,5
Distrito Federal	7,7	92,3

FONTE: CADASTRO NACIONAL DE MUSEUS - IBRAM / MINC, 2010

A criação de associações de amigos de museus tornou-se cada vez mais comum, sobretudo, a partir da década de 1980. Supõe-se que esse fenômeno esteja intimamente relacionado ao contexto histórico e político, uma vez que o período no qual se registra o aumento no número de associações de amigos

dos museus coincide com a entrada do País em novo contexto democrático. O Estado de Direito, além de estabelecer novo papel para o poder público, implica também na atuação da sociedade civil na esfera pública. No campo museal, o exercício da cidadania, por intermédio das associações de amigos, relaciona-se à importante participação dos indivíduos na conservação da *res publica*, caracterizando um espaço em que público e privado convergem para interesses comuns.

2. ACERVO

Historicamente, os museus se constituíram em torno de coleções.[12] Formadas por indivíduos ou por instituições, as coleções públicas reúnem bens culturais, que são classificados e preservados em espaços seguros, expostos ao público por períodos breves ou longos.[13]

Para o levantamento de informações sobre as coleções das instituições museológicas, o Cadastro Nacional de Museus utilizou como referência a concepção de coleções de bens culturais, relacionada ao conceito de museu expresso no Estatuto de Museus, promulgado pela Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009. A Lei estabelece em seu Artigo 1º que:

> Consideram-se museus, para os efeitos desta Lei, as instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento.

Com essa perspectiva, as análises desenvolvidas neste subcapítulo tiveram por base os dados relativos aos acervos das 1.500 instituições museológicas que responderam ao questionário do Cadastro Nacional de Museus. No referido instrumento foram pesquisadas as tipologias e os quantitativos de bens

---

12 SUANO, Marlene. *O que é museu*. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

13 DESVALLÉES, André e MAIRESSE, François. *Key Concepts of Museology*. ICOM: Armand Colin, 2010.

culturais que compõem os acervos dos museus, bem como os procedimentos utilizados para registro e documentação desses acervos.

As tipologias[14] das coleções de bens culturais que compõem os acervos dos museus foram classificadas em:

ANTROPOLOGIA E ETNOGRAFIA: coleções relacionadas às diversas etnias, voltadas para o estudo antropológico e social das diferentes culturas. Ex: acervos folclóricos, artes e tradições populares, indígenas, afro-brasileiras, do homem americano, do homem do sertão etc.

ARQUEOLOGIA: coleções de bens culturais portadores de valor histórico e artístico, procedentes de escavações, prospecções e achados arqueológicos. Ex: artefatos, monumentos, sambaquis etc.

ARTES VISUAIS: coleções de pinturas, esculturas, gravuras, desenhos, incluindo a produção relacionada à Arte Sacra. Nesta categoria também se incluem as chamadas Artes Aplicadas, ou seja, as artes que são voltadas para a produção de objetos, tais como porcelana, cristais, prataria, mobiliário, tapeçaria etc.

CIÊNCIAS NATURAIS E HISTÓRIA NATURAL: bens culturais relacionados às Ciências Biológicas (Biologia, Botânica, Genética, Zoologia, Ecologia etc.), às GeoCiências (Geologia, Mineralogia etc.) e à Oceanografia.

CIÊNCIA E TECNOLOGIA: bens culturais representativos da evolução da História da Ciência e da Técnica.

HISTÓRIA: bens culturais que ilustram acontecimentos ou períodos da História.

IMAGEM E SOM: documentos sonoros, videográficos, filmográficos e fotográficos.

VIRTUAL: bens culturais que se apresentam mediados pela tecnologia de interação cibernética (internet).

BIBLIOTECONÔMICO: publicações impressas, tais como livros, periódicos, monografias, teses, etc.

DOCUMENTAL: pequeno número de documentos manuscritos, impressos ou eletrônicos reunidos intencionalmente a partir de uma temática.

ARQUIVÍSTICO: conjunto de documentos acumulados por pessoas ou instituições, públicas ou privadas, durante o exercício de suas atividades, independentemente do suporte.

---

14 Cadastro Nacional de Museus. Instituto Brasileiro de Museus, Brasília, 2011.

Essas várias classes constituem um amplo e diversificado campo de pesquisas sobre patrimônio material e imaterial, podendo os museus, em conformidade com suas escolhas interpretativas, enquadrar seu acervo em mais de uma temática. Vale ressaltar que os dados referentes ao tombamento também complementam a classificação dos acervos.

De acordo com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), tombamento é "um ato administrativo realizado pelo Poder Público com o objetivo de preservar, por intermédio da aplicação de legislação específica, bens de valor histórico, cultural, arquitetônico, ambiental e também de valor afetivo para a população, impedindo que venham a ser destruídos ou descaracterizados".[15]

O instrumento do tombamento foi instituído durante o governo Getúlio Vargas, em 1937, mesmo ano em que se estabeleceu as competências do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) . O tombamento, como prerrogativa legal de proteção ao patrimônio, ocorreu na primeira fase da política federal de preservação, sendo o recurso mais significativo e mais utilizado nas ações do SPHAN.[16]

Após ser, durante longo período, o único órgão de preservação do patrimônio do País, o SPHAN sofreu algumas mudanças de orientação política na tentativa de descentralizar suas ações. Essas mudanças, iniciadas a partir da década de 1960, tinham por objetivos fazer com que Estados e municípios atuassem de forma mais expressiva nas atividades de proteção aos bens culturais de valor nacional e regional, e também, estimular a criação de instituições e legislações próprias.[17]

---

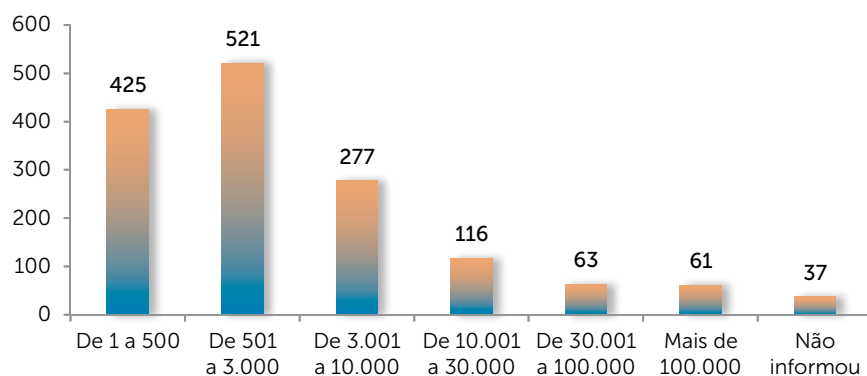
15 www.portal.iphan.gov.br. Acesso em: jul. 2011.

16 O Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) foi criado em 1937 e manteve esta denominação até 1946, quando passou a ser chamado de Departamento do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (DPHAN). Em 1970, após uma reestruturação foi renomeado para Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Durante a década de oitenta recebeu outras denominações, fruto de mudanças internas, mantendo-se atualmente como Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

17 FONSECA, Maria Cecília Londres. *O patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ; MinC-IPHAN, 2005.

Atualmente o tombamento e o registro dos bens imateriais têm sido considerados e utilizados pelos diversos grupos sociais e, também, pelo Estado, como um ato simbólico que ressignifica os bens culturais, inserindo-os em uma historicidade local e nacional. No entanto, o tombamento e o registro não são os únicos instrumentos de proteção aplicáveis ao patrimônio cultural. A Constituição Federal em seu Art. 216, estabelece que o Poder Público, com a colaboração da comunidade, promoverá e protegerá o patrimônio cultural brasileiro, utilizando inventários, vigilância, desapropriação e outras formas de acautelamento e preservação.

Na análise dos dados referentes ao acervo das instituições cadastradas, observou-se, primeiramente, a quantidade de objetos preservados pelos museus brasileiros (Gráfico 11). Ao informar sobre o tamanho de seus acervos, a maioria dos museus (75%) declarou possuir apenas um número estimado, o que reflete a falta de inventários completos de seus bens culturais. De acordo com o gráfico, a maior parte das instituições declarou possuir acervos com menos de 3.000 itens. Por outro lado, 61 museus brasileiros apresentam acervo com mais de 100.000 bens culturais.

GRÁFICO 11 - NÚMERO DE MUSEUS SEGUNDO A QUANTIDADE DE BENS CULTURAIS DO ACERVO, BRASIL, 2010

FONTE: CADASTRO NACIONAL DE MUSEUS - IBRAM / MINC, 2010

Na Tabela 5 estão relacionados os museus brasileiros cadastrados que abrigam os dez maiores quantitativos de bens culturais. De maneira geral, observa-se que as instituições que possuem acervos classificados na tipologia História Natural detêm grande volume de objetos, fato que pode ser explicado pela característica intrínseca deste eixo temático, relacionado à coleta e classificação de objetos dos universos das Geociências e Ciências da Vida. Nota-se que o Museu Nacional, localizado no Rio de Janeiro, conta com o maior acervo do país, seguido pelo Memorial da Medicina Brasileira, localizado na Bahia, que possui a maior parte de seu acervo categorizado como biblioteconômico.

cadastro nacional de museus

TABELA 5 - MUSEUS CADASTRADOS COM OS MAIORES QUANTITATIVOS DE BENS CULTURAIS DO PAÍS, BRASIL, 2010

NOME DO MUSEU	CIDADE	UF	Nº TOTAL DE BENS CULTURAIS QUE COMPÕEM O ACERVO
Museu Nacional	Rio de Janeiro	RJ	20.000.000
Memorial da Medicina Brasileira – FAMEB/UFBA	Salvador	BA	8.001.201
Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo	São Paulo	SP	8.000.000
Museu Amazônico	Manaus	AM	6.037.373
Museu Paraense Emílio Goeldi	Belém	PA	4.515.560
Museu de Ciências e Tecnologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul	Porto Alegre	RS	2.571.060
Museu Nacional dos Correios	Brasília	DF	2.500.000
Centro de Memória Audiovisual	São Paulo	SP	1.271.000
Centro Cultural São Paulo	São Paulo	SP	1.026.800
Museu de Ciências da Terra	Rio de Janeiro	RJ	1.000.000

FONTE: CADASTRO NACIONAL DE MUSEUS - IBRAM / MINC, 2010

Memorial da Medicina Brasileira - FAMEB/UFBA

O Memorial da Medicina Brasileira funciona no prédio da primeira faculdade de Medicina do Brasil, criada em 1822 na cidade de Salvador. Sob a tutela da Universidade Federal da Bahia, o prédio do Memorial abriga a administração da Faculdade de Medicina e seus programas de extensão, o Museu de Arqueologia e Etnologia e o Museu Afro Brasileiro.

Todo o acervo do Memorial, composto por 8.001.201 objetos, foi recolhido e catalogado no reitorado do professor Macedo Costa (1979-1983). Dentre esses objetos encontram-se documentos, teses, pedidos de matrículas, pesquisas e experiências de gerações de cientistas. Uma importante biblioteca onde se destacam as raras coleções de livros dos séculos XIV ao XX, a pinacoteca com mais de 200 retratos de mestres pintados por artistas baianos e o vasto mobiliário que se encontra no prédio.

O conjunto arquitetônico foi construído para abrigar o Colégio dos Meninos da Companhia de Jesus, função que cumpriu de 1551 até finais do século XVIII. Com a chegada da família real ao Brasil em 1808, foi fundada pelo então príncipe regente Dom João VI a primeira escola de nível superior do país. O antigo Colégio dos Jesuítas passou então a abrigar o Colégio Médico Cirúrgico, que foi elevado à condição de Faculdade em 1832.

O Memorial da Medicina Brasileira é considerado o segundo museu do país em número de objetos, abarcando acervos relacionados à Biblioteconomia, Artes Visuais, Ciências Naturais e História.

FONTE: QUESTIONÁRIO DO CADASTRO NACIONAL DE MUSEUS PREENCHIDO PELO MEMORIAL DA MEDICINA BRASILEIRA.

A comparação entre o quantitativo de acervo dos museus em relação à sua natureza administrativa (Tabela 6) revela que, dentre os museus com 1 a 500 bens, sobressaem-se os de natureza municipal, ficando acima do percentual nacional. Os museus do tipo sociedade sobrelevam-se no grupo de instituições com acervos em 501 a 3.000 bens e também entre as instituições que possuem de 30.001 a 100.000 bens, apresentando, nas duas situações, valores superiores ao valor nacional.

As instituições de natureza administrativa fundação se destacam com coleções de 3.001 a 10.000 objetos. Com relação aos museus com coleções superiores aos 100.000 bens, os de natureza municipal apresentam o menor percentual nacional (1,5%).

TABELA 6 - PORCENTAGEM (%) DE MUSEUS POR NATUREZA ADMINISTRATIVA, SEGUNDO NÚMERO DE BENS CULTURAIS DO ACERVO, BRASIL, 2010

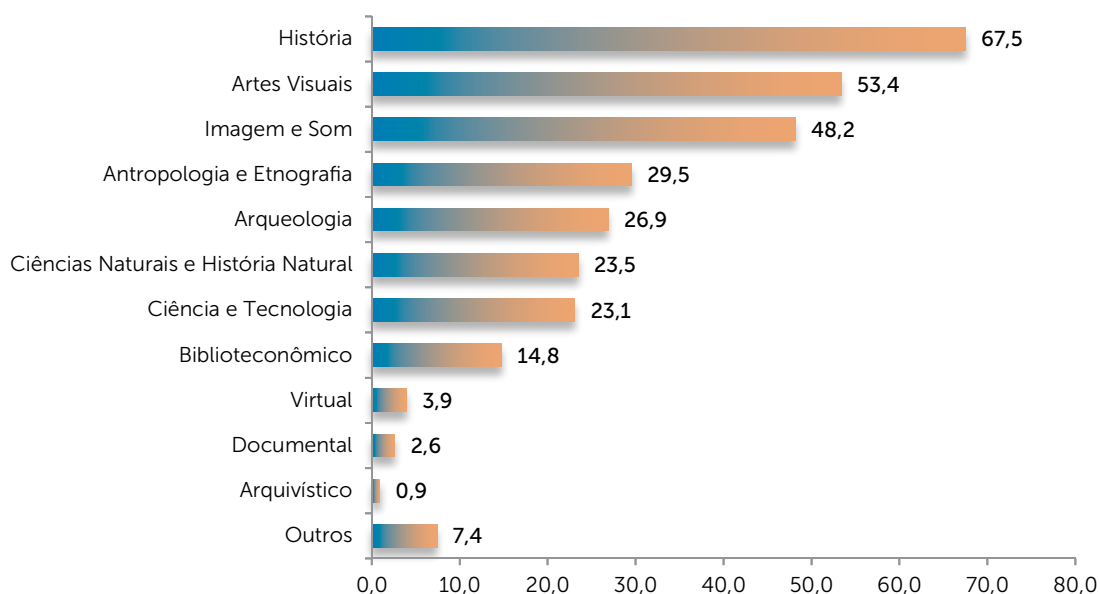
NÚMERO DE BENS DO ACERVO	NATUREZA ADMINISTRATIVA								TOTAL
	Federal	Estadual	Municipal	Associação	Empresa	Fundação	Sociedade	Outra	
De 1 a 500	23,1	21,4	35,2	22,9	33,3	22,8	20,0	27,7	28,6
De 501 a 3.000	32,4	33,3	35,7	41,0	37,0	24,8	44,0	34,0	34,7
De 3.001 a 10.000	18,5	19,0	17,4	16,7	11,1	24,8	12,0	22,0	18,4
De 10.001 a 30.000	7,5	10,0	5,5	9,0	9,3	10,9	12,0	7,5	7,5
De 30.001 a 100.000	6,4	7,6	2,1	4,9	3,7	6,9	8,0	2,5	4,2
Mais de 100.000	10,4	6,2	1,5	2,8	1,9	8,9	4,0	3,1	4,1
Não informou	1,7	2,4	2,6	2,8	3,7	1,0	-	3,1	2,4
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

FONTE: CADASTRO NACIONAL DE MUSEUS - IBRAM / MINC, 2010

A análise dessas informações demonstra que as instituições museológicas com maior quantitativo de bens culturais em seu acervo são federais, fundações e estaduais.

O Gráfico 12, por sua vez, destaca de forma descendente a frequência com que as tipologias de acervo adotadas pelo Cadastro Nacional de Museus aparecem nas instituições que integraram esta pesquisa.

A classificação mais comum dos acervos é de História (67,5%), seguida por Artes Visuais (53,4%) e Imagem e Som (48,2%). Há uma grande discrepância entre as três tipologias citadas e as demais, que alcançam menos da metade do índice apresentado pela tipologia predominante. Já a tipologia menos encontrada é a arquivística.

GRÁFICO 12 - PORCENTAGEM (%) DE MUSEUS POR TIPOLOGIA DE ACERVO, BRASIL, 2010

FONTE: CADASTRO NACIONAL DE MUSEUS - IBRAM / MINC, 2010

Conforme a Tabela 7, não foram verificadas relações entre a natureza administrativa e a tipologia de acervo. Os percentuais referentes aos tipos de acervo são semelhantes entre as instituições de distintas naturezas administrativas. Observa-se, ainda, que de acordo com os dados apresentados, os museus federais, municipais, associações e fundações são os que apresentam todas as tipologias de acervo.

TABELA 7 - PORCENTAGEM (%) DE MUSEUS POR TIPOLOGIA DE ACERVO, SEGUNDO A NATUREZA ADMINISTRATIVA, BRASIL, 2010

TIPOLOGIA DE ACERVO	NATUREZA ADMINISTRATIVA							
	FEDERAL	ESTADUAL	MUNICIPAL	ASSOCIAÇÃO	EMPRESA	FUNDAÇÃO	SOCIEDADE	OUTRA
Antropologia e Etnografia	22,8	25,1	34,8	33,3	18,5	23,0	34,8	28,2
Arqueologia	20,3	16,7	32,5	28,9	17,0	27,3	20,8	30,8
Artes Visuais	46,4	53,2	55,4	55,9	39,6	64,3	77,3	46,8
Ciências Naturais e História Natural	27,3	21,6	21,6	22,4	33,3	29,0	16,7	25,0
Ciência e Tecnologia	21,1	16,9	24,3	25,7	35,8	27,7	12,5	22,3
História	50,6	57,2	75,6	74,1	62,3	62,9	77,3	67,7
Imagem e Som	38,5	38,8	54,8	53,6	39,6	54,0	54,2	40,8
Virtual	5,2	2,9	2,3	7,6	9,3	5,0	-	4,4
Arquivístico	0,6	-	1,0	1,4	1,9	1,0	-	1,3
Biblioteconômico	19,8	12,1	13,4	16,4	14,8	19,0	4,2	16,5
Documental	2,5	1,1	3,4	2,3	-	5,6	4,3	1,4
Outros	9,2	9,6	6,6	6,9	1,9	10,9	12,0	3,8

FONTE: CADASTRO NACIONAL DE MUSEUS - IBRAM / MINC, 2010

A Tabela 8 oferece uma referência das tipologias de bens culturais distribuídas pelas unidades federativas. Os dados revelam que a tipologia de acervo mais encontrado nos Estados e Distrito Federal é o histórico. Em termos regionais, Norte, Nordeste e Sul sobressaem-se por apresentar acervos antropológicos e etnográficos, e arqueológicos em percentuais mais elevados do que nas regiões Sudeste e Centro-Oeste.[18]

18 Cabe ressaltar que a interpretação dos dados da Tabela 8 merece cuidado, pois no cálculo dos percentuais relativos às tipologias de acervo por Unidade da Federação e por Grande Região foram excluídos os casos de 'não resposta'. É o caso, por exemplo, do tipo 'Artes Visuais' no Sudeste, onde o percentual de não resposta (47,5%) a esse item foi mais elevado do que no Nordeste (31,2%). Por essa razão, o Sudeste, que possui maior número de museus que afirmavam ter acervo de Artes Visuais do que o Nordeste, aparece na Tabela 8 com percentuais inferiores.

cadastro nacional de museus

TABELA 8 - PORCENTAGEM (%) DE TIPOLOGIA DE ACERVO, POR UNIDADES DA FEDERAÇÃO E GRANDES REGIÕES, BRASIL, 2010

UNIDADE DA FEDERAÇÃO	TIPOLOGIA DE ACERVO											
	ANTROPOLOGIA E ETNOGRAFIA	ARQUEOLOGIA	ARTES VISUAIS	CIÊNCIAS NATURAIS E HISTÓRIA NATURAL	CIÊNCIA E TECNOLOGIA	HISTÓRIA	IMAGEM E SOM	VIRTUAL	ARQUIVÍSTICO	BIBLIOTECONÔMICO	DOCUMENTAL	OUTROS
Brasil	**29,5**	**26,9**	**53,4**	**23,5**	**23,1**	**67,5**	**48,2**	**3,9**	**0,9**	**14,8**	**2,6**	**7,4**
Norte	41,4	41,4	52,2	25,7	10,1	51,5	44,1	4,3	-	15,9	-	10,0
Rondônia	25,0	25,0	25,0	-	-	25,0	50,0	-	-	-	-	25,0
Acre	63,6	63,6	90,9	36,4	-	81,8	63,6	18,2	-	27,3	-	9,1
Amazonas	35,3	35,3	11,8	23,5	5,9	43,8	31,3	5,9	-	5,9	-	5,9
Roraima	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	-	-	-	-	-
Pará	29,6	29,6	65,4	25,9	11,5	50,0	30,8	-	-	7,7	-	14,8
Amapá	57,1	71,4	42,9	-	-	28,6	71,4	-	-	57,1	-	-
Tocantins	66,7	33,3	66,7	66,7	66,7	66,7	66,7	-	-	33,3	-	-
Nordeste	36,2	28,6	68,8	22,8	24,9	66,5	52,4	5,5	1,1	15,6	2,9	10,3
Maranhão	-	9,1	88,9	9,1	18,2	44,4	40,0	-	-	27,3	11,1	-
Piauí	50,0	30,0	90,0	60,0	30,0	80,0	60,0	-	-	10,0	-	-
Ceará	37,0	40,7	65,4	31,5	33,3	81,1	64,2	10,9	-	7,3	-	14,5
Rio Grande do Norte	65,5	51,7	69,0	27,6	27,6	75,9	37,9	6,7	3,4	20,7	12,0	6,7
Paraíba	28,6	14,3	71,4	7,1	14,3	64,3	57,1	-	-	21,4	-	7,1
Pernambuco	37,0	33,3	67,4	17,8	21,7	56,5	52,2	2,2	4,4	21,7	2,5	13,3
Alagoas	20,8	4,5	43,5	4,2	16,7	60,0	52,0	15,4	-	24,0	5,0	7,7
Sergipe	50,0	30,0	80,0	20,0	40,0	80,0	60,0		-	10,0	-	20,0
Bahia	31,4	19,7	72,9	23,9	22,5	59,4	48,6	2,8	-	11,4	1,4	9,9

UNIDADE DA FEDERAÇÃO	TIPOLOGIA DE ACERVO											
	ANTROPOLOGIA E ETNOGRAFIA	ARQUEOLOGIA	ARTES VISUAIS	CIÊNCIAS NATURAIS E HISTÓRIA NATURAL	CIÊNCIA E TECNOLOGIA	HISTÓRIA	IMAGEM E SOM	VIRTUAL	ARQUIVÍSTICO	BIBLIOTECONÔMICO	DOCUMENTAL	OUTROS
Sudeste	**23,6**	**22,3**	**52,5**	**23,6**	**26,1**	**64,4**	**47,0**	**3,7**	**1,3**	**17,9**	**3,8**	**7,9**
Minas Gerais	24,8	27,2	55,8	33,3	36,3	65,0	47,8	4,2	1,3	18,6	6,3	9,1
Espírito Santo	11,5	-	38,5	23,1	7,7	61,5	38,5	-	-	15,4	-	3,8
Rio de Janeiro	18,6	16,9	62,3	8,5	19,1	68,8	46,6	3,4	1,8	21,6	6,1	7,6
São Paulo	26,4	23,9	47,4	24,4	24,8	62,3	47,5	3,8	1,2	16,2	1,7	7,6
Sul	**34,1**	**30,5**	**48,6**	**23,2**	**22,9**	**77,2**	**49,9**	**3,5**	**0,5**	**10,3**	**1,9**	**6,0**
Paraná	34,7	26,8	47,4	20,4	13,4	78,9	46,3	1,0	-	7,1	2,2	10,1
Santa Catarina	35,0	31,6	53,4	26,1	26,5	76,7	53,8	4,2	-	8,5	2,7	8,4
Rio Grande do Sul	33,3	31,6	46,7	22,8	25,1	76,8	49,4	4,3	0,9	12,5	1,4	3,0
Centro-Oeste	**19,7**	**22,9**	**42,7**	**24,2**	**13,6**	**58,1**	**40,8**	**3,0**	**0,8**	**14,4**	**0,8**	**3,0**
Mato Grosso do Sul	33,3	29,6	33,3	37,0	22,2	74,1	50,0	3,7	-	22,2	-	-
Mato Grosso	35,7	35,7	59,3	25,0	17,9	44,4	39,3	-	-	17,9	4,2	-
Goiás	10,5	29,7	36,8	15,8	5,3	50,0	43,2	-	-	12,8	-	7,9
Distrito Federal	7,7	2,6	43,6	23,1	12,8	64,1	33,3	7,7	2,6	7,9	-	2,6

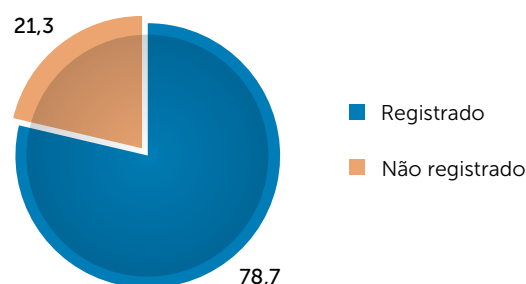
Nota: O Estado de Roraima conta com 100% em sete tipologias de acervo nesta tabela, pois possui apenas 1 museu cadastrado. Este museu apresenta todas as sete tipologias.

FONTE: CADASTRO NACIONAL DE MUSEUS - IBRAM / MINC, 2010

A quantidade e a diversidade de acervos declarados pelos museus também foram analisados, segundo os instrumentos utilizados para a sua documentação.

O registro do acervo é um procedimento essencial para a sua preservação e, ainda, para o desenvolvimento de pesquisas, bem como a realização das atividades de educação e comunicação dos museus. O Estatuto de Museus, em seu Art. 42 da Subseção V (*Do Uso das Imagens e Reprodução dos Bens Culturais dos Museus*) especifica que: "Os museus facilitarão o acesso à imagem e à reprodução de seus bens culturais e documentos conforme os procedimentos estabelecidos na legislação vigente e nos regimentos internos de cada museu."[19]

Os Gráficos 13 e 13.1 mostram a situação dos museus no que se refere ao registro dos acervos e os instrumentos utilizados para essa finalidade. A maior parte (78,7%) dos museus cadastrados declarou realizar o registro dos seus acervos.

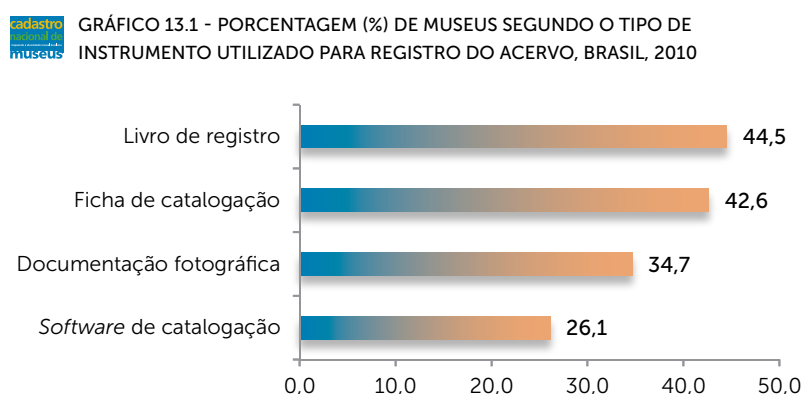
GRÁFICO 13 - PORCENTAGEM (%) DE MUSEUS SEGUNDO SITUAÇÃO DE REGISTRO DO ACERVO, BRASIL, 2010

FONTE: CADASTRO NACIONAL DE MUSEUS - IBRAM / MINC, 2010

Pode causar certa estranheza a comparação de informações fornecidas anteriormente sobre o número de bens culturais, com os dados do Gráfico 13. Embora 78,7% dos museus tenham declarado realizar algum tipo de registro de acervo, 75% afirmaram possuir somente um número aproximado sobre a quantidade de seus bens culturais. Essa aparente distorção deve-se ao fato de que alguns museus possuem inventários atualizados de suas coleções, podendo informar com exatidão o número de bens preservados.

19 BRASIL. Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009. Disponível em www.museus.gov.br/legislacao/lei-11-904-de-14-de-janeiro-de-2009. Acesso em: jul. 2011.

Outro aspecto a se considerar, é o fato de que, apesar do reconhecimento da importância do registro dos bens culturais, muitos museus apresentam dificuldades na execução dessa atividade. O não estabelecimento de números exatos ocorre por diferentes motivos, entre eles a escassez de recursos humanos e a ausência de capacitação técnica para a realização da atividade e o próprio caráter dinâmico dos acervos, uma vez que boa parte das instituições atua com a permanente inclusão de novos bens culturais em suas coleções.

Os principais instrumentos utilizados para registro do acervo, segundo o CNM, são o livro de registro e a ficha catalográfica, que se equiparam em freqüência de citações (Gráfico 13.1). Os *softwares* de catalogação aparecem como o recurso menos utilizado em relação aos demais instrumentos.

GRÁFICO 13.1 - PORCENTAGEM (%) DE MUSEUS SEGUNDO O TIPO DE INSTRUMENTO UTILIZADO PARA REGISTRO DO ACERVO, BRASIL, 2010

FONTE: CADASTRO NACIONAL DE MUSEUS - IBRAM / MINC, 2010

Outro aspecto investigado foi o tombamento de acervos: 10,1% dos museus afirmaram possuir acervos tombados, conforme o Gráfico 14. No Brasil, a região Sudeste se destaca pela concentração de bens culturais tombados.

O tombamento pode ser utilizado para a proteção de um único objeto como também para a proteção de uma coleção e pode ser realizado em três diferentes instâncias não-excludentes – federal, estadual e municipal – desde que exista no local do bem cultural tombado, órgão com essa responsabilidade. Isto quer dizer que um mesmo bem cultural protegido na esfera municipal, por exemplo, poderá também ser protegido na esfera estadual ou federal. O Gráfico 14.1 ilustra a frequência de tombamento de acervo por instância

pública[20], o que permite verificar a prevalência da esfera federal sobre as demais no Brasil.[21]

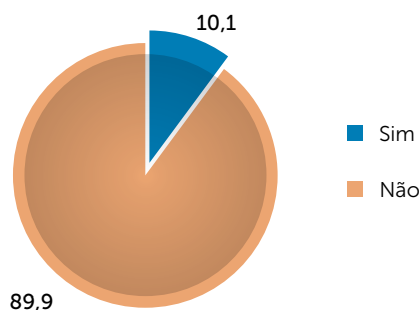
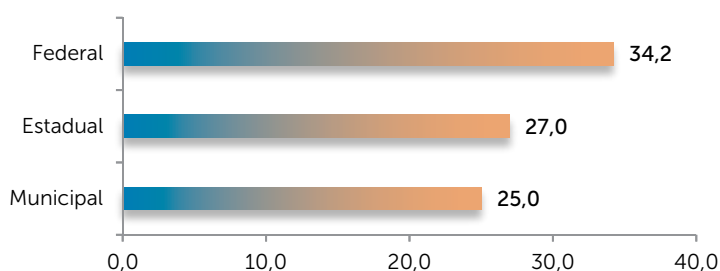
GRÁFICO 14 - PORCENTAGEM (%) DE MUSEUS SEGUNDO TOMBAMENTO DO ACERVO, BRASIL, 2010

FONTE: CADASTRO NACIONAL DE MUSEUS - IBRAM / MINC, 2010

GRÁFICO 14.1 - PORCENTAGEM (%) DE MUSEUS SEGUNDO INSTÂNCIA DE TOMBAMENTO DO ACERVO, BRASIL, 2010

FONTE: CADASTRO NACIONAL DE MUSEUS - IBRAM / MINC, 2010

Os dados em todas as esferas de governo indicam resultados das políticas de proteção ao patrimônio material e imaterial no País. Em estatísticas levantadas pelo Ministério da Cultura, 17,7% dos Estados brasileiros possuem legislação municipal de proteção ao patrimônio cultural – material e imaterial.[22] Nesse quesito, o Estado de Minas Gerais se destaca com o percentual mais elevado (62,1%).

20 Os dados apresentados no Gráfico 14.1 demonstram que algumas instituições não responderam a questão sobre a instância de tombamento do acervo.

21 13,8% dos museus que afirmaram possuir acervos tombados, não declararam a instância de tombamento.

22 Ministério da Cultura. *Cultura em números: anuário de estatísticas culturais* – 2ª edição. Brasília: MinC, 2010.

Nos municípios, a instituição de conselhos locais de preservação do patrimônio ganhou impulso a partir da década de 1980. A função de cuidar da preservação do patrimônio está muitas vezes incorporada às atribuições dos Conselhos de Cultura, embora existam também conselhos específicos para a área de proteção ao patrimônio cultural, como os Conselhos Municipais de Preservação do Patrimônio.

No entanto, somente 13,3% dos municípios possuem Conselhos desse tipo. A região Sudeste possui o percentual mais elevado de Conselhos Municipais de Preservação do Patrimônio (37,1%); nas outras regiões esse percentual não atinge 7% dos municípios.[23]

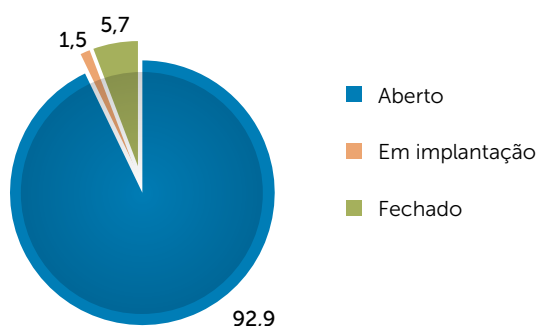
---

23 Idem.

3. ACESSO DO PÚBLICO

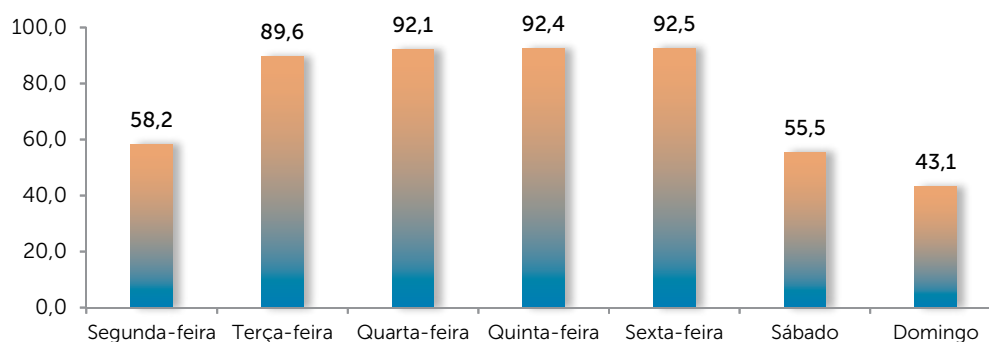
Neste subcapítulo serão analisados aspectos do funcionamento das instituições museológicas brasileiras e da visitação por diferentes públicos, incluindo questões relacionadas à infraestrutura para recebimento de turistas estrangeiros e portadores de necessidades especiais. São igualmente apresentadas informações relativas à visitação anual aos museus brasileiros.

No Gráfico 15, observa-se que a quase totalidade dos museus registrados junto ao CNM (92,9%) encontrava-se aberta ao público à época da data de corte da pesquisa; 5,7% estavam fechados e 1,5% em fase de implantação. Importante esclarecer que os classificados como fechados são aqueles que não estão abertos à visitação pública, mas cujo funcionamento interno é mantido regularmente.

GRÁFICO 15 - PORCENTAGEM (%) DE MUSEUS SEGUNDO SITUAÇÃO DE ABERTURA AO PÚBLICO, BRASIL, 2010

FONTE: CADASTRO NACIONAL DE MUSEUS - IBRAM / MINC, 2010

A segunda informação sobre acesso diz respeito aos dias da semana em que os acervos podem ser visitados pelo público. De acordo com os dados do Gráfico 16, a abertura dos museus, por dia da semana, é mais alta no período de terça-feira a sexta-feira. Durante a semana, os museus ficam fechados ao público em pelo menos um dia, de modo geral, às segundas-feiras, quando mais de 40% dedicam-se às atividades de manutenção e conservação preventiva dos bens culturais expostos, dos suportes expográficos, de equipamentos de controle e da própria edificação.

Os dias de abertura ao público podem influenciar no perfil dos visitantes e em seu quantitativo. Visto que a maioria das instituições permanece fechada nos finais de semana, os dados obtidos sugerem que os dias em que os museus permanecem abertos coincidem com os de funcionamento das instituições de ensino. De fato, essa aproximação é fundamental, considerando a importância das relações entre museu e escola. Entretanto, entende-se que o funcionamento dos museus aos finais de semana facilita a visitação da população economicamente ativa e ocupada[24], que possui atividades concentradas nos dias úteis. Para esse público, sábados e domingos normalmente podem ser dedicados às atividades culturais e ao lazer de modo geral.

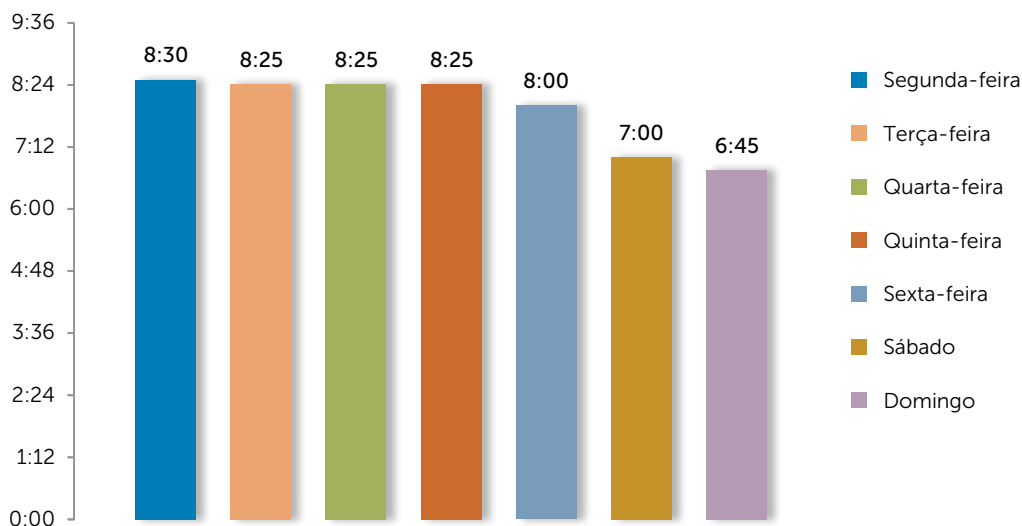
GRÁFICO 16 - PORCENTAGEM (%) DE MUSEUS SEGUNDO ABERTURA POR DIA DA SEMANA, BRASIL, 2010

FONTE: CADASTRO NACIONAL DE MUSEUS - IBRAM / MINC, 2010

Assim como os dias de funcionamento, o horário de abertura ao público representa outro fator importante. O levantamento do CNM revela uma diversidade de horários estabelecidos pelas instituições, os quais variam segundo o dia da semana.

O Gráfico 16.1 apresenta a média de horas de funcionamento diário dos museus cadastrados. O período de abertura dos museus ao público varia entre seis e nove horas diárias. Nos fins de semana, observa-se horário reduzido naqueles que abrem à visitação pública. Destaca-se que, embora nas segundas-feiras o número de museus abertos seja inferior aos demais dias úteis, para as instituições que permanecem abertas à visitação neste dia, o horário

24 Conceitos utilizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) nas pesquisas relativas a emprego e trabalho.

de funcionamento corresponde ao dos museus com maior tempo médio de funcionamento diário.

GRÁFICO 16.1 - TEMPO MÉDIO DE FUNCIONAMENTO DIÁRIO DOS MUSEUS, BRASIL, 2010

FONTE: CADASTRO NACIONAL DE MUSEUS - IBRAM / MINC, 2010

As informações sobre o dia de abertura dos museus podem, ainda, ser analisadas por unidade federativa, de acordo com a Tabela 9.

Os dados revelam que não há diferença regional acentuada no que diz respeito à abertura de museus de terça-feira a sexta-feira. No entanto, os museus das regiões Centro-Oeste e Sul apresentam percentual de abertura às segundas-feiras maior do que os das demais regiões. O Norte e o Sudeste possuem o maior índice de abertura de museus no sábado, enquanto o Centro-Oeste registra o menor índice de museus abertos aos domingos. No caso do Distrito Federal, segundo os dados do CNM, 48,6% dos museus cadastrados não abrem aos sábados e domingos. Desse total, 83,3% pertencem a órgãos públicos, localizados em regiões da cidade com pouco movimento nos finais de semana. Independentemente da esfera a que se vinculam, seja ela federal ou distrital, os horários de funcionamento dessas instituições museológicas acompanham normalmente os dias e horários de funcionamento dos órgãos aos quais estão vinculadas, o que explica, em parte, o baixo quantitativo de museus abertos aos finais de semana no Distrito Federal.

TABELA 9 - PORCENTAGEM (%) DE MUSEUS SEGUNDO ABERTURA POR DIA DA SEMANA, POR UNIDADES DA FEDERAÇÃO E GRANDES REGIÕES, BRASIL, 2010

UNIDADE DA FEDERAÇÃO	SEGUNDA-FEIRA	TERÇA-FEIRA	QUARTA-FEIRA	QUINTA-FEIRA	SEXTA-FEIRA	SÁBADO	DOMINGO
Brasil	**58,2**	**89,6**	**92,1**	**92,4**	**92,5**	**55,5**	**43,1**
Norte	48,6	88,6	90,0	90,0	90,0	62,9	47,1
Rondônia	50,0	50,0	75,0	75,0	75,0	25,0	0,0
Acre	36,4	90,9	90,9	90,9	90,9	63,6	63,6
Amazonas	64,7	94,1	94,1	94,1	94,1	64,7	35,3
Roraima	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	-	-
Pará	44,4	96,3	96,3	96,3	96,3	70,4	59,3
Amapá	28,6	71,4	71,4	71,4	71,4	57,1	57,1
Tocantins	66,7	66,7	66,7	66,7	66,7	66,7	0,0
Nordeste	58,6	89,7	91,2	91,2	91,2	56,4	38,1
Maranhão	36,4	100,0	100,0	100,0	100,0	63,6	36,4
Piauí	40,0	80,0	80,0	80,0	80,0	60,0	50,0
Ceará	76,4	96,4	98,2	100,0	100,0	58,2	34,5
Rio Grande do Norte	33,3	76,7	80,0	76,7	73,3	70,0	43,3
Paraíba	78,6	100,0	100,0	100,0	100,0	57,1	35,7
Pernambuco	54,3	95,7	95,7	95,7	97,8	60,9	52,2
Alagoas	65,4	96,2	96,2	96,2	96,2	42,3	23,1
Sergipe	40,0	90,0	100,0	100,0	100,0	70,0	60,0
Bahia	60,6	81,7	83,1	83,1	83,1	47,9	31,0
Sudeste	48,9	86,5	90,5	91,4	91,6	60,8	49,4
Minas Gerais	56,4	90,3	93,3	94,5	92,1	49,7	47,3
Espírito Santo	61,5	88,5	96,2	96,2	96,2	61,5	50,0
Rio de Janeiro	39,0	77,1	87,3	85,6	91,5	68,6	55,9
São Paulo	47,3	88,2	89,7	91,6	90,8	64,1	47,7
Sul	68,2	92,9	94,3	94,0	94,3	49,4	39,3
Paraná	68,7	93,9	96,0	94,9	96,0	48,5	41,4
Santa Catarina	61,3	90,8	92,4	92,4	91,6	57,1	48,7
Rio Grande do Sul	71,5	93,6	94,5	94,5	94,9	46,0	33,6
Centro-Oeste	68,4	91,7	94,0	94,7	94,7	47,4	36,8
Mato Grosso do Sul	66,7	92,6	96,3	96,3	96,3	51,9	29,6
Mato Grosso	71,4	85,7	85,7	85,7	85,7	39,3	25,0
Goiás	61,5	92,3	97,4	100,0	100,0	53,8	43,6
Distrito Federal	74,4	94,9	94,9	94,9	94,9	43,6	43,6

FONTE: CADASTRO NACIONAL DE MUSEUS - IBRAM / MINC, 2010

Investigou-se também a necessidade de agendamento para visitação e a cobrança de ingresso. Observa-se que aproximadamente 12% (Gráfico 17) dos museus exigem agendamento e que 20,3% (Gráfico 18) dos museus declararam cobrar ingressos. Na maioria dos casos, o valor praticado pelas instituições varia entre R$ 1,00 e R$ 5,00 (Gráfico 18.1).

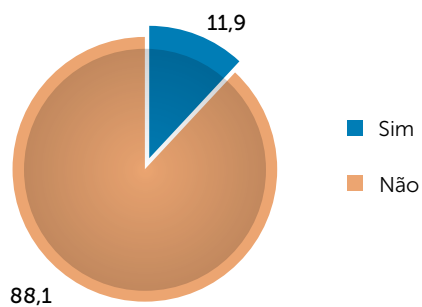
GRÁFICO 17 - PORCENTAGEM (%) DE MUSEUS SEGUNDO NECESSIDADE DE AGENDAMENTO, BRASIL, 2010

FONTE: CADASTRO NACIONAL DE MUSEUS - IBRAM / MINC, 2010

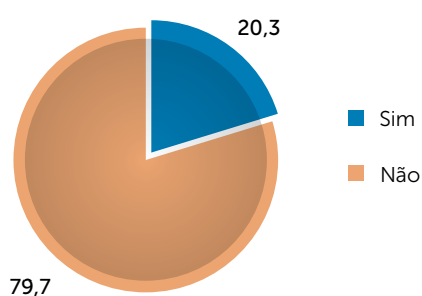
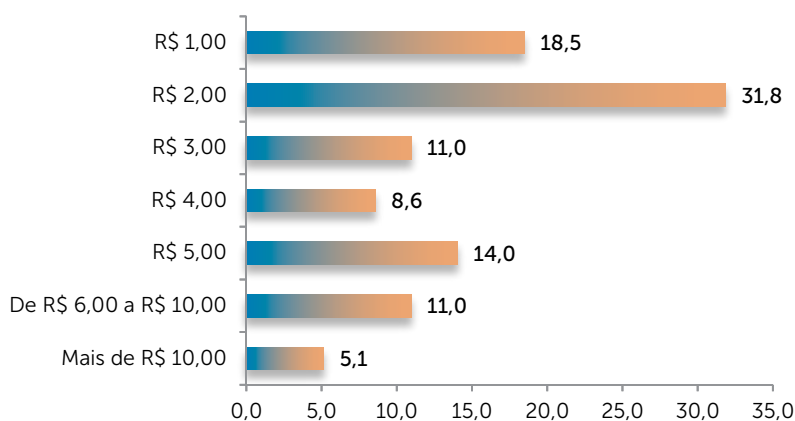
GRÁFICO 18 - PORCENTAGEM (%) DE MUSEUS SEGUNDO COBRANÇA DE INGRESSO, BRASIL, 2010

FONTE: CADASTRO NACIONAL DE MUSEUS - IBRAM / MINC, 2010

GRÁFICO 18.1 - PORCENTAGEM (%) DE MUSEUS POR VALOR COBRADO DE INGRESSO, BRASIL, 2010

FONTE: CADASTRO NACIONAL DE MUSEUS - IBRAM / MINC, 2010

É importante ressaltar que segmentos específicos de público demandam atendimento diferenciado, como o caso dos turistas estrangeiros e dos portadores de necessidades especiais. Ademais, vale destacar que, conforme descrito no periódico *Museus e Acessibilidade*,[25] esse assunto se relaciona a "outros com-

25 INSTITUTO PORTUGUÊS DE MUSEUS. *Coleção Temas de Museologia*. Disponível em: http://impmuseus.pt/edicoes_oline/pub_periodicas/temas_museologia/acessibilidade.pdf. Acesso em: maio 2011.

ponentes determinantes, que concernem aspectos intelectuais e emocionais, acessibilidade da informação e do acervo (...)". É fundamental, portanto, que além de oferecer adaptações físicas e serviços a segmentos específicos de público, cada instituição possa desenvolver uma política de acessibilidade, que considere elementos como: nível cognitivo distinto, idades, graus de comprometimento da mobilidade física e outras eventuais diferenças existentes entre os indivíduos.[26]

3.1 INFRAESTRUTURA PARA O RECEBIMENTO DE TURISTAS ESTRANGEIROS

Historicamente, cultura e turismo são campos que mantêm estreitas relações em termos econômicos e sociais. De prática restrita às elites até o século XVIII, o turismo se transformou em atividade de todas as classes sociais a partir do século XIX com o advento do turismo de massa.[27] A industrialização e a urbanização no século XX intensificaram a procura por atividades de lazer e turismo.

Assim, o turismo vem ganhando ao longo do tempo maior complexidade, diversificando suas abordagens, o que implica estruturação de suas atividades em diferentes segmentos. Os museus, de modo geral, estão inseridos no segmento do turismo cultural e constituem forte referência em roteiros de viagem e lazer. Figuram entre as principais atrações de diversos destinos turísticos do mundo e em várias localidades são considerados pontos de visitação obrigatória. É o caso, por exemplo, do Museu do Louvre em Paris, do Museu do Prado em Madri e do Museu Nacional de Antropologia, na Cidade do México.

No Brasil, as relações entre cultura e turismo vêm se fortalecendo. A esse respeito, Lasmar afirma: "a cultura, em todos os seus aspectos, é utilizada cada vez mais como um recurso turístico, pois gera benefícios econômicos, empregos e renda, além de valorizar as tradições e fortalecer as raízes locais".[28] Nessa perspectiva, a autora ressalta os museus como parte de roteiros turís-

---

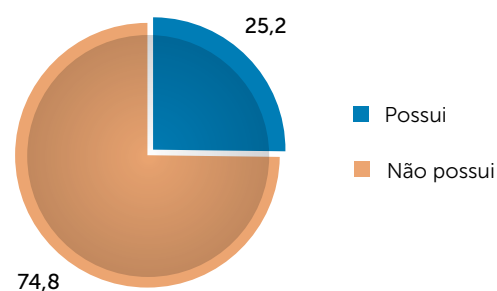
26 TOJAL, Amanda Fonseca. Acessibilidade e inclusão de públicos especiais em museus. In: BALLESTERO, Alfonso et al. (Org.). *Caderno de Acessibilidade: reflexões e experiências em exposições e museus*. São Paulo: Expomus, 2010.

27 LASMAR, Telma Gonçalves. Lazer é prazer: museu dá prazer? Uma análise da relação do morador de Niterói com seu Museu de Arte Contemporânea. In: Ministério da Cultura. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Departamento de Museus e Centros Culturais. Revista *MUSAS*, n. 2. Rio de Janeiro, 2006.

28 Ibidem, p. 30.

ticos brasileiros, citando o Museu de Arte Contemporânea (MAC), de Niterói, como referência cultural e turística da cidade.

Segundo as informações prestadas pelos museus ao CNM, podemos afirmar que a quarta parte das instituições museológicas possui algum tipo de estrutura para o recebimento de turistas estrangeiros (Gráfico 19).

GRÁFICO 19 - PORCENTAGEM (%) DE MUSEUS SEGUNDO EXISTÊNCIA DE INFRAESTRUTURA PARA RECEBIMENTO DE TURISTAS ESTRANGEIROS, BRASIL, 2010

FONTE: CADASTRO NACIONAL DE MUSEUS - IBRAM / MINC, 2010

Nessas instituições, as ferramentas de comunicação mais usuais são etiquetas e/ou textos em idioma estrangeiro para identificação dos bens culturais, sinalização visual e publicações em idioma estrangeiro, conforme o Gráfico 19.1.

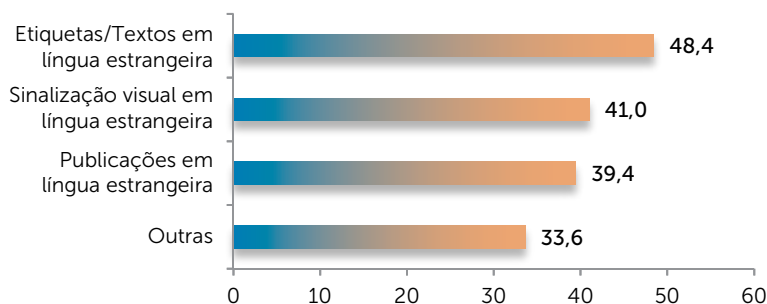
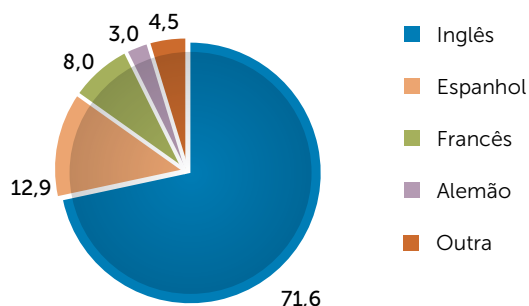
GRÁFICO 19.1 - PORCENTAGEM (%) DE MUSEUS POR TIPOS DE FERRAMENTA DE COMUNICAÇÃO UTILIZADA PARA TURISTAS ESTRANGEIROS, BRASIL, 2010

FONTE: CADASTRO NACIONAL DE MUSEUS - IBRAM / MINC, 2010

GRÁFICO 20 - PORCENTAGEM (%) DE LÍNGUA ESTRANGEIRA EMPREGADA EM ETIQUETAS/TEXTOS, BRASIL, 2010

Língua	%
Inglês	71,6
Espanhol	12,9
Francês	8,0
Alemão	3,0
Outra	4,5

FONTE: CADASTRO NACIONAL DE MUSEUS - IBRAM / MINC, 2010

Com relação aos idiomas utilizados nos instrumentos de comunicação com visitantes estrangeiros, o inglês é o mais frequente em etiquetas/textos, sinalização visual e publicações (Gráficos 20, 21 e 22). Em segundo lugar é empregado o espanhol, seguido do francês e do alemão.

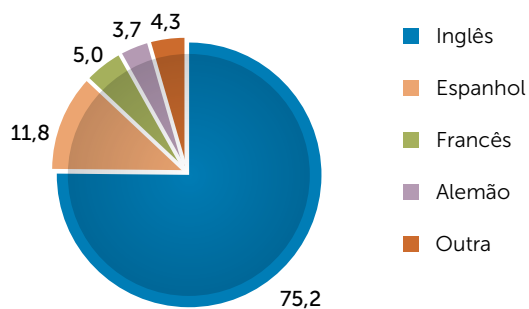
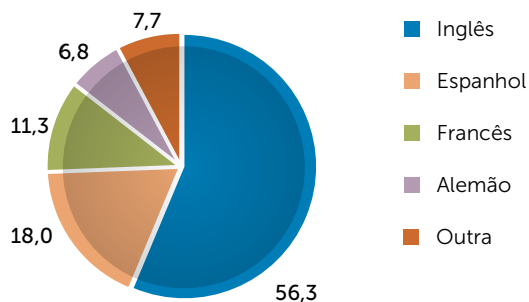
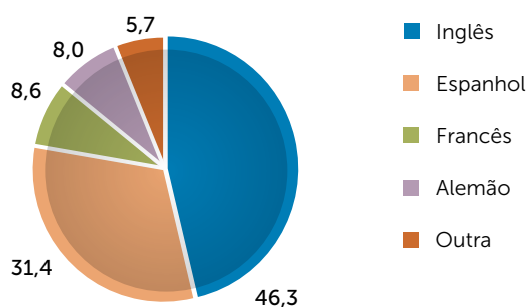
GRÁFICO 21 - PORCENTAGEM (%) DE LÍNGUA ESTRANGEIRA EMPREGADA EM SINALIZAÇÃO VISUAL, BRASIL, 2010

FONTE: CADASTRO NACIONAL DE MUSEUS - IBRAM / MINC, 2010

GRÁFICO 22 - PORCENTAGEM (%) DE LÍNGUA ESTRANGEIRA EMPREGADA EM PUBLICAÇÕES, BRASIL, 2010

FONTE: CADASTRO NACIONAL DE MUSEUS - IBRAM / MINC, 2010

Os museus ainda informaram que fazem uso de outros tipos de ferramentas de comunicação, tais como: intérpretes, visitas guiadas, audioguias e recursos audiovisuais em outros idiomas (Gráfico 23). Neste quesito, nota-se um aumento significativo dos museus que mencionaram utilizar a língua espanhola, idioma que vem crescendo em importância no cenário nacional.

Segundo dados do Departamento de Polícia Federal e do Ministério do Turismo, aproximadamente 47,6% dos turistas que escolhem o Brasil como destino são provenientes de países de língua espanhola. Os principais países de língua espanhola emissores de turistas para o Brasil em 2009 foram: Argentina (25,2%), Uruguai (3,9%), Paraguai (3,7%), Espanha (3,6%), Chile (3,5%), Bolívia (1,7%), Peru (1,6%), Colômbia (1,6%), México (1,4%) e Venezuela (1,1%). Já os provenientes de países de língua inglesa representam 17,5% do total, distribuídos entre Estados Unidos (12,6%), Inglaterra (3,6%) e Canadá (1,3%).[29]

Diante dessas informações que assinalam grande fluxo de turistas provenientes de países de língua espanhola, tornam-se necessários investimentos na capacitação de recursos humanos, sobretudo no que diz respeito à habilitação de profissionais em idioma espanhol.

GRÁFICO 23 - PORCENTAGEM (%) DE LÍNGUA ESTRANGEIRA EMPREGADA EM OUTRAS FERRAMENTAS DE COMUNICAÇÃO, BRASIL, 2010

FONTE: CADASTRO NACIONAL DE MUSEUS - IBRAM / MINC, 2010

Um grande número de turistas é esperado para os eventos esportivos que o Brasil sediará nos próximos anos: Copa do Mundo de Futebol, em 2014, e Jogos

29 Ministério do Turismo. Disponível em: www.dadosefatos.turismo.gov.br/dadosefatos/estatisticas_indicadores/principais. Acesso em: 3 dez. 2010.

Olímpicos, em 2016. A expectativa do setor museológico é de crescimento da visitação aos museus nas capitais onde ocorrerão as competições e nas cidades vizinhas, bem como da criação de novas instituições museológicas.

Com vistas a atender ao imperativo de fortalecer o segmento do turismo cultural, os Ministérios do Turismo e da Cultura iniciaram, em 2008, o Programa de Qualificação de Museus para o Turismo. No âmbito desse Programa, implantado por intermédio do IBRAM, são desenvolvidos projetos com o objetivo de adequar e equipar os espaços museológicos para melhor atendimento ao turista, bem como capacitar profissionais para atuar junto a esse público. Dentre as ações executadas destacam-se: reformas e melhorias nos espaços dos museus; ampliação de acervos, instalação de equipamentos de segurança, aquisição de equipamentos de áudio e de vídeo; elaboração de materiais de divulgação em línguas estrangeiras e contratação de serviços.

3.2 PESQUISA DE PÚBLICO

As pesquisas de público começaram a ser desenvolvidas nos museus, no início do século XX. Segundo Eloísa Pérez Santos, os primeiros estudos foram focados na observação dos visitantes nos museus norte-americanos, com a intenção de analisar comportamentos impactados pelo desenho expográfico e o tempo despendido nas exposições. A autora ressalta ainda que, nesse período, foram aplicados pela primeira vez questionários para traçar o perfil do público visitante de museus.[30]

Nas décadas subsequentes, foram desenvolvidas várias metodologias de pesquisa de público, refletindo a crescente importância da dimensão social na prática museológica. Conhecer o público, e também o não público dos museus, é fundamental para a análise e o debate sobre a democratização das instituições museológicas, e o seu uso (ou não uso) por parte dos diferentes setores da sociedade contemporânea.

---

30 SANTOS, Eloísa Pérez. *Estudio de visitantes en museos: metodología y aplicaciones*. Madrid: Trea, 2000.

No Brasil é expressivo o número de pesquisadores que se dedicam a essa área. Segundo Denise Studart, Adriana Almeida e Maria Esther Valente, "os estudos de público vêm atraindo o interesse crescente de profissionais que atuam nos museus e se constituem, hoje, em aspecto cada vez mais relevante para o planejamento da instituição, refinamento de seus programas e atendimento ao público."[31]

No CNM a temática de pesquisa de público foi tratada por meio de duas questões. Uma referente à existência ou não de pesquisas de público na instituição, independentemente de sua metodologia, complementada ainda pela informação sobre a regularidade de realização desses estudos. A segunda questão refere-se à mensuração anual de público.

A Tabela 10 oferece informações sobre a realização de pesquisas de público nos museus cadastrados. A maioria das instituições (74,7%) declarou realizar esses estudos. No entanto, quando perguntados a respeito da periodicidade em que tais pesquisas são executadas, pouco mais da metade (53,5%) afirmou realizá-las regularmente.

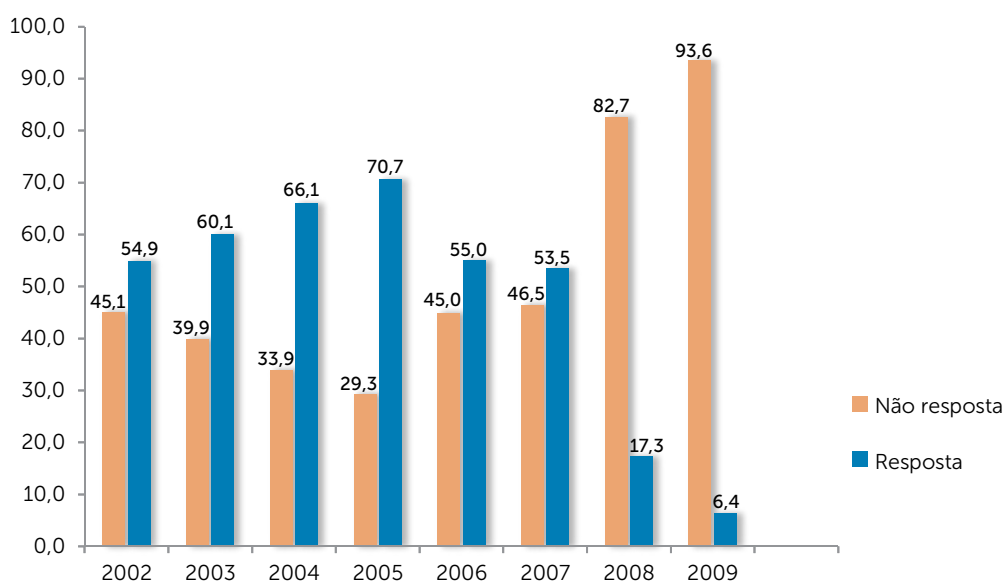
31 STUDART, Denise; ALMEIDA, Adriana Mortara; VALENTE, Maria Esther. Pesquisa de Público em Museus: desenvolvimento e perspectivas. In: GOUVÊA, Guaracira; MARANDINO, Martha; LEAL, Maria Cristina (Org.). *Educação e Museu: a construção social do caráter educativo dos museus de ciência*. Rio de Janeiro: Access, 2003. p. 129-159.

TABELA 10 - PORCENTAGEM (%) DE MUSEUS SEGUNDO REALIZAÇÃO DE PESQUISA DE PÚBLICO E REGULARIDADE DE SUA APLICAÇÃO, POR UNIDADES DA FEDERAÇÃO E GRANDES REGIÕES, BRASIL, 2010

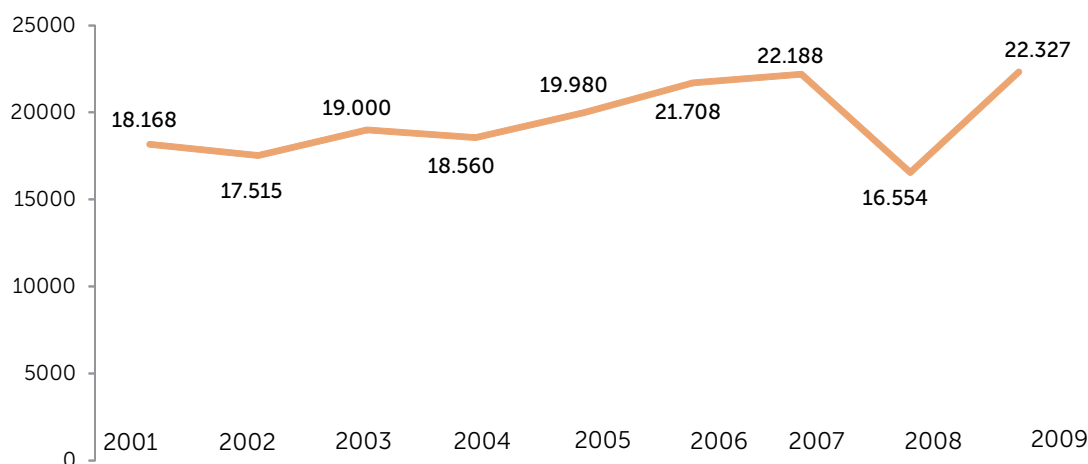
UNIDADE DA FEDERAÇÃO	REALIZA PESQUISA DE PÚBLICO	REGULARIDADE DA PESQUISA DE PÚBLICO	
		REGULAR	OCASIONAL
Brasil	**74,7**	**53,5**	**46,5**
Norte	68,6	52,2	47,8
Rondônia	-	-	-
Acre	81,8	53,8	46,2
Amazonas	82,4	-	100,0
Roraima	100,0	56,3	43,8
Pará	63,0	75,0	25,0
Amapá	57,1	33,3	66,7
Tocantins	100,0	22,2	77,8
Nordeste	75,1	47,8	52,2
Maranhão	81,8	83,3	16,7
Piauí	60,0	41,0	59,0
Ceará	72,7	54,5	45,5
Rio Grande do Norte	73,3	69,2	30,8
Paraíba	92,9	48,6	51,4
Pernambuco	80,4	26,3	73,7
Alagoas	73,1	75,0	25,0
Sergipe	90,0	47,9	52,1
Bahia	70,4	54,4	45,6
Sudeste	75,0	59,6	40,4
Minas Gerais	77,0	41,2	58,8
Espírito Santo	65,4	59,5	40,5
Rio de Janeiro	68,6	64,5	35,5
São Paulo	77,5	53,3	46,7
Sul	75,5	49,6	50,4
Paraná	78,8	53,7	46,3
Santa Catarina	68,9	46,1	53,9
Rio Grande do Sul	77,4	50,0	50,0
Centro-Oeste	73,7	52,6	47,4
Mato Grosso do Sul	77,8	45,0	55,0
Mato Grosso	71,4	61,5	38,5
Goiás	69,2	51,7	48,3
Distrito Federal	76,9	53,5	46,5

FONTE: CADASTRO NACIONAL DE MUSEUS - IBRAM / MINC, 2010

Infere-se que a falta de regularidade na realização de pesquisas de público, na metade dos museus cadastrados, reflita na própria prática de quantificação da entrada de visitantes. O Gráfico 24 apresenta o volume de respostas válidas e de não respostas sobre o público anual dos museus brasileiros. Observa-se um crescente número de não respostas a essa questão, tendo em 2009 alcançado o mais alto índice de omissão de respostas por parte dos museus nessa área.

GRÁFICO 24 - PORCENTAGEM (%) DE MUSEUS POR ANO, SEGUNDO VALIDADE DE RESPOSTA RELATIVA A PÚBLICO ENTRE OS ANOS 2001 E 2009, BRASIL, 2010

FONTE: CADASTRO NACIONAL DE MUSEUS - IBRAM / MINC, 2010

No entanto, tendo em vista a demanda contínua e crescente de informação sobre o número de visitantes nos museus brasileiros, para o presente estudo utilizou-se a média anual, calculada com base no número médio de visitantes dos museus que responderam ao questionário nos respectivos anos. Conforme demonstrado no Gráfico 25, observa-se um crescimento no número de visitantes, com exceção dos anos de 2002 e 2008.

GRÁFICO 25 - NÚMERO MÉDIO DE VISITANTES DOS MUSEUS ENTRE OS ANOS 2001-2009, BRASIL, 2010

FONTE: CADASTRO NACIONAL DE MUSEUS - IBRAM / MINC, 2010

Com base nos dados da amostra de 2009, e considerando a média, o público estimado nos museus de todo o País naquele ano foi de mais de 80 milhões de visitantes.

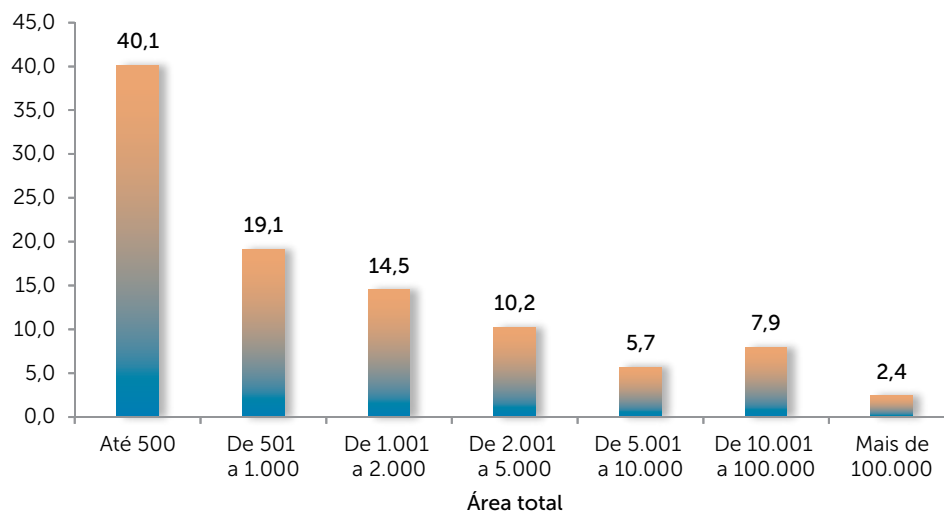
4. CARACTERIZAÇÃO FÍSICA DOS MUSEUS

O quarto subcapítulo do Panorama Nacional aborda os aspectos físicos relativos às instituições museológicas, apresentando informações a respeito das características de acesso, situação de propriedade dos imóveis ocupados, instalações e equipamentos destinados ao atendimento de pessoas com necessidades especiais, entre outras.

Os dados do Cadastro Nacional de Museus mostram que, somadas as áreas ocupadas pelos museus registrados, obtém-se um total significativo, de mais de 16.000 km^2. Se comparada com a área total do gramado de um campo de futebol, como o Maracanã, por exemplo, que tem 8.500 m^2, a extensão territorial ocupada pelos museus cadastrados corresponde a mais de 1.800 campos de futebol.

Na contagem da área ocupada dos museus cadastrados no País, estão somadas as áreas edificadas e as áreas livres pertencentes às instituições museológicas. Nesse contexto, pode-se observar que predominam no Brasil instituições com

áreas de até 500 m² (Gráfico 26). Instituições que ocupam áreas totais de mais de 10.000 m² aparecem em percentuais menores.

GRÁFICO 26 - PORCENTAGEM (%) DE MUSEUS SEGUNDO ÁREA TOTAL (M²), BRASIL, 2010

FONTE: CADASTRO NACIONAL DE MUSEUS - IBRAM / MINC, 2010

As áreas totais informadas pelos museus vão de 6 m² – caso do Museu Municipal Adolfo Eurich, no Paraná – até 1.370.000 m², extensão do Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Quanto à área edificada, constam no levantamento desde museus com áreas consideradas pequenas, a exemplo do mesmo Museu Municipal Adolfo Eurich, no Paraná, com 6 m², a instituições que preservam suas coleções em mais de um núcleo museológico[32], como é o caso do Acervo Artístico-Cultural dos Palácios do Governo do Estado de São Paulo, no qual os três núcleos somados totalizam mais de 200.000 m².

A Tabela 11 ilustra o cruzamento dos dados relativos à natureza administrativa e à área edificada dos museus. No total das instituições cadastradas predomina a área edificada na faixa de 201 m² a 500 m².

32 Núcleos museológicos são as edificações em que funcionam os museus. Um museu pode ter mais de um núcleo, isto é, funcionar em mais de uma edificação.

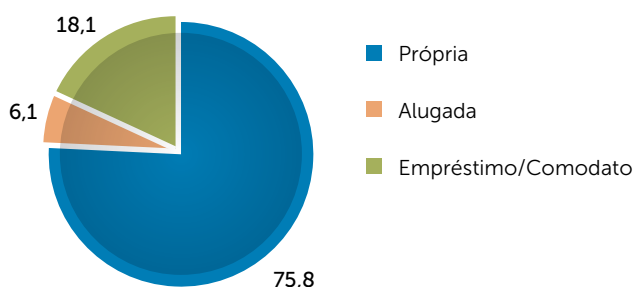
TABELA 11 - PORCENTAGEM (%) DE MUSEUS POR NATUREZA ADMINISTRATIVA SEGUNDO ÁREA EDIFICADA (M^2), BRASIL, 2010

ÁREA EDIFICADA (M^2)	NATUREZA ADMINISTRATIVA								TOTAL
	FEDERAL	ESTADUAL	MUNICIPAL	ASSOCIAÇÃO	EMPRESA	FUNDAÇÃO	SOCIEDADE	OUTRA	
Até 100	9,4	5,6	14,4	13,2	9,8	8,6	6,3	17,9	12,1
De 101 a 200	13,7	10,5	23,2	20,2	14,6	9,9	12,5	23,6	18,6
De 201 a 500	23,0	30,2	34,9	24,6	36,6	22,2	18,8	23,6	29,5
De 501 a 1.000	17,3	17,9	17,5	19,3	22,0	32,1	37,5	11,4	18,5
De 1.001 a 10.000	31,7	30,9	9,6	21,1	17,1	27,2	25,0	21,1	19,3
Mais de 10.000	5,0	4,9	0,4	1,8	-	-	-	2,4	1,9
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

FONTE: CADASTRO NACIONAL DE MUSEUS - IBRAM / MINC, 2010

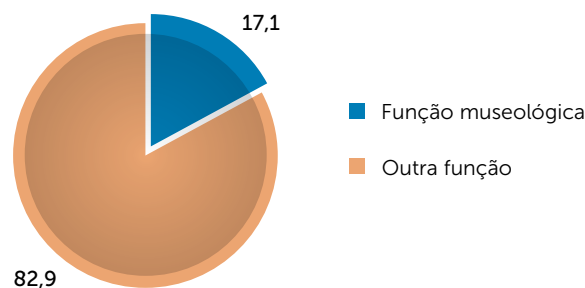
Os museus de natureza municipal e empresarial concentram mais edificações com áreas de até 1.000 m^2. Os museus administrados por fundações e sociedades, em sua maioria, possuem áreas de 501 m^2 a 10.000 m^2. Já as instituições estaduais e federais são aquelas que apresentam o maior percentual de museus com áreas edificadas acima de 1.001 m^2.

Dos museus que responderam ao questionário do CNM, a maior parte (75,8%) declarou possuir imóvel próprio (Gráfico 27). Um percentual bem menor dos museus funciona em instalações alugadas e 18,1% em regime de comodato ou empréstimo.

GRÁFICO 27 - PORCENTAGEM (%) DE MUSEUS SEGUNDO SITUAÇÃO DE PROPRIEDADE DO NÚCLEO PRINCIPAL, BRASIL, 2010

FONTE: CADASTRO NACIONAL DE MUSEUS - IBRAM / MINC, 2010

A função original das edificações ocupadas pelos museus foi investigada com o objetivo de verificar se o núcleo principal de cada instituição havia sido projetado arquitetonicamente para a função museológica ou se houve adaptação

posterior. O resultado revela que 17,1% das estruturas das instituições cadastradas foram originalmente construídas para abrigar museus e que a maior parte das edificações foi adaptada para funcionar como museu (Gráfico 28).

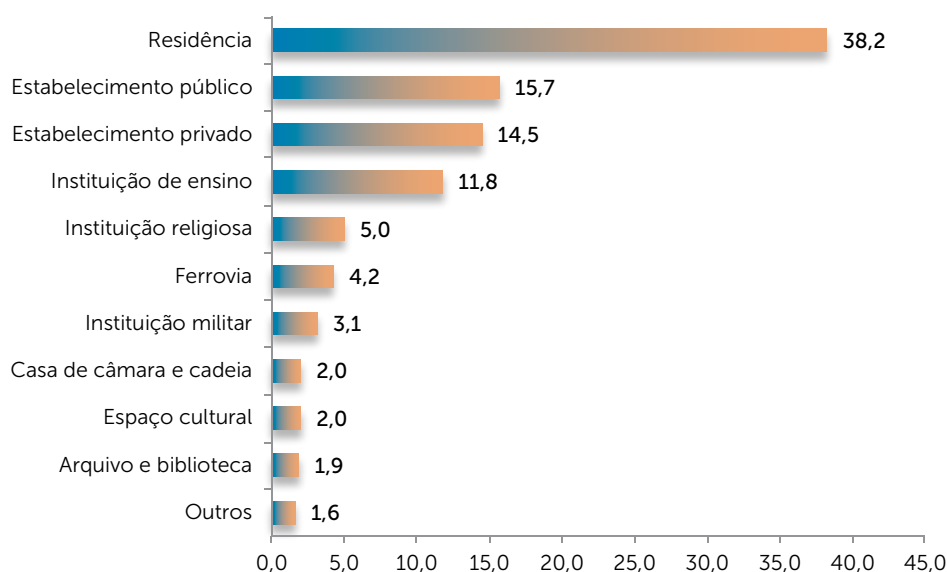
GRÁFICO 28 - PORCENTAGEM (%) DE MUSEUS SEGUNDO FUNÇÃO ORIGINAL DA EDIFICAÇÃO, BRASIL, 2010

FONTE: CADASTRO NACIONAL DE MUSEUS - IBRAM / MINC, 2010

A partir dessa constatação, detalhou-se a função original das edificações que hoje são unidades museológicas (Gráfico 29), de acordo com a seguinte categorização com base nas informações prestadas ao Cadastro Nacional de Museus: residência; estabelecimento público; estabelecimento privado; instituição de ensino; instituição religiosa; ferrovia; instituição militar; casa de câmara e cadeia; espaço cultural; arquivos e bibliotecas; e, por fim, *outros*.[33]

A maior parte das edificações adaptadas para museus foi construída e funcionava primeiramente como residência. É o caso, por exemplo, do Museu Nacional, no Rio de Janeiro, cuja primeira função era residência civil, passando, posteriormente a residência oficial da família imperial. Neste grupo também há várias outras instituições, tais como o Museu Casa Costa e Silva, residência da família Costa e Silva no Rio Grande do Sul, e o Museu Casa de Portinari, residência da família do pintor em São Paulo.

---

33 As categorias foram estabelecidas *a posteriori*, tomando-se por referência respostas autodeclarativas ao questionário do Cadastro Nacional de Museus. As respostas apresentadas pelas instituições museológicas foram agrupadas de acordo com o número de casos citados para funções originais das edificações que hoje funcionam como unidades museológicas. Assim, na categoria 'estabelecimento público' estão inseridos prédios administrativos de órgãos públicos municipais, Palácio de Governo, sede do Governo estadual, Prefeitura, Câmara Municipal entre outros similares. Em 'estabelecimento privado' foram considerados comércio, mercado, hotel, armazém, restaurante e outros congêneres. A categoria 'outros' reúne casos peculiares que apareceram em situações isoladas e/ou de baixa freqüência, tais como costão rochoso, caixa d'água, casa de máquinas, etc. Por fim, observa-se que, por ser uma resposta autodeclarativa, não se obedeceu a uma descrição formal e previamente definida e aceita para espaço cultural. Nesta categoria foram agrupados os casos que livremente assim se consideraram.

Em seguida, estão as instituições que originalmente eram prédios públicos e, logo após, os estabelecimentos privados, em que se encontram comércios, lojas e fábricas, por exemplo. Observa-se que na categoria instituição de ensino foram incluídos os estabelecimentos destinados à educação básica – em geral, escolas públicas de ensino fundamental e/ou médio – e, também, prédios ou dependências, conforme o caso, de instituições de ensino superior.

FONTE: CADASTRO NACIONAL DE MUSEUS - IBRAM / MINC, 2010

As diferentes porcentagens para a função original da edificação utilizada como museu, por unidade da federação e por região, podem ser observadas na Tabela 12. As regiões Norte e Centro-Oeste possuem maior número de estabelecimentos cuja função original é museológica (22,6%). O Acre, com 40%, também se encontra acima do nível nacional. Por sua vez, Paraíba, Alagoas, Goiás e Maranhão são os Estados que possuem maior percentual de museus cujas edificações foram adaptadas arquitetonicamente para abrigar museus.

TABELA 12 - PORCENTAGEM (%) DE MUSEUS SEGUNDO FUNÇÃO ORIGINAL DA EDIFICAÇÃO, POR UNIDADES DA FEDERAÇÃO E GRANDES REGIÕES, BRASIL, 2010

UNIDADE DA FEDERAÇÃO	FUNÇÃO ORIGINAL	
	FUNÇÃO MUSEOLÓGICA	OUTRA FUNÇÃO
Brasil	**17,1**	**82,9**
Norte	22,6	77,4
Rondônia	-	100,0
Acre	40,0	60,0
Amazonas	13,3	86,7
Roraima	100,0	-
Pará	17,4	82,6
Amapá	33,3	66,7
Tocantins	33,3	66,7
Nordeste	16,5	83,5
Maranhão	9,1	90,9
Piauí	11,1	88,9
Ceará	19,2	80,8
Rio Grande do Norte	16,7	83,3
Paraíba	7,1	92,9
Pernambuco	15,9	84,1
Alagoas	8,0	92,0
Sergipe	20,0	80,0
Bahia	21,2	78,8
Sudeste	16,1	83,9
Minas Gerais	10,7	89,3
Espírito Santo	26,9	73,1
Rio de Janeiro	16,1	83,9
São Paulo	18,4	81,6
Sul	16,4	83,6
Paraná	14,6	85,4
Santa Catarina	17,2	82,8
Rio Grande do Sul	16,7	83,3
Centro-Oeste	22,6	77,4
Mato Grosso	19,2	80,8
Mato Grosso do Sul	23,1	76,9
Goiás	8,6	91,4
Distrito Federal	37,8	62,2

FONTE: CADASTRO NACIONAL DE MUSEUS - IBRAM / MINC, 2010

Tendo em vista que muitos dos núcleos que abrigam museus são edificações históricas, há aqueles que funcionam em imóveis tombados. O tombamento pode ser realizado em uma ou mais instância pública: federal, estadual e/ou municipal. Verifica-se no Gráfico 30 um percentual mais baixo de museus cujos núcleos – edificações – são tombados.

O Gráfico 30.1 apresenta as instâncias de tombamento dos núcleos museológicos. Os tombamentos na instância federal são em percentual pouco mais alto dos que nas instâncias estadual e municipal, que apresentam discreta diferença entre si.

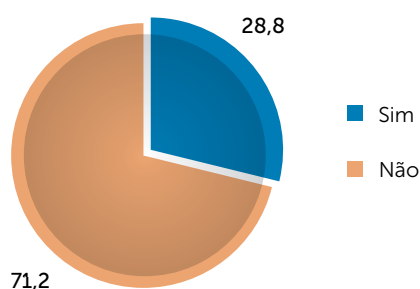
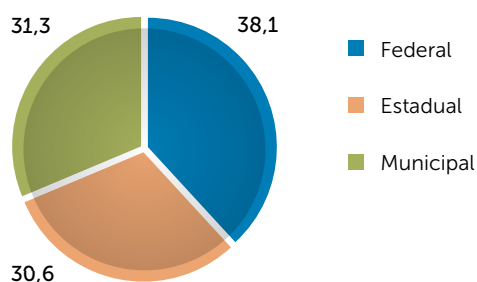
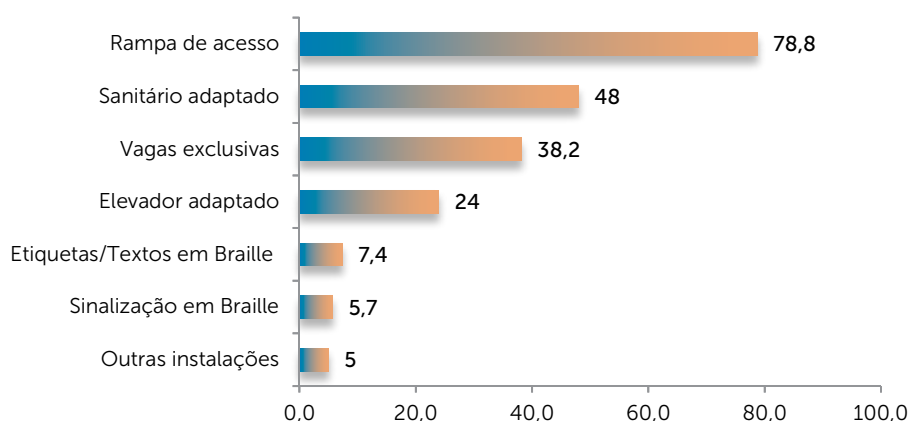
GRÁFICO 30 - PORCENTAGEM (%) DE MUSEUS SEGUNDO REALIZAÇÃO DE TOMBAMENTO DAS EDIFICAÇÕES EM QUE FUNCIONAM, BRASIL, 2010

FONTE: CADASTRO NACIONAL DE MUSEUS - IBRAM / MINC, 2010

GRÁFICO 30.1 - PORCENTAGEM (%) DE MUSEUS POR INSTÂNCIA DE TOMBAMENTO DAS EDIFICAÇÕES EM QUE FUNCIONAM, BRASIL, 2010

FONTE: CADASTRO NACIONAL DE MUSEUS - IBRAM / MINC, 2010

Outro fator importante relativo à caracterização física dos museus diz respeito à existência de instalações adequadas para o acesso de público portador de necessidades especiais. A metade dos museus cadastrados informou possuir tais instalações, revelando que existem aspectos a serem contemplados pelo setor museal no que se refere à acessibilidade desse segmento de público (Gráfico 31).

Em termos dos recursos colocados à disposição dos portadores de necessidades especiais, a rampa de acesso foi o tipo de instalação mais citada pelos museus cadastrados (78,8%), conforme o Gráfico 31.1. Um total de 48% das instituições declarou possuir banheiros adaptados, 38,2% afirmaram dispor de vagas exclusivas de estacionamento para esse público e 24% informaram dispor de elevadores adaptados.

FONTE: CADASTRO NACIONAL DE MUSEUS - IBRAM / MINC, 2010

GRÁFICO 31.1 - PORCENTAGEM (%) DE MUSEUS POR TIPOS DE INSTALAÇÕES PARA PORTADORES DE NECESSIDADES ESPECIAIS, BRASIL, 2010

FONTE: CADASTRO NACIONAL DE MUSEUS - IBRAM / MINC, 2010

A presença de equipamentos de uso público entre os museus cadastrados também foi investigada e está relacionada na Tabela 13 por Estado e região. Observa-se que instalações como bebedouros e sanitários podem ser encontradas em mais de 60% dos museus. Já estacionamentos e outros equipamentos, como telefone público, estão ausentes em mais de 50% dos museus. Aponta-se como possível explicação para esse resultado o fato de a maior parte dos museus ocuparem edificações históricas, que, em sua origem, não foram planejadas para funcionar como museus.

TABELA 13 - PORCENTAGEM (%) DE MUSEUS POR TIPOS DE INSTALAÇÕES EXISTENTES, POR UNIDADES DA FEDERAÇÃO E GRANDES REGIÕES, BRASIL, 2010

UNIDADE DA FEDERAÇÃO	INSTALAÇÕES						
	BEBEDOURO	ESTACIONAMENTO	LANCHONETE	LIVRARIA	LOJA	SANITÁRIOS	TELEFONE PÚBLICO
Brasil	**62,5**	**43,1**	**19,9**	**7,3**	**20,7**	**87,6**	**30,8**
Norte	74,3	41,4	24,3	11,4	18,6	82,9	24,3
Rondônia	100,0	50,0	25,0	-	-	100,0	75,0
Acre	72,7	45,5	18,2	9,1	-	72,7	9,1
Amazonas	76,5	64,7	29,4	17,6	29,4	88,2	29,4
Roraima	100,0	-	100,0	-	-	100,0	100,0
Pará	74,1	25,9	22,2	14,8	25,9	88,9	22,2
Amapá	57,1	42,9	28,6	-	14,3	57,1	14,3
Tocantins	66,7	33,3	-	-	-	66,7	-
Nordeste	62,3	40,7	19,0	6,6	24,9	89,4	27,5
Maranhão	63,6	36,4	9,1	-	18,2	100,0	18,2
Piauí	30,0	30,0	30,0	10,0	10,0	90,0	20,0
Ceará	52,7	30,9	12,7	1,8	16,4	87,3	20,0
Rio Grande do Norte	60,0	36,7	6,7	6,7	16,7	90,0	23,3
Paraíba	64,3	71,4	28,6	7,1	28,6	100,0	35,7
Pernambuco	69,6	47,8	15,2	15,2	34,8	91,3	39,1
Alagoas	61,5	50,0	34,6	7,7	23,1	84,6	30,8
Sergipe	70,0	40,0	20,0	-	20,0	100,0	10,0
Bahia	69,0	38,0	23,9	5,6	32,4	85,9	29,6
Sudeste	71,1	42,4	21,5	8,1	24,0	87,6	33,1
Minas Gerais	64,2	33,3	18,2	4,2	22,4	89,1	31,5
Espírito Santo	65,4	34,6	11,5	3,8	26,9	84,6	26,9
Rio de Janeiro	75,4	51,7	29,7	8,5	36,4	92,4	39,8
São Paulo	74,0	44,7	21,0	10,7	19,1	84,7	31,7
Sul	48,3	43,0	16,6	4,9	14,3	87,9	30,5
Paraná	53,5	33,3	12,1	3,0	13,1	85,9	26,3
Santa Catarina	56,3	57,1	13,4	4,2	14,3	90,8	26,9
Rio Grande do Sul	42,1	40,0	20,0	6,0	14,9	87,2	34,0
Centro-Oeste	67,7	51,9	23,3	12,0	20,3	85,7	32,3
Mato Grosso	63,0	44,4	37,0	3,7	22,2	88,9	29,6
Mato Grosso do Sul	67,9	46,4	10,7	7,1	21,4	82,1	17,9
Goiás	66,7	33,3	15,4	15,4	15,4	82,1	17,9
Distrito Federal	71,8	79,5	30,8	17,9	23,1	89,7	59,0

FONTE: CADASTRO NACIONAL DE MUSEUS - IBRAM / MINC, 2010

A modernização de infraestruturas das instituições museológicas consta entre as linhas programáticas do Plano Nacional Setorial de Museus[34] que devem nortear as ações e projetos museais para os próximos 10 anos. Na modernização de infraestruturas são previstas obras de manutenção, adaptação, climatização e segurança de edificações que abrigam museus. O objetivo visado é a qualificação dessas edificações para o melhor acolhimento do público.

5. SEGURANÇA E CONTROLE PATRIMONIAL

Este subcapítulo apresenta informações a respeito da segurança dos visitantes, dos profissionais que trabalham nos museus, bem como da edificação e dos bens culturais, abrangendo medidas relativas à prevenção e proteção contra roubos, furtos, incêndios e outros sinistros. São também tratadas questões relativas ao monitoramento e controle climático da edificação, em especial das áreas de exposição e de guarda dos bens culturais.

As informações relativas à segurança dos museus, dada a sua natureza sigilosa, requerem um tratamento diferenciado em seu processo de análise e divulgação. No Estado de Roraima, por exemplo, as informações são referentes a uma instituição cadastrada, de modo que as informações sobre esta temática referentes ao Estado se resumem àquelas encaminhadas por essa instituição museológica. Os dados relativos a Roraima foram contabilizados nas tabelas/estatísticas nacionais, porém, para fins de segurança do museu, não foram disponibilizados de forma destacada em determinadas tabelas deste subcapítulo.

Os resultados obtidos pelo Cadastro Nacional de Museus demonstram que tanto a segurança quanto o controle patrimonial são áreas que necessitam de maior atenção nos museus. Segundo informações prestadas ao CNM, menos da metade dos museus cadastrados (41,2%) afirmaram possuir planos de segurança e de emergência (Gráfico 32). Os recursos de segurança mais utilizados são o plano de combate a incêndios e o plano de segurança contra roubo

---

34 Ministério da Cultura. Plano Nacional Setorial de Museus - 2010/2020. Instituto Brasileiro de Museus. Brasília, DF: MinC/IBRAM, 2010. Disponível em: www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/05/pnsm2.pdf. Acesso em: jul 2011.

e furto, os quais apresentam percentuais mais elevados (Gráfico 32.1). Em seguida, em percentuais menores, são citados os planos de retirada de pessoas e plano de retirada de obras.

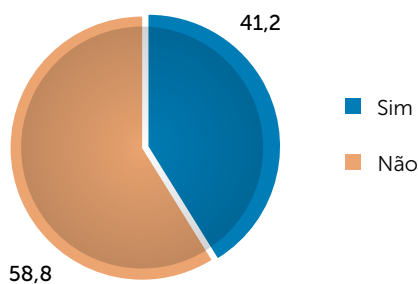
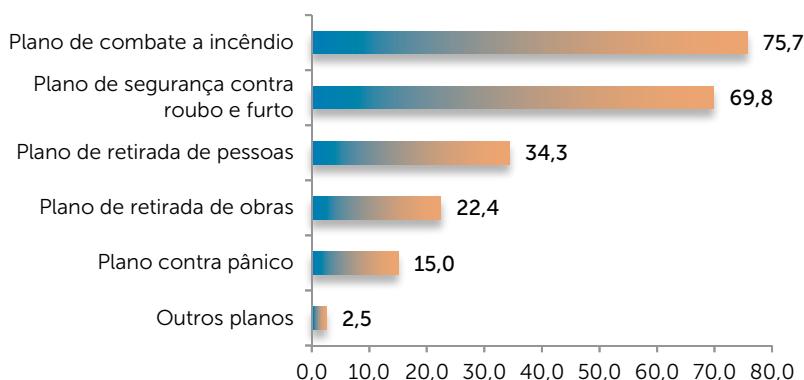
GRÁFICO 32 - PORCENTAGEM (%) DE MUSEUS SEGUNDO EXISTÊNCIA DE PLANOS DE SEGURANÇA E DE EMERGÊNCIA, BRASIL, 2010

FONTE: CADASTRO NACIONAL DE MUSEUS - IBRAM / MINC, 2010

GRÁFICO 32.1 - PORCENTAGEM (%) DE MUSEUS SEGUNDO TIPOS DE PLANOS DE SEGURANÇA E DE EMERGÊNCIA, BRASIL, 2010

FONTE: CADASTRO NACIONAL DE MUSEUS - IBRAM / MINC, 2010

A proteção contra incêndio de uma edificação deve considerar vários aspectos para obtenção de êxito em caso de sinistro. Entre esses, destacam-se a tipologia construtiva, os materiais empregados, sua ocupação e a idade da construção. É comum o emprego de materiais altamente combustíveis, como a madeira, em pisos e estruturas de construções históricas. Muitos museus ocupam esses tipos de edificações, erguidas em uma época em que a prevenção de incêndios dificilmente figurava como prioridade. Dessa forma, edifícios e centros históricos possuem, geralmente, características que potencializam a propagação do fogo, elevando a preocupação com a preservação desses espaços culturais.

A observância desses aspectos é fundamental para o desenvolvimento de projetos e planos de ação, adoção de medidas preventivas, definição de equipamentos, treinamentos de pessoal, entre outras iniciativas.

Mais de 70% das instituições informou adotar medidas preventivas contra incêndio (Gráfico 33). Nesse quesito, as regiões Sudeste e Sul destacam-se com as maiores taxas: 77,8% e 74,2%, respectivamente, conforme indica o Gráfico 33.1.

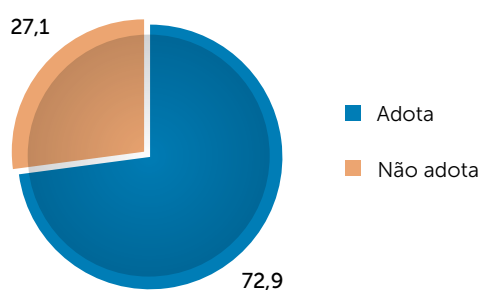
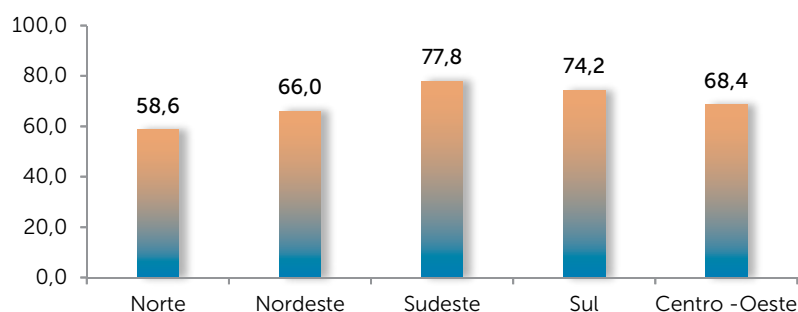
GRÁFICO 33 - PORCENTAGEM (%) DE MUSEUS SEGUNDO ADOÇÃO DE MEDIDAS PREVENTIVAS CONTRA INCÊNDIO, BRASIL, 2010

FONTE: CADASTRO NACIONAL DE MUSEUS - IBRAM / MINC, 2010

GRÁFICO 33.1 - PORCENTAGEM (%) DE MUSEUS QUE ADOTAM MEDIDAS PREVENTIVAS CONTRA INCÊNDIO POR GRANDES REGIÕES, BRASIL, 2010

FONTE: CADASTRO NACIONAL DE MUSEUS - IBRAM / MINC, 2010

As medidas adotadas são detalhadas por região na Tabela 14, sendo que a revisão periódica dos extintores de incêndio (66,2%) e da rede elétrica (56,3%) são as mais frequentes. O treinamento dos profissionais, fundamental em situações de emergência, é realizado em 24,9% dos museus e a brigada contra incêndio é a estratégia menos empregada em todas as regiões (14,8%).

TABELA 14 - PORCENTAGEM (%) DE MUSEUS, SEGUNDO TIPOS DE MEDIDA PREVENTIVA CONTRA INCÊNDIO, POR GRANDES REGIÕES, BRASIL, 2010

REGIÃO	TREINAMENTO PERIÓDICO DOS PROFISSIONAIS	BRIGADA CONTRA INCÊNDIO	REVISÃO PERIÓDICA DOS EXTINTORES DE INCÊNDIO	REVISÃO PERIÓDICA DA REDE ELÉTRICA DO MUSEU	OUTRA MEDIDA PREVENTIVA
Brasil	**24,9**	**14,8**	**66,2**	**56,3**	**1,5**
Norte	17,1	12,9	51,4	45,7	1,4
Nordeste	25,7	8,6	56,3	51,9	-
Sudeste	26,9	18,7	72,7	59,9	2,6
Sul	23,6	12,9	67,1	54,9	1,3
Centro-Oeste	23,3	18,0	62,4	60,2	-

FONTE: CADASTRO NACIONAL DE MUSEUS - IBRAM / MINC, 2010

Além de adotarem medidas preventivas, os museus possuem equipamentos de detecção e combate a incêndio (Gráfico 34). Analisando-se o cenário nacional, verifica-se que a maioria dos museus dispõe de pelo menos algum tipo de equipamento. O extintor de incêndio aparece como principal instrumento de combate a incêndio em todo o território nacional, e também em todas as grandes regiões, conforme verificado na Tabela 15. Equipamentos como detectores de incêndio e portas corta-fogo são empregados em menos de 10% dos espaços museais, e o sistema de chuveiros automáticos ou *sprinkler*[35] é adotado em 3,4% dos museus. Na região Centro-Oeste foi constatado o maior percentual na utilização do *sprinkler*: em 10,5% dos museus. Acredita-se que este percentual seja mais alto no Centro-Oeste por características específicas de parte substancial das instituições localizadas na capital do País. No Distrito Federal, 28% dos museus possuem o *sprinkler*, entretanto ressalta-se que um alto percentual dessas instituições funciona em espaços localizados em prédios públicos.

Vale destacar, todavia, que análises a respeito da utilização do *sprinkler* e de equipamentos mais avançados na segurança e controle patrimonial devem levar em conta as características de cada instituição museológica, sua infraestrutura e seu acervo. Por exemplo, o acionamento automático do *sprinkler*, se por um lado é um excelente recurso de segurança, por outro lado pode danificar os bens culturais, se as condições de instalação não estiverem consideradas, observando as especificidades da edificação e do acervo.

35 Os chuveiros automáticos são dispositivos com elemento termossensível projetados para serem acionados em temperaturas predeterminadas, lançando automaticamente água sob a forma de aspersão sobre determinada área, com vazão e pressão especificadas, para controlar ou extinguir um foco de incêndio. Disponível em: www.abnt.org.br/m3.asp?cod_pagina=1185. Acesso em: jul. 2011.

Portanto, para a aquisição desse equipamento de segurança, além da disponibilidade de recursos financeiros, é necessário verificar, também, se o emprego do mecanismo implica em instalações específicas, como tubulações e reservatórios hídricos, que demandam adequações nem sempre possíveis nas estruturas físicas dos museus, sobretudo quando se trata de instituições que funcionam em construções adaptadas para museus, que representa a grande maioria no País: 82,9%, de acordo com o Gráfico 28.

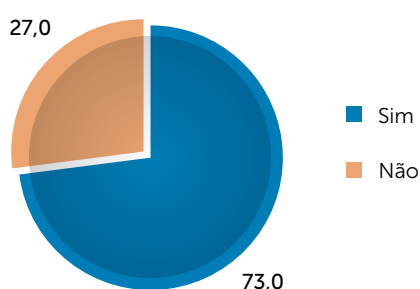
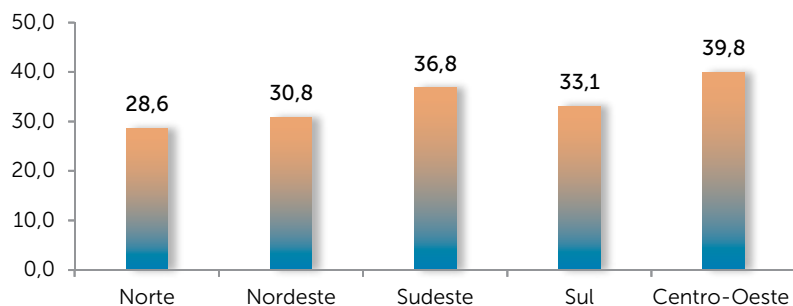
GRÁFICO 34 - PORCENTAGEM (%) DE MUSEUS SEGUNDO EXISTÊNCIA DE EQUIPAMENTOS DE DETECÇÃO E COMBATE A INCÊNDIO, BRASIL, 2010

FONTE: CADASTRO NACIONAL DE MUSEUS - IBRAM / MINC, 2010

TABELA 15 - PORCENTAGEM (%) DE MUSEUS SEGUNDO TIPOS DE EQUIPAMENTO DE DETECÇÃO E EXTINÇÃO DE INCÊNDIO, POR GRANDES REGIÕES, BRASIL, 2010

REGIÃO	EQUIPAMENTOS					
	EXTINTOR	HIDRANTE/ MANGUEIRA	PORTA CORTA-FOGO	DETECTOR DE INCÊNDIO	*SPRINKLER*	OUTROS EQUIPAMENTOS
Brasil	**72,3**	**19,5**	**5,1**	**9,6**	**3,4**	**0,9**
Norte	64,3	15,7	4,3	11,4	1,4	1,4
Nordeste	61,2	16,0	2,6	7,5	3,7	0,4
Sudeste	78,7	23,9	7,6	13,7	3,2	1,6
Sul	73,6	14,9	3,1	5,3	1,8	-
Centro-Oeste	66,9	25,6	6,8	9,8	10,5	2,3

FONTE: CADASTRO NACIONAL DE MUSEUS - IBRAM / MINC, 2010

O percentual de museus que possuem saídas de emergência é de 34,5%, destacando-se as regiões Centro-Oeste e Norte, respectivamente, com o maior e com o menor percentual (Gráfico 35). O Distrito Federal chama atenção por apresentar os maiores percentuais em quase todos os diferentes tipos de equipamentos.

GRÁFICO 35 - PORCENTAGEM (%) DE MUSEUS QUE POSSUEM SAÍDA DE EMERGÊNCIA, POR GRANDES REGIÕES, BRASIL, 2010

FONTE: CADASTRO NACIONAL DE MUSEUS - IBRAM / MINC, 2010

No quesito segurança contra acesso não permitido, os museus respondentes, de modo geral, dispõem de equipes de segurança e equipamentos eletrônicos. A Tabela 16 apresenta a distribuição desses equipamentos por área edificada.

Entre os equipamentos eletrônicos de segurança empregados pelos museus, o mais comum é o alarme, predominando em museus com áreas edificadas de até 10.000 m². Os sensores são o segundo equipamento mais utilizado em museus com até 1.000 m² de área, e as câmeras são mais comuns em edificações que possuem acima de 10.000 m² de área edificada.

TABELA 16 - PORCENTAGEM (%) DE MUSEUS POR ÁREA EDIFICADA SEGUNDO TIPOS DE EQUIPAMENTO ELETRÔNICO, BRASIL, 2010

ÁREA EDIFICADA (M²)	EQUIPAMENTOS ELETRÔNICOS DE SEGURANÇA			
	ALARME	CÂMERA	SENSORES	OUTROS
Até 100	90,6	28,1	37,5	6,3
De 101 a 200	80,5	28,6	51,9	-
De 201 a 500	85,4	32,8	59,1	3,6
De 501 a 1.000	73,0	40,5	55,0	1,8
De 1.001 a 10.000	71,9	60,9	59,4	2,3
Mais de 10.000	56,3	93,8	62,5	-
TOTAL	77,8	42,7	55,9	2,4

FONTE: CADASTRO NACIONAL DE MUSEUS - IBRAM / MINC, 2010

A Tabela 17 apresenta a distribuição desses equipamentos de segurança em museus por Unidade da Federação. De todos os tipos de equipamentos de segurança considerados pelo CNM – alarme, câmera, sensores e outros tipos –, o alarme é o mais utilizado em todo o País. Observa-se, em detalhamento por grande região, que os alarmes são mais presentes no Sul, enquanto câmeras e sensores são mais utilizados na região Norte.

TABELA 17 - PORCENTAGEM (%) DE MUSEUS SEGUNDO TIPOS DE EQUIPAMENTO ELETRÔNICO, POR UNIDADES DA FEDERAÇÃO E GRANDES REGIÕES, BRASIL, 2010

REGIÃO	EQUIPAMENTOS ELETRÔNICOS DE SEGURANÇA			
	ALARME	CÂMERA	SENSORES	OUTROS
Brasil	**29,9**	**16,3**	**21,1**	**0,8**
Norte	80,0	70,0	75,0	-
Nordeste	61,4	50,0	45,7	1,4
Sudeste	75,1	50,2	58,0	2,0
Sul	84,6	24,9	51,2	2,5
Centro-Oeste	81,8	50,0	54,5	2,3

FONTE: CADASTRO NACIONAL DE MUSEUS - IBRAM / MINC, 2010

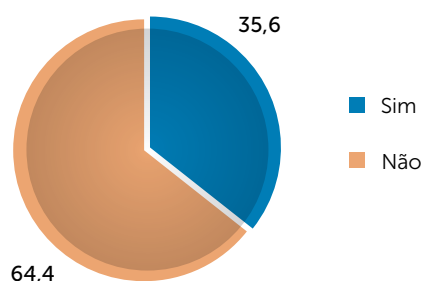
Fatores como temperatura, umidade relativa do ar e luminosidade são determinantes para a preservação dos bens culturais, razão pela qual a manutenção dessas variáveis em níveis estáveis torna-se fundamental para a conservação do acervo. Dentre os museus que responderam ao questionário do CNM, 35,6% afirmaram possuir instrumentos de medição e controle dessas variáveis (Gráfico 36).

GRÁFICO 36 - PORCENTAGEM (%) DE MUSEUS SEGUNDO EXISTÊNCIA DE EQUIPAMENTOS DE CONSERVAÇÃO E CONTROLE CLIMÁTICO, BRASIL, 2010

35,6

Sim

Não

64,4

FONTE: CADASTRO NACIONAL DE MUSEUS - IBRAM / MINC, 2010

A Tabela 18 apresenta a incidência de equipamentos de conservação e controle ambiental de acervos, de acordo com a área edificada.

Observa-se que pouco mais da metade dos museus faz uso de desumidificadores, filtros e condicionadores de ar como instrumentos de controle ambiental, e que condicionadores de ar, ligados 24 horas por dia e todos os dias da semana, estão presentes em 25,6% dos museus.

Quanto à utilização de instrumentos mecânicos de monitoramento e aferição, observa-se que o termohigrógrafo[36] é o mais utilizado, presente em 22,9% dos museus analisados. Em segundo lugar está o higrômetro[37], com 17,3%, seguido pelo luxímetro[38], com 10,8%. Equipamentos como o psicômetro[39] e o ultraviômetro[40] não chegam a ser empregados em mais de 9% dos museus em questão.

TABELA 18 - PORCENTAGEM (%) DE MUSEUS SEGUNDO EQUIPAMENTOS DE CONSERVAÇÃO E CONTROLE CLIMÁTICO, POR ÁREA EDIFICADA (M²), BRASIL, 2010

EQUIPAMENTOS DE CONSERVAÇÃO/CONTROLE CLIMÁTICO	ÁREA EDIFICADA (M²)						TOTAL
	ATÉ 100	DE 101 A 200	DE 201 A 500	DE 501 A 1.000	DE 1.001 A 10.000	MAIS DE 10.000	
Ar-condicionado 24 horas	14,3	34,0	19,6	17,8	31,2	62,5	25,6
Ar-condicionado liga/desliga	50,0	61,7	47,7	49,5	56,7	68,8	53,4
Desumidificador	32,1	31,9	48,6	57,9	61,0	87,5	53,4
Filtro de ar	32,1	31,9	48,6	57,9	61,0	87,5	53,4
Filtro de luz	10,7	14,9	16,8	23,4	29,1	43,8	22,6
Higrômetro	10,7	4,3	14,0	19,6	22,0	31,3	17,3
Luxímetro	7,1	2,1	4,7	9,3	17,7	31,3	10,8
Psicômetro	3,6	4,3	1,9	6,5	6,4	25,0	5,6
Termohigrógrafo	7,1	12,8	18,7	23,4	28,4	56,3	22,9
Ultraviômetro	3,6	2,1	1,9	2,8	5,0	6,3	3,4
Umidificador	7,1	-	6,5	3,7	9,2	12,5	6,3
Sistema informatizado	-	6,4	2,8	5,6	9,9	12,5	6,3
Outros	14,3	8,5	15,0	15,9	17,0	18,8	15,2

FONTE: CADASTRO NACIONAL DE MUSEUS - IBRAM / MINC, 2010

A crescente preocupação com a questão ambiental vem exigindo das instituições o desenvolvimento de mecanismos alternativos aos modelos tradicionais. Fatores como sustentabilidade, redução de poluição e economia de energia, quando considerados na utilização de equipamentos, podem reverter em benefícios para os museus.

36 Termohigrógrafo – Instrumento que registra a temperatura e a umidade, de forma contínua por meio de um gráfico.

37 Higrômetro – Instrumento utilizado para aferição da umidade relativa do ar (UR).

38 Luxímetro – Instrumento utilizado para aferição de intensidade de luz em determinado ambiente. Utiliza o “lux” como unidade de medida.

39 Psicômetro - Instrumento utilizado para aferição da umidade relativa do ar (UR).

40 Ultraviômetro – Instrumento utilizado para aferição de incidência de luz ultravioleta (UV).

Uma alternativa à utilização de condicionadores de ar para a manutenção de temperatura foi implantada na reserva técnica do Museu Paraense Emilio Goeldi. O projeto de autoria de Shin Maekawa, do *Getty Conservation Institute* de Los Angeles (EUA)[41] é baseado na utilização de ventilação mecânica e sensores de umidade.[42] Os ventiladores carreiam ar externo filtrado através de dutos, e insuflam ar para a área interna. Para a exaustão, o ar é coletado por meio de dutos, sendo conduzido para o exterior através de exaustores. No período de chuvas, o sistema dispõe de desumidificadores, que respondem pelo controle da umidade relativa interna.

Iniciativas como essa são relevantes por mostrar possibilidades de utilização de tecnologias verdes no controle do consumo de energia pelos museus. Seja na adequação e na modernização de edificações para funcionarem como museus, seja na construção de novos prédios, certo é que modelos alternativos são importantes para promover uma maior aproximação das entidades museológicas à padrões de sustentabilidade ambiental.

6. ATIVIDADES

A área denominada Atividades no Cadastro Nacional de Museus compreende as principais ações de comunicação, educação, lazer e pesquisa desenvolvidas pelo museu para os seus diferentes públicos.

São tratados neste subcapítulo dados referentes às modalidades de exposições e às atividades educativas, sejam elas promovidas de forma regular ou esporádica, organizadas ou não em setores específicos.

Igualmente é verificada a presença de bibliotecas e arquivos históricos nas instituições museológicas, reconhecendo o papel desempenhado por estes

---

41 A proposta é utilizar o ar mais seco do exterior para remover a umidade acumulada na parte interna, constituindo-se no método inverso ao do esfriamento do ar que é produzido pelos aparelhos de ar-condicionado, que baixam a temperatura do ar até seu ponto de condensação, com o objetivo de remover o vapor d´água.

42 VELTHEN, Lúcia Vam et al. (Coord.). A Coleção Etnográfica do Museu Goeldi: memória e conservação. In: *Musas: Revista Brasileira de Museus e Museologia*. Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 121-134, 2004.

setores na preservação e disseminação de documentos[43], que também compõem as coleções dos museus. Cabe ressaltar que bibliotecas e arquivos históricos são recursos fundamentais para o desenvolvimento de pesquisas promovidas pelo corpo técnico da própria instituição, por pesquisadores externos e pela comunidade.

A existência de atividades culturais e a produção de publicações em diferentes meios e suportes são, ainda, averiguadas como instrumentos importantes no processo de divulgação e de compartilhamento de conhecimentos produzidos.

6.1 MODALIDADES DE EXPOSIÇÃO

Tradicionalmente, a exposição se constitui como uma das principais ferramentas de comunicação utilizada pelos museus. Segundo Cury (2006, p. 34), é "na exposição que se potencializa a *relação profunda* (grifo da autora) entre o Homem e Objeto no cenário institucionalizado (a instituição) e no cenário expositivo (a exposição propriamente)".[44]

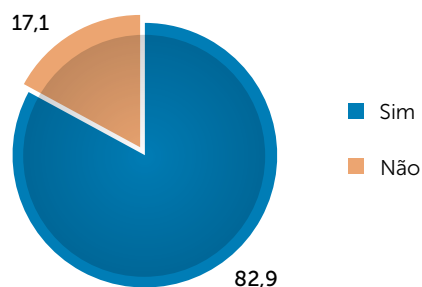
As exposições podem ser classificadas em diferentes modalidades. Para o estudo do CNM, investigou-se o aspecto temporal e as exposições foram subdivididas em dois tipos: longa e curta duração.

O Gráfico 37 revela que a maioria dos museus brasileiros (82,9%) dispõe de exposições de longa duração. É importante notar que essa modalidade, também denominada exposição permanente, foi historicamente o principal meio adotado pelos museus para apresentar o patrimônio museológico e suas narrativas derivadas. Atualmente, observa-se que algumas instituições museológicas, sobretudo as especializadas em Artes Visuais, preferem desenvolver exposições de média e de curta duração.

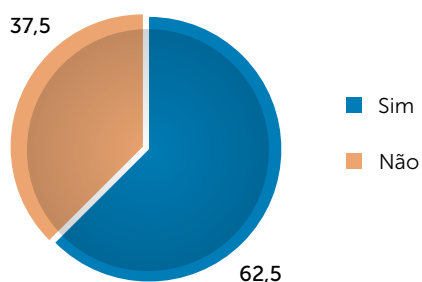
---

43 Documento é empregado em seu sentido amplo, como definido por Paes (2004, p. 26): "Registro de uma informação independentemente da natureza do suporte que a contém.". PAES, Marilena Leite. *Arquivo: teoria e prática*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

44 CURY, Marília Xavier. *Exposição: concepção, montagem e avaliação*. São Paulo: Annablume, 2006.

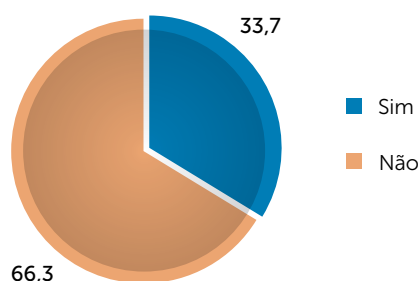
GRÁFICO 37 - PORCENTAGEM (%) DE MUSEUS SEGUNDO REALIZAÇÃO DE EXPOSIÇÃO DE LONGA DURAÇÃO, BRASIL, 2010

FONTE: CADASTRO NACIONAL DE MUSEUS - IBRAM / MINC, 2010

A promoção de exposições de curta duração permite à instituição museológica oferecer uma dinâmica diferenciada em sua ação comunicativa, seja pela construção de novas narrativas com o seu próprio acervo, seja pelo recebimento de exposições de outras instituições, de caráter regional, nacional ou internacional. O Gráfico 38 demonstra que 62,5% dos museus brasileiros produzem exposições de curta duração. Infere-se que essa porcentagem, pouco acima da metade dos museus cadastrados, possa refletir a influência de diferentes fatores, destacando-se a carência de recursos financeiros e, em alguns casos, também recursos humanos, para as atividades de planejamento, montagem, desmontagem e avaliação de exposições de curta duração.

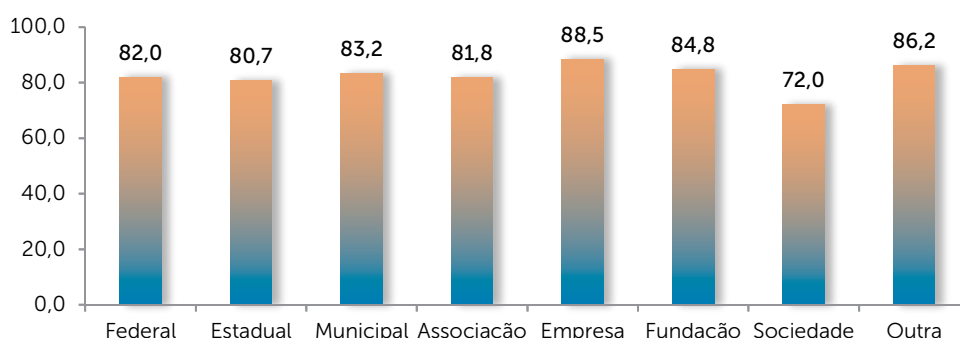
GRÁFICO 38 - PORCENTAGEM (%) DE MUSEUS SEGUNDO REALIZAÇÃO DE EXPOSIÇÕES DE CURTA DURAÇÃO, BRASIL, 2010

FONTE: CADASTRO NACIONAL DE MUSEUS - IBRAM / MINC, 2010

Além do aspecto temporal, outra modalidade de exposição também foi investigada pelo CNM: trata-se das exposições itinerantes, ou seja, aquelas cujos recursos expográficos permitem o deslocamento e a remontagem em outras instituições, ou espaços externos ao museu.

Em relação a esse tipo de exposição, observa-se no Gráfico 39 que o percentual decresce para menos da metade dos museus cadastrados (33,7%).

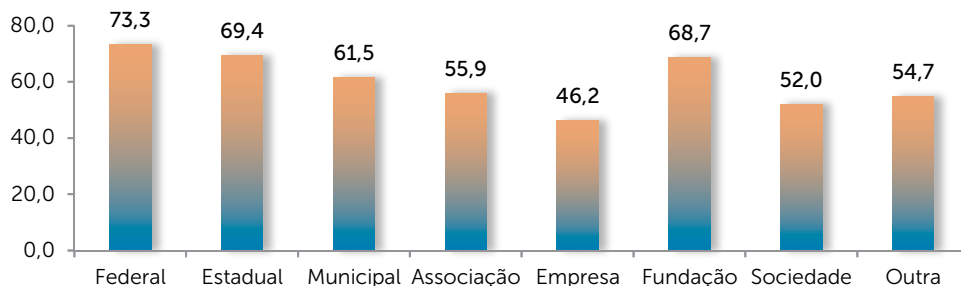
GRÁFICO 39 - PORCENTAGEM (%) DE MUSEUS SEGUNDO REALIZAÇÃO DE EXPOSIÇÕES ITINERANTES, BRASIL, 2010

FONTE: CADASTRO NACIONAL DE MUSEUS - IBRAM / MINC, 2010

O Gráfico 40 apresenta o resultado do cruzamento de dados referentes à presença da modalidade de exposição de longa duração com a natureza administrativa dos museus. Nota-se uma uniformidade entre as instituições, com taxas superiores a 80% em quase todas as categorias. A exceção são os museus de natureza administrativa sociedade, em 72%.

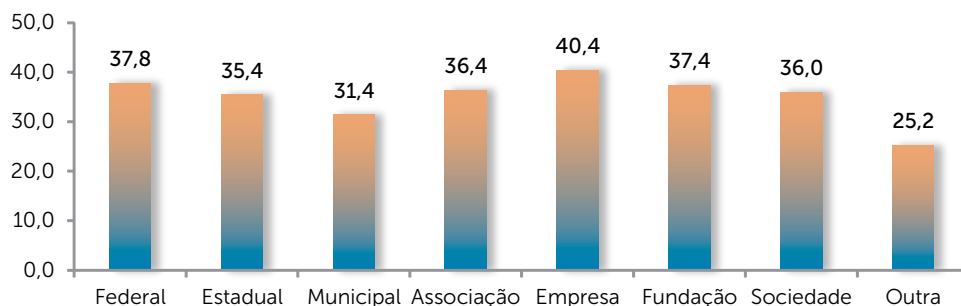
GRÁFICO 40 - PORCENTAGEM (%) DE MUSEUS POR NATUREZA ADMINISTRATIVA, SEGUNDO REALIZAÇÃO DE EXPOSIÇÃO DE LONGA DURAÇÃO, BRASIL, 2010

FONTE: CADASTRO NACIONAL DE MUSEUS - IBRAM / MINC, 2010

Os museus federais são os que mais promovem exposições de curta duração (Gráfico 41). Interessante notar que os museus de natureza administrativa empresa exibem o menor percentual (46,2%) relativo às exposições de curta duração, mas em compensação apresentam o maior índice relacionado à exposição de longa duração (Gráfico 40). O resultado reflete a missão da maioria desses museus, cuja

finalidade principal é a apresentação da história institucional das empresas, compartilhada geralmente em exposições de longa duração.

GRÁFICO 41 - PORCENTAGEM (%) DE MUSEUS POR NATUREZA ADMINISTRATIVA, SEGUNDO REALIZAÇÃO DE EXPOSIÇÕES DE CURTA DURAÇÃO, BRASIL, 2010

FONTE: CADASTRO NACIONAL DE MUSEUS - IBRAM / MINC, 2010

Em relação às exposições itinerantes, os museus apresentam uma distribuição mais irregular, variando entre 25,2%, no caso dos museus de natureza *outra*, a 40,4% em museus de natureza empresa (Gráfico 42).

GRÁFICO 42 - PORCENTAGEM (%) DE MUSEUS POR NATUREZA ADMINISTRATIVA, SEGUNDO REALIZAÇÃO DE EXPOSIÇÕES ITINERANTES, BRASIL, 2010

FONTE: CADASTRO NACIONAL DE MUSEUS - IBRAM / MINC, 2010

6.2 AÇÃO EDUCATIVA

As crescentes mudanças provocadas na sociedade do pós-guerra suscitaram profundos questionamentos quanto à estrutura tradicional dos museus.[45] Nesse período, buscando o cumprimento de uma função social, as instituições museológicas lançaram um novo olhar para a área educativa. Vários seminários de cunho nacional e internacional foram promovidos com o obje-

45 SUANO, Marlene. *O que é museu*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

tivo de discutir e fortalecer as ações educativas dentro dos museus, como um processo capaz de incentivar novos diálogos.

Novas ferramentas e estratégias foram desenvolvidas para aproximar o visitante, enxergando-o como um indivíduo com experiências e conhecimentos prévios e diversificados. A visita ao museu passou a ser encarada como uma experiência em que diferentes contextos podem influenciar no processo comunicacional. Nesse sentido, Danièle Giraudy e Henry Bouilhet afirmam:

> O importante é menos receber uma grande quantidade de público e disso se vangloriar do que constatar se o visitante tirou proveito de sua visita, verificou, enriqueceu seus conhecimentos e fez algum intercâmbio, aguçou sua curiosidade e seu espírito crítico, cultivou sua sensibilidade, sentiu prazer, estimulou sua criatividade, melhorou seu modo de vida, privada e pública.[46]

De acordo com o dados do CNM, aproximadamente a metade dos museus cadastrados (48,1%) possui um setor específico para ações educativas (Gráfico 43). Salienta-se, contudo, que a existência de um setor dedicado ao planejamento, desenvolvimento e à realização de atividades educativas, embora importante, não é determinante para a realização dessas ações. Em relação a essa temática, Maria Célia T. M. Santos ressalta que:

> É necessário compreender que não é somente o setor educativo do museu o responsável pelos programas com as escolas; a operacionalização das programações pode ser responsabilidade de um setor específico, ou de vários setores em interação. O que é mais importante compreender é que todas as ações museológicas devem ser pensadas e praticadas como ações educativas e de comunicação, mesmo porque, sem essa concepção, não passarão de técnicas que se esgotam em si mesmas e não terão muito a contribuir para os projetos educativos que venham a ser desenvolvidos pelos museus, tornando a instituição um grande depósito para guarda de objetos.[47]

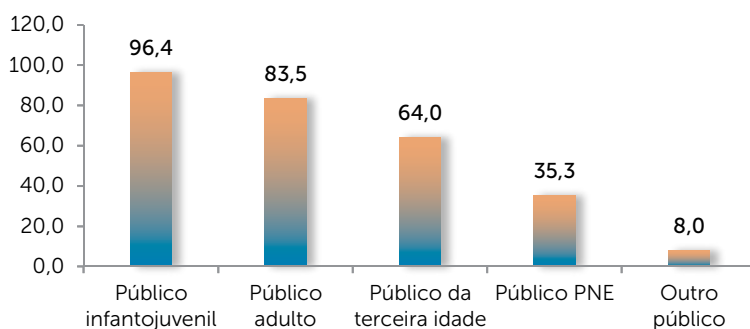
---

46 GIRAUDY, Danièle; BOUILHET, Henri. *O museu e a vida*. Rio de Janeiro: Fundação Nacional Pró-Memória, 1990. p. 92

47 SANTOS, Maria Célia T. Moura. *Encontros Museológicos: reflexões sobre a museologia, a educação e o museu*. Rio de Janeiro: MinC/Iphan/Demu, 2008. p. 141

FONTE: CADASTRO NACIONAL DE MUSEUS - IBRAM / MINC, 2010

Quase todas as instituições que apresentam setores educativos realizam ações destinadas ao público infantojuvenil (96,4%). Boa parte delas também possui ações dedicadas ao público adulto (83,5%) e da terceira idade (64%). O público portador de necessidades especiais (PNE) também é alvo de ações específicas, alcançando a taxa de 35,3%. O levantamento aponta ainda que 8% dos museus que promovem ações educativas o fazem para públicos não especificados (Gráfico 43.1).

GRÁFICO 43.1 - PORCENTAGEM (%) DE MUSEUS SEGUNDO SEGMENTO DE PÚBLICO ATENDIDO PELO SETOR OU DIVISÃO DE AÇÃO EDUCATIVA, BRASIL, 2010

FONTE: CADASTRO NACIONAL DE MUSEUS - IBRAM / MINC, 2010

Interessante observar que as projeções da população brasileira feitas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)[48] indicam tendência de forte crescimento da faixa etária de 60 anos e de queda das outras categorias, de 15 a 17 anos, de 7 a 14 anos e de 0 a 6 anos. Nas duas últimas faixas, a redução é mais acentuada. Para uma projeção de aproximadamente 30% da

48 INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Projeção da população do Brasil por sexo e idade para o período 1980 -2050* – revisão 2008. Disponível em: http://seriesestatisticas.ibge.gov.br. Acesso em: 16 dez. 2010.

população na faixa de 60 anos e mais, em 2050, a população de 0 a 6 anos será de 6%. As prospecções sugerem o envelhecimento da população. Dados dessa natureza necessitam ser considerados na formulação de políticas no campo do trabalho, da educação, saúde, segurança pública, assistência, previdência social e também da cultura. As atividades educativas, em geral, são pensadas para crianças e jovens; porém, as projeções populacionais apontam a necessidade de se pensar atividades educativas e culturais direcionadas e diferenciadas para a população de 60 anos e mais.

6.2.1 *VISITAS GUIADAS*

A visita guiada é uma das ferramentas mais utilizadas no processo de interpretação ou reinterpretação de elementos pertencentes ou construídos pelos museus. Na maioria das vezes essas visitas são realizadas em grupo e o mediador desempenha papel diferenciado na proposição de novas relações dialógicas entre o público e os bens culturais do museu, presentes em seu território e exposições.

A maior parte dos museus cadastrados (80,6%) declarou oferecer esse serviço (Gráfico 44). O cruzamento dos dados referentes à existência de visitas guiadas com as informações relativas à natureza administrativa dos museus demonstra que, com exceção das categorias empresa (percentual mais elevado) e natureza administrativa *outra* (percentual mais baixo), há certa proximidade no que se refere à realização de visitas guiadas no País, variando entre 79,8% e 83,7% (Gráfico 45).

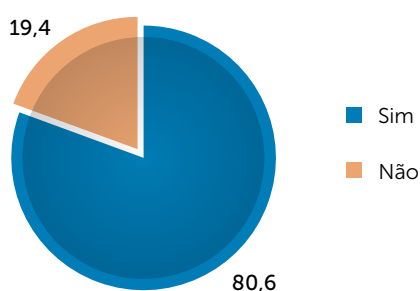
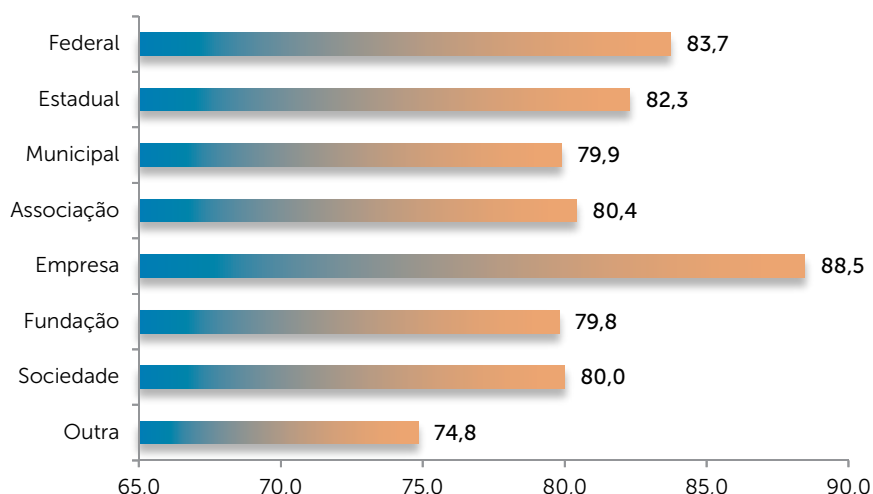
GRÁFICO 44 - PORCENTAGEM (%) DE MUSEUS SEGUNDO REALIZAÇÃO DE VISITAS GUIADAS, BRASIL, 2010

FONTE: CADASTRO NACIONAL DE MUSEUS - IBRAM / MINC, 2010

GRÁFICO 45 - PORCENTAGEM (%) DE MUSEUS POR NATUREZA ADMINISTRATIVA, SEGUNDO REALIZAÇÃO DE VISITAS GUIADAS, BRASIL, 2010

FONTE: CADASTRO NACIONAL DE MUSEUS - IBRAM / MINC, 2010

A Tabela 19 detalha as formas de visita guiada disponíveis nos museus cadastrados por Unidade da Federação. Constata-se que a modalidade mais comum é a realizada com a intermediação de monitores/guias, seguida pela visita guiada com a utilização de audioguia.

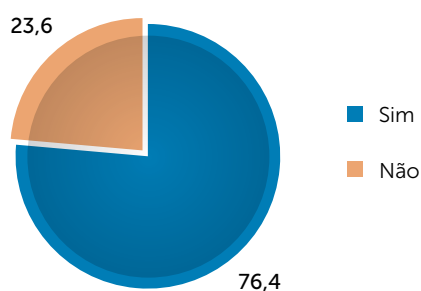
Na região Norte, os museus oferecem visitas guiadas somente por monitores. Já os audioguias, embora mais presentes no Centro-Oeste e no Sudeste, encontram-se abaixo de 8% das instituições dessas regiões. Os índices refletem os custos envolvidos para a aquisição dos aparelhos e ainda os recursos necessários para o desenvolvimento dos conteúdos.

TABELA 19 - PORCENTAGEM (%) DE MUSEUS SEGUNDO TIPOS DE VISITA GUIADA, POR UNIDADES DA FEDERAÇÃO E GRANDES REGIÕES, BRASIL, 2010

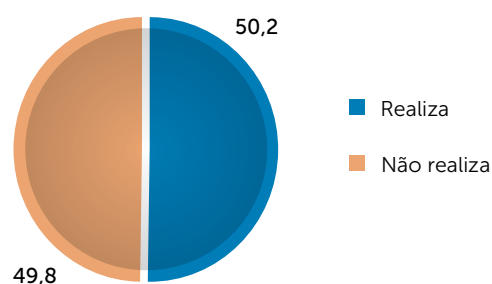
UNIDADE DA FEDERAÇÃO	TIPOS DE VISITA GUIADA		
	COM AUDIOGUIA	COM MONITORES/GUIAS	OUTROS
Brasil	**4,8**	**98,3**	**3,6**
Norte	-	100,0	-
Rondônia	-	100,0	-
Acre	-	100,0	-
Amazonas	-	100,0	-
Roraima	-	100,0	-
Pará	-	100,0	-
Amapá	-	100,0	-
Tocantins	-	100,0	-
Nordeste	1,9	99,5	3,8
Maranhão	-	100,0	-
Piauí	-	100,0	-
Ceará	2,3	100,0	-
Rio Grande do Norte	-	100,0	10,5
Paraíba	10,0	100,0	-
Pernambuco	-	100,0	7,7
Alagoas	8,7	100,0	4,3
Sergipe	-	100,0	-
Bahia	-	98,0	3,9
Sudeste	6,3	97,8	3,7
Minas Gerais	6,1	97,0	2,3
Espírito Santo	13,0	100,0	4,3
Rio de Janeiro	6,4	97,9	5,3
São Paulo	5,7	98,1	3,9
Sul	4,3	97,6	4,7
Paraná	2,6	100,0	6,6
Santa Catarina	4,0	97,0	5,0
Rio Grande do Sul	5,2	96,9	3,8
Centro-Oeste	7,6	100,0	1,0
Mato Grosso	9,1	100,0	-
Mato Grosso do Sul	-	100,0	-
Goiás	6,7	100,0	-
Distrito Federal	11,1	100,0	2,8

FONTE: CADASTRO NACIONAL DE MUSEUS - IBRAM / MINC, 2010

Os museus também foram questionados a respeito da necessidade de agendamento para a realização de visitas guiadas por monitores (Gráfico 46). Os dados demonstram que na maioria dos casos (76,4%) há necessidade de contato prévio para ter acesso a tal modalidade de visitação.

GRÁFICO 46 - PORCENTAGEM (%) DE MUSEUS QUE PROMOVEM VISITA GUIADA COM MONITOR SEGUNDO NECESSIDADE DE AGENDAMENTO, BRASIL, 2010

FONTE: CADASTRO NACIONAL DE MUSEUS - IBRAM / MINC, 2010

Além de ações educativas e visitas guiadas, os museus promovem outras atividades de caráter sistemático com as comunidades nas quais estão inseridos, o que possibilita o acesso, a construção de saberes, a inclusão social e a ampliação de horizontes culturais. Cerca de metade dos museus cadastrados (50,2%) afirmou adotar essa prática (Gráfico 47).

GRÁFICO 47 - PORCENTAGEM (%) DE MUSEUS SEGUNDO REALIZAÇÃO DE ATIVIDADES SISTEMÁTICAS COM A COMUNIDADE, BRASIL, 2010

FONTE: CADASTRO NACIONAL DE MUSEUS - IBRAM / MINC, 2010

6.3 BIBLIOTECAS E ARQUIVOS HISTÓRICOS

Arquivos, bibliotecas e museus são instituições derivadas da noção de preservação desenvolvida por diferentes civilizações na Antiguidade. Responsáveis pelo armazenamento e pela organização de documentos e coleções, essas

instituições passaram ao longo dos séculos a desenvolver técnicas, métodos e saberes próprios, fundamentais para o delineamento dos perfis epistemológicos das áreas e dos seus contornos institucionais.

O ápice do movimento ocorreu, segundo diversos pesquisadores, a partir da Revolução Francesa, quando surgiu o conceito de nação. Nesse cenário foram criados arquivos, bibliotecas e museus de caráter público, e de abrangência nacional, que tiveram papel fundamental na construção e valorização das identidades coletivas.

Já no século XIX, surge um fenômeno diferenciado: o intercruzamento institucional. Observa-se, por exemplo, que nos atos de criação de museus norte-americanos e europeus previa-se o estabelecimento formal de arquivos e bibliotecas. Esse foi o caso, segundo Jan van der Wateren, do Museu Metropolitano de Arte (*The Metropolitan Museum of Art*), fundado em 1870 na cidade de Nova Iorque, e do Museu Nacional Germânico (*Germanisches Nationalmuseu*), fundado em 1852 na cidade de Nuremberg.[49]

No Brasil, processo análogo ocorreu na criação do Museu Histórico Nacional. O Decreto nº 15.596, de 2 de agosto de 1922, que estabelece o Museu e aprova seu regulamento, ressalta no Artigo 2º, Parágrafo 2º: "Serão anexadas à 1ª secção uma bibliotheca especial de historia universal, particularmente do Brasil, e de archeologia e historia da arte, e à 2ª uma bibliotheca especial de numismatica, sigillographia e philatelia. (sic)"

Anos mais tarde, a importância das bibliotecas nas instituições museológicas foi ressaltada por José Valladares, no livro *Museus para o Povo: um estudo sobre museus americanos*. Na publicação, o autor compartilha os relatos de sua experiência enquanto bolsista da Fundação Rockfeller, no ano de 1943, dedicando um capítulo especial ao papel das bibliotecas nos museus norte-americanos. José Valladares declara:

---

49 WATEREN, Jan van der. *The importance of museum libraries*. 1999. p. 191. Disponível em: http://archive.ifla.org/VII/d2/inspel/99-4wajv.pdf. Acesso em: 13 maio 2011.

> (...) a importância da biblioteca não fica em seu papel auxiliar. Dia a dia, sua posição vai tomando maior relêvo (sic). Por outro lado, chegou-se ao reconhecimento de que também ela exerce atração. O visitante menos apressado, por vezes, deseja aprofundar ou mesmo conferir o que as etiquêtas (sic) dizem. Por isso, museus cujas bibliotecas são ricas, mas de difícil acesso, estão empenhados em criar facilidades para consulta.[50]

Atualmente, quase metade (47,8%) dos museus brasileiros dispõem de bibliotecas em suas dependências (Gráfico 48). Nesse universo, 77,5% das bibliotecas oferecem acesso público (Gráfico 48.1).

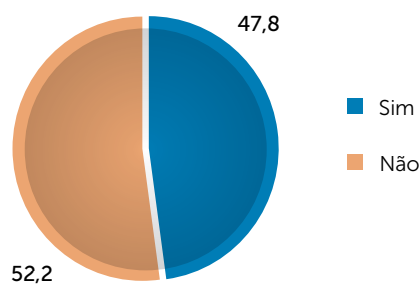
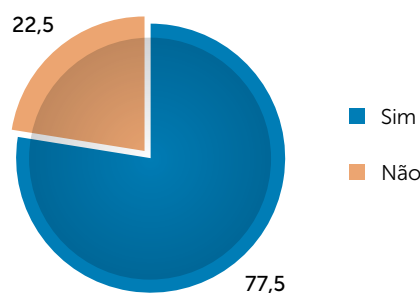
GRÁFICO 48 - PORCENTAGEM (%) DE MUSEUS SEGUNDO EXISTÊNCIA DE BIBLIOTECA EM SUAS DEPENDÊNCIAS, BRASIL, 2010

FONTE: CADASTRO NACIONAL DE MUSEUS - IBRAM / MINC, 2010

GRÁFICO 48.1 - PORCENTAGEM (%) DE MUSEUS QUE POSSUEM BIBLIOTECA SEGUNDO PERMISSÃO DE ACESSO PÚBLICO, BRASIL, 2010

FONTE: CADASTRO NACIONAL DE MUSEUS - IBRAM / MINC, 2010

Nos arquivos históricos dos museus, são preservados fundos e coleções documentais referentes à missão do museu, bem como à sua própria história institucional. Parcela semelhante (49%) dos museus cadastrados que possuem bibliotecas declarou possuir arquivo histórico (Gráfico 49). No entanto, isso

50 VALLADARES, José. *Museus para o povo: um estudo sobre museus americanos.* 2ª edição. Bahia: EPP, 2010. p. 80.

não representa uma existência linear dos dois setores em uma mesma instituição museológica, ou seja, há museus que dispõem somente de bibliotecas, outros que apresentam apenas arquivos históricos, bem como existem aqueles que possuem ambos. O acesso público aos arquivos históricos é permitido em 74,9% dos museus, conforme demonstrado no Gráfico 49.1.

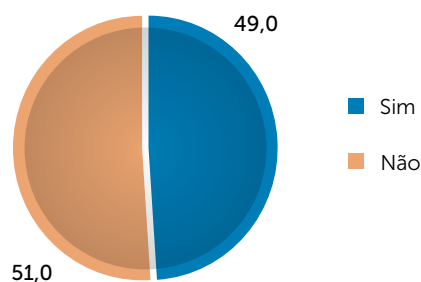
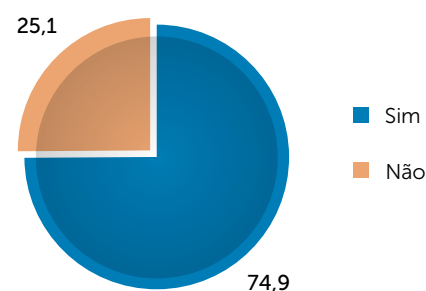
GRÁFICO 49 - PORCENTAGEM (%) DE MUSEUS SEGUNDO EXISTÊNCIA DE ARQUIVO HISTÓRICO EM SUAS DEPENDÊNCIAS, BRASIL, 2010

FONTE: CADASTRO NACIONAL DE MUSEUS - IBRAM / MINC, 2010

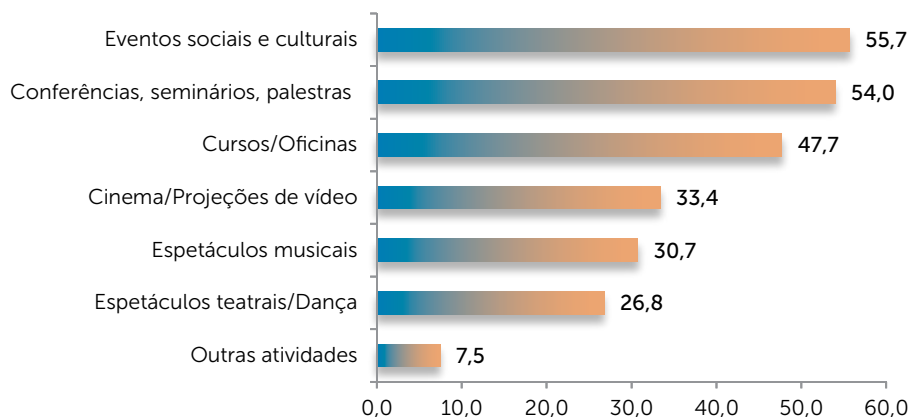
GRÁFICO 49.1 - PORCENTAGEM (%) DE MUSEUS QUE POSSUEM ARQUIVO HISTÓRICO SEGUNDO PERMISSÃO DE ACESSO PÚBLICO, BRASIL, 2010

FONTE: CADASTRO NACIONAL DE MUSEUS - IBRAM / MINC, 2010

6.4 ATIVIDADES CULTURAIS E PUBLICAÇÕES

No CNM são classificadas como atividades culturais todas as práticas desenvolvidas pelos museus com o intuito de disseminar conhecimentos ou oferecer formas de lazer e entretenimento, que não sejam as oferecidas pelo programa de exposições. O Gráfico 50 apresenta os percentuais alcançados por tipo de atividade cultural.

Citados por 55,7% dos museus, os eventos sociais e culturais são as atividades mais comuns, seguidos pelas conferências, seminários e palestras, com

54%. As apresentações musicais e os espetáculos teatrais/dança são menos frequentes, alcançando respectivamente 30,7% e 26,8%.

GRÁFICO 50 - PORCENTAGEM (%) DE MUSEUS SEGUNDO ATIVIDADES CULTURAIS PROMOVIDAS, BRASIL, 2010

FONTE: CADASTRO NACIONAL DE MUSEUS - IBRAM / MINC, 2010

A realização de atividades culturais em museus conforme Unidade da Federação e região é apresentada na Tabela 20. Verifica-se que, de forma geral, tanto as regiões quanto os Estados separadamente apresentam padrão semelhante ao nacional.

No Sul – segunda região em quantitativo de museus –, os percentuais de realização de atividades culturais são mais baixos do que no Norte e no Nordeste. Em Roraima, o único museu cadastrado informou realizar conferências, seminários, palestras, cursos, oficinas, sessões de cinema e projeção de vídeo. Da mesma forma, em Rondônia, o percentual de museus que oferece cursos/oficinas e sessões de cinema é mais elevado do que em outros Estados. Como são localidades que, segundo o IBGE[51], apresentam uma densidade menor de atividades culturais, supõe-se que os museus existentes acabem por aglutinar distintos eventos. Nesse sentido, os dados sugerem a necessidade de outros estudos mais aprofundados que venham demonstrar o valor agregado pelo museu à comunidade na qual está inserido.

51 INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Perfil dos municípios brasileiros: cultura 2006*. Rio de Janeiro, 2007.

TABELA 20 - PORCENTAGEM (%) DE MUSEUS SEGUNDO ATIVIDADES CULTURAIS PROMOVIDAS, POR UNIDADES DA FEDERAÇÃO E GRANDES REGIÕES, BRASIL, 2010

UNIDADE DA FEDERAÇÃO	ATIVIDADES CULTURAIS						
	EVENTOS SOCIAIS E CULTURAIS	CONFERÊNCIAS, SEMINÁRIOS, PALESTRAS	CURSOS/ OFICINAS	CINEMA/PROJEÇÕES DE VÍDEO	ESPETÁCULOS MUSICAIS	ESPETÁCULOS TEATRAIS/DANÇA	OUTRAS ATIVIDADES
Brasil	**55,7**	**54,0**	**47,7**	**33,4**	**30,7**	**26,8**	**7,5**
Norte	51,4	51,4	44,3	38,6	22,9	25,7	5,7
Rondônia	50,0	50,0	75,0	75,0	25,0	25,0	-
Acre	54,5	54,5	54,5	54,5	36,4	45,5	18,2
Amazonas	47,1	41,2	29,4	29,4	11,8	17,6	5,9
Roraima	-	100,0	100,0	100,0	-	-	-
Pará	51,9	51,9	40,7	25,9	22,2	22,2	3,7
Amapá	42,9	71,4	57,1	42,9	28,6	28,6	-
Tocantins	100,0	33,3	33,3	66,7	33,3	33,3	-
Nordeste	62,3	61,9	50,7	36,2	35,1	34,0	7,8
Maranhão	81,8	72,7	63,6	18,2	45,5	54,5	9,1
Piauí	50,0	50,0	50,0	40,0	30,0	40,0	10,0
Ceará	62,3	58,5	47,2	28,3	30,2	30,2	11,3
Rio Grande do Norte	53,3	50,0	40,0	33,3	30,0	36,7	10,0
Paraíba	57,1	57,1	50,0	57,1	35,7	42,9	7,1
Pernambuco	73,3	62,2	48,9	42,2	35,6	31,1	6,7
Alagoas	69,2	61,5	42,3	50,0	46,2	26,9	7,7
Sergipe	40,0	80,0	80,0	20,0	50,0	30,0	10,0
Bahia	59,4	68,1	56,5	34,8	33,3	34,8	4,3
Sudeste	58,1	56,5	49,8	34,0	36,6	26,9	8,6
Minas Gerais	58,5	56,1	50,0	32,9	37,2	28,0	6,7
Espírito Santo	38,5	38,5	46,2	11,5	15,4	11,5	19,2
Rio de Janeiro	66,4	63,8	55,2	43,1	47,4	32,8	7,8
São Paulo	56,1	55,3	47,7	32,8	33,6	25,2	9,2
Sul	49,8	46,4	43,3	28,9	22,9	22,3	6,7
Paraná	38,8	37,8	42,9	24,5	20,6	20,6	8,2
Santa Catarina	51,3	57,1	50,4	28,6	28,6	28,6	5,0
Rio Grande do Sul	53,6	44,6	39,9	30,9	21,0	19,7	6,9
Centro-Oeste	54,1	54,1	48,9	37,6	27,3	27,3	5,3
Mato Grosso do Sul	44,4	40,7	37,0	25,9	25,9	22,2	3,7
Mato Grosso	64,3	42,9	53,6	35,7	17,9	25,9	-
Goiás	48,7	59,0	51,3	35,9	35,9	33,3	10,3
Distrito Federal	59,0	66,7	51,3	48,7	25,6	25,6	5,1

FONTE: CADASTRO NACIONAL DE MUSEUS - IBRAM / MINC, 2010

Nota: O Estado de Roraima conta com 100% em algumas categorias nesta tabela, pois possui apenas um museu cadastrado.

A área relativa às publicações engloba o universo dos diferentes materiais produzidos pelos museus, em suporte impresso ou mídia digital (CD, DVD), que podem ser disponibilizados *on-line*, independentemente de uma periodicidade regular. O Gráfico 51 apresenta as porcentagens e os tipos de publicações produzidas, destacando-se a produção de material de divulgação, com 57,8%.

A Tabela 21 apresenta as publicações produzidas pelos museus segundo a natureza administrativa. O padrão de respostas fornecido é semelhante ao apresentado no Gráfico 51, o que permite deduzir que a natureza administrativa exerce pouca influência nos tipos de publicações editadas pelos museus.

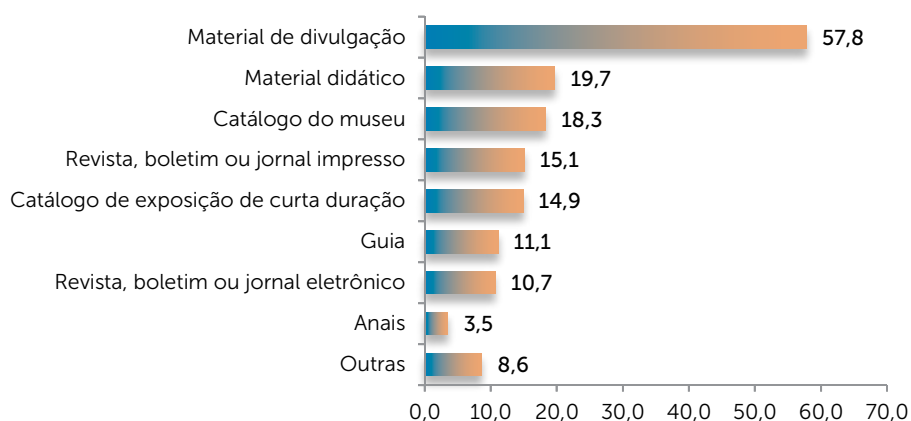
GRÁFICO 51 - PORCENTAGEM (%) DE MUSEUS SEGUNDO PUBLICAÇÕES PRODUZIDAS, BRASIL, 2010

FONTE: CADASTRO NACIONAL DE MUSEUS - IBRAM / MINC, 2010

TABELA 21 - PORCENTAGEM (%) DE MUSEUS POR NATUREZA ADMINISTRATIVA SEGUNDO PUBLICAÇÕES PRODUZIDAS, BRASIL, 2010

PUBLICAÇÕES	NATUREZA ADMINISTRATIVA							
	FEDERAL	ESTADUAL	MUNICIPAL	ASSOCIAÇÃO	EMPRESA	FUNDAÇÃO	SOCIEDADE	OUTRA
Material de divulgação	64,7	65,2	52,4	56,3	63,0	72,3	60,0	48,4
Material didático	25,4	23,8	15,0	17,4	13,0	31,7	24,0	18,2
Catálogo do museu	25,4	25,7	13,6	18,1	11,1	26,7	24,0	12,6
Revista, boletim ou jornal eletrônico	17,3	10,0	6,3	16,0	14,8	16,8	8,0	9,4
Catálogo de exposição de curta duração	23,7	18,6	11,4	13,9	14,8	18,8	12,0	11,3
Guia	19,7	10,0	7,9	10,4	20,4	12,9	12,0	8,2
Revista, boletim ou jornal impresso	13,3	11,0	13,4	26,4	22,2	17,8	16,0	13,8
Anais	7,5	4,3	1,5	6,3	1,9	6,9	-	2,5
Outras	10,4	9,0	7,3	9,0	5,6	7,9	12,0	10,1

FONTE: CADASTRO NACIONAL DE MUSEUS - IBRAM / MINC, 2010

Quando analisados por Unidade da Federação, os dados revelam que os materiais de divulgação correspondem à maioria das publicações editadas pelos museus, com números variando entre 48,6%, na região Norte, e 60,9%, no Sudeste (Tabela 22). Em seguida, aparecem os materiais didáticos, com taxas que vão de 17,1% a 22,1% nessas mesmas regiões.

Os Anais apresentam-se como o modelo de publicação menos utilizado pelos museus cadastrados e seus números demonstram pouca variação regional. Com exceção da elaboração de catálogos, o Norte se sobressai como a região que oferece o menor percentual de publicações no País.

cadastro nacional de museus

TABELA 22 - PORCENTAGEM (%) DE MUSEUS SEGUNDO PUBLICAÇÕES PRODUZIDAS, POR UNIDADES DA FEDERAÇÃO E GRANDES REGIÕES, BRASIL, 2010

UNIDADE DA FEDERAÇÃO	CATÁLOGO DO MUSEU	GUIA	CATÁLOGO DE EXPOSIÇÃO DE CURTA DURAÇÃO	ANAIS	REVISTA, BOLETIM OU JORNAL ELETRÔNICO	REVISTA, BOLETIM OU JORNAL IMPRESSO	MATERIAL DIDÁTICO	MATERIAL DE DIVULGAÇÃO	OUTRAS
Brasil	**18,3**	**11,1**	**14,9**	**3,5**	**10,7**	**15,1**	**19,7**	**57,8**	**8,6**
Norte	21,4	5,7	4,3	2,9	5,7	10,0	17,1	48,6	5,7
Rondônia	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Acre	-	9,1	-	-	9,1	-	-	45,5	9,1
Amazonas	29,4	-	-	-	-	5,9	17,6	52,9	-
Roraima	100,0	-	-	-	100,0	100,0	100,0	100,0	-
Pará	25,9	7,4	7,4	3,7	7,4	18,5	25,9	48,1	11,1
Amapá	14,3	14,3	-	-	-	-	14,3	42,9	-
Tocantins	33,3	-	33,3	33,3	-	-	-	100,0	-
Nordeste	21,2	11,0	13,9	3,3	11,7	13,6	20,1	58,6	8,4
Maranhão	18,2	9,1		9,1	9,1	9,1	9,1	90,9	27,3
Piauí	20,0	10,0	20,0	-	20,0	10,0	-	60,0	-
Ceará	16,4	5,5	10,9	1,8	7,3	9,1	10,9	40,0	12,7
Rio Grande do Norte	23,3	16,7	6,7	3,3	3,3	10,0	6,7	46,7	6,7
Paraíba	21,4	7,1	7,1	-	21,4	14,3	7,1	64,3	7,1
Pernambuco	21,7	13,0	19,6	2,2	13,0	8,7	43,5	69,6	4,3
Alagoas	26,9	11,5	19,2	3,8	15,4	23,1	15,4	61,5	3,8
Sergipe	10,0	40,0	30,0	20,0	20,0	20,0	20,0	60,0	10,0
Bahia	23,9	8,5	14,1	2,8	12,7	18,3	26,8	63,4	8,5

UNIDADE DA FEDERAÇÃO	CATÁLOGO DO MUSEU	GUIA	CATÁLOGO DE EXPOSIÇÃO DE CURTA DURAÇÃO	ANAIS	REVISTA, BOLETIM OU JORNAL ELETRÔNICO	REVISTA, BOLETIM OU JORNAL IMPRESSO	MATERIAL DIDÁTICO	MATERIAL DE DIVULGAÇÃO	OUTRAS
Sudeste	**18,2**	**11,7**	**18,6**	**3,5**	**11,9**	**15,6**	**22,1**	**60,9**	**9,3**
Minas Gerais	17,6	12,7	15,8	1,8	7,3	18,8	18,2	60,0	6,1
Espírito Santo	7,7	-	11,5	-	19,2	11,5	23,1	46,2	7,7
Rio de Janeiro	16,1	11,9	23,7	5,9	15,3	14,4	31,4	68,6	10,2
São Paulo	20,6	12,2	18,7	3,8	12,6	14,5	20,2	59,5	11,1
Sul	**17,2**	**9,1**	**11,5**	**3,8**	**9,3**	**17,0**	**17,4**	**56,5**	**10,4**
Paraná	20,2	10,1	16,2		11,1	11,1	16,2	48,5	11,1
Santa Catarina	16,8	11,8	10,9	3,4	11,8	20,2	16,8	58,8	10,1
Rio Grande do Sul	16,2	7,2	9,8	5,5	7,2	17,9	18,3	58,7	10,2
Centro -Oeste	**14,3**	**18,8**	**18,8**	**3,8**	**11,3**	**12,8**	**18,0**	**51,9**	**1,5**
Mato Grosso do Sul	11,1	25,9	11,1	3,7	18,5	14,8	3,7	40,7	-
Mato Grosso	17,9	10,7	10,7		7,1	10,7	7,1	42,9	-
Goiás	12,8	12,8	23,1	2,6	5,1	10,3	20,5	43,6	-
Distrito Federal	15,4	25,6	25,6	7,7	15,4	15,4	33,3	74,4	5,1

FONTE: CADASTRO NACIONAL DE MUSEUS - IBRAM / MINC, 2010

7. RECURSOS HUMANOS

A partir da segunda metade do século XX, foram percebidas mudanças significativas nas concepções de museu e de seu papel social, que, consequentemente, se refletem nos meios de profissionalização do campo. Os museus têm se caracterizado pela pluralidade de formação de seus profissionais, realidade que se explica pela intrínseca multidisciplinaridade que caracteriza o campo museal.

No Brasil, uma formação específica para a área museal surgiu em 1922, como parte do Decreto nº 15.596, que criou o Museu Histórico Nacional (MHN). No entanto, a primeira experiência foi concretizada somente dez anos mais tarde, em 1932, pelo Decreto nº 21.129, que criou o Curso de Museus no âmbito do próprio MHN. Vale destacar que esse curso foi o primeiro do tipo no Brasil e em todo o continente Americano.[52]

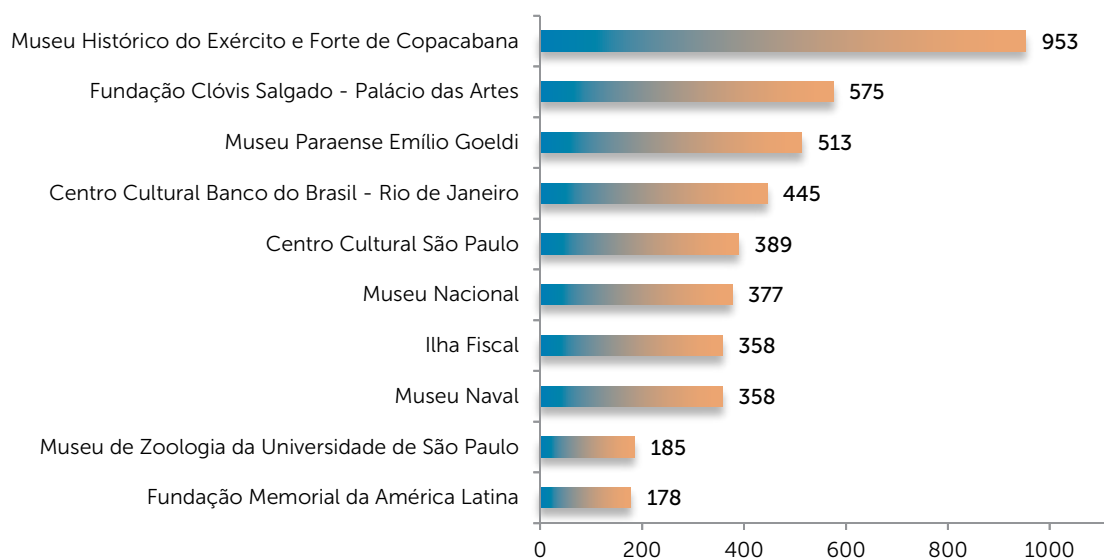
Outra referência legislativa no campo profissional é decorrente da Lei nº 7.287, de 18 de dezembro de 1984, que dispõe sobre a regulamentação da profissão de museólogo. Além de estabelecer o exercício privativo da profissão, descreve as diversas atribuições desse profissional. Cabe ainda mencionar a Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009, que instituiu o Estatuto de Museus. Em seu Artigo 8º, Parágrafo §1 é estabelecido que a elaboração de planos, programas e projetos museológicos, visando à criação, à fusão ou à manutenção dos museus, deve estar em consonância com a Lei nº 7.287.

Atualmente, como reflexo da Política Nacional de Museus (PNM), observa-se um processo de ampliação do quadro de museólogos no Brasil, resultado do aumento do número de cursos de graduação em Museologia, que hoje somam 14, dos quais 13 encontram-se em universidades públicas.

52 Disponível em: www.unirio.br/museologia/nummus/75anos.htm. Acesso em: 17 dez. 2010.

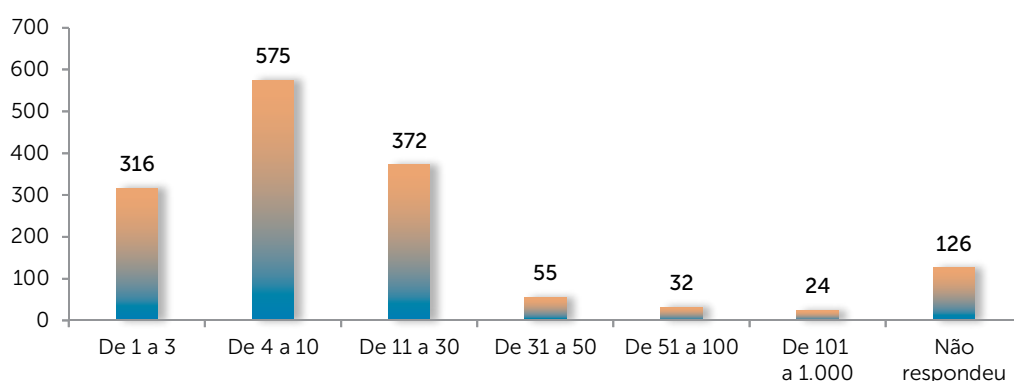
Os dados apresentados a seguir revelam a atual configuração dos funcionários das instituições museológicas que responderam ao questionário do Cadastro Nacional de Museus. Contando com mais de 20 mil integrantes provenientes de diversas áreas de formação, o quadro profissional que se esboça reflete o processo histórico de transformações nos museus brasileiros.

A dispersão dos profissionais nos museus do País pode ser observada nos Gráficos 52 e 53. O primeiro lista os dez museus brasileiros com o maior contingente de profissionais, despontando em primeiro lugar, com 953 funcionários, o Museu Histórico do Exército e Forte de Copacabana. Em seguida, figuram o Palácio das Artes da Fundação Clóvis Salgado (575) e o Museu Paraense Emílio Goeldi (513). Cabe assinalar que, no caso do Museu Histórico do Exército e Forte de Copacabana, por se tratar de uma instituição militar, o efetivo da corporação como um todo é contabilizado dentro do quadro de funcionários do Museu, de modo que não foi indicada separação entre as funções nele exercidas.

GRÁFICO 52 - MUSEUS COM MAIOR NÚMERO DE FUNCIONÁRIOS, BRASIL, 2010

FONTE: CADASTRO NACIONAL DE MUSEUS - IBRAM / MINC, 2010

O Gráfico 53 apresenta a distribuição de museus segundo a quantidade de funcionários por faixas. A partir dos dados disponibilizados, observa-se que a maior parte das instituições brasileiras contabiliza de 4 a 10 funcionários. Ademais, aproximadamente 60% dos museus cadastrados declararam possuir de 1 a 10 funcionários e 84,2% das instituições possuem de 1 a 30 funcionários.

Constata-se, ainda, que o número médio de profissionais por museu no País é de aproximadamente 15 funcionários. Por se tratar de uma média, deve-se considerar que este número é impactado pelos quantitativos de pessoal divulgados pelas instituições museológicas citadas no Gráfico 52. Cabe ainda lembrar que um número considerável de museus cadastrados (126) não respondeu a questão.

GRÁFICO 53 - NÚMERO DE MUSEUS SEGUNDO NÚMERO DE FUNCIONÁRIOS, BRASIL, 2010

FONTE: CADASTRO NACIONAL DE MUSEUS - IBRAM / MINC, 2010

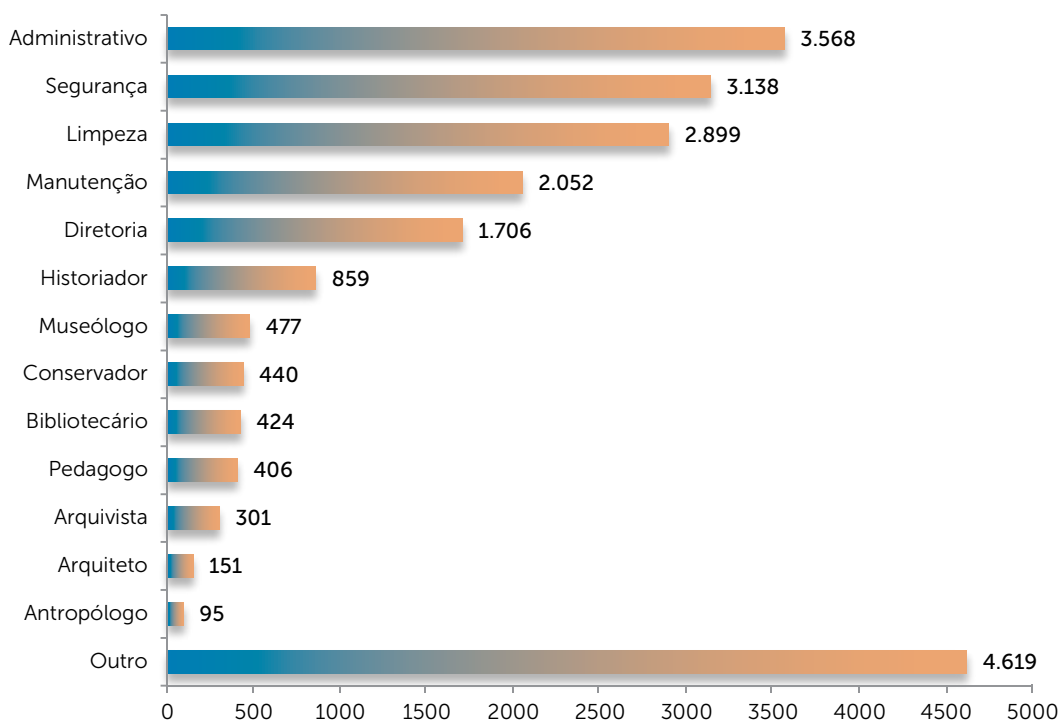
Ao apresentar dados sobre o quantitativo de funcionários[53] de museus segundo setor ou especialidade, o Gráfico 54 confirma o caráter multidisciplinar do quadro de recursos humanos das instituições museológicas brasileiras. Nesses espaços verificou-se um corpo técnico composto, em primeiro lugar, de historiadores (859), seguidos de museólogos (477), conservadores (440), bibliotecários (424), pedagogos (406), arquivistas (301), arquitetos (151) e antropólogos (95), entre outras formações não informadas.

53 Para este estudo, consideram-se como funcionários todos os profissionais formados ou em processo de formação que exerçam atividades regulares na instituição museológica.

Vale destacar que, comparativamente, historiadores representam 1,8 vezes o número de museólogos em museus brasileiros. Observa-se ainda que o quantitativo de museólogos está mais próximo do apresentado por conservadores. Tal configuração pode ser creditada a diversos fatores, dentre os quais a diferença relativa à oferta de formação. Anteriormente à criação da PNM, existiam apenas dois cursos de graduação em Museologia regularmente ofertados, sendo o primeiro curso ofertado pela Escola de Museologia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), cuja história remonta ao Curso de Museus do MHN; e o segundo, criado em 1969, pela Universidade Federal da Bahia (UFBA).

Ressalta-se também o quantitativo expressivo de bibliotecários, pedagogos e arquivistas em museus brasileiros. Contando com 424 profissionais, os bibliotecários apresentam quantitativo semelhante ao observado entre pedagogos e superior ao de arquivistas. É interessante destacar que aproximadamente 59% das 710 instituições museológicas que declararam possuir bibliotecas em suas dependências dispõem de bibliotecário. Dentre as 715 instituições com setor educativo, 56% possuem pedagogos e em 41% dos 727 museus que possuem arquivo histórico encontram-se arquivistas.

Constata-se ainda que as áreas de administração (3.568), segurança (3.138), limpeza (2.899), manutenção (2.052) e diretoria (1.706) detêm os maiores quantitativos de profissionais, situação observada em boa parte das unidades federativas. No entanto, vale ressaltar que o maior contingente de funcionários encontra-se agrupado sob a categoria outro setor ou especialidade. O elevado número de profissionais inseridos nessa faixa oferece subsídios para estudos futuros.

GRÁFICO 54 - NÚMERO DE FUNCIONÁRIOS DOS MUSEUS SEGUNDO SETOR OU ESPECIALIDADE, BRASIL, 2010

FONTE: CADASTRO NACIONAL DE MUSEUS - IBRAM / MINC, 2010

* Foram contabilizados os estagiários, bolsistas e voluntários.

A Tabela 23 trata da relação institucional estabelecida com o funcionário, por área de atuação ou especialidade dentro do museu. Cabe observar que são incluídos nessa aferição todos os profissionais formados, ou em processo de formação, que exerçam atividades regulares na instituição, independentemente do seu vínculo, incluindo categorias relacionadas a estágio/bolsas e voluntariado.

A categoria mais observada é a de profissional efetivo, ou seja, funcionários que têm vínculo empregatício com o museu. A exceção é a área de segurança, na qual a maior parte do quadro é terceirizada. Os profissionais da limpeza ajudam a equilibrar a relação entre vínculos efetivo e terceirizado, apresentando número semelhante em ambos.

Dentre os dados apresentados, algumas informações se destacam: o elevado quantitativo de diretores voluntários (409); o alto número de historiadores que atuam como estagiários/bolsistas (273); bem como o número de estagiários e bolsistas classificados dentro de outra área ou especialidade (1.492).

TABELA 23 - NÚMERO DE FUNCIONÁRIOS DOS MUSEUS POR SETOR OU ESPECIALIDADE SEGUNDO VÍNCULO, BRASIL, 2010

SETOR/ ESPECIALIDADE	VÍNCULO							
	EFETIVO	CEDIDO	FUNÇÃO GRATIFICADA	CONTRATADO POR TEMPO DETERMINADO	TERCEIRIZADO	VOLUNTÁRIO	ESTAGIÁRIO/ BOLSISTA	OUTRO
Diretoria	627	73	335	110	37	409	38	77
Museólogo	232	23	25	33	23	49	86	6
Bibliotecário	191	37	20	29	23	33	78	13
Arquivista	153	17	7	16	12	35	59	2
Conservador	177	39	21	46	77	32	18	30
Pedagogo	166	56	14	36	34	53	44	3
Historiador	307	57	39	50	36	88	273	9
Arquiteto	48	9	6	18	15	26	22	7
Antropólogo	55	3	2	10	4	7	11	3
Administrativo	2040	153	305	261	321	99	336	53
Manutenção	1215	141	434	265	1086	160	6	45
Limpeza	1294	200	23	111	1185	45	6	35
Segurança	1190	190	40	68	1599	17	2	32
Outro	1581	134	75	281	389	476	1492	191

FONTE: CADASTRO NACIONAL DE MUSEUS - IBRAM / MINC, 2010

Para a qualificação e o desenvolvimento dos funcionários de museus, políticas de capacitação de pessoal são adotadas em instituições em todas as unidades federativas. Conforme evidencia o Gráfico 55, iniciativas como estas são desenvolvidas em 47,2% dos museus brasileiros.

A oportunidade de inserção de pessoas interessadas em participar de processos dentro de museus sem um vínculo institucional se apresenta com os programas de voluntariado. No País, 32,1% dos museus declararam desenvolver esse tipo de atividade, conforme indicado pelo Gráfico 56. A distribuição dos voluntários em instituições museológicas (Tabela 23) indica que a maior parte dos voluntários, excetuando a categoria *outro*, encontra-se alocada na área de diretoria. Em seguida, figuram os setores de manutenção e administração.

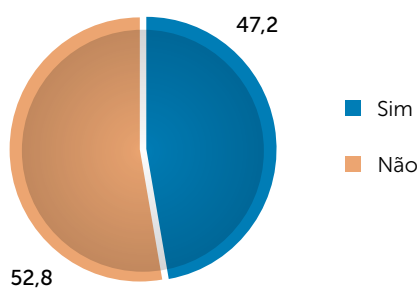
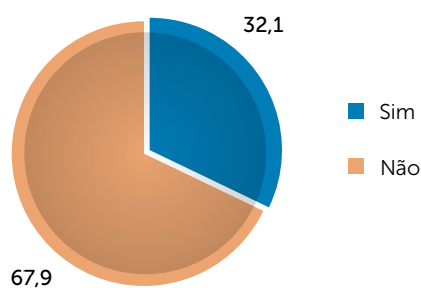
GRÁFICO 55 - PORCENTAGEM (%) DE MUSEUS SEGUNDO EXISTÊNCIA DE POLÍTICA DE CAPACITAÇÃO DE PESSOAL, BRASIL, 2010

FONTE: CADASTRO NACIONAL DE MUSEUS - IBRAM / MINC, 2010

GRÁFICO 56 - PORCENTAGEM (%) DE MUSEUS SEGUNDO EXISTÊNCIA DE PROGRAMA DE VOLUNTARIADO, BRASIL, 2010

FONTE: CADASTRO NACIONAL DE MUSEUS - IBRAM / MINC, 2010

8. ORÇAMENTO

Identificar e classificar os recursos que integram os orçamentos das instituições museológicas é tarefa complexa, dada a ampla diversidade que caracteriza o campo museal brasileiro.

O orçamento dos museus inclui, fundamentalmente, os recursos aplicados na manutenção e na conservação das instituições, bem como nas condições de seu funcionamento interno, seus projetos de crescimento, atividades de comunicação e pesquisa[54]. Tais recursos podem ser financeiros, materiais ou de outros tipos. Da mesma forma, são distintas as fontes de recursos que integram os orçamentos dos museus, conforme destacam Nascimento Junior e Colnago:

> Pode-se falar em dois grandes grupos de fontes de recursos que compõem o orçamento dos museus: a) aquele oriundo do repasse direto pela entidade mantenedora ou disponibilizado do orçamento público (federal, estadual ou municipal); e b) aquele relacionado com a capacidade dos museus em prospectarem recursos para fora dos limites do "orçamento anual", cooptando novos apoiadores a seus projetos com vistas a garantir a manutenção de suas atividades.[55]

No âmbito do Cadastro Nacional de Museus, para a análise das informações referentes ao orçamento, foram contabilizados, primeiramente, os museus que declararam possuir orçamento anual. Conforme indicado no Gráfico 57, a maioria dos museus cadastrados (77,7%) informou não possuir orçamento próprio para realização de suas atividades. Dentre as instituições que declaram ter orçamento anual (22,3%), a maior parte é composta por instituições de natureza administrativa municipal, seguidas pela instância federal e estadual (Gráfico 58).

---

54 CARREÑO, F. J. Z. *Curso de Museología*. Ediciones TREA, España, 2004.

55 Nascimento Junior e Colnago. Economia da Cultura. In: Nascimento Junior, José do (Org.). *Economia de Museus*. Brasília: MinC/IBRAM, p. 221, 2010.

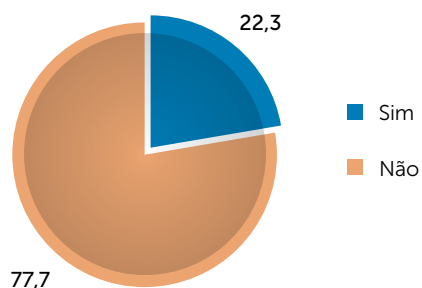
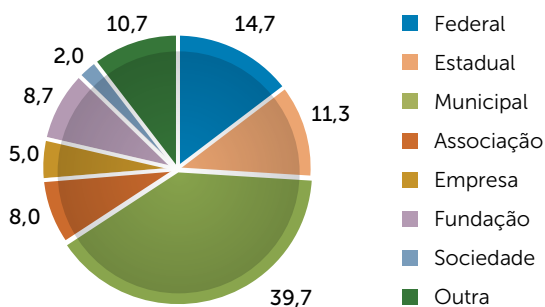
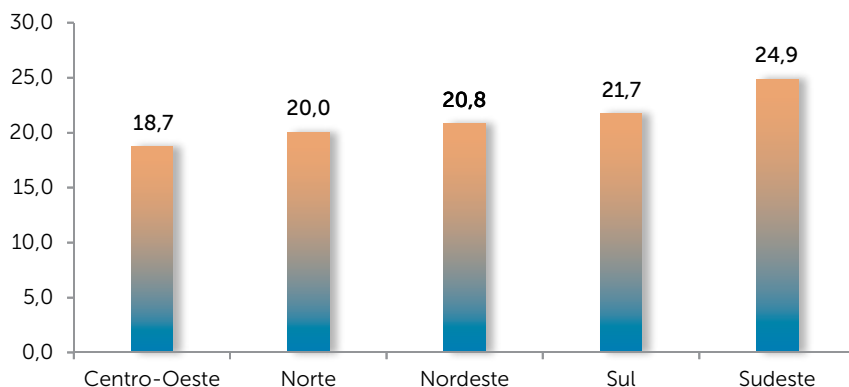
GRÁFICO 57 - PORCENTAGEM (%) DE MUSEUS SEGUNDO EXISTÊNCIA DE ORÇAMENTO PRÓPRIO, BRASIL, 2010

FONTE: CADASTRO NACIONAL DE MUSEUS - IBRAM / MINC, 2010

GRÁFICO 58 - PORCENTAGEM (%) DE MUSEUS COM ORÇAMENTO PRÓPRIO SEGUNDO NATUREZA ADMINISTRATIVA, BRASIL, 2010

FONTE: CADASTRO NACIONAL DE MUSEUS - IBRAM / MINC, 2010

Considerando a distribuição dos museus no território nacional, o Sudeste aparece com o percentual mais elevado de museus com orçamento próprio em comparação às demais regiões brasileiras (Gráfico 59). Tomando-se como referência o total de 133 museus no Sudeste que possuem orçamento próprio, São Paulo é o Estado com a maior taxa de concentração de instituições nessa posição: 42,8% (Tabela 24). Em ordem decrescente estão Minas Gerais (28,5%), Rio de Janeiro (27%) e Espírito Santo (1,5%).

GRÁFICO 59 - PORCENTAGEM (%) DE MUSEUS COM ORÇAMENTO PRÓPRIO SEGUNDO REGIÃO, BRASIL, 2010

FONTE: CADASTRO NACIONAL DE MUSEUS - IBRAM / MINC, 2010

Tratando-se dos dados que relacionam natureza administrativa a instituições com orçamento próprio, verificam-se os maiores percentuais para os museus municipais situados em 4 das 5 regiões brasileiras: Nordeste, Sudeste, Sul e Centro-Oeste. Somente no Norte os museus com maior percentual em orçamento próprio são da natureza administrativa estadual (Tabela 24).

Para a grande maioria das unidades federativas o quadro é semelhante: os museus municipais aparecem com percentuais mais altos em orçamento próprio. Rio de Janeiro, Distrito Federal e Rio Grande do Norte são exceções: os museus federais representam os percentuais mais elevados em orçamento próprio[56]. No caso específico do Distrito Federal, é uma resposta dentro do esperado, na medida em que a maior parte dos museus é composta de instituições federais (42,1%), de acordo com a Tabela 3.

56 No que se refere aos percentuais informados na Tabela 24, deve-se considerar a realidade de cada unidade federativa. As análises dos orçamentos estaduais revelam que, em alguns casos, apesar de constarem em percentuais mais elevados, alguns Estados possuem um quantitativo relativamente baixo de museus com orçamento próprio, quando tratados em números absolutos.

TABELA 24 - PORCENTAGEM (%) DE MUSEUS COM ORÇAMENTO PRÓPRIO, SEGUNDO NATUREZA ADMINISTRATIVA, POR UNIDADES DA FEDERAÇÃO E GRANDES REGIÕES BRASIL, 2010

UNIDADE DA FEDERAÇÃO	NATUREZA ADMINISTRATIVA								TOTAL
	FEDERAL	ESTADUAL	MUNICIPAL	ASSOCIAÇÃO	EMPRESA	FUNDAÇÃO	SOCIEDADE	OUTRA	
Brasil	**14,7**	**11,3**	**39,7**	**8,0**	**5,0**	**8,7**	**2,0**	**10,7**	**100,0**
Norte	-	41,7	33,3	8,3	-	8,3	-	8,3	100,0
Rondônia	-	-	100,0	-	-	-	-	-	100,0
Acre	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Amazonas	-	-	100,0	-	-	-	-	-	100,0
Roraima	-	100,0		-	-	-	-	-	100,0
Pará	-	20,0	40,0	20,0	-	20,0	-	-	100,0
Amapá	-	100,0	-	-	-	-	-	-	100,0
Tocantins	-	-	-	-	-	-	-	100,0	100,0
Nordeste	12,2	14,3	34,7	8,2	6,1	12,2	4,1	8,2	100,0
Maranhão	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Piauí	-	-	33,3	33,3			-	33,3	100,0
Ceará	-	16,7	16,7	16,7	-	33,3	-	16,7	100,0
Rio Grande do Norte	50,0	-	-	25,0	-	-	-	25,0	100,0
Paraíba	-	33,3	66,7		-	-	-	-	100,0
Pernambuco	11,8	-	64,7	5,9	-	17,6	-	-	100,0
Alagoas	20,0	-	40,0	-	20,0	20,0	-	-	100,0
Sergipe	100,0	-	-	-	-	-	-	-	100,0
Bahia	-	50,0	-	-	20,0	-	20,0	10,0	100,0
Sudeste	21,9	13,3	32,0	8,6	3,9	8,6	0,8	10,9	100,0
Minas Gerais	13,5	5,4	43,2	10,8	2,7	10,8	-	13,5	100,0
Espírito Santo	-	-	50,0	-	-	50,0	-	-	100,0
Rio de Janeiro	62,9	2,9	11,4	8,6	-	2,9	2,9	8,6	100,0
São Paulo	1,9	25,9	37,0	7,4	7,4	9,3	-	11,1	100,0
Sul	4,5	3,4	56,8	6,8	6,8	8,0	2,3	11,4	100,0
Paraná	8,3	8,3	50,0	8,3	8,3			16,7	100,0
Santa Catarina	6,1	3,0	60,6	6,1	3,0	3,0	3,0	15,2	100,0
Rio Grande do Sul	2,3	2,3	55,8	7,0	9,3	14,0	2,3	7,0	100,0
Centro-Oeste	26,1	8,7	30,4	8,7	4,3	4,3	4,3	13,0	100,0
Mato Grosso do Sul	20,0	-	20,0	20,0	20,0	-	-	20,0	100,0
Mato Grosso	-	25,0	25,0	25,0	-	25,0	-	-	100,0
Goiás	14,3	-	71,4	-	-	-	-	14,3	100,0
Distrito Federal	57,1	14,3	-	-	-	-	14,3	14,3	100,0

FONTE: CADASTRO NACIONAL DE MUSEUS - IBRAM / MINC, 2010

De toda forma, os dados comprovam que o percentual mais elevado nas fontes orçamentárias dos museus brasileiros é proveniente da sua mantenedora, conforme indicado nas análises da composição orçamentária das instituições museológicas cadastradas, apresentada no Quadro 2.

QUADRO 2 - COMPOSIÇÃO DO ORÇAMENTO
DAS UNIDADES MUSEOLÓGICAS, BRASIL, 2010

FONTE ORÇAMENTÁRIA	DESCRIÇÃO
Orçamento anual	Receita disponível para o exercício financeiro anual, repassada pela entidade mantenedora ou especificadas no orçamento anual.
Receitas próprias	Receitas diretamente geradas pelo museu, por exemplo: ingressos, locação de espaços, venda de publicações, cafeteria, lojas, etc.
Leis de incentivo	Recursos provenientes de leis de incentivo fiscal, no âmbito federal, estadual ou municipal, para realização de projetos culturais, inclusive aqueles provenientes de fundos para a cultura.
Patrocínio direto	Transferência definitiva e gratuita de recursos para a realização de projetos culturais, com a publicidade do patrocinador associada.
Doações	Transferência definitiva e gratuita de recursos em favor de projetos culturais sem publicidade associada à divulgação desse ato.
Organismos internacionais	Recursos provenientes de organismos internacionais para apoio a realização de projetos culturais.

FONTE: CADASTRO NACIONAL DE MUSEUS - IBRAM / MINC, 2010

Em referência ao ano de 2009, os dados coletados e indicados no Quadro 3 registram a maior participação de recursos para os museus provenientes do orçamento anual. Em receitas próprias, leis de incentivo, patrocínio direto e doações, que compõem o segundo grupo das fontes de recursos para os museus, a participação é consideravelmente reduzida. Observa-se, ainda, que não foram informados os recursos oriundos de organismos internacionais em 2009.

QUADRO 3 - ORÇAMENTO
(VALORES EM R$)

FONTES DE RECURSOS	VALOR (2009)	%
Orçamento anual	12.757.070,00	78,14%
Receitas próprias	2.388.782,97	14,63%
Leis de Incentivo	493.869,00	3,00%
Patrocínio direto	260.516,00	1,60%
Doações	425.782,00	2,60%
Pessoa jurídica	410.402,00	
Pessoa física	15.380,00	
TOTAL	**16.326.020,06**	**100,00%**

FONTE: CADASTRO NACIONAL DE MUSEUS - IBRAM / MINC, 2010

Em relação ao período compreendido entre 2001 e 2008, analisado por Nascimento Junior e Colnago[57], houve em 2009 uma retração nas receitas próprias e a maior participação de recursos provenientes do orçamento anual.

Observa-se, também no Quadro 3, que no cenário nacional de financiamento dos museus prevalecem recursos públicos. Conforme assinala Reis[58], a distribuição de recursos entre as fontes básicas de renda – financiamento público, doações privadas e faturamento próprio – não é homogênea, "varia de país a país e, dentro de um mesmo país, de museu a museu".[59] No Brasil, a situação não é diferente. Considerando os formatos de fontes de recursos apontados pela autora e aqueles adotados no País, o de maior valor verificado nesta pesquisa (78,14%) refere-se ao orçamento anual.

No que diz respeito à cobrança de ingresso, observa-se que são poucos os museus que possuem tal prática e, nestas instituições, os valores cobrados são, geralmente, de caráter simbólico (Gráfico 18.1). A não cobrança de ingresso pode ser compreendida como uma estratégia decorrente de políticas de incentivo à visitação e à formação de público de museus. Na Pesquisa Perfil-Opinião[60], realizada em 11 museus no Rio de Janeiro, entre junho e agosto de 2005, constatou-se que os custos de transporte e alimentação eram fatores que dificultam a visita a museus para 39,9% dos entrevistados, pois esse grupo não dispunha de recursos extras disponíveis em seus orçamentos para essa atividade. Nesse sentido, entende-se que a não-cobrança de ingresso em museus, ou a cobrança de valores simbólicos, visam incentivar e facilitar o acesso de diferentes segmentos de público.

57 Ibidem

58 REIS, A.C.F. Museus e mercados de arte como agentes econômicos: um diálogo entre cultura e economia. IN: NASCIMENTO JÚNIOR, José do (Org.). *Economia de museus*. Brasília : MinC/IBRAM, 2010.

59 Ibidem, p. 125.

60 Observatório de Museus e Centros Culturais. *Pesquisa Piloto Perfil-Opinião 2005*. I Boletim, 2ª edição, dez/2007.

Outro ponto analisado na pesquisa do CNM é relacionado ao volume de receita própria gerada pela venda de produtos em espaços comerciais, tais como lojas, livrarias, cafeterias e restaurantes. No cenário internacional, observa-se que em determinados países o fenômeno de incentivo ao consumo nos museus é um importante fator econômico para a manutenção e mesmo para a implantação de novas atividades. Nesse sentido, diferentes estratégias vêm sendo implementadas a cada dia, como o uso do comércio eletrônico por museus do Reino Unido, França e Estados Unidos. No entanto, é importante ressaltar que mesmo com um forte investimento financeiro para o desenvolvimento deste setor, não há registro de museus que gerem receitas suficientes para garantir o seu funcionamento integral.

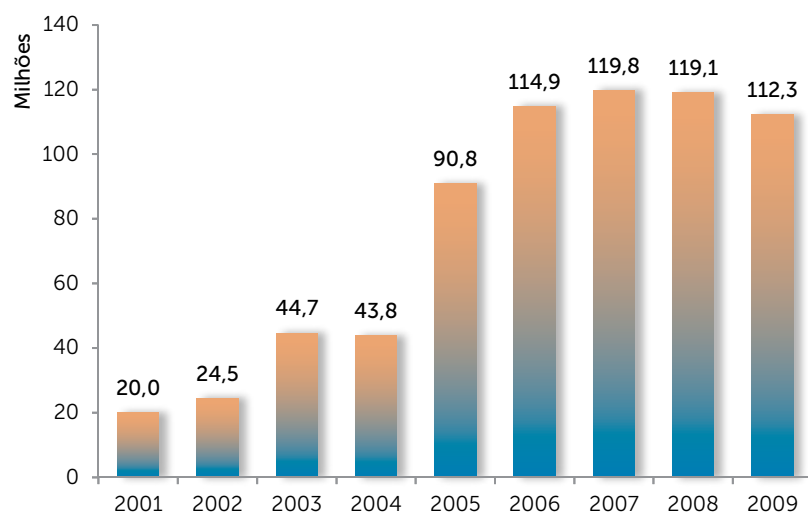
No Brasil, observa-se que os recursos advindos da comercialização de produtos em museus são pequenos. Pode-se considerar que os motivos para este fenômeno são derivados de diferenças de ordem social, política e econômica, que envolvem não somente as instituições museológicas, como também seus públicos.

Nesse sentido, torna-se vital o compartilhamento de informações referentes à gestão do orçamento do executivo federal destinado ao desenvolvimento de uma política pública para o campo museológico. Tais dados vêm sendo publicamente disponibilizados através de relatórios de gestão e outros documentos[61], que demonstram o crescimento de investimentos no setor museal, cabendo nesta publicação a reunião de alguns dados demonstrativos.

Os dados do Sistema MinC (Gráfico 60) revelam que após a criação da Política Nacional de Museus houve um crescimento acentuado de valores investidos, passando de R$ 44,7 milhões em 2003 para R$112 milhões em 2009.

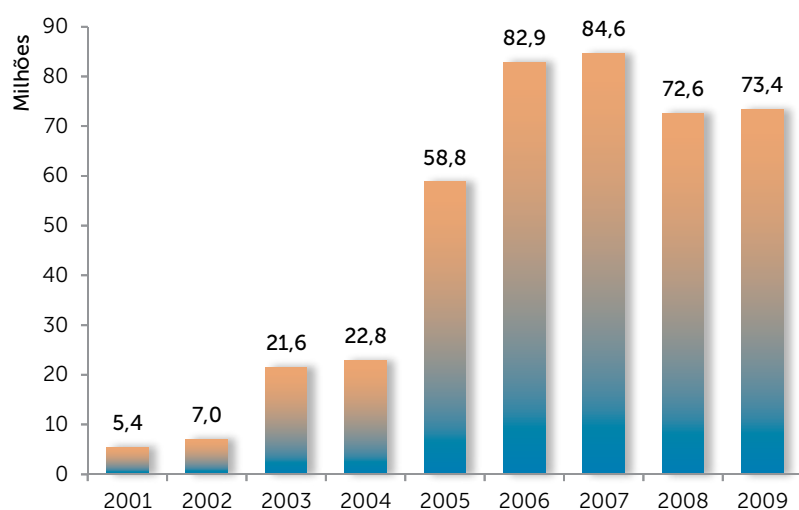
---

61 Para maiores informações consultar as publicações disponíveis no *site* do Instituto Brasileiro de Museus: www.museus.gov.br

GRÁFICO 60 - INVESTIMENTO EM MUSEUS - SISTEMA MINC*

*FONTE: JUNIOR, J.N. E COLNAGO, E. ECONOMIA DA CULTURA (2010)

Um dos fatores para este crescimento foi a reformulação do *Programa Museu, Memória e Cidadania*, uma das principais fontes de recursos para o setor museológico. Seu espectro de atuação, anteriormente focado apenas nos museus federais, foi ampliado para oferecer suporte a outras instituições museológicas de personalidades jurídicas diferenciadas.

Outra modificação foi concernente ao Mecenato. Foram criados critérios para o recebimento de recursos procedentes de renúncia fiscal e para a aprovação de projetos. Estes processos viabilizaram um salto na quantia total investida, demonstrando um aumento significativo entre 2003 e 2007 (Gráfico 61). Nesse caso, destaca-se o ano de 2005 que, em relação ao ano anterior, obteve um acréscimo de mais de 150%.

GRÁFICO 61 - INVESTIMENTO EM MUSEUS POR MECENATO - SISTEMA MINC*

*FONTE: JUNIOR, J.N. E COLNAGO, E. ECONOMIA DA CULTURA (2010)

Ao notar o decréscimo nos anos de 2008 e 2009, vale lembrar que esses foram os anos de crise econômica mundial. Embora esta crise tenha provocado efeitos mais amenos no Brasil, o grande impacto no cenário internacional reverberou em investimentos em diferentes áreas, inclusive, no campo museal.

No entanto, cabe observar que este contexto não teve impacto direto na criação de novas instituições museológicas, conforme relatado no primeiro subcapítulo do panorama nacional. Este fenômeno evidencia a consolidação de políticas para o setor museal, em diferentes esferas do poder público.

Nesse cenário, não se pode deixar de mencionar a atuação do IBRAM, criado em 2009, que desde então:

> (...) tem buscado monitorar territorialmente o investimento que é direcionado para os museus brasileiros, especialmente em relação aos recursos oriundos do Programa 0171 – Museu, Memória e Cidadania – como forma de acompanhar o processo de desconcentração do orçamento público federal voltado para os museus.[62]

Os resultados analisados neste panorama nacional sugerem, portanto, efeitos positivos da conjunção de dois fatores fundamentais ao desenvolvimento social e cultural: a intencionalidade da ação pública e a participação da sociedade civil. Em conjunto e em permanente diálogo, esses dois vetores fortalecem os museus brasileiros.

62 Nascimento Junior e Colnago. Economia da Cultura. In: Nascimento Junior, José do (Org.). *Economia de Museus*. Brasília: MinC/IBRAM, p. 223, 2010.

Anexos

Lista de Municípios com Museus

REGIÃO NORTE

Rondônia

Ariquemes

Cacoal

Campo Novo de Rondônia

Costa Marques

Guajará-Mirim

Parecis

Porto Velho

Presidente Médici

Vilhena

Acre

Cruzeiro do Sul

Manoel Urbano

Porto Acre

Rio Branco

Sena Madureira

Xapuri

Amazonas

Apuí

Barcelos

Benjamin Constant

Manacapuru

Manaus

Maués

Nhamundá

Novo Airão

Presidente Figueiredo

São Gabriel da Cachoeira

Tabatinga

Roraima

Boa Vista

Caracaraí

Pará

Altamira

Belém

Bragança

Cachoeira do Arari

Cametá

Itaituba

Marabá

Monte alegre

Santarém

São Geraldo do Araguaia

Vigia

Amapá

Macapá

Oiapoque

Tartarugalzinho

Tocantins

Aparecida do Rio Negro

Caseara

Filadélfia

Mateiros

Palmas

Pium

Porto Nacional

REGIÃO NORDESTE

Maranhão

Alcântara

Balsas

Barreirinhas

Carolina

Caxias

Mirador

São Luís

Piauí

Alto-Lungá

Amarante

Antônio Almeida

Campo Maior

Caracol

Corrente

Floriano

Inhuma

Oeiras

Parnaíba

Pedro II

Picos

Piripiri

São Raimundo Nonato

Teresina

Valença do Piauí

Ceará

Apuiarés

Aquiraz

Aracati

Assaré

Baturité

Beberibe

Bela Cruz

Boa Viagem

Canindé

Capistrano

Caridade

Cariré

Caririaçu

Catunda

Caucaia

Crato

Cruz

Eusébio

Fortaleza

Granja

Groaíras

Ibiapina

Iguatu

Independência

Itapipoca

Itarema

Jaguaretama

Jardim

Jijoca de Jericoacara

Juazeiro do Norte

Limoeiro do Norte

Maranguape

Morada Nova

Nova Olinda

Nova Russas

Orós

Pacatuba

Pacujá

Pedra Branca

Pentecoste

Quixadá

Quixelô

Quixerambim

Rendenção

Russas

Santa Quitéria

Santa do Cariri

Senador Pompeu

Sobral

Tauá

Tejuçuoca

Tianguá

Ubajara

Uruburetama

Viçosa do Ceará

Rio Grande do Norte

Acari

Alto do Rodrigues

Angicos

Apodi

Areia Branca

Arês

Barcelona

Bento Fernandes

Caicó

Campo Redondo

Carnaúba dos Dantas

Ceará-Mirim

Currais Novos

Extremoz

Frutuoso Gomes

Jardim do Seridó

Luís Gomes

Macaíba

Macau

Major Sales

Martins

Mossoró

Natal

Parnamirim

Pedro Avelino

São José de Mipibu

São Paulo do Potengi

Serra Negra do Norte

Tenente Laurentino Cruz

Tibau do Sul

Touros

Triunfo Potiguar

Paraíba

Alagoa Grande

Araruna

Areia

Bananeiras

Bayeux

Cabedelo

Campina Grande

João Pessoa

Lagoa Seca

Maturéia

Monteiro

Patos

Poço de José de Moura

Pombal

Prata

Princesa Isabel

Santa Luzia

Sapé

Serra Branca

Soledade

Sousa

Teixeira

Pernambuco

Afogados da Ingazeira

Afrânio

Arcoverde

Belém de São Francisco

Bezerros

Brejo da Madre de Deus

Buíque

Cabo de Santo Agostinho

Camocim de São Félix

Caruaru

Exu

Fernando de Noronha

Glória do Goitá

Goiana

Igarassu

Ilha de Itamaracá

Jaboatão dos Guararapes

Lagoa do Carro

Olinda

Pesqueira

Petrolina

Recife

Santa Maria da Boa Vista

São Caitano

São João

São José da Coroa Grande

Serra Talhada

Tacaratu

Triunfo

Vicência

Vitória de Santo Antão

Alagoas

Água Branca

Arapiraca

Boca da Mata

Coruripe

Delmiro Gouveia

Maceió

Maravilha

Marechal Deodoro

Olho D'Água do Casado

Palmeira dos Índios

Penedo

Pilar

Piranhas

Porto Real do Colégio

Santana do Ipanema

São José da Laje

São Miguel dos Campos

União dos Palmares

Viçosa

Sergipe

Aracaju

Areia Branca

Boquim

Estância

Frei Paulo

Laranjeiras

São Cristóvão

Bahia

Alagoinhas

Andaraí

Araci

Barra do Mendes

Barreiras

Belo Campo

Boa Vista do Tupim

Cabaceiras do Paraguaçu

Cachoeira

Caetité

Candeias

Canudos

Caravelas

Central

Curaçá

Eunápolis

Feira de Santana

Guanambi

Ibicuí

Ilhéus

Ipiaú

Itabuna

Itamaraju

Itambé

Itapetinga

Juazeiro

Jussiape

Lauro de Freitas

Macaúbas

Mata de São João

Miguel Calmon

Monte Santo

Morro do Chapéu

Mucugê

Mulungu do Morro

Muritiba

Nova Viçosa

Palmeiras

Paulo Afonso

Porto Seguro

Prado

Remanso

Salvador

Santa Brígida

Santa Cruz Cabrália

Santa Maria da Vitória

Santo Amaro

São Félix

São José da Vitória

Senhor do Bonfim

Taperoá

Uruçuca

Utinga

Valença

Vitória da Conquista

REGIÃO SUDESTE

Minas Gerais

Aimorés

Além Paraíba

Alfenas

Alto Caparaó

Araguari

Arantina

Araponga

Araxá

Arceburgo

Arcos

Arinos

Barão de Cocais

Barbacena
Belo Horizonte
Belo Vale
Betim
Bocaina de Minas
Bom Despacho
Bom Sucesso
Botelhos
Brumadinho
Caetanópolis
Caeté
Camanducaia
Campanha
Campo Belo
Caraí
Carangola
Cataguases
Catas Altas
Catas Altas da Noruega
Caxambu
Chapada do Norte
Chapada Gaúcha
Cláudio
Conceição dos Ouros
Congonhas
Conquista
Conselheiro Lafaiete
Conselheiro Pena
Contagem
Cordisburgo
Coronel Fabriciano
Cristais
Cristina
Cruzília
Curvelo
Diamantina
Divinópolis
Felisburgo
Formiga
Governador Valadares
Grão Mogol
Guaranésia
Inhapim
Ipatinga
Itabira
Itabirito
Itajubá
Itambacuri
Itanhandu
Itaobim
Itapecerica
Itaúna
Ituiutaba
Jaboticatubas
Januária
Juiz de Fora
Lagoa Santa
Lambari
Lassance
Lavras
Leandro Ferreira
Leopoldina
Lima Duarte
Machado
Mariana
Mariléria
Mateus Leme
Minas Novas
Minduri
Miraí

Monte Santo de Minas
Monte Sião
Montes Claros
Muzambinho
Nanuque
Nova Era
Nova Lima
Nova Ponte
Nova Resende
Oliveira
Ouro Fino
Ouro Preto
Pains
Pará de Minas
Paracatu
Paraguaçu
Passos
Patos de Minas
Patrocínio
Pedrinópolis
Perdizes
Perdões
Pirapora
Pitangui
Poços de Caldas
Pouso Alegre
Pratápolis
Rio Manso
Rio Novo
Rio Pomba
Rio Preto
Sabará
Sacramento
Santa Juliana
Santa Luzia
Santa Rita do Sapucaí
Santana do Riacho
Santo Antonio do Amparo
Santo Antonio do Monte
Santos Dumont
São Gonçalo do Pará
São Gonçalo do Rio Preto
São Gonçalo do Sapucaí
São João Del Rei
São Lourenço
São Roque de Minas
São Sebastião do Paraíso
Serro
Sete Lagoas
Timóteo
Tiradentes
Tombos
Três Corações
Três Marias
Três Pontas
Tupaciguara
Turmalina
Ubaporanga
Uberaba
Uberlandia
Unaí
Urucânia
Varginha
Vespasiano
Viçosa
Visconde do Rio Branco
Volta Grande

Espírito Santo

Águia Branca

Alegre

Anchieta

Cachoeiro de Itapemirim

Castelo

Conceição da Barra

Domingos Martins

Fundão

Guarapari

Ibiraçu

Iconha

João Neiva

Linhares

Marechal Floriano

Muqui

Pancas

Santa Leopoldina

Santa Maria de Jetibá

Santa Teresa

São Mateus

Serra

Vila Velha

Vitória

Rio de Janeiro

Angra dos Reis

Araruama

Arraial do Cabo

Barra do Piraí

Barra Mansa

Belford Roxo

Cabo Frio

Cachoeiras de Macacu

Campos dos Goytacazes

Cantagalo

Casimiro de Abreu

Comendador Levy Gasparian

Duas Barras

Duque de Caxias

Engenheiro Paulo de Frontin

Guapimirim

Itaboraí

Itaguaí

Itatiaia

Japeri

Macaé

Magé

Maricá

Mendes

Miguel Pereira

Miracema

Natividade

Nilópolis

Niterói

Nova Friburgo

Nova Iguaçu

Paraíba do Sul

Paraty

Paty do Alferes

Petrópolis

Quatis

Queimados

Quissamã

Resende

Rio das Ostras

Rio de Janeiro

Santa Maria Madalena

São João de Meriti

Saõ Pedro da Aldeia

Saquarema

Seropédica

Teresópolis

Valença

Vassouras

Volta Redonda

São Paulo

Águas de Lindóia

Águas de São Pedro

Álvares Machado

Americana

Amparo

Andradina

Aparecida d'Oeste

Aparecida do Norte

Apiaí

Araçatuba

Araçoiaba da Serra

Araraquara

Arujá

Assis

Atibaia

Avaí

Avaré

Barretos

Barueri

Batatais

Bauru

Bebedouro

Bernardino de Campos

Bertioga

Botucatu

Bragança Paulista

Brodowski

Brotas

Caçapava

Cachoeira Paulista

Cajamar

Cajuru

Campinas

Campos do Jordão

Cananéia

Capivari

Caraguatatuba

Casa Branca

Catanduva

Cedral

Cerqueira César

Chavantes

Colina

Cravinhos

Cristais Paulista

Cruzeiro

Cunha

Descalvado

Diadema

Duartina

Dumont

Eldorado

Embu

Fernando Prestes

Fernandópolis

Franca

Franco da Rocha

Garça

Getulina

Guaíra

Guaratinguetá

Guarulhos

Holambra
Iepê
Iguape
Ilha Solteira
Ilhabela
Indaiatuba
Iporanga
Itapecirica da Serra
Itapetininga
Itapeva
Itapira
Itápolis
Itaquaquecetuba
Itatiba
Itu
Ituverava
Jaboticabal
Jacareí
Jacupiranga
Jales
Jardinópolis
Jaú
Jundiaí
Leme
Lençois Paulista
Limeira
Lindóia
Lins
Louveira
Lucianópolis
Mairiporã
Marília
Martinópolis
Matão
Mauá
Miguelópolis
Miracatu
Mirassol
Mococa
Mogi das Cruzes
Mogi Guaçu
Moji Mirim
Mongaguá
Monte Alto
Monte Mor
Monteiro Lobato
Nova Granada
Nova Odessa
Olímpia
Orindiúva
Orlândia
Osasco
Ourinhos
Ouroeste
Paraguaçu Paulista
Paranapanema
Pariquera-Açu
Paulínia
Pederneiras
Pedregulho
Pedreira
Pedrinhas Paulista
Penápolis
Pereira Barreto
Peruíbe
Pindamonhangaba
Pinhalzinho
Piquete
Piracicaba
Piraju

Pirapora do Bom Jesus
Pirapozinho
Pirassununga
Poá
Porto Feliz
Porto Ferreira
Presidente Epitácio
Presidente Prudente
Queluz
Rafard
Rancharia
Registro
Ribeirão Corrente
Ribeirão Grande
Ribeirão Pires
Ribeirão Preto
Rio Claro
Rosana
Roseira
Rubinéia
Salesópolis
Salto
Santa Bárbara d'Oeste
Santa Cruz das Palmeiras
Santa Cruz do Rio Pardo
Santa Fé do Sul
Santa Rita do Passa Quatro
Santana da Parnaíba
Santo André
Santo Antonio da Alegria
Santos
São Bento do Sapucaí
São Bernardo do Campo
São Caetano do Sul
São Carlos
São João da Boa Vista
São José do Barreiro
São José do Rio Pardo
São José do Rio Preto
São José dos Campos
São Lourenço da Serra
São Luis do Paraitinga
São Manuel
São Paulo
São Pedro
São Roque
São Sebastião
São Sebastião da Grama
São Simão
São Vicente
Serra Negra
Sertãozinho
Socorro
Sorocaba
Tabapuã
Taboão da Serra
Tambaú
Taquaritinga
Taquarituba
Tatuí
Taubaté
Tietê
Trabiju
Tupã
Tupi Paulista
Ubatuba
Valinhos
Vargem Grande do Sul
Vera Cruz
Vinhedo

Viradouro

Votorantim

Votuporanga

REGIÃO SUL

Paraná

Alto Paraná

Amaporã

Antonina

Apucarana

Arapongas

Arapoti

Araucária

Balsa Nova

Barracão

Bela Vista do Paraíso

Boa Ventura de São Roque

Cafeara

Cambé

Campo Largo

Campo Magro

Campo Mourão

Candói

Capanema

Carambeí

Cascavel

Castro

Cerro Azul

Céu Azul

Chopinzinho

Cianorte

Cidade Gaúcha

Clevelândia

Colombo

Colorado

Contenda

Cornélio Procópio

Cruz Machado

Cruzeiro do Oeste

Curitiba

Entre Rios do Oeste

Fênix

Fernandes Pinheiro

Foz do Iguaçu

Francisco Beltrão

Goioerê

Guaíra

Guaraniaçu

Guarapuava

Guaraqueçaba

Guaratuba

Ibiporã

Irati

Itaguajé

Itaipulândia

Itambaracá

Ivatuba

Jaguariaíva

Lapa

Londrina

Marechal Cândido Rondon

Maria Helena

Marialva

Marilena

Maringá

Marmeleiro

Matinhos

Missal

Morretes

Nova Santa Rosa

Palmas

Palmeira

Palotina

Paranaguá

Paranavaí

Pato Bragado

Pato Branco

Piên

Pinhais

Pinhal de São Bento

Pinhão

Piraí do sul

Pitanga

Ponta Grossa

Pontal de Paraná

Porecatu

Prudendópolis

Quatro Barras

Quitandinha

Rebouças

Reserva do Iguaçu

Ribeirão Claro

Rio Negro

Rolândia

Santa Maria do Oeste

Santa Terezinha de Itaipu

Santo Antonio do Sudoeste

Santo Inácio

São Jerônimo da Serra

São Jorge do Ivaí

São José do Pinhais

São Mateus do Sul

São Miguel do Iguaçu

Serranópolis do Iguaçu

Sertanópolis

Siqueira Campos

Telêmaco Borba

Tibagi

Toledo

Tunas do Paraná

Turvo

Ubiratã

Umuarama

União da Vitória

Uniflor

Uraí

Virmond

Santa Catarina

Águas de Chapecó

Alfredo Wagner

Alto Bela Vista

Angelina

Antonio Carlos

Ascurra

Atalanta

Balneário Camboriú

Balneário Piçarras

Biguaçu

Blumenau

Bocaina do Sul

Bombinhas

Brusque

Caçador

Campo Alegre

Campos Novos

Canoinhas

Capinzal

Chapecó
Concórdia
Corupá
Criciúma
Curitibanos
Florianópolis
Forquilhinha
Fraiburgo
Guaraciaba
Guarujá do Sul
Ibirama
Içara
Imbituba
Ipumirim
Iraceminha
Irani
Irineópolis
Itá
Itajaí
Itapiranga
Ituporanga
Jacinto Machado
Jaguaruna
Jaraguá do Sul
Joinville
Lacerdópolis
Lages
Laguna
Luzerna
Mafra
Maracajá
Maravilha
Modelo
Mondaí
Nova Trento
Nova Veneza
Orleans
Pedras Grandes
Penha
Pinhalzinho
Pinheiro Preto
Pomerode
Ponte Serrada
Porto Belo
Porto União
Presidente Getúlio
Presidente Nereu
Quilombo
Rancho Queimado
Rio das Antas
Rio do Sul
Rio Negrinho
Rodeio
São Bento do Sul
São Bonifácio
São Carlos
São Francisco do Sul
São Joaquim
São José
São José do Cedro
São Ludgero
São Martinho
São Miguel do Oeste
Saudades
Seara
Sombrio
Taió
Timbó
Três Barras
Treze de Maio

Treze Tílias

Tubarão

Tunápolis

Turvo

Urubici

Urussanga

Videira

Xanxerê

Rio Grande do Sul

Alegrete

Alegria

Antônio Prado

Arroio do Tigre

Arroio dos Ratos

Arvorezinha

Augusto Pestana

Áurea

Bagé

Bento Gonçalves

Bom Jesus

Butiá

Caçapava do Sul

Cacequi

Cachoeira do Sul

Cachoeirinha

Camaquã

Cambará do Sul

Candelária

Cândido Godói

Canela

Canguçu

Canoas

Caraá

Carazinho

Carlos Barbosa

Caxias do Sul

Cerro Largo

Chapada

Chaqueadas

Cotiporã

Crissiumal

Cristal

Cruz Alta

Derrubadas

Dois Irmãos

Dom Feliciano

Dom Pedrito

Encantado

Encruzilhada do Sul

Erechim

Ernestina

Erval Grande

Esmeralda

Fagundes Varela

Farroupilha

Faxinal do Soturno

Feliz

Flores da Cunha

Fortaleza dos Valos

Frederico Westphalen

Garibaldi

Gaurama

General Câmara

Giruá

Gramado

Gravataí

Guaíba

Guaporé

Guarani das Missões

Ibirubá
Igrejinha
Ijuí
Ilópolis
Imbé
Itaara
Ivorá
Ivoti
Jacutinga
Jaguarão
Jaguari
Júlio de Castilhos
Lagoa dos Três Cantos
Lagoa Vermelha
Lageado
Lavras do Sul
Marau
Marcelinho Ramos
Mariano Moro
Mata
Mato Castelhano
Montenegro
Mostardas
Muçum
Não-me-Toque
Nonoai
Nova Bassano
Nova Hartz
Nova Petrópolis
Nova Prata
Nova Santa Rita
Novo Hamburgo
Novo Machado
Osório
Palmeira das Missões
Panambi
Passo Fundo
Pedro Osório
Pejuçara
Pelotas
Picada Café
Pinhal Grande
Pinheirinho do Vale
Piratini
Porto Alegre
Porto Lucena
Porto Mauá
Quaraí
Quinze de Novembro
Rio Grande
Rio Pardo
Rodeio Bonito
Roque Gonzales
Rosário do Sul
Salvador das Missões
Santana do Livramento
Santa Barbara do Sul
Santa Clara do Sul
Santa Cruz do Sul
Santa Maria
Santa Rosa
Santa Vitória do Palmar
Santiago
Santo Ângelo
Santo Antônio da Patrulha
Santo Antônio das Missões
Santo Augusto
Santo Cristo
São Borja
São Francisco de Assis

São Francisco de Paula

São Gabriel

São João do Polêsine

São José do Norte

São Leopoldo

São Lourenço do Sul

São Luiz Gonzaga

São Marcos

São Miguel das Missões

São Pedro do Sul

São Sebastião do Caí

São Sepé

Sapiranga

Sarandi

Selbach

Severiano de Almeida

Silveira Martins

Soledade

Tapera

Tapes

Taquara

Taquari

Teutônia

Torres

Tramandaí

Três Coroas

Três de Maio

Três Passos

Triunfo

Tucunduva

Tupanciretã

Uruguaiana

Vacaria

Venâncio Aires

Vera Cruz

Veranopólis

Viamão

Victor Graeff

REGIÃO CENTRO OESTE

Distrito Federal

Brasília

Goiás

Alto Paraíso de Goiás

Anápolis

Caldas Novas

Caldazinha

Catalão

Chapadão do Céu

Formosa

Goianésia

Goiânia

Goiás

Hidrolândia

Itaberaí

Itumbiara

Jataí

Mineiros

Nova Veneza

Pilar de Goiás

Pirenópolis

Pires do Rio

Porangatu

Quirinópolis

São João d'Aliança

São Simão

Serranópolis

Silvânia

Trindade

Uruaçu

Valparaíso de Goiás

Mato Grosso

Alta Floresta

Cáceres

Campo Verde

Canarana

Chapada dos Guimarães

Cuiabá

Diamantino

General Carneiro

Juína

Poconé

Rondonópolis

Rosário Oeste

Santo Antônio de Leverger

São Félix do Araguaia

Sinop

Várzea Grande

Vila Bela da Santíssima Trindade

Mato Grosso do Sul

Amambaí

Antônio João

Aquiduana

Bandeirantes

Bonito

Caarapó

Campo Grande

Cassilândia

Chapadão do Sul

Corumbá

Costa Rica

Coxim

Dourados

Glória de Dourados

Jardim

Jateí

Maracaju

Miranda

Mundo Novo

Nova Andradina

Paranaíba

Ponta Porã

Porto Murtinho

Sonora

cadastro nacional de museus

mapeando a diversidade museal brasileira

2ª EDIÇÃO

"Os museus abrigam o que fomos e o que somos. E inspiram o que seremos."

Gilberto Passos Gil Moreira, Ministro de Estado da Cultura

apresentação

Os museus ocupam no mundo contemporâneo um lugar de notável centralidade. Trata-se de um fenômeno mundial. É possível supor que uma sociedade se revele através dos seus museus. Neste sentido, estas instituições poderiam ser consideradas microcosmos sociais. O conhecimento desses universos, portanto, reveste-se de grande importância científica, social, cultural e econômica.

É com base nesses pressupostos que o Departamento de Museus e Centros Culturais do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, em parceria com o Ministério da Cultura da Espanha, por intermédio da Organização dos Estados Ibero-Americanos, construiu o Cadastro Nacional de Museus. Seu objetivo principal é conhecer e mapear a diversidade museal brasileira.

O Cadastro Nacional de Museus deve ser compreendido não como uma ação pontual e sim como um processo contínuo e dinâmico de construção. Em dois anos de funcionamento foi possível mapear mais de 2.500 museus em todo país. Deste conjunto, mais de 50% das instituições já estão cadastradas.

Além disto, pretendemos, com as descrições de suas características, atividades e serviços, contribuir de forma efetiva para o diagnóstico do setor museológico, para o planejamento de ações de políticas públicas de cultura e para o desenvolvimento de diferentes linhas de pesquisa.

O Departamento de Museus e Centros Culturais identifica no êxito desse projeto uma importante ferramenta de ressignificação de nossa realidade cultural. Torna-se imprescindível, para o sucesso de nossa empreitada, a contribuição decidida dos trabalhadores de museus, os principais personagens de todo este processo. Contamos com a sua participação!

definição de museu

"O museu é uma instituição com personalidade jurídica própria ou vinculada a outra instituição com personalidade jurídica, aberta ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento e que apresenta as seguintes características:

I - o trabalho permanente com o patrimônio cultural, em suas diversas manifestações;

II - a presença de acervos e exposições colocados a serviço da sociedade com o objetivo de propiciar a ampliação do campo de possibilidades de construção identitária, a percepção crítica da realidade, a produção de conhecimentos e oportunidades de lazer;

III – A utilização do patrimônio cultural como recurso educacional, turístico e de inclusão social;

IV - a vocação para a comunicação, a exposição, a documentação, a investigação, a interpretação e a preservação de bens culturais em suas diversas manifestações;

V – a democratização do acesso, uso e produção de bens culturais para a promoção da dignidade da pessoa humana;

VI – a constituição de espaços democráticos e diversificados de relação e mediação cultural, sejam eles físicos ou virtuais.

Sendo assim, são considerados museus, independentemente de sua denominação, as instituições ou processos museológicos que apresentem as características acima indicadas e cumpram as funções museológicas."

Departamento de Museus e Centros Culturais
IPHAN/MinC – outubro/2005

orientações gerais:

O Cadastro Nacional de Museus foi desenvolvido com o objetivo de ser um instrumento de fácil utilização. É composto por um **manual explicativo** com informações e exemplos de todos os itens do **questionário** que deve ser preenchido pelo museu. Após responder todas as questões, o museu deve destacar as folhas do questionário e enviá-las para o seguinte endereço abaixo especificado:

Coordenadoria Técnica do Departamento de Museus e Centros Culturais do IPHAN/MinC.
Palácio Gustavo Capanema, Rua da Imprensa, 16, sala 701 – Centro – Rio de Janeiro/RJ • CEP 20030-120
Tel.: (21) 2220-8485/2220-6420/2262-0928 • E-mail: cadastro.demu@iphan.gov.br

1. As informações prestadas pelo museu são registradas em uma base de dados denominada CONHEÇA OS MUSEUS BRASILEIROS, disponível para consulta no site do Sistema Brasileiro de Museus (www.museus.gov.br).

2. As informações referentes aos itens V – SEGURANÇA E CONTROLE PATRIMONIAL e VIII – ORÇAMENTO, por questões de segurança, **não** são disponibilizadas ao público. Estes dados são utilizados em conjunto, para fins estatísticos, sem a identificação individual de suas fontes.

Exemplos:
SEGURANÇA PATRIMONIAL
- **40% dos museus brasileiros possuem equipamentos de segurança eletrônica;**
- **75% dos museus brasileiros possuem equipe de vigilantes terceirizada.**

ORÇAMENTO
- **87% dos museus brasileiros possuem verba própria;**
- **15% dos museus brasileiros possuem verba acima de R$ 800.000,00.**

3. Os conteúdos da base de dados são exclusivamente gerenciados pelo Departamento de Museus e Centros Culturais do IPHAN/MinC e pelo museu, que é responsável pelas informações prestadas.

4. Algumas das informações prestadas no questionário serão utilizadas na publicação de Guias de Museus, páginas eletrônicas, anuário estatístico e outros serviços de informação a serem produzidos pelo Departamento de Museus e Centros Culturais. Para ilustração destes produtos serão utilizadas imagens que caracterizem os museus. Sendo assim, solicitamos que os **museus enviem de 03 a 08 imagens** privilegiando a fachada do museu, acervo, exposição, atividades que são periodicamente promovidas, serviços etc.

Informações para o preenchimento do questionário:

1. Deve-se evitar deixar campos em branco no preenchimento do questionário. Quando o museu não possuir um dado solicitado, grafar com **NP (Não Possui)**.

2. No preenchimento do campo data, deve-se sempre registrar o dia (com dois dígitos), o mês (com dois dígitos) e o ano (com quatro dígitos):

Exemplo: [02/10/2005]

3. Não utilizar fonte em caixa alta para o preenchimento do questionário. Utilizar letras maiúsculas e minúsculas.

4. Este questionário possui um item denominado IX - Observações Gerais, para que o museu possa registrar qualquer outra **informação complementar que considerar importante.**

Manual do cadastro

Instruções para preenchimento dos itens

I - DADOS INSTITUCIONAIS

Identificação

1.1 Preencher o nome completo do museu, sem abreviações.

Exemplo:
1.1 Nome do museu: **Museu Nacional de Belas Artes**

1.2 Preencher a sigla em letras maiúsculas.

Exemplo:
1.2 Sigla: **MNBA**

1.3 A missão deve ser redigida de forma sucinta, apresentando a finalidade do museu e seus principais objetivos.

Exemplo:
1.3 Missão (utilizar o máximo de 10 linhas): **Registrar, preservar e expor a história da cidade de Erato com a finalidade de promover e valorizar a sua identidade.**

1.4 a **1.9** Preencher o endereço completo da instituição nos campos correspondentes.

Exemplo:
1.4 Endereço completo: **Rua Sorocaba, 200** 1.5 Bairro: **Botafogo**
1.6 Cidade: **Rio de Janeiro** 1.7 UF: **RJ**
1.8 CEP: **22271-110** 1.9 Caixa postal: **NP**

1.10 a **1.13** No campo TELEFONE GERAL preencher o número de atendimento ao público. Nos campos seguintes, informar outros números pertinentes, especificando quando possível o nome do setor.

Exemplo:
1.10 Telefones: [**86**] [**2215-7849**] [**2215-7850**] [**2215-7851**]
DDD Telefone geral setor educativo biblioteca

1.11 FAX: [**86**] [**2215-7852**]
DDD Telefone fax

1.12 *Site* do museu: [**www.indiawxc.gov.br**]
1.13 Correio eletrônico: [**faleconosco@museuindiawxc.gov.br**]

1.14 Preencher nome e sobrenome do diretor ou responsável pela instituição.

Exemplo:
1.14 Diretor: [**Gustavo Dodt Barroso**]

1.15 Registrar o nome completo do responsável pelo preenchimento do formulário, indicando seu nome, cargo, telefone de contato na instituição, celular e correio eletrônico.

Exemplo:
1.15 Responsável pelo preenchimento do formulário:
[**Jorge Ribeiro Guimarães**]
Nome

[**Museólogo**] [**65**] [**2613-7855**] [**65**] [**9999-0000**]
Cargo DDD Telefone DDD Celular

[**jorgerg@yahoo.com.br**]
Correio eletrônico

Características gerais da Instituição

1.16 a **1.18** Especificar o instrumento legal de criação do museu: decreto, decreto-lei, lei, ata constitutiva etc., o ano de criação do museu e o ano de abertura ao público.

Exemplo:
1.16 Ato de criação: **decreto-lei nº 91.786**
1.17 Ano de criação: **1989**
1.18 Ano de abertura ao público: **1991**

1.19 Registrar informações sobre o desenvolvimento da instituição, possíveis trocas de sede e quaisquer outras informações que contribuam para a compreensão do estado atual do museu.

Exemplo:
1.19 Histórico do museu (utilizar o máximo de 30 linhas):
O Museu foi criado em 1934, pelo rico comerciante Wagner Yura, por ocasião dos 100 anos de fundação da cidade de Erato. Em 1995, o museu foi cedido, por comodato, para a Prefeitura de Erato, pelo período de 08 anos. Atualmente, o museu é mantido pela Família Yura, com subsídios da Prefeitura.

1.20 Se o museu tem uma personalidade jurídica própria, informe o número do CNPJ. Caso seja uma unidade, especifique todas as instâncias às quais o museu está subordinado.

Exemplo:
1.20 Personalidade jurídica própria ou unidade subordinada?
Museu Aeroespacial/ Instituto Histórico-Cultural da Aeronáutica/ Comando da Aeronáutica/ Ministério da Defesa

1.21 Especifique se o museu possui uma entidade mantenedora. Em caso positivo indique o nome da entidade.

Exemplo:

1.21 O museu possui entidade mantenedora? [X] Sim [__] Não

(Entidade mantenedora é a instituição responsável pela manutenção financeira do espaço físico, pelos serviços de apoio e pelo funcionamento da entidade)

[Ministério da Defesa]
Especifique

1.22 Caso o museu tenha sido incorporado, **após a sua criação**, a uma instância pública, especifique o ato de incorporação e o ano.

Exemplo:

1.22 Ato e ano de incorporação: NP

1.23 Especifique a natureza administrativa do museu, marcando com um X somente uma das opções.

Exemplo:

1.23 Natureza administrativa:

Pública:

[__] Federal [__] Estadual [__] Municipal

Privada:

[__] Associação [__] Empresa [__] Fundação

[__] OSCIP [__] Sociedade

[X] Mista [Municipal e fundação]

[__] Outra [____________________]
Especifique

1.24 Regimento interno é o instrumento que regula a estrutura do museu, através da descrição de suas funções e atividades.

Exemplo:

1.24 O museu possui regimento interno? [X] Sim [__] Não

1.25 Plano Museológico é compreendido como ferramenta básica de planejamento estratégico, de sentido global e integrador, indispensável para a identificação da missão e da instituição museal e para a definição, o ordenamento e a priorização dos objetivos e das ações de cada uma de suas áreas de funcionamento.

Exemplo:

1.25 O museu possui plano museológico? [__] Sim [X] Não

1.26 Organização de personalidade jurídica que apóie o museu em suas diferentes atividades.

Exemplo:

1.26 O museu possui associação de amigos ou qualquer outra instituição de apoio? [X] Sim [__] Não

[Ata de reunião de criação da Associação] **[19/07/1990]**
Ato de criação — Data de criação

[Associação de Amigos do Museu das Curiosidades]
Nome da Associação de Amigos ou Instituição de Apoio

[Fátima Soares Bernardino]
Diretor

[Rua Pedro Álvares Cabral, 1500 – Bairro: Joá – Porto Alto – Bahia] **[71230-000]**
Endereço completo — CEP

[71] [2634-9876] [amigosdomuseudascuriosidades@yahoo.com.br]
DDD — Telefone — Correio eletrônico

II – ACERVO

2.1 Especifique o número total de bens culturais que compõem o acervo, informando ainda se esse número é aproximado ou exato.

Exemplo:

2.1 Número total de bens culturais que compõem o acervo: [6.300]

O número total de bens culturais é: [__] aproximado [X] exato

2.2 Neste campo é necessário especificar, por temática, o número de bens culturais que compõem o acervo existente no museu. A instituição poderá possuir várias temáticas.

Algumas coleções podem ser classificadas em mais de uma temática; neste caso é necessário o museu basear sua escolha/seleção pela forma como trata o acervo, ou seja, a forma como o apresenta ao público.

Se a coleção existir somente no meio digital, ou seja, pertencer a um museu virtual, ela será classificada no item VIRTUAL.

Não deixe em branco as tipologias que o museu não possuir. Preencha os campos com NP.

OBSERVAÇÃO: uma coleção de pinturas poderá constar dos itens Artes Visuais, História ou Virtual. Em um museu de artes, essa coleção normalmente seria classificada em ARTES VISUAIS. Já em um museu de história, a coleção normalmente seria classificada no item HISTÓRIA.

Exemplos de tipologia de acervo:

Antropologia e Etnografia: coleções relacionadas às diversas etnias, voltadas para o estudo antropológico e social das diferentes culturas. Ex.: acervos folclóricos, de artes e tradições populares, indígenas, afro-brasileiros, do homem americano, do homem do sertão etc.

Arqueologia: coleções de bens culturais portadores de valor histórico e artístico, procedente de escavações, prospecções e achados arqueológicos. Ex.: artefatos, monumentos, sambaquis etc.

Artes Visuais: coleções de pinturas, esculturas, gravuras, desenhos, incluindo a produção relacionada à Arte Sacra. Nesta categoria também incluem-se as chamadas Artes Aplicadas, ou seja, as artes que são voltadas para a produção de objetos tais como: porcelana, cristais, prataria, mobiliário, tapeçaria etc.

Ciências Naturais e História Natural: bens culturais relacionados às Ciências Biológicas (Biologia, Botânica, Genética, Zoologia, Ecologia etc.), as Geociências (Geologia, Mineralogia etc.) e a Oceanografia.

Ciência e Tecnologia: bens culturais representativos da evolução da História da Ciência e da Técnica.

História: bens culturais que ilustram acontecimentos ou períodos da História.

Imagem e Som: documentos sonoros, videográficos, filmográficos e fotográficos.

Virtual: bens culturais que se apresentam exclusivamente mediados pela tecnologia digital e que não dispõem de suporte material.

Exemplo:

2.2 Tipologia de acervo:

Antropologia e Etnografia [1.000] (Responder em números, baseando-se no total informado na questão 2.1)

Arqueologia [600] (Responder em números, baseando-se no total informado na questão 2.1)

Artes Visuais [NP] (Responder em números, baseando-se no total informado na questão 2.1)

Ciências Naturais e História Natural [NP] (Responder em números, baseando-se no total informado na questão 2.1)

Ciência e Tecnologia [NP] (Responder em números, baseando-se no total informado na questão 2.1)

História [4.700] (Responder em números, baseando-se no total informado na questão 2.1)

Imagem e Som [NP] (Responder em números, baseando-se no total informado na questão 2.1)

Virtual [NP] (Responder em números, baseando-se no total informado na questão 2.1)

Outros:

Biblioteconômico[NP] bens culturais (Responder em números, baseando-se no total informado na questão 2.1)

Documental [NP] bens culturais (Responder em números, baseando-se no total informado na questão 2.1)

Arquivístico [NP] bens culturais ou [NP] metros lineares

(Especificar por número de bens culturais ou em metros lineares)

2.3 Neste campo especifique se o acervo do museu é registrado/documentado. Em caso positivo, especifique o(s) tipo(s) de instrumento(s) utilizado(s) e qual o número de bens culturais correspondente ao acervo registrado/documentado.

Exemplo:

2.3 O acervo é registrado/documentado? [X] Sim [__] Não

[X] Livro de registro 6.300 bens culturais registrados

[X] Ficha de catalogação/registro 5.756 bens culturais catalogados

[NP] Documentação fotográfica 0 bens culturais fotografados

[X] *Software*/Programa informatizado 30 bens culturais inseridos

[Microisis]

Especifique o nome do *Software*/Programa informatizado. Ex. MicroIsis ou MySql ou Donato

2.4 Indique se no museu existe(m) objeto(s) tombado(s) pelo poder público. Em caso positivo, especifique no quadro o número de bens culturais tombados. É imprescindível que seja indicado o nome do órgão de tombamento.

Exemplo:

2.4 O museu possui acervo tombado? [X] Sim [__] Não

(O tombamento é um ato administrativo realizado pelo Poder Público com o objetivo de preservar, por intermédio da aplicação de legislação específica, bens de valor histórico, cultural, arquitetônico, ambiental e também de valor afetivo para a população, impedindo que venham a ser destruídos ou descaracterizados. O tombamento pode ser feito pela União, por intermédio do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional ou pelos governos estaduais e municipais).

INSTÂNCIA PÚBLICA	BENS CULTURAIS
Federal: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN)	40
Estadual: Instituto Estadual do Patrimônio Cultural (INEPAC)	10
Municipal:	NP

2.5 Neste campo informe a trajetória da formação do acervo, citando transferências de outros órgãos, doações, aquisições ou quaisquer outras formas de incorporação de acervo. Sempre que possível, informe as datas destas ocorrências.

Exemplo:

2.5 Histórico da formação do acervo (utilizar o máximo de 30 linhas):

Os bens culturais que compõem o núcleo inicial do museu foram doados pela família Bungüen e representam os hábitos e costumes dos colonizadores alemães na região de Alto do Cerro. Com

a fundação do museu, outras famílias doaram objetos que representavam sua história e seu cotidiano. Devido à importância que o museu adquiriu na região, a Prefeitura de Alto do Cerro comprou, em 1987, de um colecionador particular a importante coleção da Família Wentgstein. O acervo é composto de indumentária, mobiliário, medalhas, armas e utensílios domésticos.

III – ACESSO AO PÚBLICO

As informações deste item são diferenciadas entre os museus virtuais e os museus presenciais.
Museus virtuais são os que se apresentam mediados pela tecnologia de interação cibernética (Internet). Nesta tipologia consideramos como público-visitante o número de acessos ao *site*.
Museus presenciais são aqueles que se caracterizam pela materialidade de seus prédios, territórios, coleções etc.
Os museus virtuais devem preencher os campos 3.1, 3.8 e 3.9. Os museus presenciais devem preencher os campos 3.2 a 3.10.

3.1 Campo **exclusivo** para os museus virtuais. Especifique a média mensal de acessos ao museu virtual.

Exemplo:
3.1 Média mensal de acesso ao museu virtual: 1.200
(Campo exclusivo para museus virtuais)

3.2 Campo **exclusivo** para os museus presenciais. Marque com um X uma das opções abaixo que caracterizam a situação atual do museu. Caso o museu encontre-se fechado, especifique a data do fechamento, o motivo do fechamento e a data prevista para a abertura. Caso o museu encontre-se em processo de implantação, registre a provável data para abertura do museu.

Exemplo:
3.2 O museu encontra-se:
[X] Aberto
[__] Fechado para visitação pública, mas com funcionamento interno
[___/___/___] Data do fechamento [___/___/___] Data prevista para a abertura [________________] Especificar o motivo do fechamento
[__] Fechado para visitação pública e sem funcionamento interno
[___/___/___] Data do fechamento [___/___/___] Data prevista para a abertura [________________] Especificar o motivo do fechamento
[__] Em Implantação [___/___/___] Data prevista para abertura do museu

3.3 Marque com um X os dias em que o museu abre regularmente ao público. Nos dias em que o museu não abre para o público ou não funciona, marque com **NA** (não abre).

Exemplo:
3.3 Dias de abertura ao público:

	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sábado	Domingo
Dias de abertura ao público	NA	X	X	X	X	X	X

3.4 Especifique os dias de fechamento para o público, inclusive os feriados.

Exemplo:
3.4 Dias de fechamento para o público:
[X] 1º de janeiro, Confraternização Universal (feriado nacional)
[__] Carnaval – fechado no sábado
[__] Carnaval – fechado no domingo
[X] Carnaval – fechado na segunda-feira
[X] Carnaval – fechado na terça-feira
[__] Carnaval – fechado na quarta-feira
[__] Quinta-feira Santa
[X] Sexta-feira da Paixão
[__] Sábado de Aleluia
[X] Domingo de Páscoa
[X] 21 de abril, Tiradentes (feriado nacional)
[X] 1º de maio, Dia do Trabalho (feriado nacional)
[__] Corpus Christi
[X] 7 de setembro, Independência do Brasil (feriado nacional)
[X] 12 de outubro, Nossa Senhora Aparecida (feriado nacional)
[__] 28 de outubro, Dia do Servidor Público
[X] 2 de novembro, Finados (feriado nacional)
[X] 15 de novembro, Proclamação da República (feriado nacional)
[X] 25 de dezembro, Natal (feriado nacional)
[__] 31 de dezembro, Ano Novo

Feriados declarados em lei estadual ou municipal (informar abaixo):

Dia/Mês Feriado (especificar)

20/01 São Sebastião – Padroeiro da Cidade do Rio de Janeiro

23/04 São Jorge – Feriado Estadual

[__/__] [______________]

3.5 Indique por dia o horário de abertura do museu. Nos dias em que o museu não abre para o público ou não funciona, marque com **NA**.

Exemplo:

3.5 Horário de abertura ao público:

	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sábado	Domingo
Horário de abertura ao público	NA	10 – 12h 14 – 17h	10 – 12h 14 – 17h	10 – 12h 14 – 17h	10 – 12h 14 – 17h	13 – 17h	NA

3.6 Este item refere-se exclusivamente a abertura do museu para o público em geral. **Não abrange o agendamento de grupos ou qualquer outra atividade educativa/cultural**.

Exemplo:

3.6 Para visitação é necessário agendamento prévio? (Esta questão não se refere a grupos) [__] Sim [X] Não

3.7 Caso o ingresso no museu seja cobrado, indique o valor para o público em geral e os possíveis descontos aplicados por categorias de público.

Exemplo:

3.7 O ingresso ao museu é cobrado? [X] Sim [__] Não

Em caso positivo, indique o(s) valor(es) cobrado(s):

Público em geral R$ 3,00; Estudantes da rede pública: R$ 1,00; Estudantes da rede privada: R$ 2,00; Estudantes universitários: R$ 2,00; Idosos e crianças até 05 anos: gratuidade.

3.8 Especifique se o museu possui infra-estrutura para recebimento do turista estrangeiro. Em caso afirmativo, especifique o(s) idioma(s) adotado(s). Caso o museu possua algum mecanismo além dos listados, utilize o campo OUTRA, informando obrigatoriamente o tipo de mecanismo.

Exemplo:

3.8 O museu possui infra-estrutura para recebimento de turistas estrangeiros?

[X] Sim [__] Não

[X] Sinalização visual em outro(s) idioma(s). Especifique: Inglês

[NP] Etiquetas de objetos/ textos explicativos em outro(s) idioma(s). Especifique: [__________]

[NP] Publicações em outros idiomas. Especifique: [__________]

[NP] outra. Qual? [______________]

3.9 Indique se o museu realiza pesquisa de público e se a mesma é aplicada de forma regular ou ocasional.

Exemplo:

3.9 Existe pesquisa de público no museu?

[X] Sim [__] Regular [X] Ocasional

[__] Não

3.10 Complete o quadro com a quantidade de visitantes do museu nos últimos anos.

Exemplo:

3.10 Quadro demonstrativo de público

	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008*
PÚBLICO GERAL								
Somente público geral	2.000	2.400	4.000	4.700	5.220	2.000	2.400	
GRUPOS ESCOLARES								
Ensino fundamental	2.000	2.400	4.000	4.700	5.220	2.000	2.400	
Ensino médio	3.500	3.700	4.300	4.650	5.080	3.500	3.700	
Ensino superior	1.700	1.900	2.200	2.400	2.700	1.700	1.900	
TOTAL (público geral + grupos escolares)	9.200	10.400	14.500	16.450	18.220	9.200	10.400	

*** FAVOR PREENCHER SOMENTE APÓS DEZEMBRO DE 2008**

IV – CARACTERIZAÇÃO FÍSICA DO MUSEU

4.1 Especifique em m² a área total do museu, considerando as diferentes áreas edificadas (ex.: núcleo principal, reserva técnica, galpão de artes etc) e áreas livres (ex.: pátios, jardins, praças etc.)

Exemplo:

4.1 Área do museu:

total (m^2): 1.600

edificada (m^2): 700 livre (m^2): 900

4.2 Especifique o número de núcleos ocupados pelo museu, indicando suas funções e utilizações.

Consideramos como núcleos todas as edificações que abrigam serviços ou atividades ligadas ao museu, como por exemplo: sede administrativa, reserva técnica que não está no núcleo principal do museu, galpão para atividades culturais ou educativas, anexos para exposições temporárias, capela etc.

Exemplo:
4.2 Núcleos (edificações) ocupados pelo museu: 04.
Descrição dos núcleos (edificações): 01 Sede administrativa; 01 núcleo principal; 01 reserva técnica e 01 anexo para exposições temporárias.

4.3 Especifique se a edificação do núcleo principal do museu é própria, alugada ou cedida por empréstimo/comodato, informando a natureza do convênio, o tempo de duração e, se possível, o instrumento legal.

Consideramos como núcleo principal do museu a área onde normalmente está situada a exposição de longa duração. Nos casos de museus de território, consideramos como núcleo principal a edificação mais utilizada pela comunidade para desenvolvimento das atividades museológicas.

Exemplo:
4.3 A edificação do núcleo principal do museu é:
[X] Própria [__] Alugada [__] Empréstimo/ comodato
[______________________________]
Especifique a natureza do convênio, tempo de duração e se possível instrumento legal

4.4 Especifique se um dos núcleos do museu é tombado. Em caso afirmativo indique o seu uso, a esfera de proteção legal e a data do tombamento.

Exemplo:
4.4 Existe algum núcleo do museu tombado?
(O tombamento é um ato administrativo realizado pelo Poder Público com o objetivo de preservar, por intermédio da aplicação de legislação específica, bens de valor histórico, cultural, arquitetônico, ambiental e também de valor afetivo para a população, impedindo que venham a ser destruídos ou descaracterizados. O tombamento pode ser feito pela União, por intermédio do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional ou pelos governos estaduais e municipais).
[X] Sim [__] Não [Núcleo principal]
Especifique o uso do núcleo tombado

[X] Federal Data: 08 / 06 / 1984
[X] Estadual Data: 11/ 10 / 1987
[__] Municipal Data: / /

4.5 Especifique se a edificação do núcleo principal foi projetada arquitetonicamente para abrigar o museu ou se o mesmo funciona em um prédio adaptado. Caso a edificação tenha sido adaptada mencione seu uso original.

Exemplo:
4.5 O núcleo principal (edificação) do museu foi construído originalmente para:
[__] Função museológica
[X] outra função: residência
(Esta opção se refere aos museus que ocupam edificações construídas para funções que não se referem à atividade museológica. Neste caso, especifique o uso original da edificação).

4.6 Especifique em m² a área ocupada por cada setor do museu. Não utilize este espaço para especificar informações relativas às exposições, que serão tratadas no item **VI – ATIVIDADES**. No caso do museu dispor de um auditório, registre o número de assentos. Se o museu julgar relevante o registro de outros setores que não estejam relacionados nos itens indicados no formulário, utilize o campo OUTROS NÚCLEOS.

Exemplo:
4.6 Indique quantos m² cada área da instituição ocupa:
arquivo [NP]m²
biblioteca [80]m²
laboratório de restauro [15]m²
sala de conservação/ higienização [15]m²
reserva técnica [100]m²
sala de atividades educativas (ateliês/oficinas) [NP]m²
espaço para atividades museológicas /museográficas [NP]m²
auditório [70] [NP]m²
Especifique a capacidade de pessoas

Outros núcleos:
[laboratório fotográfico] [15]m²
[sala de monitoramento do sistema eletrônico de vigilância] [15]m²

4.7 Marque com um X as instalações que compõem a infra-estrutura de atendimento ao público. Caso possua algum serviço além dos listados, utilize o campo OUTRA, informando obrigatoriamente o tipo de serviço oferecido.

Exemplo:
4.7 Indique as instalações existentes no museu:
[X] bebedouro
[X] estacionamento
[NP] lanchonete/restaurante
[NP] livraria
[X] loja
[X] sanitários
[X] telefone Público
[NP] outra. Qual? ______________

4.8 Especifique se o museu possui instalações adequadas para receber portadores de necessidades especiais (portadores de deficiência física, visual, auditiva e múltipla). Caso possua algum serviço além dos listados, utilize o campo OUTRA, informando obrigatoriamente os tipos de instalações adotadas.

Exemplo:

4.8 Indique as instalações destinadas aos portadores de necessidades especiais:

[X] vagas exclusivas em estacionamento
[NP] elevador com cabine e porta de entrada acessíveis para pessoa portadora de deficiência ou com mobilidade reduzida
[X] rampa de acesso
[X] sanitários adaptados com equipamentos e acessórios próprios
[NP] sinalização em braile
[X] textos/etiquetas em braile com informações sobre os objetos em exposição
[NP] outra. Qual? ______

Especifique

4.9 Neste campo indique, com um breve histórico, a relevância da área (rua, bairro, cidade ou município) em que se localiza o museu. Caso seja um museu de território especifique as principais características da área geográfica e as atividades realizadas pela comunidade.

Exemplo:

4.9 Histórico do território ocupado pelo museu (utilizar o máximo de 30 linhas):

O Ecomuseu de Cunha localiza-se em um dos primeiros núcleos de ocupação da cidade de Morro Alto. Esta região caracteriza-se por manter alguns dos únicos exemplares de construção residencial feita à base de óleo de baleia, conchas e barro. Até os dias atuais esta técnica é empregada pela comunidade na edificação de novas residências, tornando-se essencial para a continuidade desse saber, a preservação de toda a região, já que os elementos necessários para esse tipo de construção só estão disponíveis nesse local.

V – SEGURANÇA E CONTROLE PATRIMONIAL

5.1 Especifique se o museu possui planos de segurança e de emergência. Em caso afirmativo, marque com um X os planos existentes. Caso o museu possua algum plano além dos listados, utilize o campo OUTRO, informando obrigatoriamente o plano adotado.

Exemplo:

5.1 O museu possui planos de segurança e de emergência?

[X] Sim [__] Não
[X] plano de segurança contra furto e roubo
[X] plano de combate a incêndio
[NP] plano de retirada de pessoas
[X] plano de retirada de obras
[NP] plano contra pânico
[NP] outro. Qual? ______

5.2 Especifique se o museu possui saídas de emergência.

Exemplo:

5.2 O museu possui saídas de emergência? [X] Sim [__] Não

5.3 Especifique se o museu adota medidas preventivas contra incêndio. Em caso afirmativo, marque com um X os procedimentos realizados na instituição. Caso o museu desenvolva alguma ação além das listadas, utilize o campo OUTRA, informando obrigatoriamente a medida adotada.

Exemplo:

5.3 O museu adota medidas preventivas contra incêndio?

[X] Sim [__] Não
[X] treinamento periódico dos profissionais que trabalham no museu
[X] brigada contra incêndio (funcionários responsáveis pelo combate de focos de incêndio)
[X] revisão periódica dos extintores de incêndio
[X] revisão periódica da rede elétrica do museu
[NP] outra. Qual? ______

5.4 Especifique se o museu dispõe de equipamentos de detecção e combate a incêndio. Em caso afirmativo, marque com um X todos os equipamentos adotados na instituição. Caso o museu possua algum equipamento além dos listados, utilize o campo OUTRO, informando obrigatoriamente o modelo adotado.

Exemplo:

5.4 O museu dispõe de equipamentos de detecção e combate a incêndio?

[X] Sim [__] Não
[X] extintores
[X] hidrante/ mangueira

[X] **porta corta-fogo**
[X] **detectores**
[NP] **sprinklers**
[NP] **outro. Qual?** ______

5.5 Especifique se o museu possui vigilantes. Em caso afirmativo, informe o vínculo destes profissionais com a instituição.

Exemplo:
5.5 O museu possui vigilantes? [X] Sim [__] Não
[__] equipe própria [X] equipe terceirizada
[X] equipe própria e terceirizada

5.6 Especifique se o museu dispõe de equipamentos eletrônicos de segurança. Em caso positivo, marque com um X os equipamentos existentes nas diferentes áreas do museu. Caso o museu possua algum equipamento além dos listados, utilize o campo OUTRO EQUIPAMENTO, informando obrigatoriamente o tipo adotado.

Exemplo:
5.6 O museu dispõe de equipamentos eletrônicos de segurança?
[X] Sim [__] Não

Quadro de equipamentos eletrônicos de segurança:

AMBIENTE	Alarmes	Câmeras	Sensores	Outro equipamento
ÁREAS DE EXPOSIÇÃO/ACONDICIONAMENTO DE ACERVO				
Exposição de longa duração	X	X	X	
Exposição de curta duração	X	X		
Reserva Técnica	X	X		
Arquivo	X	X		
Biblioteca	X	X		
Laboratório de restauração	X	X		
ÁREAS ADMINISTRATIVAS				
(direção, secretaria, salas de trabalho, copa, cozinha etc.)	X			
ÁREAS EXTERNAS				
(jardins, pátios, estacionamento etc.)	X	X		

5.7 Especifique se o museu possui equipamentos de conservação/controle das condições ambientais e climáticas, nos espaços de exposição e acondicionamento de acervo. Em caso afirmativo, indique no quadro os equipamentos em relação aos seus espaços. Caso o museu possua acervo em outro espaço além dos listados, utilize o campo OUTRO, da coluna vertical, informando obrigatoriamente o local. Caso o museu possua algum equipamento de conservação/ controle ambiental e climático além dos listados, utilize o campo OUTRO EQUIPAMENTO, da linha horizontal, informando obrigatoriamente o tipo adotado.

Exemplo:
5.7 O museu possui equipamentos de conservação/ controle das condições ambientais e climáticas nos espaços de exposição e acondicionamento de acervo? [X] Sim [__] Não

Quadro de equipamentos de conservação/controle climático:

	Exposição de longa duração	Exposição de curta duração	Reserva técnica	Arquivo	Biblioteca	Laboratório de restauração	Outro (especifique): Capela
Ar-condicionado 24 horas			X				
Ar-condicionado liga/desliga	X	X			X		
Desumidificador			X		X		X
Filtros de ar					X		X
Filtros de luz			X				
Higrômetro			X				
Luxímetro			X				
Psicômetro			X				
Termohigrógrafo	X	X	X				
Ultraviômetro			X				
Umidificador							
Sistema informatizado (especificar nome do *software*)							
Outro equipamento: Ventilador							X

VI – ATIVIDADES

6.1 Especifique se o museu possui setor/divisão de ação educativa. Em caso afirmativo, marque com um X o público para o qual são direcionadas as atividades promovidas no museu. Caso desenvolva atividade para algum tipo de público diferente dos listados, utilize o campo OUTRA, informando obrigatoriamente o público atendido.

Exemplo:
6.1 O museu possui setor/ divisão de ação educativa?
[X] Sim [__] Não
[X] público infanto-juvenil
[X] público adulto
[NP] público da terceira idade
[X] público portador de necessidades especiais (deficiência física, mental, visual, auditiva e múltipla)
[NP] outra. Qual? ______

6.2 Especifique se o museu possui algum tipo de visita guiada. Em caso afirmativo, indique com um X o modelo de visita realizada no museu.

Caso disponha de monitores ou guias, indique se é necessário contato prévio para agendamento. Caso desenvolva algum tipo de visita guiada além das listadas, utilize o campo OUTRA, informando obrigatoriamente o tipo de visita guiada oferecida.

Exemplo:
6.2 O museu promove visitas guiadas? [X] Sim [__] Não
[X] com áudio-guia (suporte tecnológico onde o visitante escuta informações sobre a exposição ou os objetos)
[X] com monitores/guias. Agendamento prévio: [X]Sim [__] Não
[X] outra. Qual? atores representando os personagens que moraram na residência, apresentando ao público seus hábitos e costumes.

6.3 Especifique se o museu desenvolve atividades sistemáticas com a comunidade em que se encontra inserido, quantificando as mesmas.

Entendemos por comunidade qualquer grupo social, considerado como um todo, em virtude dos aspectos geográficos e culturais comuns.

Exemplo:
6.3 O museu desenvolve atividades sistemáticas com a comunidade? [__] Sim [X] Não
Especifique e quantifique ______

6.4 Especifique se o museu possui uma exposição de longa duração. Em caso afirmativo, indique a área em m² ocupada pela mesma. No campo seguinte registre as principais características da exposição, a quantidade de objetos expostos e a periodicidade de renovação.

Caso o museu possua uma exposição de longa duração em mais de um núcleo, considere a área total ocupada pela mesma.

Exemplo:
6.4 O museu tem uma exposição de longa duração?
(Normalmente, a exposição de longa duração é o principal meio de comunicação entre o museu e o público. É nesta exposição que o acervo da instituição é apresentado. Este tipo de exposição também é conhecido como exposição permanente).

[X] Sim [__] Não [450] m²
Características e periodicidade de renovação: Exposição cronológica dividida em quatro módulos, com um total de 869 objetos expostos. O primeiro módulo trata do período colonial, o segundo do período imperial, o terceiro do período da velha república e o quarto e último trata do Estado Novo até os dias atuais. A exposição conta com os seguintes recursos museográficos: sonorização, vídeo e quiosques informativos (terminais computadorizados). A renovação da exposição é realizada de 05 em 05 anos.

6.5 Especifique se o museu realiza exposições de curta duração. Em caso afirmativo, indique a área em m² ocupada pelas mesmas. No campo seguinte registre a quantidade de exposições realizadas por ano.

Caso o museu possua espaços para exposições de curta duração em mais de um núcleo, considere a área total que possa a vir ser ocupada ocupada pelas mesmas.

Exemplo:
6.5 O museu realiza exposições de curta-duração?
(Este tipo de exposição é planejado para ter uma duração específica. Normalmente, trata de temas complementares à exposição de longa duração ou, ainda, permite a apresentação de novos conteúdos).

[X] Sim [__] Não [__] m²
Quantidade por ano: 02

6.6 Especifique se o museu dispõe de exposições itinerantes. Em caso afirmativo, indique as temáticas.

Exemplo:
6.6 O museu dispõe de exposições itinerantes?
(Este tipo de exposição é planejado para ser realizado em diferentes lugares. Sendo assim, dispõe normalmente, de recursos expográficos adaptáveis a sucessivas montagens e desmontagens).

[X] Sim [__] Não
Especifique a temática: Os Bastidores do Museu: tem por objetivo

tornar claro para o visitante o trabalho de conservação/ restauração, registro e pesquisa realizado no cotidiano do museu.

6.7 Especifique se o museu possui biblioteca. Em caso afirmativo, indique se a biblioteca é aberta ao público, o horário de atendimento e descreva o tipo de acervo e sua abrangência.

Exemplo:
6.7 O museu possui biblioteca? [X] Sim [__] Não
A biblioteca tem acesso ao público: [X] Sim [__] Não
Dias e horário de atendimento: de terça a sexta-feira, das 09:00 às 16:00.
Tipologia e abrangência do acervo: livros, separatas, periódicos e fitas de VHS nas áreas de história, indumentária, artes visuais e mobiliário brasileiro.

6.8 Especifique se o museu possui arquivo histórico. Em caso afirmativo, indique se o arquivo é aberto ao público, o horário de atendimento e descreva o tipo de acervo e sua abrangência.

Exemplo:
6.8 O museu possui arquivo histórico? [X] Sim [___] Não
O arquivo tem acesso ao público: [X] Sim [___] Não
Dias e horário de atendimento: de terça a sexta-feira, das 12:00 às 17:00.
Tipologia e abrangência do acervo: documentos textuais (cartas, certidões, apólices etc) sobre a história da cidade de Alto do Cerro e de seus habitantes.

6.9 Marque com um X as atividades culturais promovidas para o público do museu. Caso desenvolva algum tipo de atividade além das listadas, utilize o campo OUTRA, informando obrigatoriamente o nome da atividade desenvolvida.

Exemplo:
6.9 Atividades culturais:
[X] conferências, seminários, palestras etc.
[X] cursos/oficinas
[NP] espetáculos musicais
[NP] espetáculos teatrais/ dança
[NP] cinema/ projeções de vídeo
[X] eventos sociais e culturais (festas comemorativas, etc)
[NP] outra. Qual? ____________________

6.10 Marque com um X as publicações editadas pelo museu. Caso o museu tenha alguma outra obra impressa além das listadas, utilize o campo OUTRA, informando obrigatoriamente o tipo de publicação.

Exemplo:
6.10 Publicações:
Catálogos:
[X] catálogo do museu
[NP] guia
Publicações periódicas:
[NP] catálogo de exposições de curta duração
[NP] anais
[NP] revista, boletim ou jornal eletrônicos
[X] revista, boletim ou jornal impressos
[NP] material didático
[X] material de divulgação (folder, cartaz, postais etc.)
[NP] outra. Qual? ____________________

VII – RECURSOS HUMANOS

7.1 Especifique a quantidade de profissionais que trabalham regularmente no museu, indicando seu vínculo institucional. Caso o museu disponha de outros tipos de profissionais além dos listados, utilize o campo OUTRO, informando obrigatoriamente a tipologia do mesmo.

Exemplo:

7.1 Informe o número de funcionários do museu de acordo com o seu vínculo empregatício: NÃO utilizar "X".

	Efetivo	Cedido	Função gratificada	Contratado por tempo determinado	Terceirizado	Voluntário	Estagiário e bolsista	Outros
DIRETORIA	NP	NP	01	NP	NP	NP	NP	NP
CORPO TÉCNICO								
Museólogo	02	NP	NP	NP	NP	NP	NP	NP
Bibliotecário	01	NP	01	NP	NP	NP	NP	NP
Arquivista	NP	NP		NP	01	NP	NP	NP
Conservador/ Restaurador	NP	NP	NP	01	NP	NP	NP	NP
Pedagogo	NP	NP	NP	NP	NP	NP	NP	NP
Historiador	NP	NP	01	NP	NP	NP	01	NP
Arquiteto	NP	NP	01	NP	NP	NP	01	NP
Antropólogo	NP	NP		NP	01	NP	NP	NP
Químico	NP	NP	NP	NP	01	NP	NP	NP
ADMINISTRATIVO								
(gerentes, secretários, etc.)	01	01	02	NP	02	NP	NP	NP
MANUTENÇÃO								
(eletricistas, carpinteiros, pedreiros, etc.)	NP	NP	NP	NP	01	NP	NP	NP
LIMPEZA	03	01	NP	NP	04	NP	NP	NP
SEGURANÇA	NP	NP	NP	NP	02	NP	NP	NP

7.2 Especifique o grau de instrução completo dos profissionais que trabalham regularmente no museu. No caso específico de ESTAGIÁRIOS, BOLSISTAS e VOLUNTÁRIOS deve-se indicar o grau de instrução que estão cursando. Exemplo: estagiário cursando a graduação de História deve ser registrado no item 3º GRAU.

Exemplo:

7.2 Informe o grau de escolaridade dos profissionais que trabalham regularmente no museu.

OBS: Quantificar o número de funcionários com base na resposta do item 7.1. NÃO utilizar "X":

	1º GRAU	2º GRAU	3º GRAU	Especialização	Mestrado	Doutorado
DIRETORIA			01			
CORPO TÉCNICO						
Museólogo			01			01
Bibliotecário			01			
Arquivista						
Conservador/ Restaurador				01		
Pedagogo						
Historiador			01			
Arquiteto			01			
Antropólogo					01	
Químico					01	
ADMINISTRATIVO						
(gerentes, secretários, etc.)	01	03	02			
MANUTENÇÃO						
(eletricistas, carpinteiros, pedreiros, etc.)		01				
LIMPEZA	03	08				
SEGURANÇA		02				

7.3 Especifique se existem políticas de capacitação dos profissionais que trabalham regularmente no museu. Consideramos capacitação o incentivo à participação em cursos, oficinas, seminários, palestras e qualquer outro tipo de evento informativo, realizado internamente ou externamente.

Exemplo:

7.3 Existe política de capacitação de pessoal na instituição?

[X] Sim [__] Não

7.4 Especifique se o museu aceita voluntários para o desenvolvimento de suas atividades, sendo as mesmas supervisionadas por profissionais habilitados.

Exemplo:

7.4 Existe um programa de voluntariado? [X] Sim [__] Não

VIII – ORÇAMENTO

8.1 Especifique se o museu possui orçamento próprio.

Exemplo:

8.1 O museu possui orçamento próprio? [X] Sim [__] Não

8.2 Especifique a composição do orçamento do museu.

Exemplo:

8.2 Quadro demonstrativo de orçamento:

	Valor total em 2001 (R$)	Valor total em 2002 (R$)	Valor total em 2003 (R$)	Valor total em 2004 (R$)	Valor total em 2005 (R$)	Valor total em 2006 (R$)	Valor total em 2007 (R$)	Valor total em 2008* (R$)
ORÇAMENTO ANUAL:	600.000,00	650.000,00	700.000,00	800.000,00	950.000,00	900.000,00	980.000,00	
RECEITAS PRÓPRIAS (especifique):								
Loja/ cafeteria	60.000,00	60.000,00	40.000,00	60.0000,00	80.000,00	85.000,00	88.000,00	
OUTRAS FONTES:								
Leis de Incentivo:								
•Pessoa Jurídica:								
Lei Rouanet/ MinC: Petrobrás	NP	NP	NP	NP	150.000,00	NP	NP	
Lei de Incentivo do Estado do Piauí: Banco RMS	NP	NP	18.000,00	28.000,00	NP	45.000,00	NP	
Lei de Incentivo do Município de Erato: Materiais Eletrônicos RMN	NP	NP	NP	NP	NP	18.000,00	NP	
•Pessoa Física	NP	NP	NP	NP	NP	NP	NP	
Patrocínio direto:								
•Pessoa Jurídica:								
Banco RM Investimentos	NP	40.000,00	NP	NP	NP	NP	NP	
•Pessoa Física	NP	NP	NP	NP	NP	NP	NP	
Doações:								
•Pessoa Jurídica	NP	NP	NP	NP	NP	NP	NP	
•Pessoa Física	NP	NP	NP	NP	NP	NP	90.000,00	
Organismos internacionais:								
Unesco	NP	NP	10.000,00	NP	NP	NP	NP	
TOTAL	660.000,00	750.000,00	768.000,00	888.000,00	1.180.000,00	1.048.000,00	1.158.000,00	

*** FAVOR PREENCHER SOMENTE APÓS DEZEMBRO DE 2008**

Orçamento Anual: receita disponível para o exercício financeiro anual.

Receitas próprias: receitas diretamente geradas pelo museu. Exemplo: ingressos, locação de espaços, venda de publicações, cafeteria, loja etc

OUTRAS FONTES:

Leis de incentivo: recursos provenientes de leis de incentivo fiscal, no âmbito federal, estadual ou municipal para a realização de projetos culturais, inclusive aqueles provenientes de fundos para cultura. No caso do recurso ser proveniente de pessoa jurídica, especificar o no nome da entidade.

Patrocínio direto: transferência definitiva e gratuita de recursos para a realização de projetos culturais, com a publicidade do patrocinador associada. Este tipo de patrocínio não tem o benefício fiscal das leis de incentivo. No caso do recurso ser proveniente de pessoa jurídica, especificar o no nome da entidade.

Doações: transferência definitiva e gratuita de recursos em favor de projetos culturais sem publicidade associada à divulgação desse ato. As doações ocorrem sem o benefício fiscal das leis de incentivo.

Organismos Internacionais: informar os recursos provenientes de organismos internacionais, especificando o nome da entidade.

IX – OBSERVAÇÕES GERAIS

Questionário de cadastramento

I - DADOS INSTITUCIONAIS

Identificação

1.1 Nome do Museu: ______________________________

____

1.2 Sigla: ______________________________

1.3 Missão (máximo de 10 linhas): ______________________________

____

____

____

1.4 Endereço completo: ______________________________

____

____

____

1.5 Bairro: ______________________________

1.6 Cidade: ______________________________

1.7 UF: __________ **1.8** CEP: __________ **1.9** Caixa postal: __________

1.10 Telefones: [____] [__________] [__________] [__________]
DDD Telefone geral

1.11 FAX: [____] [__________]
DDD Telefone Fax

1.12 *Site* do museu: [______________________________]

1.13 Correio eletrônico: [______________________________]

1.14 Diretor: [______________________________]

1.15 Responsável pelo preenchimento do formulário:

[______________________________]
Nome

[__________] [____] [__________] [____] [__________]
Cargo DDD Telefone DDD Celular

[______________________________]
Correio eletrônico

Características gerais da Instituição

1.16 Ato de criação: ______________________________

1.17 Ano de criação: ______________________________

1.18 Ano de abertura ao público: ______________________________

1.19 Histórico do Museu (máximo de 30 linhas):

____

____

____

____

____

____

____

____

____

____

____

____

1.20 Personalidade jurídica própria ou unidade subordinada?

____

____

1.21 O museu possui entidade mantenedora? [______] Sim [______] Não

(Entidade mantenedora é a instituição responsável pela manutenção financeira do espaço físico, pelos serviços de apoio e pelo funcionamento da entidade)

[______________________________]
Especifique

1.22 Ato e ano de incorporação:

____

1.23 Natureza administrativa:

Pública:

[______] Federal [______] Estadual [______] Municipal

Privada:

[______] Associação [______] Empresa [______] Fundação

[______] OSCIP [______] Sociedade

[______] Mista [______________________________]
Especifique

[______] Outra [______________________________]
Especifique

1.24 O museu possui regimento interno? [______] Sim [______] Não

1.25 O museu possui plano museológico? [______] Sim [______] Não

1.26 O museu possui associação de amigos ou qualquer outra instituição de apoio? [______] Sim [______] Não

[______________________] [______/______/______]
Ato de criação **Data de criação**

[______________________________]
Nome da Associação de Amigos ou Instituição de Apoio

[______________________________]
Diretor

[______________________] [__________]
Endereço completo **CEP**

[____] [__________] [______________________]
DDD **Telefone** **Correio eletrônico**

II – ACERVO

2.1 Número total de bens culturais que compõem o acervo: [__________]

O número total de bens culturais é: [______] aproximado [______] exato

2.2 Tipologia do acervo

Antropologia e Etnografia [__________] (Responder em números, baseando-se no total informado na questão 2.1)

Arqueologia [__________] (Responder em números, baseando-se no total informado na questão 2.1)

Artes Visuais [__________] (Responder em números, baseando-se no total informado na questão 2.1)

Ciências Naturais e História Natural [__________] (Responder em números, baseando-se no total informado na questão 2.1)

Ciência e Tecnologia [__________] (Responder em números, baseando-se no total informado na questão 2.1)

História [__________] (Responder em números, baseando-se no total informado na questão 2.1)

Imagem e Som [__________] (Responder em números, baseando-se no total informado na questão 2.1)

Virtual [__________] (Responder em números, baseando-se no total informado na questão 2.1)

Outros

Biblioteconômico [__________] bens culturais (Responder em números, baseando-se no total informado na questão 2.1)

Documental [__________] bens culturais (Responder em números, baseando-se no total informado na questão 2.1)

Arquivístico [________] bens culturais **ou** [________] metros lineares

(Especificar por número de bens culturais ou em metros lineares)

2.3 O acervo é registrado/documentado? [_____] Sim [_____] Não

[_____] Livro de registro ______ bens culturais registrados.

[_____] Ficha de catalogação/registro ______ bens culturais catalogados.

[_____] Documentação fotográfica ______ bens culturais fotografados.

[_____] *Software*/Programa informatizado ______ bens culturais inseridos.

[____]

Especifique o nome do *software*/programa informatizado. Ex.: MicroIsis ou MySql ou Donato

2.4 O museu possui acervo tombado? [_____] Sim [_____] Não

(O tombamento é um ato administrativo realizado pelo Poder Público com o objetivo de preservar, por intermédio da aplicação de legislação específica, bens de valor histórico, cultural, arquitetônico, ambiental e também de valor afetivo para a população, impedindo que venham a ser destruídos ou descaracterizados. O tombamento pode ser feito pela União, por intermédio do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional ou pelos governos estaduais e municipais).

INSTÂNCIA PÚBLICA	BENS CULTURAIS
Federal:	
Estadual:	
Municipal:	

2.5 Histórico da formação do acervo (máximo de 30 linhas):

III – ACESSO AO PÚBLICO

3.1 Média mensal de acesso ao museu virtual: ____________________
(Campo exclusivo para museus virtuais)

3.2 O museu encontra-se:

[______] Aberto

[______] Fechado para visitação pública, mas com funcionamento interno.

[______/______/______] Data do fechamento   [______/______/______] Data prevista para a abertura

[____] Especificar o motivo do fechamento

[______] Fechado para visitação pública e sem funcionamento interno.

[______/______/______] Data do fechamento   [______/______/______] Data prevista para a abertura

[____] Especificar o motivo do fechamento

[______] Em Implantação   [______/______/______] Data prevista para abertura do museu

3.3 Dias de abertura ao público (marque com um x os dias de abertura ao público):

	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sábado	Domingo
Dias de abertura ao público							

3.4 Dias de fechamento para o público:

[____] 1º de janeiro, Confraternização Universal (feriado nacional)

[____] Carnaval – fechado no sábado

[____] Carnaval – fechado no domingo

[____] Carnaval – fechado na segunda-feira

[____] Carnaval – fechado na terça-feira

[____] Carnaval – fechado na quarta-feira

[____] Quinta-feira Santa

[____] Sexta-feira da Paixão

[____] Sábado de Aleluia

[____] Domingo de Páscoa

[____] 21 de abril, Tiradentes (feriado nacional)

[____] 1º de maio, Dia do Trabalho (feriado nacional)

[____] Corpus Christi

[____] 7 de setembro, Independência do Brasil (feriado nacional)

[____] 12 de outubro, Nossa Senhora Aparecida (feriado nacional)

[____] 28 de outubro, Dia do Servidor Público

[____] 2 de novembro, Finados (feriado nacional)

[____] 15 de novembro, Proclamação da República (feriado nacional)

[____] 25 de dezembro, Natal (feriado nacional)

[____] 31 de dezembro, Ano Novo

Feriados declarados em lei estadual ou municipal (informar abaixo):

Dia / Mês   Feriado (especificar)

[________/ ________] ______________________________

[________/ ________] ______________________________

[________/ ________] ______________________________

[________/ ________] ______________________________

3.5 Horário **de abertura** ao público:

	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sábado	Domingo
Horário de abertura ao público							

3.6 Para visitação do público em geral é necessário agendamento prévio? (Esta questão **não** se refere a grupos). [______] Sim [______] Não

3.7 O ingresso ao museu é cobrado? [______] Sim [______] Não

Em caso positivo, indique o(s) valor(es) cobrado(s):

3.8 O museu possui infra-estrutura para recebimento de turistas estrangeiros? [______] Sim [______] Não

[______] Sinalização visual em outros idiomas.

Especifique:

[______] Etiquetas de objetos/ textos explicativos em outros idiomas.

Especifique:

[______] Publicações em outros idiomas.

Especifique:

[______] outra. Qual?

3.9 Existe pesquisa de público no museu?

[______] Sim [______] Regular [______] Ocasional

[______] Não

3.10 Quadro demonstrativo de público

	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008*
PÚBLICO GERAL:								
Somente público geral:								
GRUPOS ESCOLARES:								
Ensino fundamental								
Ensino médio								
Ensino superior								
TOTAL (público geral + grupos escolares)								

*** FAVOR PREENCHER SOMENTE APÓS DEZEMBRO DE 2008**

IV – CARACTERIZAÇÃO FÍSICA DO MUSEU

4.1 Área do museu:

total (m^2):

edificada (m^2): livre (m^2):

4.2 Núcleos (edificações) ocupados pelo museu:

Descrição dos núcleos (edificações):

4.3 A edificação do núcleo principal do museu é:

[______] Própria [______] Alugada

[______] Empréstimo/Comodato [______]

Especifique a natureza do convênio, tempo de duração e se possível instrumento legal do Empréstimo/Comodato

4.4 Existe algum núcleo do museu tombado?
(O tombamento é um ato administrativo realizado pelo Poder Público com o objetivo de preservar, por intermédio da aplicação de legislação específica, bens de valor histórico, cultural, arquitetônico, ambiental e também de valor afetivo para a população, impedindo que venham a ser destruídos ou descaracterizados. O tombamento pode ser feito pela União, por intermédio do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional ou pelos governos estaduais e municipais).

[______] Sim [______] Não [______]

Especifique o uso do núcleo tombado

[______] Federal Data: ____/____/____

[______] Estadual Data: ____/____/____

[______] Municipal Data: ____/____/____

4.5 O núcleo principal (edificação) do museu foi construído originalmente para:

[______] Função museológica

[______] outra função:
(Esta opção se refere aos museus que ocupam edificações construídas para funções que não se referem à atividade museológica. Neste caso, especifique o uso original da edificação).

4.6 Indique quantos m² cada área da instituição ocupa:

arquivo [__________] m²

biblioteca [__________] m²

laboratório de restauro [__________] m²

sala de conservação/higienização [__________] m²

reserva técnica [__________] m²

sala para atividades educativas (ateliês/oficinas) [__________] m²

espaço para atividades museológicas/museográficas [__________] m²

auditório [____________________] [__________] m²

Especifique a capacidade de pessoas

Outros núcleos:

[____________________] [__________] m²

[____________________] [__________] m²

[____________________] [__________] m²

[____________________] [__________] m²

4.7 Indique as instalações existentes no museu:

[____] bebedouro

[____] estacionamento

[____] lanchonete/restaurante

[____] livraria

[____] loja

[____] sanitários

[____] telefone público

[____] outra. Qual? ____________________

4.8 Indique as instalações destinadas aos portadores de necessidades especiais:

[____] vagas exclusivas em estacionamento

[____] elevador com cabine e porta de entrada acessíveis para pessoa portadora de deficiência ou com mobilidade reduzida

[____] rampa de acesso

[____] sanitários adaptados com equipamentos e acessórios próprios

[____] sinalização em braile

[____] textos/etiquetas em braile com informações sobre os objetos em exposição

[____] outra. Qual? ____________________

4.9 Histórico do território ocupado pelo museu (máximo de 30 linhas):

V – SEGURANÇA E CONTROLE PATRIMONIAL

5.1 O museu possui planos de segurança e de emergência?

[______] Sim [______] Não

[______] plano de segurança contra furto e roubo

[______] plano de combate a incêndio

[______] plano de retirada de pessoas

[______] plano de retirada de obras

[______] plano contra pânico

[______] outro. Qual? ______________________

5.2 O museu possui saídas de emergência? [______] Sim [______] Não

5.3 O museu adota medidas preventivas contra incêndio?

[______] Sim [______] Não

[______] treinamento periódico dos profissionais que trabalham no museu

[______] brigada contra incêndio (funcionários responsáveis pelo combate de focos de incêndio)

[______] revisão periódica dos extintores de incêndio

[______] revisão periódica da rede elétrica do museu

[______] outra. Qual? ______________________

5.4 O museu dispõe de equipamentos de detecção e combate a incêndio?

[______] Sim [______] Não

[______] extintores

[______] hidrante/ mangueira

[______] porta corta-fogo

[______] detectores

[______] sprinklers

[______] outro. Qual? ______________________

5.5 O museu possui vigilantes? [______] Sim [______] Não

[______] equipe própria [______] equipe terceirizada

[______] equipe própria e terceirizada

5.6 O museu dispõe de equipamentos eletrônicos de segurança?

[______] Sim [______] Não

Quadro de equipamentos eletrônicos de segurança:

AMBIENTE	Alarmes	Câmeras	Sensores	Outro equipamento
ÁREAS DE EXPOSIÇÃO/ACONDICIONAMENTO DE ACERVO				
Exposição de longa duração				
Exposição de curta duração				
Reserva Técnica				
Arquivo				
Biblioteca				
Laboratório de restauração				
ÁREAS ADMINISTRATIVAS				
(direção, secretaria, salas de trabalho, copa, cozinha etc.)				
ÁREAS EXTERNAS				
(jardins, pátios, estaciona-mento, etc.)				

5.7 O museu possui equipamentos de conservação/ controle das condições ambientais e climáticas nos espaços de exposição e acondicionamento de acervo? [______] Sim [______] Não

Quadro de equipamentos de conservação/controle climático:

	Exposição de longa duração	Exposição de curta duração	Reserva técnica	Arquivo	Biblioteca	Laboratório de restauração	Outro (especifique):
Ar-condicionado 24 horas							
Ar-condicionado liga/desliga							
Desumidificador							
Filtros de ar							

Filtros de luz							
Higrômetro							
Luxímetro							
Psicômetro							
Termohigrógrafo							
Ultraviômetro							
Umidificador							
Sistema informatizado (especificar nome do *software*)							
Outro equipamento:							

VI – ATIVIDADES

6.1 O museu possui setor/divisão de ação educativa?

[______] Sim [______] Não

[______] público infanto-juvenil

[______] público adulto

[______] público da terceira idade

[______] público portador de necessidades especiais (deficiência física, mental, visual, auditiva e múltipla)

[______] outra. Qual? ______

6.2 O museu promove visitas guiadas? [______] Sim [______] Não

[______] com áudio-guia (suporte tecnológico onde o visitante escuta informações sobre a exposição ou os objetos)

[______] com monitores/guias. Agendamento prévio: [_____] Sim [_____] Não

[______] outra. Qual? ______

6.3 O museu desenvolve atividades sistemáticas com a comunidade?

[______] Sim [______] Não

Especifique e quantifique: ______

6.4 O museu tem uma exposição de **longa duração**?

(Normalmente, a exposição de longa duração é o principal meio de comunicação entre o museu e o público. É nesta exposição que o acervo da instituição é apresentado. Este tipo de exposição também é conhecido como exposição permanente).

[______] Sim [______] Não [______] m²

Características e periodicidade de renovação: ______

6.5 O museu realiza exposições de **curta-duração**?

(Este tipo de exposição é planejado para ter uma duração específica. Normalmente, trata de temas complementares à exposição de longa duração ou, ainda, permite a apresentação de novos conteúdos).

[______] Sim [______] Não [______] m²

Quantidade por ano: ______

6.6 O museu dispõe de exposições **itinerantes**?

(Este tipo de exposição é planejado para ser realizado em diferentes lugares. Sendo assim, dispõe normalmente, de recursos expográficos adaptáveis a sucessivas montagens e desmontagens).

[______] Sim [______] Não

Especifique a temática: ______

6.7 O museu possui biblioteca? [______] Sim [______] Não

A biblioteca tem acesso ao público: [______] Sim [______] Não

Dias e horário de atendimento: ______

Tipologia e abrangência do acervo: ______

6.8 O museu possui arquivo histórico? [______] Sim [______] Não

O arquivo tem acesso ao público: [______] Sim [______] Não

Dias e horário de atendimento: ______

Tipologia e abrangência do acervo: ______

6.9 Atividades culturais:

[______] conferências, seminários, palestras etc.

[______] cursos/oficinas

[______] espetáculos musicais

[______] espetáculos teatrais/ dança

[______] cinema/ projeções de vídeo

[______] eventos sociais e culturais (festas comemorativas, etc)

[______] outra. Qual? ______

6.10 Publicações:

Catálogos: [______] catálogo do museu

[______] guia

Publicações periódicas:

[______] catálogo de exposições de curta duração

[______] anais

[______] revista, boletim ou jornal eletrônicos

[______] revista, boletim ou jornal impressos

[______] material didático

[______] material de divulgação (*folder*, cartaz, postais etc.)

[______] outra. Qual? ______

VII – RECURSOS HUMANOS

7.1 Informe o **número** de funcionários do museu de acordo com seu vínculo empregatício: **NÃO** utilizar "X".

	Efetivo	Cedido	Função gratificada	Contratado por tempo determinado	Terceirizado	Voluntário	Estagiário e bolsista	Outros
DIRETORIA								
CORPO TÉCNICO								
Museólogo								
Bibliotecário								
Arquivista								
Conservador/ Restaurador								
Pedagogo								
Historiador								
Arquiteto								
Antropólogo								
Outro (especifique)								
ADMINISTRATIVO								
(gerentes, secretários, etc.)								
MANUTENÇÃO								
(eletricistas, carpinteiros, pedreiros, etc.)								
LIMPEZA								
SEGURANÇA								

7.2 Informe o grau de escolaridade dos funcionários do museu:
OBS.: Quantificar o número de funcionários, com base na resposta do item 7.1 **NÃO** utilizar "X".

	1º GRAU	2º GRAU	3º GRAU	Especialização	Mestrado	Doutorado
DIRETORIA						
CORPO TÉCNICO						
Museólogo						
Bibliotecário						
Arquivista						
Conservador/ Restaurador						
Pedagogo						
Historiador						
Arquiteto						
Antropólogo						
Outro (especifique)						
ADMINISTRATIVO						
(gerentes, secretários, etc.)						
MANUTENÇÃO						
(eletricistas, carpinteiros, pedreiros, etc.)						
LIMPEZA						
SEGURANÇA						

7.3 Existe política de capacitação de pessoal na instituição?

[______] Sim [______] Não

7.4 Existe um programa de voluntariado? [______] Sim [______] Não

VIII – ORÇAMENTO

8.1 O museu possui orçamento próprio? [______] Sim [______] Não

8.2 Quadro demonstrativo de orçamento:

	Valor total em 2001 (R$)	Valor total em 2002 (R$)	Valor total em 2003 (R$)	Valor total em 2004 (R$)	Valor total em 2005 (R$)	Valor total em 2006 (R$)	Valor total em 2007 (R$)	Valor total em 2008* (R$)
ORÇAMENTO ANUAL:								
RECEITAS PRÓPRIAS (especifique):								
OUTRAS FONTES:								
Leis de Incentivo: •Pessoa Jurídica:								
•Pessoa Física								
Patrocínio direto: •Pessoa Jurídica:								
•Pessoa Física								
Doações:								
•Pessoa Jurídica								
•Pessoa Física								
Organismos internacionais:								
TOTAL								

*** FAVOR PREENCHER SOMENTE APÓS DEZEMBRO DE 2008**

IX – OBSERVAÇÕES GERAIS:

Expediente

Presidente da República
Luis Inácio Lula da Silva

Ministro de Estado da Cultura
Gilberto Passos Gil Moreira

Secretário Executivo
João Luiz Silva Ferreira

Presidente do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
Luiz Fernando de Almeida

Diretor do Departamento de Museus e Centros Culturais
José do Nascimento Júnior

Diretor do Departamento do Patrimônio Material e Fiscalização
Cyro Illidio Correa de Oliveira Lyra

Diretora do Departamento do Patrimônio Imaterial
Macia Genesia de Sant´Anna

Diretora do Departamento de Planejamento e Administração:
Maria Emília Nascimento dos Santos

Coordenadora Geral de Promoção do Patrimônio Cultural
Grace Elizabeth

Coordenadora Geral de Pesquisa, Documentação e Referência
Lia Motta

Equipe do Departamento de Museus e Centros Culturais do IPHAN
Ana Lídia Clemente Montalvão Neri
Ana Paula de Lima Freire
Andressa de Lima Faislon
Ângela Abdala
Átila Bezerra Tolentino
Cícero Antônio Fonseca de Almeida
Claudia Maria Pinheiro Storino
Edna Morley
Eneida Braga Rocha de Lemos
Érika Winge
Flávia Mello de Castro
Isabela Verleun
Lidiane Rodrigues Araújo
Marcelo Helder Maciel Ferreira
Marina Byrro Ribeiro
Mario Chagas
Osmar dos Santos Oliveira
Vinicius Adalberto de Sousa Barcelos
Viviane de Morais Pinheiro
Zenaide Fernandes de Carvalho

Estagiários e Bolsistas
Clarissa Ferreira Vargas
Geraldo Luiz Pacheco Junior
Giselle Nunes Gomes de Araújo
Gustavo de Sousa Vasconcelos Góes
Joana Regattieri da Silva
João Marcelo de Abreu Torelly
Maria De Simone Ferreira
Mariana Estelitta Lins Silva
Newton Fabiano Soares
Rita Gama Silva
Shari Carneiro de Almeida
Sonia Alice Monteiro Caldas

Equipe de produção:

Elaboração do Questionário e do Manual Explicativo
Márcio Ferreira Rangel
Rose Miranda

Projeto gráfico e Diagramação
Marcia Mattos
Maurício Ennes

Índice de mapas, tabelas, gráficos, quadros e figuras do Panorama Nacional

MAPAS

TABELAS

GRÁFICOS

FIGURAS

QUADROS

Iconografia